



Annie Besant

Um Estudo Sobre a Consciência

Uma Contribuição à psicologia







Annie Besant

Um Estudo Sobre a Consciência

Uma Contribuição à psicologia





UM ESTUDO SOBRE A CONSCIÊNCIA

UMA CONTRIBUIÇÃO À PSICOLOGIA

Annie Besant

UM ESTUDO SOBRE A CONSCIÊNCIA

UMA CONTRIBUIÇÃO À PSICOLOGIA



EDITORA TEOSÓFICA

The Theosophical Publishing House
Adyar, Madras, 600 020, Índia
Primeira edição em inglês 1907

Direitos Reservados à
EDITORA TEOSÓFICA
Sig Sul Qd. 6 Lt. 1.235
70.610-460 Brasília-DF Brasil
Tel.: (61) 3322.7843
E-mail: editorateosofica@editorateosofica.com.br
Site: www.editorateosofica.com.br

Besant, Annie (1847-1933)
B554
Um estudo sobre a consciência/Annie Besant:
Tradução, Edvaldo Batista de Souza.-1.ed.Brasília:
Editora Teosófica, 2014.

Tradução de: A study in consciousness
ISBN: 978-85-7922-100-2
I. Teosofia
II. Título

CDD 212

Revisão: Solimeire de Oliveira Schilling/Herbert Andreas Welker

Diagramação: Helkton Gomes-Fone (61) 8485-2561

helkton@hotmail.com

Capa: Marcelo Ramos

Annie Besant (1847-1933), Presidente da Sociedade Teosófica de 1907 a 1933, foi descrita como uma “Alma Diamante”, pois possuía muitas facetas brilhantes em seu caráter. Como instrutora espiritual, ela inspirou milhares de homens e mulheres em todo o mundo. Foi uma oradora notável, reformadora, humanista e educadora, com mais de trezentas publicações a seu favor.

A tônica de todas as suas variadas atividades era sua inabalável lealdade à Verdade. Para citar suas próprias palavras:

Ela [a Verdade] pode levar-me para o deserto, e contudo eu devo segui-la; pode destituir-me de todo amor, e contudo eu devo buscá-la. Embora ela me mate, ainda assim eu confio nela, e não peço outro epitáfio para o meu túmulo senão ‘Ela tentou seguir a Verdade’.

SUMÁRIO

PREFÁCIO DA EDITORA

PREFÁCIO DA AUTORA

PARTE IECONSCIÊNCIA

INTRODUÇÃO

1. Origens
2. A Origem das Mônadas

I. PREPARAÇÃO DO CAMPO

1. A Formação do Átomo
2. Espírito-Matéria
3. Os Subplanos
4. Os Cinco Planos

II. CONSCIÊNCIA

1. O Significado da Palavra
2. As Mônadas

III. O POVOAMENTO DO CAMPO

1. O Surgimento das Mônadas

2. A Tecedura
3. As Sete Correntes
4. Os Seres Brilhantes

IV. O ÁTOMO PERMANENTE

1. A Fixação dos Átomos
2. A Teia da Vida
3. A Escolha dos Átomos Permanentes
4. A Finalidade dos Átomos Permanentes
5. A Ação da Mônada sobre os Átomos Permanentes

V. ALMAS-GRUPO

1. O Significado do Termo
2. As Divisões da Alma-grupo

VI. A UNIDADE DE CONSCIÊNCIA

1. A Consciência Una
2. A Unidade de Consciência Física
3. O Significado de Consciência Física

VII. O MECANISMO DA CONSCIÊNCIA

1. O Desenvolvimento do Mecanismo
2. O Corpo Astral ou Corpo do Desejo
3. A Correspondência nas Raças-Raiz⁶⁶

VIII. OS PRIMEIROS PASSOS HUMANOS

1. A Terceira Onda de Vida
2. O Desenvolvimento Humano
3. Almas e Corpos Incongruentes

4. O Alvorecer da Consciência no Plano Astral

IX. CONSCIÊNCIA E AUTOCONSCIÊNCIA

1. Consciência
2. Autoconsciência
3. Real e Irreal

X. ESTADOS HUMANOS DE CONSCIÊNCIA

1. A Subconsciência
2. A Consciência de Vigília
3. A Consciência Suprafísica

XI. A MONADA EM AÇÃO

1. A Construção dos Veículos
2. O Homem em Evolução
3. O Corpo Pituitário e a Glândula Pineal
4. As Vias da Consciência

XII. A NATUREZA DA MEMÓRIA

1. O Grande Ser e os Pequenos Eus
2. Mudanças nos Veículos e na Consciência
3. Memórias
4. O Que é a Memória?
5. Lembrança e Esquecimento
6. Atenção
7. A Consciência Una

PARTE II EVONTADE, DESEJO E EMOÇÃO

I. A VONTADE DE VIVER

II. O DESEJO

1. A Natureza do Desejo
2. O Despertar do Desejo
3. A Relação Desejo/ Pensamento
4. Desejo, Pensamento, Ação
5. A Natureza Aprisionadora do Desejo
6. Quebrando os Laços

III. O DESEJO 1continuação2

1. O Veículo do Desejo
2. O Conflito entre Desejo e Pensamento
3. O Valor de um Ideal
4. A Purificação do Desejo

IV. A EMOÇÃO

1. O Nascimento da Emoção
2. A Atuação da Emoção na Família
3. O Nascimento das Virtudes
4. Certo e Errado
5. Virtude e Bem-aventurança
6. A Transmutação das Emoções em Virtudes e Vícios
7. A Aplicação da Teoria à Conduta
8. O Emprego da Emoção

V. A EMOÇÃO 1continuação2

1. O Treinamento da Emoção

2. A Força “Distorciva” da Emoção
3. Métodos para Controlar as Emoções
4. Fazendo Uso da Emoção
5. O Valor da Emoção na Evolução

VI. A VONTADE

1. A Conquista da Liberdade pela Vontade
2. Por Que Tanta Luta?
3. O Poder da Vontade
4. Magia Branca e Magia Negra
5. Entrando na Paz

APÊNDICEE Provas da Existência da Alma

PREFÁCIO DA EDITORA

Um Estudo sobre a Consciência (1907) é provavelmente a mais profunda obra da Dra. Annie Besant (Londres, 1847Madras, 1933), que humildemente prefere apresentá-la apenas como uma contribuição à psicologia, mas o faz de modo marcadamente inédito e até hoje inigualado, pois investiga as mais ocultas potencialidades divinas na consciência humana desde sua gênese. Porém, para enriquecê-la ainda mais, aproveitamos a oportunidade para acrescentar, nesta edição, como um apêndice, a transcrição de uma de suas notáveis palestras apresentada em Chicago: *Provas da Existência da Alma* (1903), atualizada com notas sobre Parapsicologia moderna.

Ambas se complementam e convergem na direção daquela grande síntese teosófica: “A alma do homem é imortal e o seu futuro é o futuro de algo cujo crescimento e esplendor não têm limites.” (COLLINS, Mabel. *O Idílio do Lótus Branco*. Brasília, Ed. Teosófica, 2000. p. 111) Essa alma do homem é sua consciência espiritual e imortal.

Para aqueles leitores que apreciam essa linha de investigação, pode-se também recomendar da mesma autora *A Sabedoria Antiga*, bem como de seu colega e colaborador C. W. Leadbeater: *Clarividência e O Plano Astral*, todos da Editora Teosófica.

Merece também destaque o aspecto prático da obra na busca do autoconhecimento, quando Dra. Besant considera a força “distorciva” da emoção e convida o leitor a superá-la pela prática da meditação e vivência

diária, como a autora também aprofunda em outras de suas obras recomendáveis, a saber: *A Vida Espiritual* e *A Doutrina do Coração*, sendo o tema da meditação especificamente orientado também por mais dois colaboradores: Clara Codd em *A Técnica da Vida Espiritual* e J.J. van der Leeuw em *Deuses no Exílio*, todos da Editora Teosófica.

A autora conclui afirmando que a “união da vontade separada com a Vontade Una para auxiliar o mundo parece ser a meta mais valiosa de ser atingida do que qualquer coisa que o mundo possa oferecer. Não estar separado dos homens, mas um com todos; não conquistar sozinho a paz e a bem-aventurança, mas declamar com o abençoado Senhor Buda: ‘Jamais entrarei sozinho na paz final; sempre e em toda parte sofrerei e me esforçarei até que todos entrem comigo’ essa é a coroação da humanidade.”

Com grande satisfação se oferece essa tradução à língua portuguesa para auxiliar a evolução espiritual da humanidade em busca da paz, agradecendo a todos que de alguma forma tenham contribuído na sua elaboração.

Brasília, 24 de outubro de 2014.

† Ricardo Lindemann
Conselheiro Internacional
da Sociedade Teosófica

PREFÁCIO DA AUTORA

O objetivo deste livro é servir de ajuda aos que estudam o crescimento e desenvolvimento da consciência, oferecendo dicas e sugestões que lhes sejam de utilidade. Não se pretende fazer uma exposição completa, e sim, como sugere o subtítulo, dar uma contribuição à ciência da Psicologia.

São necessários materiais muito mais amplos do que os que estão ao meu alcance para uma exposição completa da extensa ciência que lida com o desabrochar da consciência. Esses materiais estão acumulando-se lentamente nas mãos de estudantes sérios e diligentes, mas nenhum esforço foi ainda feito para organizá-los e sistematizá-los num todo coordenado.

Nesta pequena obra, organizei uma pequena parte desse material na esperança de que possa ser útil agora, a alguns dos trabalhadores no grande campo da evolução da consciência, e possa servir no futuro como uma pedra no edifício completo. Serão necessários um grande arquiteto, para planejar esse templo do conhecimento, e um hábil mestre construtor, para dirigir a construção. Por enquanto, basta realizar a tarefa de aprendiz, preparando as pedras brutas para uso de trabalhadores mais especializados.

ANNIE BESANT

PARTE I

CONSCIÊNCIA

INTRODUÇÃO

O tema do desabrochar da consciência nos seres cujo campo de evolução é um sistema solar é de dificuldade considerável; nenhum de nós pode atualmente ter a esperança de conseguir mais do que dominar uma pequena porção de sua complexidade. Mas é possível estudá-lo de modo a preencher algumas lacunas em nosso pensamento, o que pode nos fornecer um esboço bastante claro para guiar nosso trabalho futuro.

No entanto, não podemos traçar esse esboço de maneira satisfatória à inteligência sem considerarmos primeiramente nosso sistema solar como um todo, esforçando-nos a apreender alguma ideia, por mais vaga que possa ser, “dos primórdios” em tal sistema.

1. Origens

Aprendemos que a matéria num sistema solar existe em sete grandes modificações ou planos. Em três deles, físico, emocional (astral) e mental muitas vezes chamados de “os três mundos”, o bem conhecido *Triloki*, ou *Tribhuvanam*, da cosmogonia hindu -, ocorre a evolução normal da humanidade. Nos dois planos seguintes, os espirituais os planos de sabedoria e poder, o búdico e o *átmico* -, prossegue a evolução específica do Iniciado, após a primeira das grandes Iniciações. Esses cinco planos formam o campo de evolução da consciência até o humano fundir-se no Divino. Os dois planos que se encontram além dos cinco representam a esfera da atividade divina, cingindo e envolvendo tudo, a partir dos quais emanam todas as energias divinas que vivificam e sustentam todo o sistema.

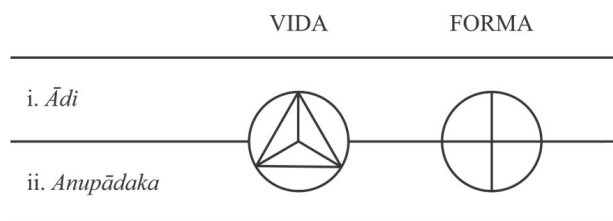
No presente, eles estão totalmente além do nosso conhecimento, e algumas sugestões que foram feitas com relação a eles provavelmente contenham a porção de informação que a nossa limitada capacidade possa apreender. Diz-se que são os planos da Consciência Divina, onde o Logos, ou a Trindade Divina de *Logoi*, está manifestado e de onde Ele refulge como o Criador, o Preservador, o Destruidor, fazendo evoluir um universo, mantendo-o durante seu período de vida, retirando-o para o interior de si mesmo ao final. Foram-nos revelados os nomes desses dois planos: o inferior é o *Anupādaka*, aquele onde “nenhum veículo jamais foi formado”¹; o superior é *Ādi*, “o primeiro”, a fundação de um universo, seu suporte e o manancial de sua vida.

Temos assim os sete planos de um universo, um sistema solar, que, como vimos nesta breve descrição, podem ser considerados como constituindo três grupos: I. O campo unicamente de manifestação *logoica*; II. O campo da evolução humana supranormal, a do Iniciado; III. O campo da evolução elemental, mineral, vegetal, animal e humana normal. Podemos tabular esses fatos da seguinte forma:

1º) <i>Ādi</i>	}	I. O campo unicamente de manifestação <i>logoica</i>
2º) <i>Anupādaka</i>		
3º) <i>Átmico</i>	}	II. O campo da evolução humana supranormal
4º) Búdico		
5º) Mental	}	III. O campo da evolução elemental, mineral, vegetal, animal e humana normal
6º) Emocional		
7º) Físico		

Podem-se conceber os dois planos mais elevados como existentes antes de o sistema solar ter sido formado, e podemos imaginar o mais elevado deles, o *Ādi*, como consistindo de tanta matéria espacial simbolizada por pontos quanto o Logos tenha delimitado para formar a base material dos

sistemas que está para conceber. Tal como o trabalhador escolhe o material que vai transformar em seu produto, o mesmo faz o Logos ao escolher o material e o lugar para seu universo. De modo semelhante, podemos imaginar o *Anupādaka* simbolizado por linhas como consistindo desta mesma matéria modificada por sua vida individual, colorida para usar uma metáfora significativa por sua consciência que tudo anima, diferindo assim de algum modo do plano correspondente em algum outro sistema solar. É dito que os supremos fatos deste trabalho preparatório podem ainda ser representados sob a forma de símbolos, dos quais nos são dados dois conjuntos: um deles representa a tríplice manifestação da consciência *logoica*; o outro, a tríplice mudança na matéria correspondente à tríplice Vida os aspectos vida e forma dos três *Logoi*. Podemos colocá-los lado a lado como acontecimentos simultâneos:



Temos aqui, sob o aspecto Vida, o ponto primevo no centro do círculo, o Logos como unidade dentro da esfera circunscrita autoimposta da mais sutil matéria, na qual se encerrou para propósito de manifestação, de emanção a partir das trevas. De imediato surge a pergunta: Por que três *Logoi*? Embora toquemos aqui na mais profunda das questões metafísicas que, para ser explicada até mesmo de modo inadequado, requer um livro inteiro -, devemos indicar a resposta a ser obtida pelo pensamento profundo. Na análise de tudo que existe, chegamos à grande generalização: “Tudo é separável em ‘eu’ e ‘não eu’, em ‘Ser’ e ‘não Ser’”. Cada coisa separada está incluída sob um ou outro dos conceitos: ‘Ser’ ou ‘não Ser’. Nada existe que não possa ser colocado sob um deles. O Ser é vida, consciência; o não Ser é

matéria, forma”. Aqui, então, temos uma dualidade. Mas o par não são duas coisas isoladas e não relacionadas; existe uma relação contínua entre elas, uma aproximação e um afastamento contínuo, uma identificação e um repúdio. Esta interação mostra-se como o universo em eterna mudança. Assim, temos uma trindade, não uma dualidade: o Ser, o não Ser, e a relação entre eles. Tudo está resumido aqui, todas as coisas e todas as relações, reais e possíveis, e por isso três, nem mais nem menos, é o fundamento de todos os universos em sua totalidade e de cada universo particular.²

Este fato fundamental impõe a um Logos uma triplicidade de manifestação num sistema solar, e conseqüentemente o Um, o ponto, seguindo em três direções até a circunferência do círculo de matéria e retornando sobre si mesmo, manifesta um aspecto diferente em cada ponto de contato com o círculo as três expressões fundamentais da consciência, ou Vontade, Sabedoria e Atividade a Triade ou Trindade Divina³. Pois o Ser Universal, o *Pratyagâtma*, o “Eu Interno”, ao pensar no “não Ser”, identifica-se com ele, daí partilhando com ele seu Ser; esta é a Atividade divina, *Sat*, existência emprestada ao não existente, a Mente Universal. O Ser, compreendendo a si mesmo, é Sabedoria, *chit*, o princípio de preservação. O Ser, retirando-se do não Ser para sua própria natureza pura, é bem-aventurança, *Ânanda*, livre de forma. Todo Logos de um universo repete essa autoconsciência universal: em sua atividade ele é a mente criativa, *kriyã* correspondente ao *Sat* universal o *Brahman* do hindu, o Espírito Santo do cristão, o *Chokmah* do cabalista. Em sua Sabedoria, ele é a razão preservando, ordenando, *jnãna* correspondendo ao *Chit* universal o *Vishnu* do hindu, o Filho do cristão, o *Binah* do cabalista. Em sua bem-aventurança, ele é o destruidor de formas, a Vontade, *ichchhã* correspondendo ao *Ânanda* Universal o *Shiva* do hindu, o Pai do cristão, o *Kether* do cabalista. Assim surgem em todos os universos os três *Logoi*, os três Seres que criam, preservam e destroem seu universo, cada um exibindo

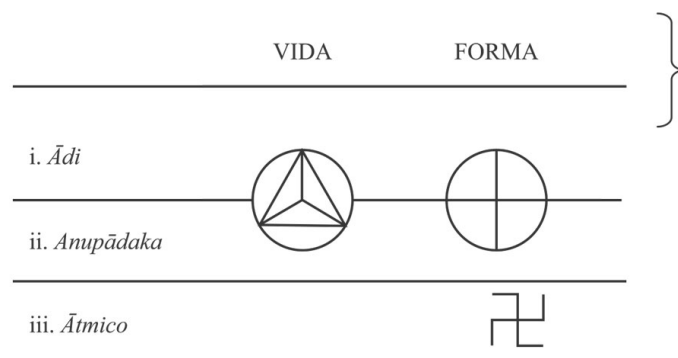
predominantemente um aspecto prevalecente em sua função no universo, ao qual os outros dois estão subordinados, embora evidentemente sempre presentes. Consequentemente, cada Deus manifestado é chamado de Trindade. A junção desses três aspectos ou fases de manifestação, em seus pontos exteriores de contato com o círculo, forma o triângulo básico de contato com a matéria que, com os três triângulos formados com as linhas traçadas pelo ponto, produz assim a divina *Tetraktys*, às vezes chamada de Quaternário Cósmico, os três Aspectos divinos em contato com a matéria, prontos para criar. Esses, em sua totalidade, são a Superalma⁴ do cosmos que está para surgir.

Sob a denominação “Forma”, podemos vislumbrar primeiramente os efeitos desses aspectos como respostas oriundas do lado da matéria. Certamente, esses resultados não são produzidos pelo Logos de um sistema, mas são as correspondências, na matéria universal, dos Aspectos do Ser Universal. O aspecto de Bem-aventurança, ou Vontade, impõe à matéria a qualidade de inércia *tamas*, o poder de resistência, estabilidade, quietude. O aspecto de Atividade dá à matéria sua resposta à ação *rajas*, mobilidade. O aspecto de Sabedoria fornece-lhe o ritmo *sattva*, vibração, harmonia. É com o auxílio da matéria assim preparada que os aspectos da consciência *logoica* conseguem se manifestar como seres.

O Logos não ainda o primeiro, já que ainda não existe um segundo é visto como um ponto irradiando uma esfera de matéria, atraída à sua volta como o campo do universo futuro flamejando com inimaginável esplendor, uma verdadeira montanha de luz, como disse o *Manu*⁵, mas luz invisível, salvo nos planos espirituais. Essa grande esfera tem sido chamada de “substância primária” é o Logos autocondicionado. Inseparado, em cada ponto, da matéria de que se apropriou para seu universo, Ele dela se afasta um pouco na segunda manifestação é a esfera da Vontade se autocondicionando, que deve levar à atividade criativa. “Eu sou isto”, quando o “isto”, ou o não Ser, é percebido. O ponto, falando simbo-

licamente para criar a sugestão de forma como vista do lado das aparências -, vibra entre centro e circunferência, criando assim a linha que marca a separação de Espírito e Matéria⁶, tornando possível a cognição, gerando assim a forma para o segundo aspecto, o Ser que chamamos de “Segundo Logos”, simbolicamente a linha, ou o diâmetro do círculo. Diz a linguagem mística a este respeito: “Tu és meu Filho; neste dia eu Te gerei”⁷; esta relação de Pai e Filho dentro da unidade da existência divina, do Primeiro e Segundo *Logoi*, pertence, certamente, ao Dia da Manifestação, o período de vida de um universo. É essa geração do Filho, esse surgimento do Segundo Logos, a Sabedoria, que é marcada no mundo das formas pela diferenciação, pela separação de Espírito e Matéria, os dois polos entre os quais é tecida a teia de um universo; a separação, por assim dizer, da eletricidade neutra inativa que pode simbolizar o Primeiro Logos sob a forma dual de positivo e negativo simbolizando o Segundo -, desse modo tornando manifesto o imanifestado. Essa separação dentro do Primeiro Logos está vivamente representada para nós na preparação para a multiplicação celular que podemos estudar no plano físico, onde vemos os processos que levam ao surgimento de uma parede divisória, por meio da qual uma célula torna-se duas. Pois tudo que acontece aqui embaixo é apenas o reflexo na matéria grosseira dos acontecimentos nos planos superiores, e muitas vezes conseguimos encontrar uma muleta para nossa imaginação vacilante nos estudos do desenvolvimento físico. “Tal como é em cima, é embaixo.” O físico é um reflexo do espiritual.

Então o ponto, com a linha girando com ele, vibra em ângulos retos à vibração formal, e assim é formada a cruz, ainda dentro do círculo a cruz que “procede do Pai e do Filho”, o símbolo do Terceiro Logos, a Mente Criativa, a divina atividade agora pronta para se manifestar como Criador. Ele então se manifesta como a cruz ativa, ou suástica, o primeiro dos *Logoi* a se manifestar fora dos dois planos superiores, através do terceiro estágio do desabrochar divino.



2. A Origem das Mônadas

Mas antes de considerarmos a atividade criativa do Terceiro Logos, devemos observar a origem das Mônadas, ou unidades de consciência, para cuja evolução na matéria o campo de um universo deve ser preparado. Retomaremos a uma consideração mais completa sobre elas no Capítulo II. As miríades de tais unidades que devem evoluir no universo que está para surgir são geradas dentro da vida divina, como as células germes nos organismos, antes de seu campo de evolução ser formado. A respeito dessa emanção escreveu-se: “AQUILO quis: Eu me multiplicarei e nascerei”⁸; e os Muitos surgem no Um por esse ato de vontade. A Vontade tem seus dois aspectos de atração e repulsão, de inalação e exalação; e quando o aspecto repulsão é energizado, ocorre a separação, o afastamento.

Essa multiplicação no interior do Um pela ação da Vontade marca o local de origem o Primeiro Logos, o senhor indiviso, o eterno Pai. Essas são as centelhas do fogo supremo, ou os “divinos fragmentos”⁹, geralmente chamadas de “Mônadas”. Uma Mônada é um fragmento da vida divina, separada como entidade individual pela mais rarefeita película de matéria matéria tão rarefeita que, embora dê uma forma separada a cada Mônada, não oferece obstáculo à livre intercomunicação de uma vida assim encapsulada com as vidas semelhantes ao derredor. A vida das Mônadas é

assim a vida do Primeiro Logos, e portanto tem um aspecto triplo: consciência existindo como Vontade, Sabedoria e Atividade. Esta vida toma forma no plano da manifestação divina, o segundo, ou *Anupādaka*, Filhos do Pai tais como o Segundo Logos, porém Filhos mais jovens, desprovidos de seus poderes divinos capazes de agir na matéria mais densa do que a de seu próprio plano; enquanto Ele, com eras de evolução atrás de si, permanece pronto para exercer seus poderes divinos, “o primogênito entre muitos irmãos”¹⁰.

As Mônadas residem adequadamente no plano *Anupā-daka*, com as raízes de sua vida em *Ādi*, embora sem veículos com os quais possam expressar-se, esperando o dia de “manifestação dos Filhos de Deus”¹¹. Aí permanecem enquanto o Terceiro Logos começa o trabalho externo de manifestação, a moldagem do universo objetivo. Ele vai emanar sua vida na matéria, moldá-la em materiais adequados à construção de veículos que as Mônadas necessitam para sua evolução. Mas Ele não vai fundir-se com sua obra; pois, por mais vasta que esta nos possa parecer, para Ele é apenas uma coisa pequenina: “Havendo impregnado todo este universo com um único fragmento de Mim mesmo, Eu permaneço”¹². Essa maravilhosa individualidade não é perdida, e somente uma porção dela basta para a vida de um cosmos; o Logos, a Superalma, permanece, o Deus de seu universo.

1 De *Pranavavada*, publicado como *The Science of the Sacred Word* ou *The Pranavavada of Gargyayana* (*A Ciência da Palavra Sagrada* ou *O Pranavavada de Gargyāyana*).

2 O estudante deve estudar cuidadosamente o livro *The Science of Peace [A Ciência da Paz]*, de Bhagavan Das, no qual as questões metafísicas envolvidas são expostas com raro discernimento e felicidade.

3 “Poder, Sabedoria e Amor” é outra maneira escolhida de se expressar essa triplicidade; mas isto deixa de fora a atividade, e duplica o amor, a não ser que o amor seja considerado como seu

equivalente, uma vez que o amor é essencialmente ativo. Sabedoria e amor parecem-me ser o mesmo aspecto da consciência; aquilo que se manifesta acima como sabedoria, a realização da unidade, manifesta-se no mundo das formas como amor, a força atrativa que produz a unidade num mundo de seres separados.

4 Emerson. (O ensaísta e poeta norte-americano Ralph Waldo Emerson escreveu um ensaio, publicado em 1841, com o título *The Oversoul*, [A Superalma]. N. E.).

5 *Manu* é o primeiro legislador, quase um ser divino. Os quatorze *Manus* são os patronos ou guardiões dos ciclos de Raça de um *manvantara* ou Dia de *Brahma*. (*Glossário Teosófico*, de H. P. Blavatsky. N. E.)

6 Aqui é bom lembrar que essa “separação” é apenas na consciência: a *ideia* de Espírito é separada da *ideia* de matéria. No universo dos fenômenos não há espírito incondicionado pela matéria toda minúscula partícula de matéria está condicionada pelo Espírito. Todas as formas são conscientes; todas as consciências possuem formas.

7 Salmos, II, 7.

8 *Chhândogyopanishad*, VI, ii, 3 [Ver *O Chamado dos Upanixades*, Ed. Teosófica, Brasília-DF. N. E.].

9 *Luz no Caminho* [de Mabel Collins, Ed. Teosófica, Brasília-DF. N. E.]

10 *Romanos*, VIII, 29.

11 *Ibid*, 19.

12 *Bhagavad-Gita*, X, 42. [Ver *Bhagavad Gita*, tradução de Annie Besant, Ed. Teosófica, Brasília-DF. N. E.]

I. PREPARAÇÃO DO CAMPO

1. A Formação do Átomo

O Terceiro Logos, a Mente Universal, começa sua atividade criativa trabalhando a matéria atraída de todo o espaço infinito para a construção do nosso Sistema Solar. Essa matéria existe no espaço sob formas irreconhecíveis para nós, mas aparentemente já está moldada às necessidades de sistemas mais vastos, pois nos disse H. P. Blavatsky que os subplanos atômicos de nossos planos compõem o primeiro ou mais inferior plano cósmico. Se pensarmos nos átomos naquele plano cósmico como simbolizados para uma nota musical, nossos átomos, formados pelo Terceiro Logos, talvez possam ser os harmônicos de tal nota. O que parece claro é que eles estão em estreita relação com os “átomos do espaço”, correspondendo a eles, mas em sua forma atual não são idênticos a eles. Porém, os sete tipos de matéria que se tornam nossos “átomos” são indicados na matéria atraída do espaço para formar o sistema solar, e são no final novamente redutíveis a eles. H. P. Blavatsky faz alusão à repetida divisão sétupla em átomos de grau cada vez mais inferior quando escreve: “O átomo cósmico uno torna-se sete átomos no plano da matéria, e cada átomo é transformado num centro de energia. Esse mesmo átomo torna-se sete raios no plano espiritual [...] separados até o final do *kalpa* e contudo em estreita união”¹³.

Fora dos limites de um universo, essa matéria existe num estado muito peculiar; as três qualidades da matéria inércia, mobilidade e ritmo¹⁴ estão equilibradas entre si e em um estado de harmonia. Pode-se pensar nelas existindo como um círculo fechado, em repouso. Aliás, em alguns livros

antigos, a matéria em sua totalidade é descrita neste estado como inércia. É também chamada de virgem; é a Virgem Maria celestial, o oceano de matéria virgem, que deve tornar-se a Mãe pela ação do Terceiro Logos. O início da atividade criativa é a ruptura desse círculo fechado, tirando as qualidades da condição de estabilidade e lançando-as num equilíbrio instável. Vida é movimento, e a vida do Logos Solar seu alento, como é poeticamente chamada -, tocando essa matéria em repouso, lançou suas qualidades para a condição de equilíbrio instável, e portanto de movimento contínuo na relação entre elas. Durante o período de vida de um universo, a matéria está sempre na condição de incessante movimento interno. H. P. Blavatsky diz: “*Fohat* consolida e espalha os sete irmãos [...], eletrifica para a vida e separa a substância primordial, ou matéria pré-genética, em átomos”¹⁵.

A formação do átomo tem três estágios. Primeiro, a fixação do limite dentro do qual a vida que anima¹⁶ a vida do Logos no átomo irá vibrar; essa limitação e fixação do comprimento de onda da vibração é tecnicamente chamada “a divina medida”¹⁷; isso dá aos átomos de um plano sua peculiaridade distintiva. Segundo, o Logos, de acordo com esta divina medida, demarca as linhas que determinam o molde do átomo, os eixos fundamentais de crescimento, a relação angular entre eles, que determina a forma, sendo esta a do átomo correspondente¹⁸; uma analogia mais aproximada seriam os eixos dos cristais. Terceiro, pela medida da vibração e da relação angular dos eixos de crescimento entre si, é determinado o tamanho e a forma da superfície, que podemos chamar de superfície ou parede do átomo. Consequentemente, em cada átomo temos a medida de sua vida animante, seus eixos de crescimento e sua superfície ou parede circundante.

A partir desses átomos o Terceiro Logos cria cinco tipos diferentes, as cinco diferentes “medidas”, implicando cinco diferentes vibrações, onde cada tipo forma o material básico de um plano; cada plano, por mais

variados que sejam os objetos que nele existam, tem seu próprio tipo fundamental de átomo, ao qual qualquer de seus objetos pode afinal ser reduzido.

2. Espírito-Matéria

O epíteto “espírito-matéria” talvez seja mais bem apreciado se durante algum tempo fizermos uma pausa sobre o método de formação dos átomos dos planos sucessivos. Para cada sistema a matéria do espaço à sua volta é sua raiz de matéria, *Mulaprakriti*, como a chamam descritivamente os hindus. A matéria de cada sistema possui essa matéria circundante como sua raiz ou base, e a sua própria matéria especial cresce e desenvolve-se a partir dela. Esse Logos, a superalma do sistema, atraindo do espaço à sua volta a matéria necessária, anima-a com sua própria vida, e essa vida dentro dessa matéria sutil, esse *Mulaprakriti*, é o *Ātmā*, o Ser, o espírito, em cada partícula. *Fohat*, a energia do Logos, diz H. P Blavatsky, “cava buracos no espaço”, e não poderia haver descrição melhor e mais verdadeira. Essa energia turbilhonante forma inúmeros vórtices, cada um moldado pela energia divina e pelos eixos de crescimento, e cada um envolto pela matéria do espaço *Ātmā* numa concha de *Mulaprakriti*, Espírito num invólucro de matéria, os “átomos” do plano *Ādi* ou plano mais elevado, o primeiro. Alguns deles permanecem como “átomos”; “moléculas” reúnem-se e formam combinações moleculares mais complexas; e assim prossegue até que seis subplanos abaixo do atômico são formados. (Isto por analogia com o que pode ser observado embaixo, já que esses planos superiores são incognoscíveis).

Agora é chegada a hora da formação dos átomos do segundo plano. Sua medida e eixos de crescimento sendo fixados como descrito acima pelo Terceiro Logos, alguns dos átomos do plano *Ādi*, o primeiro plano, atraem à

sua volta uma concha das combinações de seu próprio subplano inferior; o espírito *mais sua concha original de matéria cósmica (Mulaprakriti)* ou seja, o átomo do primeiro plano é o espírito do segundo plano e permeia a nova concha, formada a partir das combinações do grau mais inferior de si mesmo. Essas conchas, assim animadas, são os átomos do *Anupādaka*, ou segundo plano. Por meio de agregações cada vez mais complicadas desses átomos, os seis subplanos remanescentes são trazidos à existência. Alguns dos átomos do plano *Anupādaka*, de modo semelhante, vestem-se com as agregações de seu próprio subplano inferior, tornando-se assim os átomos *átmicos*, o espírito agora vestido com duas conchas, dentro de sua parede atômica de agregações do subplano inferior do *Anupādaka*, e o Espírito original, ou Vida, *mais* suas duas conchas, será chamado o espírito do plano *átmico*, enquanto a parede de seu átomo é considerada como a matéria. Esse átomo, mais uma vez coberto pelos agregados do subplano *átmico* inferior, torna-se o átomo do plano búdico, o espírito do plano búdico tendo assim três películas circundantes dentro de sua concha atômica de agregados *átmicos* inferiores. No plano mental o espírito possui uma quádrupla cobertura dentro da parede atômica; no plano astral, uma quádrupla; e no plano físico, uma sêxtupla, com a adição da parede atômica em cada caso. Mas o espírito com todas as suas vestes, exceto a mais externa, é sempre considerado como espírito, e a cobertura mais externa é considerada somente como forma ou corpo. É esta involução do espírito que torna possível a evolução e, mesmo que a descrição pareça complicada, o princípio é simples e pode ser facilmente apreendido. Na verdade, então, podemos falar de “espírito-matéria” em toda parte.

3. Os Subplanos

Ora, os átomos ultrírrimos do plano físico não são os “átomos” do químico moderno; os átomos ultrírrimos são agregados em grupos típicos sucessivos formando “estados de matéria”, e o átomo químico pode estar no quinto, sexto ou sétimo desses estados, um gás, um líquido ou um sólido. Conhecidos são os estados de matéria gasoso, líquido e sólido, ou, como são muitas vezes chamados, os subplanos gasoso, líquido e sólido; e acima do gasoso estão quatro condições menos conhecidas: os três estados ou subplanos etéricos de matéria e o subplano verdadeiramente atômico. Esses átomos verdadeiros são agregados em grupos, que então agem como unidades, e esses grupos são chamados “moléculas”; os átomos numa molécula são mantidos unidos pela atração magnética, e as moléculas em cada subplano são organizadas geometricamente em relação umas às outras sobre eixos idênticos aos eixos de crescimento do átomo do plano correspondente.

Por meio dessas sucessivas agregações de átomos e moléculas, e de moléculas mais simples em mais complexas, os subplanos de cada plano são formados sob a ação diretiva do Terceiro Logos, até que o campo de evolução, consistindo de cinco planos, cada um mostrando sete subplanos o primeiro e segundo planos estando além deste campo é completado. Mas não se deve supor que esses sete subplanos, formados pelo Terceiro Logos, são todos idênticos àqueles já existentes. Tomando o plano físico como ilustração, eles têm aproximadamente a mesma relação com os atuais subplanos, tal qual aquilo que o químico chama de proto-hidrogênio tem em relação ao elemento químico, que, é dito, será construído a partir dele. As condições atuais não foram produzidas pelo trabalho do Terceiro Logos apenas, em quem predomina a atividade; foram necessárias as energias mais fortemente atrativas ou coesivas do Segundo Logos, que é Sabedoria e portanto Amor, para as integrações ulteriores.

	FORMA	VIDA
<i>Ādi</i>		
<i>Anupādaka</i>		
<i>Ātmā</i> (Éter)		
<i>Buddhi</i> (Ar)		
<i>Manas</i> (Fogo)		
<i>Kāma</i> (Água)		
<i>Sthula</i> (Terra)		

É importante lembrar que os planos interpenetram-se, e que subplanos correspondentes estão diretamente relacionados entre si, e não estão realmente separados uns dos outros por camadas intervenientes de matéria mais densa. Assim, não devemos pensar nos subplanos atômicos como estando separados uns dos outros por seis subplanos de densidade continuamente crescente, mas como estando em conexão imediata entre si. Podemos ver isto no diagrama acima.

Deve-se compreender que isso é um diagrama, não um quadro, ou seja, representa relações, não fatos materiais as relações existentes entre os planos em virtude de estarem entremesclados, e não quarenta e nove tijolos separados, colocados em sete pilhas uma sobre a outra.

Ora, esta relação é muitíssimo importante, pois implica que a vida pode passar de plano a plano, pelo atalho dos subplanos atômicos em comunicação, e que não precisa necessariamente circular ao redor de seis subplanos moleculares, antes de poder alcançar o próximo subplano atômico para continuar a descida. Na realidade, logo descobriremos que as correntes de vida da Mônada seguem esse caminho ao descer ao plano

físico. Se agora considerarmos um átomo físico, olhando para ele como um todo, veremos um vórtice de vida, a vida do Terceiro Logos, rodopiando com inconcebível rapidez. Pela atração entre esses vórtices turbilhonantes, moléculas são construídas e os planos com seus subplanos são formados. Mas na superfície limitante desse vórtice turbilhonante estão as espirilas, correntes turbi-lhonantes, cada uma em ângulo reto com a que está no seu interior e a que está no exterior. Essas correntes turbilhonantes são criadas pela vida da Mônada, não pela vida do Terceiro Logos, e não estão presentes no estágio inicial que estamos considerando; elas entram em plena atividade uma após a outra no decorrer da evolução, normalmente uma em cada Ronda; seus rudimentos na verdade são completados por volta da quarta Ronda, pela ação do Segundo Logos, mas a corrente de vida da Mônada circula em apenas quatro delas, as outras três estando apenas fracamente indicadas.

Os átomos dos planos superiores são formados segundo o mesmo plano geral, no que diz respeito ao vórtice central *logoico* e suas correntes circundantes, mas todos os detalhes escapam-nos atualmente. Muitas das práticas do *yoga* são direcionadas para produzir uma evolução mais rápida dos átomos pelo trabalho de aceleração que a Mônada exerce sobre elas. À medida que essas correntes da vida *monádica* são acrescidas ao vórtice *logoico*, a nota de vida torna-se cada vez mais rica em qualidade. Podemos comparar o vórtice central à nota fundamental; e as correntes turbilhonantes envolveres, aos harmônicos. A adição de cada harmônico significa uma riqueza acrescida à nota; novas forças, novas belezas, são assim adicionadas ao acorde sétuplo da vida.

4. Os Cinco Planos

As diferentes respostas que a matéria dos planos dará posteriormente sob o impulso da consciência dependem do trabalho do Terceiro Logos, da “medida” por meio da qual ele limita o átomo. O átomo de cada plano tem sua própria medida, como vimos, e isso limita seu poder de resposta, sua ação vibratória, dando-lhe seu caráter específico. Tal como o olho é constituído de modo a poder responder às vibrações de luz dentro de certo limite, assim cada tipo de átomo, devido à sua constituição, é capaz de responder a vibrações dentro de certo limite. Um determinado plano é chamado de plano de “substância mental” porque a “medida” de seus átomos torna dominante sua resposta a certa gama de vibrações, do aspecto Conhecimento do Logos, modificadas pela Atividade¹⁹ criativa. Um outro é chamado de “substância do desejo” porque a “medida” de seus átomos torna dominante sua resposta a uma certa gama de vibrações do aspecto “Vontade”²⁰ do Logos. Assim, cada tipo de átomo possui seu próprio poder peculiar de resposta, determinado por sua própria medida de vibração. Em cada átomo jazem envoltas inúmeras possibilidades de resposta aos três aspectos da consciência, e essas possibilidades dentro do átomo serão extraídas dele como poderes no decorrer da evolução. Mas a capacidade da matéria de responder e a natureza da resposta são determinadas pela ação original do triplice Ser no átomo, e pela medida imposta aos átomos pelo Terceiro Logos. Ele, a partir da infinita capacidade de seus múltiplos poderes vibratórios, dá certa porção à matéria de um sistema particular num ciclo particular de evolução. Essa capacidade é impressa na matéria pelo Terceiro Logos, e é para sempre mantida na matéria por sua vida envolvida no átomo. Assim é formado o campo quádruplo de evolução no qual a consciência deve desenvolver-se.

Essa obra do Terceiro Logos é geralmente chamada de “a Primeira Onda de Vida”.

13 *The Secret Doctrine*, vol. I, p. 696 (London edn. 1928). [Na tradução brasileira, *A Doutrina Secreta*, Ed. Pensamento, a citação encontra-se no vol. II, p. 347. N. E.].

14 *Tamas*, *Rajas* e *Sattva*.

15 *The Secret Doctrin*, vol. I, p. 105. [Na tradução brasileira, *A Doutrina Secreta*, Ed. Pensamento, a citação está na p. 133 do vol. I. N. E.].

16 No original, *ensouling* (*to ensoul*) significa “dotar de alma, animar” (N. E.).

17 *Tanmâtra*, a medida de Aquilo, sendo que “Aquilo” é o Espírito Divino.

18 Coletivamente, um *Tattva*.

19 *Chit* trabalhando sobre *Kriyã*, isto é, a Sabedoria trabalhando sobre a Atividade, resultando em *Manas*, Mente.

20 *Ichchhã*.

II.CONSCIÊNCIA

1. O Significado da Palavra

Consideremos agora o que queremos dizer por “cons-ciência” e vejamos se essa consideração construirá para nós a tão almejada “ponte” que é o desespero do pensamento moderno entre consciência e matéria, estendendo-a por sobre o “abismo” que sempre se alega existir entre elas.

Para começar, uma definição de termos: consciência e vida são idênticas, duas denominações para uma única coisa considerada do ponto de vista interior e do ponto de vista exterior. Não existe vida sem consciência; não existe consciência sem vida. Quando vagamente as separamos em pensamento e analisamos o que fizemos, descobrimos que chamamos de “vida” a “consciência voltada para dentro”, e de “consciência” a “vida voltada para fora”. Quando nossa atenção fixa-se sobre a multiplicidade, dizemos “consciência”; e esquecemos que a multiplicidade deve-se à matéria e é a sua essência, a superfície refletora na qual o Um torna-se os Muitos. Quando se diz que a vida é “mais ou menos consciente”, não é na abstração da vida que se está pensando, mas numa “coisa viva” mais ou menos perceptiva de seu ambiente. Mais percepção ou menos percepção depende da espessura, da densidade, do véu envolvente que a torna uma coisa viva, separada de seus pares. Aniquilando-se em pensamento esse véu, aniquila-se em pensamento também a vida e se está naquilo em que todos os opostos são resolvidos, o Todo.

Isto leva ao nosso próximo passo: a existência da consciência implica uma divisão, em dois aspectos, da unidade fundamental subjacente. A denominação moderna para “consciência”, “perceptividade”²¹, igualmente

implica isto, pois não se pode sustentar a perceptividade no vazio. Perceptividade implica algo de que se está perceptivo, uma dualidade pelo menos. De outro modo, não existe. Essa dualidade está implícita na mais elevada abstração da cons-ciência, da perceptividade; a consciência cessa se o senso de limitação for retirado, pois depende da limitação para sua existência. Perceptividade implica essencialmente percepção de *limitação*, e só secundariamente percepção de *outros*. A percepção de outros vem à existência com o que chamamos de autoconsciência, autopercepção. Esses abstratos “dois em um”, consciência-limitação, espírito-matéria, vida-forma, são sempre inseparáveis, aparecem e desaparecem juntos; um existe somente em relação ao outro; eles se resolvem numa unidade necessariamente não manifestada, a síntese suprema.

“Como é em cima, é embaixo”. Mais uma vez deixemos que o “embaixo” nos auxilie; olhemos para a consciência tal como ela aparece quando considerada do lado da forma, como a vemos num universo de coisas conscientes. A eletricidade manifesta-se apenas como positiva e negativa; quando ambas se neutralizam, a eletricidade desaparece. A eletricidade existe em todas as coisas, neutra, não manifesta; ela pode surgir de todas as coisas, mas não apenas como positiva ou apenas como negativa; sempre como quantidades equilibradas de ambas, em mútuo contraste, tendendo estas sempre a reentrar juntas em aparente inexistência, que não é inexistência, mas a fonte de ambas igualmente.

Mas se é assim, o que acontece com o “abismo”? Para que serve a “ponte”? Consciência e matéria afetam-se mutuamente porque são os dois constituintes de um todo, ambas aparecendo quando se afastam, ambas desaparecendo quando se unem, e quando se afastam sempre existe uma relação entre elas.²² Não existe algo chamado “unidade de consciência” que não consista dessa dualidade inseparável, um ímã com dois polos sempre em relação mútua. Pensamos em algo separado que chamamos de “consciência”, e perguntamos como ela funciona em outro algo separado

que chamamos de “matéria”. Não existem essas duas coisas separadas, mas apenas dois aspectos afastados porém não separados daquilo que, sem ambos, é não manifestado, que não consegue manifestar-se em apenas um ou outro e está igualmente em ambos. Não existe frente sem fundo, em cima sem embaixo, fora sem dentro, nem espírito sem matéria. Eles se afetam mutuamente porque são partes inseparáveis de uma unidade, manifestandose como dualidade no espaço e no tempo. O “abismo” aparece quando pensamos num “espírito” totalmente imaterial, e num “corpo” totalmente material ou seja, em duas coisas que não existem. Não existe espírito que não esteja envolvido em matéria; não existe matéria que não esteja animada pelo Espírito. O mais elevado Ser separado tem sua película de matéria, e embora esse Ser seja chamado de “um espírito”, porque o aspecto “consciência” é mais predominante, é verdade que ele tem sua veste de matéria vibrante, e que dessa veste surgem todos os impulsos que afetam todas as outras vestes materiais mais densas em sucessão. Dizer isto não é materializar a consciência, mas apenas reconhecer o fato de que os dois opostos primários, consciência e matéria, estão estreitamente unidos, jamais separados, nem mesmo no ser mais elevado. Matéria é limitação, e sem limitação não há consciência. Assim, longe de materializar a consciência, dizer isso a coloca como *um conceito* em acentuada antítese à matéria, mas reconhece o fato de que numa entidade uma não é encontrada sem a outra. A matéria mais densa, a física, tem seu núcleo de consciência; o gás, a pedra, o metal são vivos, conscientes, perceptivos. Assim, o oxigênio torna-se perceptivo do hidrogênio a certa temperatura e precipita-se para combinar-se com ele.

Olhemos agora, de dentro, para fora da consciência, e veja-mos o significado da frase: “Matéria é limitação.” A consciência é a realidade una, no sentido mais pleno dessa desgastada frase; segue-se daí que qualquer realidade encontrada em qualquer lugar é extraída da consciência. Consequentemente, tudo que é pensado, *É*. A essa consciência, na qual

tudo, literalmente *tudo*, é “possível” e “factual” *factual* sendo aquilo que é pensado como existente por uma consciência separada no tempo e no espaço, e *possível* tudo aquilo que não está sendo pensado em nenhum período no tempo e em nenhum ponto no espaço chamamos de “Consciência Absoluta”. É o Todo, o Eterno, o Infinito, o Imutável. Consciência, pensando no tempo e no espaço, e em todas as formas como existentes neles em sucessão e em lugares, é a Consciência Universal, o Um, chamado de *Saguna Brahman* pelos hindus o Eterno com atributos o *Pratyagãtmã* o Ser Interno; pelos cristãos, Deus; pelos parses, Ormuzd; pelos muçulmanos, Alá. A consciência lidando com um tempo definido, seja longo ou breve, com um espaço definido, seja vasto ou restrito, é individual, é a consciência de um ser concreto, um senhor de muitos universos ou de alguns universos, ou de alguma assim chamada porção de um universo, *sua* porção e portanto para ele um universo sendo que os termos variam de acordo com o poder da consciência. Muito do pensamento universal, como consciência separada, pode pensar plenamente, ou seja, pode pensar naquilo em que consegue impor sua própria realidade como existindo tal qual ele mesmo, *seu* universo.

Para cada universo, o ser que é seu senhor dá uma porção de sua própria realidade irrevogável; mas é sempre ele mesmo limitado e controlado pelo pensamento de *seu* superior, o senhor do universo no qual *ele* existe como forma. Assim, nós, que somos seres humanos existindo num sistema solar, estamos cercados por inúmeras formas que são as formas-pensamentos do senhor de nosso sistema, nosso *Ishvara*, ou regente; a “divina medida” e os “eixos de crescimento”, pensados pelo Terceiro Logos, governam as formas de nossos átomos, e a superfície por ele pensada como limite e proteção do átomo oferece resistência a todos os átomos semelhantes. Assim, recebemos nossa matéria e não conseguimos alterá-la, exceto pelo emprego de métodos também criados por seu pensamento; somente enquanto seu pensamento continuar, podem os

átomos, com todos os seus componentes, continuar a existir, já que não têm realidade salvo aquela oferecida por seu pensamento. Enquanto ele os retiver como seu corpo declarando “Eu sou isto; esses átomos são meu corpo; eles compartilham da minha vida”, eles irão impor-se como realidades sobre todos os seres neste sistema solar, cujas consciências trajem vestimentas semelhantes. Quando, ao final do Dia da Manifestação, Ele declarar “Eu não sou isto; esses átomos não mais são o meu corpo; não mais compartilham da minha vida”, eles desaparecerão como o sonho que são, e permanecerá apenas aquilo que é a forma-pensamento do monarca de um sistema mais vasto.

Assim, como espíritos, somos inerentemente, irrevo-gavelmente divinos, com todo o esplendor e liberdade implícitos na palavra. Mas estamos vestidos com matéria que não é nossa, que são as formas-pensamento do regente de nosso sistema controlado por sua vez pelos regentes de sistemas mais vastos nos quais o nosso está incluído -, e estamos apenas aprendendo lentamente a dominá-la e a usá-la. Quando compreendermos nossa unidade com nosso regente, então a matéria não mais exercerá poder sobre nós, e a veremos como a irrealidade que é, dependente de sua vontade, que reconheceremos então como nossa também. Então poderemos “brincar” com ela, já que não o podemos enquanto ela nos cega com sua realidade emprestada.

Assim, olhando do interior para fora da consciência, vemos, de maneira até mais plena do que olhando para ela a partir do mundo das formas, que não existe “abismo” nem a necessidade de uma “ponte”. A consciência muda; e cada mudança aparece na matéria circundante como uma vibração, porque o Logos pensou em vibrações da matéria como a concomitante invariável de mudanças na consciência. Como a matéria é apenas a resultante da consciência e seus atributos lhe são impostos pelo pensamento ativo, qualquer mudança na consciência *logoica* mudaria os atributos da matéria do sistema, e qualquer mudança numa consciência derivada dele

mostra-se nessa matéria como uma mudança, uma vibração, o movimento rítmico dentro dos limites estabelecidos por ele para a mobilidade das massas de matéria nessa relação. “Mudança na consciência” e “vibração da matéria limitando-a” são um “par” imposto pelo pensamento do Logos a toda consciência corporificada em seu universo. Que essa relação constante existe é demonstrado pelo fato de que uma vibração numa veste material acompanhando uma mudança na consciência animante, e causando vibração semelhante na veste animada por outra consciência, é acompanhada por uma mudança nessa segunda consciência semelhante à mudança na primeira.

Em matéria muito mais sutil do que a física como a substância mental -, o poder criativo da consciência é visto mais prontamente do que no material denso do plano físico. A matéria torna-se densa ou rarefeita e muda suas combinações e formas segundo os pensamentos de uma consciência ativa em seu interior. Embora os átomos fundamentais devido ao pensamento *logoico* permaneçam imutáveis, eles podem ser combinados ou dissociados à vontade. Tais experiências abrem a mente para a concepção metafísica de matéria, e permitem que ela compreenda de imediato a realidade emprestada e a não entidade da matéria.

Uma palavra de advertência pode ser útil com relação às frases muitas vezes repetidas de “consciência *em* um corpo”, “consciência animando um corpo” e coisas semelhantes. O estudante está um tanto propenso a ver a consciência como um tipo de gás rarefeito encerrado num receptáculo material, um tipo de garrafa. Se ele pensar cuidadosamente, compreenderá que a superfície resistente do corpo é apenas uma forma de pensamento *logoica*, e *está* lá porque é *pensada* lá. A consciência aparece como entidades conscientes porque o Logos pensa essas separações, pensa as paredes animadoras, criando essas limitações mentais. E esses pensamentos do Logos devem-se à sua unidade com o Ser universal e são apenas uma

repetição dentro da área de um universo particular da vontade de se multiplicar.

Uma cuidadosa reflexão sobre as distinções acima delineadas entre consciência absoluta, consciência universal e consciência individual evitará que o estudante faça a pergunta tantas vezes ouvida: Por que existe um universo? Por que a Consciência Una se limita? Por que o perfeito deve tornar-se imperfeito; o Todo Poderoso tornar-se o impotente; Deus tornar-se o mineral, o animal, o homem? Sob esta forma a pergunta é irrespondível, pois está assentada sobre premissas falsas. O perfeito é o Todo, a totalidade, a soma da existência. Dentro de sua infinitude, como foi dito acima, tudo está contido, toda potencialidade e toda realidade da existência. Tudo que foi, é, será, pode ser, sempre é nessa plenitude, nesse eterno. Somente Ele conhece a Si mesmo na infinita e inimaginável riqueza de sua existência. Porque contém todos os pares de opostos; e cada par, ao se afirmar, aniquila-se aos olhos da razão e desaparece. Parece um vazio. Mas universos sem fim que nele surgem proclamam-no um *plenum*^{F3}. Este perfeito jamais se torna o imperfeito; *não se torna* nada; ele é todo espírito e matéria, força e fraqueza, conhecimento e ignorância, paz e luta, bemaventurança e dor, poder e impotência; os inúmeros opostos da manifestação fundem-se uns nos outros e desaparecem na não manifestação. O Todo inclui manifestação e não manifestação, a sístole e a diástole do coração que é Existência. Um não requer mais explicação do que o outro; um não pode existir sem o outro. O enigma surge porque os homens enfatizam separadamente um, do par inseparável de opostos espírito, força, conhecimento, paz, bem-aventurança, poder e depois perguntam: “Por que devem eles se tornar seus opostos?” *Eles não se tornam*. Não existe atributo sem o seu oposto; somente o par pode manifestar-se; cada frente tem um reverso, espírito e matéria surgem juntos; não é que o espírito exista e depois miraculosamente produza a matéria para se limitar e cegar a si mesmo, mas que espírito e matéria surgem

simultaneamente no eterno como um modo de sua existência, uma forma de autoexpressão do todo *Pratyagātmā* e *Mulaprakriti* expressando no tempo e no espaço o que é sem tempo e sem espaço.

2. As Mônadas

Vimos que pela ação do Terceiro Logos um campo quádruplo foi criado para o desenvolvimento das unidades de consciência, e que uma unidade de consciência é um fragmento, uma porção da consciência universal separada como entidade individual velada na matéria, uma unidade da substância do Primeiro Logos a ser enviada ao segundo plano como um ser separado. Essas unidades são tecnicamente chamadas de “Mônadas”²⁴. Elas são os Filhos, residindo desde a eternidade, desde o início de uma era criativa, no seio do Pai; ainda não se tornaram “perfeitas pelo sofrimento”²⁵; cada uma delas é verdadeiramente “igual ao Pai no tocante à sua divindade, mas inferior ao Pai no tocante à sua humanidade”²⁶, e cada uma delas deve mergulhar na matéria para submeter todas as coisas a si mesma²⁷, deve ser “semeada na fraqueza” para que possa ser “elevada em poder”²⁸; de Logos estático que envolve todas as potencialidades divinas, ela deve se tornar um Logos dinâmico desdobrando todos os poderes divinos; onisciente, onipresente, em seu próprio segundo plano, mas inconsciente, “insensível”, em todos os outros²⁹; ela deve velar sua glória na matéria que a ofusca, para que possa tornar-se onisciente, onipresente, em todos os planos, capaz de responder a todas as vibrações divinas no universo em vez de apenas àquelas do plano mais elevado.

O significado desta tênue descrição da grande verdade pode ser vislumbrado pelo estudante por meio de uma consideração dos fatos da vida embrionária e do nascimento. Quando um Ego está para reencarnar, ele foca sua atenção sobre a mãe humana em quem seu futuro corpo está sendo

construído, o veículo que um dia irá habitar. Esse corpo é construído lentamente a partir da substância da mãe, e o Ego pouco pode fazer quanto à sua moldagem; é um embrião, inconsciente de seu futuro, apenas vagamente consciente do fluxo da vida materna, impressionado pelas esperanças e temores, pensamentos e desejos maternos. Nada do Ego o afeta, salvo uma leve influência que chega através do átomo físico permanente, na qual ele não é envolvido porque não consegue responder aos pensamentos amplos, às ambiciosas emoções do Ego, expressas por ele em seu corpo causal. Esse embrião deve desenvolver-se, deve gradualmente assumir uma forma humana, entrar numa vida independente, separada da vida da mãe; deve passar sete anos segundo a contagem humana do tempo dessa vida independente, antes que o Ego possa animá-lo plenamente. Mas durante essa lenta evolução, com sua impotência, suas tolices, prazeres e dores infantis, o Ego ao qual ele pertence está levando sua própria vida mais ampla, mais rica, e gradualmente entrando em contato cada vez mais próximo com esse corpo, o único no qual ele pode trabalhar no mundo físico, sendo seu toque manifestado como crescimento da consciência *cerebral*.

A condição da Mônada em relação à evolução de sua consciência num universo assemelha-se à do Ego em relação ao seu novo corpo físico. Seu próprio mundo é o mundo do segundo plano, o plano *Anupādaka*, e aí ela é plenamente consciente, com a consciência oniabarcante do Ser em seu mundo, mas inicialmente não de “eus”, dos quais ela está separada, e sim de “outros”.

Tentemos ver os estágios através dos quais ela passa. Ela é primeiramente uma centelha numa chama: “Eu sinto uma Chama, ó Gurudeva; vejo inúmeras centelhas separadas brilhando na Chama”³⁰. A Chama é o Primeiro Logos, as centelhas *não separadas* são as Mônadas. A Vontade do Primeiro Logos de se manifestar é também a delas, pois elas são as células germinais em seu corpo, que logo terão uma vida separada em

seu universo vindouro. Movidas por essa vontade, as centelhas participam da mudança chamada “a geração do Filho”, e passam para o Segundo Logos e nele habitam. Depois, com o “prosseguimento” do Terceiro, chega até elas, dele oriunda, a “individualidade espiritual”, de que fala H. P. Blavatsky, a aurora da separatividade. Mas ainda não existe senso de “outros”, necessário para reagir com o senso de “eu”. Os três aspectos da consciência que lhes pertencem por compartilharem da vida *logoica* estão ainda, para usar uma figura de linguagem, “voltados para o interior”, agindo uns sobre os outros, adormecidos, inconscientes de um “exterior”, compartilhando da total consciência do Ser. Os Grandes Seres, chamados “Ordens Criativas”³¹, despertam-nas para a vida externa vontade, sabedoria, atividade despertadas para a percepção do “fora”; surge um vago senso de “outros”, até onde os “outros” possam estar num mundo onde todas as “formas” se entremesclam e se interpenetram”, e cada uma torna-se “um *Dhyan Chohan* individual, distinto dos outros”³².

No primeiro estágio de que se fala acima, quando as Mônadas estão, no mais pleno sentido³³ do termo, não separadas como “células germinais em seu corpo”, a Vontade, a Sabedoria e a Atividade estão nelas latentes, não evidentes. A Vontade do Logos de se manifestar é também a delas, mas é delas inconscientemente. Ele, Autoconsciente, conhece seu objetivo e sua senda; elas, ainda não conscientes do Ser, têm em si, como parte de seu corpo, a energia movente da Vontade do Logos, que agora será a sua vontade individual de viver e que as impele para condições onde é possível uma vida consciente do Ser mas separada d’Ele, em vez de uma vida plenamente consciente do Ser. Isto as leva ao segundo estágio na vida do Segundo Logos, e ao Terceiro. Depois, comparativamente separadas, o despertar por meio das Ordens Criadoras traz consigo os vagos sentidos de “outros” e de “eu”, e com isto um anelo palpitante por um senso de “eu” e de “outros” mais claramente definido esta é a “vontade individual de viver”,

que as leva até os mundos mais densos, unicamente onde se torna possível essa definição mais aguda.

É importante compreender que a evolução do “Eu” individual é uma atividade escolhida pelo Ser. Estamos aqui porque queremos viver; “ninguém mais nos obriga”. Este aspecto da consciência, a Vontade, é tratado em capítulos posteriores deste livro, e aqui precisamos apenas enfatizar o fato de que as Mônadas se autodeslocam e são autodeterminadas em sua entrada nos planos inferiores de matéria, o campo da manifestação do universo quádruplo. Para os seus veículos nesse universo, elas permanecem como o Ego para o seu corpo físico: com sua radiante vida divina em esferas mais sublimes, mas focando a atenção em seus veículos inferiores, manifestando-se neles cada vez mais à medida que se tornam mais plásticas. H. P. Blavatsky dá a isso a denominação de “a Mônada descendo em ciclos rumo à matéria”³⁴.

Em toda parte na Natureza vemos esse mesmo esforço por uma manifestação de vida mais plena, essa constante vontade de viver. A semente, enterrada no solo, empurra o broto para cima em direção à luz. O botão, preso em suas sépalas envoltivas, rompe a prisão e expande-se à luz do Sol. O pinto, dentro do ovo, quebra a casca que o confina. Em toda parte a vida busca expressão, os poderes pressionam para serem exercidos. Veja-se o pintor, o escultor, o poeta, com gênios criativos lutando internamente; criar produz o mais sutil dos prazeres, o mais agudo sabor de requintado deleite. Este é apenas outro exemplo da natureza onipresente da vida, quer seja no Logos, no gênio, ou na criatura efêmera de um dia; todos se regozijam na bem-aventurança de viver e sentem-se mais vivos quando se multiplicam pela criação. Sentir a vida expressando-se, fluindo, expandindo-se, crescendo, este é ao mesmo tempo o resultado da vontade de viver e sua fruição na bem-aventurança de viver.

Algumas Mônadas, desejando viver através das labutas do universo quádruplo para dominar a matéria e por sua vez criar nela um universo,

penetram-na para se tornar um Deus desenvolvido em seu interior, uma Árvore da Vida, outro manancial de existência. A moldagem de um universo é o Dia do Porvir; viver é vir a ser; a vida conhece a si mesma pela mudança. Aquelas que não desejam se tornar senhoras da matéria, criadoras, permanecem em sua bem-aventurança estática, excluídas do universo quádruplo, inconscientes das atividades nesses planos, pois devemos lembrar que todos os sete planos são interpenetrantes e que a consciência, em qualquer plano, significa o poder de responder às vibrações desse plano particular.

Tal como o homem pode estar consciente no plano físico porque seu corpo físico está organizado para receber e lhe transmitir suas vibrações e estar totalmente inconsciente dos planos superiores, embora suas vibrações o afetem porque ele ainda não organizou seus corpos superiores suficientemente para receber e transmitir-lhe suas vibrações -, assim também é a Mônada, a unidade de consciência, capaz de ser consciente no segundo plano, mas totalmente inconsciente nos cinco planos inferiores. Ela desenvolverá sua consciência nesses planos retirando de cada um deles algo de sua matéria; velando-se nessa matéria e transformando-a numa veste por meio da qual possa entrar em contato com esse plano; gradualmente transformando essa veste de matéria num corpo capaz de funcionar em seu próprio plano como uma expressão dela mesma; recebendo vibrações do plano e transmitindo-as a ela; recebendo vibrações dela e transmitindo-as ao plano.

À medida que se vela na matéria de cada plano sucessivo, ela aprisiona algo de sua consciência, daquela parte que é sutil demais para receber ou estabelecer vibrações na matéria desse plano. Ela tem dentro de si sete poderes vibratórios típicos cada um capaz de produzir um número indefinido de subvibrações de seu próprio tipo -, os quais são desligados um a um à medida que ela veste véu após véu de matéria mais grosseira. Os poderes que a consciência tem de se expressar de certas maneiras típicas

usando a palavra “poder” no sentido matemático, consciência “para o terceiro”, consciência “para o quarto”, etc. são vistos na matéria como aquilo que chamamos de “dimensões”. O poder da consciência física tem sua expressão na “matéria tridimensional”, enquanto o astral, o mental e outros poderes da consciência precisam, para sua expressão, de outras dimensões de matéria.

Assim, ao falar das Mônadas, podemos nos sentir como se estivéssemos lidando com algo distante. Contudo a Mônada está muito próxima de nós, nosso Ser, a raiz mesma de nosso Eu, a fonte mais recôndita de nossa vida, a realidade una. Oculto, imanifestado, envolto em silêncio e escuridão está o nosso Ser, mas nossa consciência é a manifestação limitada desse Ser, o Deus manifestado no cosmos de nossos corpos, que são suas vestimentas. Tal como o imanifestado está parcialmente manifestado no Logos como consciência divina e no universo como o corpo do Logos³⁵, também o nosso Ser imanifestado está parcialmente manifestado em nossa consciência como o Logos de nosso sistema individual, e em nosso corpo como o cosmos que veste a consciência. Tal como é em cima, é embaixo.

É esse Ser oculto chamado de Mônada que é verda-deiramente o Um. É ele que dá o sutil senso de unidade que sempre persiste em nós em meio a todas as mudanças; o senso de identidade tem aqui a sua fonte, pois isso é o eterno em nós. Os três raios que se projetam e que são oriundos da Mônada dos quais trataremos em breve são seus três aspectos, ou modos de ser, ou hipóstases, reproduzindo os *Logoi* de um universo, a Vontade, a Sabedoria e a Atividade, que são as três expressões essenciais da consciência corporificada, o familiar *Ātmā-Buddhi-Manas* do teósofo.

Essa consciência funciona sempre como uma unidade nos vários planos, e mostra sua triplicidade em cada um deles. Quando estudamos a consciência atuando no plano mental, vemos que a Vontade aparece como faculdade de escolha, a Sabedoria como discernimento, e a Atividade como

cognição. No plano astral, vemos a Vontade aparecendo como desejo, a Sabedoria como amor, a Atividade como sensação. No plano físico, a Vontade tem como instrumento os órgãos motores (*karmendriyas*), a Sabedoria os hemisférios cerebrais, e a Atividade os órgãos dos sentidos (*jnānendriyas*).^{3J}

A plena manifestação desses três aspectos da cons-ciência em suas formas mais elevadas ocorre no homem na mesma ordem que a manifestação do tríplice Logos no universo. O terceiro aspecto, a Atividade, revelado como a mente criativa, como o acumulador de conhecimento, é o primeiro a aperfeiçoar seus veículos e mostrar suas plenas energias. O segundo aspecto, a Sabedoria, revelado como a razão pura e compassiva, é o segundo a brilhar, o Krishna, o Buda, o Cristo, no homem. O primeiro aspecto, a Vontade, é o último a se revelar, o poder divino do Ser, aquilo que em sua impregnável plenitude é beatitude, é paz.

21 Do original em inglês, *awareness* (N. E.).

22 Essa relação é magnética, mas de magnetismo do tipo mais sutil, chamado *Fohat*, ou *Daiviprakriti*, “A Luz do Logos”. É de Substância, e nela a essência da consciência e a essência da matéria existem, polarizadas mas não afastadas.

23 Algo completo, totalmente pleno (N. E.).

24 “A Mônada é a Centelha divina, o *Jiva*, o Eu [Ser], o Raio do Logos. Ainda que seja una em essência, penetra todos os planos e regiões do ser e se encarna em todas as formas ao percorrer os arcos ascendente e descendente (evolução e involução).” (*Glossário Teosófico*, de H. P. Blavatsky) N. E.

25 Credo de Atanásio.

26 I Coríntios, xv, 28.

27 Ibid., 43.

28 H. P. Blavatsky, *Key to Theosophy* (Ed. inglesa). Ver p. 41 para o princípio, embora aplicado a um estágio inferior. [Tradução brasileira: *A Chave para a Teosofia*, Ed. Teosófica. N. E.].

29 *Catecismo Oculto*, citado em *The Secret Doctrine*, Adyar, vol. I. [O “Catecismo Oculto” também é chamado de “Catecismo Esotérico” ou “Catecismo Senzar”. Na edição brasileira de *A Doutrina Secreta*, a citação está no vol. I, p. 169. N. E.].

30 *Catecismo Oculto*, *The Secret Doctrine*, Adyar, edição em 6 volumes, vol I, p. 179 [Na tradução brasileira, *A Doutrina Secreta*, Ed. Pensamento, a citação está na p. 169 N. E.].

31 *The Pedigree of Man*, de Annie Besant, pp. 11, 12. [Tradução brasileira: *A Genealogia do Homem*, Ed. Pensamento. N. E.].

32 *The Secret Doctrine*, Adyar, edição em 6 vols., vol.I, p. 308. [Na tradução brasileira, *A Doutrina Secreta*, Ed. Pensamento, a citação se encontra no vol. 1, p. 297. N. E.].

33 “O sentido mais pleno”, ou seja, sem individualidade separada; na verdade, elas sempre permanecem não separadas, acima, sempre brilhando na Chama.

34 *The Secret Doctrine*, edição em 6 vols., vol. I, p. 292. [Na edição brasileira, *A Doutrina Secreta*, Ed. Pensamento, a citação está no vol. I, p. 280. N. E.].

35 “No tonitruante tear do Tempo eu labuto, e teço para Deus a vestimenta que Nele vês.” (Goethe). [No original inglês, é a tradução do alemão para o inglês de um trecho da obra “Faust”, de Johann Wolfgang Goethe. No drama de Goethe, a frase, dita por um Espírito da Terra, é: “So schaff’ ich am sausen den Webstuhl der Zeit, und wirke der Gottheit lebendiges Kleid.” Uma tradução mais exata seria: “No tonitruante tear do Tempo eu labuto, e teço a roupa viva da Divindade.” N. E.].

36 Essa atribuição é apenas experimental. Como a matéria é o lado feminino, *Sarasvati*, pertencendo a *Brahma*, parece indicar os *jnānendriyas*, e *Durga*, os *karmendriyas*.

III.O POVOAMENTO DO CAMPO

1. O Surgimento das Mônadas

Quando o campo quántuplo está pronto, quando os cinco planos, cada um com seus sete subplanos, são completados no que diz respeito à sua constituição primária, começa então a atividade do Segundo Logos, o construtor e preservador de formas. Sua atividade é chamada de “Segunda Onda de Vida”, a efusão de Sabedoria e Amor a Sabedoria, a força diretora, necessária à organização e evolução das formas; o Amor, a força atrativa, necessária para mantê-las unidas como formas estáveis, embora complexas. Quando essa grande corrente de vida *logoica* derrama-se no campo quántuplo de manifestação, ela traz consigo e coloca em atividade as Mônadas, as unidades de consciência, prontas para começarem sua obra de evolução, para se revestirem de matéria.

Contudo, a frase que diz que as Mônadas projetam-se é um tanto inapropriada; que elas refulgem, enviando seus raios de vida, seria mais verdadeiro. Pois elas permanecem sempre “no seio do Pai”, enquanto seus raios de vida lançam-se no oceano de matéria e aí se apropriam dos materiais necessários para sua energização no universo. A matéria deve ser apropriada, tornada maleável, moldada em veículos adequados.

H. P Blavatsky descreveu essa radiação das Mônadas em vívidos termos alegóricos, usando um simbolismo mais expressivo do que as palavras de sentido literal: “O triângulo primordial, que uma vez refletido no ‘Homem Celeste’, o mais elevado dos sete inferiores desaparece, retornando ao ‘Silêncio e às Trevas’; e o homem astral paradigmático, cuja Mônada (*Ātma*) é também representada por um triângulo, já que tem de se

tornar um ternário em interlúdios *devachânicos* conscientes”³⁷. O triângulo primordial, ou a trifacial Mônada de Vontade, Sabedoria e Atividade, “reflete-se” no “Homem Celeste” como *Âtmã-Buddhi-Manas*, e depois “retorna ao Si-lêncio e às Trevas”. *Âtmã* muitas vezes chamado de “Mônada do homem inferior, ou astral” tem de se tornar um ternário, uma unidade tripla, pela assimilação de *Buddhi* e *Manas*.

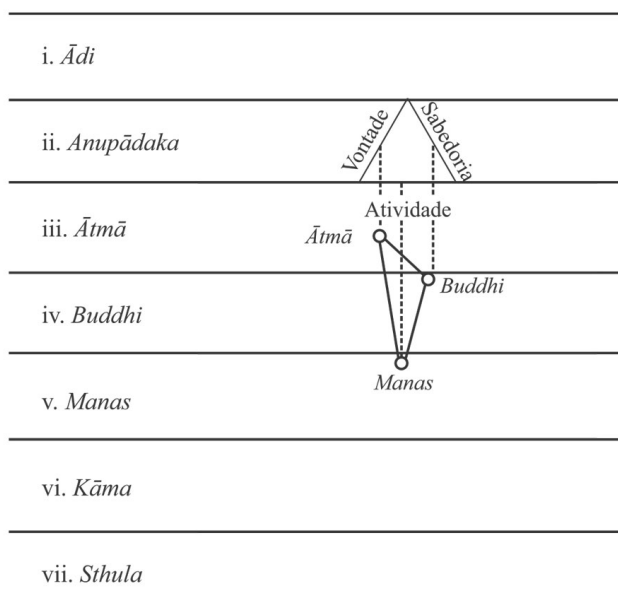
A palavra “reflexo” exige aqui uma explicação. Falando de maneira geral, o termo “reflexo” é usado quando uma força manifestada num plano superior mostra-se novamente num plano inferior e é condicionada por um tipo de matéria mais grosseira nessa manifestação inferior, de modo que algo da energia efetiva da força é perdida e mostra-se sob uma forma mais tênue. Empregada agora numa situação especial, a palavra significa que uma corrente da vida da Mônada derrama-se, tomando, como vaso para contê-la, um átomo de cada um dos três planos superiores do campo quádruplo o terceiro, o quarto e o quinto -, produzindo assim o “Homem Celeste”, o “Regente Vivo Imortal”, o peregrino que deve evoluir e para cuja evolução o sistema veio à existência.

“Assim como as poderosas vibrações do Sol lançam a matéria em vibrações que chamamos de seus raios (que expressam seu calor, eletricidade e outras energias), o mesmo faz a Mônada pondo para vibrar a matéria atômica dos planos *átmico*, *búdico* e *manásico* que a envolvem como o éter do espaço envolve o Sol criando para si um raio triplo, como sua própria natureza tripla. Nessa tarefa ela é auxiliada pelos Devas de um universo anterior que passaram por experiências semelhantes. Eles guiam a onda vibratória do aspecto “Vontade” para o átomo *átmico*; e o átomo *átmico*, vibrando para o aspecto “Vontade”, é chamado *Âtmã*. Eles guiam a onda vibratória do aspecto “Sabedoria” para o átomo *búdico*; e o átomo *búdico*, vibrando para o aspecto “Sabedoria”, é chamado *Buddhi*. Eles também guiam a onda vibratória do aspecto “Atividade” para o átomo *manásico*; e o átomo *manásico*, vibrando para o aspecto “Atividade”, é

chamado *Manas*. Assim é formado *Ātmā-Buddhi-Manas*, a Mônada no mundo da manifestação, o raio da Mônada acima do universo quádruplo. Aqui está o mistério do observador, do espectador, do inativo *Ātmā*, que reside sempre em sua natureza tríplice em seu próprio plano e vive no mundo dos homens por meio de seu raio, que anima suas sombras, as fugazes vidas sobre a Terra... As sombras fazem o trabalho nos planos inferiores, e são movidas pela Mônada através de sua imagem ou raio; inicialmente de maneira tão débil que sua influência é quase imperceptível, e posteriormente com poder sempre crescente.”³⁸

Ātmā-Buddhi-Manas é o Homem Celeste, o homem espiritual, e é a expressão da Mônada, cujo aspecto refletido de Vontade é *Ātmā*, o de Sabedoria é *Buddhi*, e o de Atividade é *Manas*. Consequentemente, podemos considerar o *Ātmā* humano como o aspecto “Vontade” da Mônada animando um átomo *ākāshico*; o *Buddhi* humano como o aspecto “Sabedoria” da Mônada animando um átomo aéreo (chama divina); o *Manas* humano como o aspecto “Atividade” da Mônada animando um átomo ígneo. Assim, em *Ātmā-Buddhi-Manas*, a tríade espiritual ou o Homem Celeste, temos os três aspectos, ou energias da Mônada, corporificados em matéria atômica, e este é o “Espírito” no homem, o *Jivātmā* ou Eu-Vida, o Ser separado.³⁹ É o Espírito germinal, e em seu terceiro aspecto é o “Ego bebê”. Em sua natureza, é idêntico à Mônada é *aMônada*, mas com força e atividade reduzidas pelos véus de matéria à sua volta. A redução de poder não nos deve cegar quanto à natureza da identidade. Devemos lembrar sempre que a consciência humana é uma unidade, e embora variem suas manifestações, essas variações devem-se apenas à predominância de um sobre outro de seus aspectos e à densidade relativa dos materiais nos quais o aspecto está funcionando. Suas manifestações, assim condicionadas, variam, mas em si mesma ela é sempre uma.

Assim, essa porção da consciência da Mônada que pode expressarse num universo quádruplo penetra primeiramente a matéria superior desse universo, corporificando-se num átomo de cada um dos três planos superiores; tendo se irradiado e se apropriado, então, desses átomos para seu uso, a Mônada começou seu trabalho. Em sua natureza sutil ela não pode ainda descer abaixo do plano *Anupādaka*, e portanto diz-se que ela está em “Silêncio e Trevas”, não manifestada; mas vive e funciona nesses átomos de que se apropriou e por meio deles os quais formam a vestimenta de sua vida nos planos mais próximos do seu. Podemos representar esta ação da seguinte maneira:



Essa tríade espiritual, como é frequentemente chamada, *ĀtmāBuddhi-Manas*, o *Jivātmā*, é descrita como uma semente, um germe de vida divina contendo as potencialidades de seu próprio Pai celeste, sua Mônada, a ser transmutado em poderes no decurso da evolução. Esta é a “humanidade” do Filho do Primeiro Logos, animado pela “Divindade”, a Mônada verdadeiramente um mistério, mas um mistério que se repete sob muitas formas à nossa volta.

E agora sua natureza, que era livre na matéria sutil de seu próprio plano, está aprisionada pela matéria mais densa, e seus poderes de consciência não conseguem ainda funcionar nesse ofuscante véu. Ele [o *Jivãtmã*] aí permanece como um simples germe, um embrião, impotente, inconsciente, desamparado, enquanto a Mônada em seu próprio plano é forte, consciente, capaz, no que respeita à sua vida interna. Uma coisa é a Mônada na eternidade, e outra é a Mônada no tempo e no espaço; a satisfação da Mônada eterna é tornar-se a extensão da Mônada temporal e espacial. Essa vida embrionária agora deve se desenvolver até se tornar um ser complexo, a expressão da Mônada em cada plano do universo. Internamente todo poderoso em seu próprio plano, ele [o *Jivãtmã*] é a princípio impotente, acorrentado, desamparado, quando envolto externamente em matéria mais densa, incapaz de receber ou de transmitir vibrações através desta. Mas gradualmente ele dominará a matéria que a princípio o escraviza; lentamente, mas seguramente, irá moldá-la para sua autoexpressão; ele é auxiliado e monitorado pelo Segundo Logos que tudo sustenta e preserva, até que nele consiga viver em plenitude como vive acima, até se tornar por sua vez um Logos criativo e emanar de si mesmo um universo. O poder de criar um universo só é obtido, segundo a sabedoria, pelo envolvimento, dentro do Ser, de tudo que posteriormente deve tornarse manifesto. Um Logos não cria a partir do nada, mas faz brotar tudo de si; e, por meio da experiência pela qual estamos agora passando, colhemos os materiais a partir dos quais poderemos construir um sistema no futuro.

Mas essa tríade espiritual, esse *Jivãtmã*, que é a Mônada no universo quádruplo, não pode começar de imediato qualquer atividade separada autodirecionada. Não pode ainda acumular à sua volta quaisquer agregações de matéria, podendo apenas residir em sua veste atômica. A vida do Segundo Logos é para ele como o ventre da mãe para o embrião, e em seu interior tem início a construção. Podemos, verdadeiramente, considerar esse

estágio de evolução, no qual o Logos molda, nutre e desenvolve a vida germinativa, como sendo, para o Homem Celeste, ou verdadeiramente para o embrião celeste, um período correspondente à vida pré-natal de um ser humano, durante o qual ele está lentamente obtendo um corpo, por enquanto nutrido pelas correntes vitais da mãe e formado a partir de sua substância. O mesmo se dá com o *Jivãtmã*, envolvendo a vida da Mônada; ele deve esperar a construção de seu corpo nos planos inferiores, e não pode emergir dessa vida pré-natal e “nascer” até que haja um corpo construído nos planos inferiores. O “nascimento” ocorre com a formação do corpo causal, quando o Homem Celeste manifesta-se como Ego infantil, uma verdadeira individualidade, residindo num corpo no plano físico.

Uma pequena reflexão mostrará a proximidade que há na analogia entre a evolução do peregrino e a de cada nascimento sucessivo. Neste último caso, o *Jivãtmã* espera a formação do corpo físico que está sendo construído para sua habitação; no caso anterior, as tríades espirituais, como uma coletividade, esperam a construção do quaternário sistemático. Até que esteja pronto o veículo no plano inferior, tudo é uma preparação para a evolução, e não a evolução em si mesma sendo muitas vezes chamado de “involução”. A evolução da consciência deve começar através de contatos recebidos por seu veículo *mais externo*, isto é, deve começar no plano físico. A consciência só pode tornar-se perceptiva de um lado externo por meio de impactos sobre sua própria envoltura externa; até então ela sonha dentro de si mesma, enquanto as fracas palpitações que estão sempre emanando da Mônada causam leves vibrações no *Jivãtmã*, como uma fonte de água subterrânea buscando uma saída.

2. A Tecedura

Nesse meio tempo, a preparação para o despertar a dotação de qualidades à matéria, aquilo que pode ser compa-rado à formação dos tecidos do futuro corpo é feita pelo poder-vida do Segundo Logos, a Segunda Onda de Vida descendo plano após plano, comunicando suas próprias qualidades àquela protomateria sétupla.

A onda de vida, como foi dito acima, leva consigo os *Jivãtmãs* até o subplano atômico do quinto plano, o plano do fogo, do poder criativo individualizado, da mente. Aqui cada um deles já possui um átomo, o *manásico*, ou véu mental da Mônada, o Logos inundando com sua vida esses átomos e os remanescentes do plano. Todos esses átomos, formando a totalidade do subplano atômico, quer estejam livres ou fixados aos *Jivãtmãs*, podem corretamente ser chamados de “essência *monádica*”; mas como no decurso da evolução que logo será explicado surgem diferenças entre os átomos fixados e os não fixados, o termo “essência *monádica*” é geralmente empregado para os não fixados, enquanto os fixados sejam chamados, por razões que logo aparecerão, de “átomos permanentes”. Então, podemos definir “essência *monádica*” como matéria atômica animada pela vida do Segundo Logos. É sua vestimenta para a vivificação e retenção das formas; Ele se reveste de matéria atômica. Sua própria vida como Logos, separada da vida de *Ātmā-Buddhi-Manas* no homem, separada de quaisquer vidas no plano embora Ele sustente, permeie e inclua todas elas -, é revestida somente de matéria atômica, e é isto que é conotado pela expressão “essência *monádica*”

A matéria desse plano, já pela natureza de seus átomos⁴⁰, capaz de responder por meio de vibrações às ativas mudanças mentais, é lançada pela Segunda Onda de Vida em combinações apropriadas para expressar pensamentos abstratos na matéria mais sutil, concretos na matéria mais grosseira. As combinações no segundo e terceiros subplanos mais elevados constituem o primeiro reino elemental; as combinações dos quatro subplanos inferiores constituem a segunda essência elemental. A matéria

constituída dessas combinações é chamada de “essência elemental”, e é suscetível de ser moldada em formas-pensamento. O estudante não deve confundir essência elemental com essência *monádica*; uma é de constituição atômica, a outra, molecular.

A Segunda Onda de Vida desce até o sexto plano, o plano da água, da sensação individualizada, do desejo. Os Devas anteriormente mencionados ligam os átomos permanentes do quinto plano fixados ao *Jivãtmã* a um número correspondente de átomos no sexto plano, e o Segundo Logos inunda-os e aos átomos remanescentes com sua própria vida esses átomos tornam-se assim essência *monádica*, como foi explicado acima.

A onda de vida prossegue, formando em cada plano as combinações apropriadas a expressar sensações. Essas combinações constituem o terceiro reino elemental; e a matéria constituída dessa combinação é chamada de “essência elemental”, como anteriormente, e no sexto plano é suscetível de ser moldada em formas-desejo.

Vemos então que a essência elemental consiste de agregações de matéria em cada um dos seis subplanos não atômicos dos planos mental e do desejo agregações que em si mesmas não servem como formas a serem habitadas por alguma entidade, mas como materiais a partir dos quais essas formas podem ser construídas.

A onda de vida desce então até o sétimo plano, o plano da terra, das atividades individualizadas, das ações. Tal como anteriormente, os átomos permanentes do sexto plano fixados ao *Jivãtmã* são unidos a um número correspondente no sétimo plano, e o Segundo Logos inunda com sua vida esses átomos e os remanescentes todos esses átomos tornam-se assim essência *monádica*. A onda de vida novamente segue em frente, formando em cada subplano combinações apropriadas para constituir corpos físicos, os futuros elementos químicos, como são chamados nos três subplanos inferiores.

Olhando-se para esse trabalho da Segunda Onda de Vida como um todo, vemos que sua descida está voltada ao que se pode convenientemente chamar de criação dos tecidos primários, a partir dos quais devem ser formados corpos sutis e densos. Isso foi apropriadamente chamado em algumas escrituras de “tecedura”, pois é o que literalmente é. Os materiais preparados pelo Terceiro Logos são transformados pelo Segundo Logos em fios e tecidos dos quais serão criadas vestes futuras os corpos sutis e densos. Assim como o homem pode pegar fios separados de linho, algodão, seda que em si são combinações de um tipo mais simples e transformá-los em tecidos de linho, de algodão ou de seda, tecidos esses que, por sua vez, serão moldados em vestimentas ao serem cortados e costurados, também o Segundo Logos tece fios-matéria, transformando-os em tecidos e posteriormente, a partir deles, elabora as formas. Ele é o tecelão eterno, enquanto podemos chamar o Terceiro Logos de “químico eterno”. Este usa a Natureza como laboratório; Aquele, como fábrica. Esses símiles, embora materialistas, não podem ser desprezados, pois são as muletas que nos auxiliam em nossas imperfeitas tentativas de compreensão.

A “tecedura” dota a matéria de suas características, e assim como as características do fio diferem da matéria-prima, as características do tecido diferem dos fios. O Logos tece os dois tipos de tecidos de matéria *manásica*, de substância mental, e posteriormente a partir deles serão criados os corpos causal e mental. Ele tece o tecido de matéria astral, de substância do desejo, e posteriormente a partir dele será criado o corpo do desejo. O que equivale a dizer que as combinações de matéria formadas e mantidas juntas pela Segunda Onda de Vida têm as características que agirão sobre a Mônada quando ela entrar em contato com outros, e permitirá a ela atuar sobre eles. Assim, ela poderá receber todos os tipos de vibrações, mentais, sensoriais, etc. As características dependem da natureza das agregações. Existem sete grandes tipos, fixados pela natureza do átomo, e dentro desses inúmeros subtipos. Tudo isto serve para a confecção dos

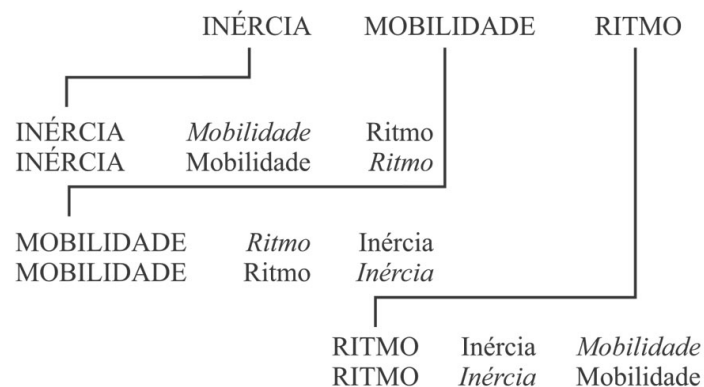
materiais do mecanismo da consciência, que será condicionada por essas texturas, colorações, densidades.

Nessa descida da onda de vida através dos quinto, sexto e sétimo planos, até chegar à matéria mais densa e atingir aquele ponto onde a onda começa a subida, temos que conceber seu trabalho como o da formação de combinações que revelam qualidades, e por isso às vezes chamamos esse trabalho de “dotação de qualidades”. Na subida descobriremos que corpos são construídos a partir da matéria assim preparada. Mas antes de estudarmos a moldagem desses corpos, devemos considerar a divisão sétupla dessa onda de vida em sua descida e o surgimento dos “Seres Brilhantes”, dos “Devas”, dos “anjos”, dos “elementais”, que também pertencem a essa descida. Esses são os “deuses menores” de quem fala Platão, de quem o homem deriva seus corpos perecíveis.

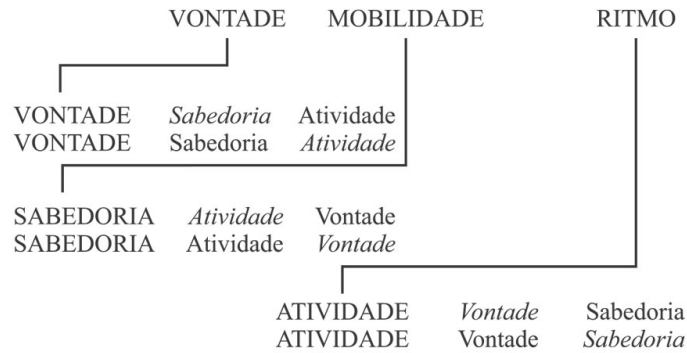
3. As Sete Correntes

Há uma pergunta que é feita constantemente: Por que essa ênfase contínua dos teósofos no número sete? Dizemos que é o “número-raiz de nosso sistema”, e que existe uma razão óbvia por que esse número deve representar um papel ativo no arranjo das coisas, uma vez que estamos preocupados com as triplicidades previamente mencionadas e explicadas. Uma tríade naturalmente produz um setenário por meio de suas próprias relações internas, já que seus três fatores podem agrupar-se de sete maneiras e não mais. Falamos da matéria, fora dos limites de um universo, como possuidora das três qualidades inércia, mobilidade e ritmo em estado de equilíbrio. Quando a vida do Logos produz movimento, imediatamente temos a possibilidade de sete grupos, pois em qualquer átomo, ou grupo de átomos, uma ou outra dessas qualidades pode estar mais fortemente energizada do que as outras, e assim uma qualidade predominante será

exibida. Desse modo, podemos ter três grupos, num dos quais a inércia irá predominar, noutro a mobilidade, e no terceiro o ritmo. Cada um deles, mais uma vez, subdivide-se segundo a predominância em si de uma ou outra das duas qualidades remanescentes; assim, em um dos dois grupos de inércia, a mobilidade pode predominar sobre o ritmo, e no outro o ritmo sobre a mobilidade, o mesmo ocorrendo com os outros dois grupos de mobilidade e ritmo. Daí surgem os bem conhecidos tipos classificados segundo a qualidade predominante -, geralmente designados pelos termos sânscritos *sátvico*, *rajásico* e *tamásico*, ou seja, rítmico, móvel e inerte, e temos alimentos, animais, homens, etc. *sátvicos*, *rajásicos* e *tamásicos*. No total obtemos sete grupos: seis divisões dos três, e um sétimo no qual as três qualidades estão igualmente ativas. (As variedades de tipos servem simplesmente para marcar as energias relativas das qualidades).



A vida do Logos, que deve fluir para o interior dessa matéria, manifesta-se ela mesma em sete correntes ou raios, que surgem similarmente dos três aspectos da consciência nele presentes, como em toda consciência, uma vez que todas são manifestações do Eu universal. São elas: bem-aventurança, ou *ichchhã*, vontade; cognição, ou *jhãna*, sabedoria; existência, ou *kriya*, atividade. E assim temos as sete correntes, ou raios, da vida *logoica*:



Podemos considerar todas as coisas como estando agrupadas sob esses sete títulos, as sete correntes de vida *logoica* que compõem a Segunda Onda de Vida. E podemos considerá-la como fluindo através dos planos, descendo através deles, de modo que, se desenhássemos os planos horizontalmente, a onda de vida iria projetar-se verticalmente para baixo, através deles. Ademais, em cada corrente haverá sete subdivisões primárias segundo o tipo de matéria, e também dentro dessas subdivisões secundárias, segundo as proporções das qualidades dentro de cada tipo, e assim por diante, em inúmeras variações. Não precisamos entrar nesse assunto. Basta observarmos os sete tipos de matéria e os sete tipos de consciência. As sete correntes de vida *logoica* aparecem como os sete tipos de consciência, e dentro de cada uma delas são encontrados os sete tipos de combinações de matéria. Podemos ver sete tipos distintos em cada um dos três reinos elementais e no plano físico. Em *A Doutrina Secreta*, a senhora Blavatsky, ao tratar do homem, cita, das estâncias do *Livro de Dzryan*, o fato de que havia: “Sete Deles (Criadores), cada um no Seu terreno”, formando os sete tipos de homens, e esses subdivididos: “Nasceram sete vezes sete sombras de homens futuros”⁴¹. Aqui está a raiz das diferenças de temperamentos entre os homens.

4. Os Seres Brilhantes

Devemos considerar agora outro resultado da descida da onda de vida. Vemos que ela provê qualidades às agregações de matéria no quinto e no sexto planos, e que no primeiro reino elemental temos materiais prontos para revestir pensamentos abstratos; no segundo reino elemental, materiais prontos para revestir pensamentos concretos; e no terceiro reino elemental, materiais prontos para revestir os desejos. Mas além de impingir qualidade às agregações de matéria, o Segundo Logos emana, durante esse estágio de sua descida, seres evoluídos, em vários estágios de desenvolvimento, que formam os habitantes normais e típicos desses três reinos. Esses seres foram trazidos pelo Logos de uma evolução precedente; são enviados da caixa do tesouro de sua vida para habitar os planos aos quais os capacitar seu desenvolvimento e para colaborar com Ele e, posteriormente, com o homem, na elaboração de Seu esquema de evolução. As diferentes religiões deram-lhes diferentes nomes, mas todas reconhecem o fato de sua existência e de seu trabalho. O nome sânscrito *Devas* Seres Brilhantes é o mais generalizado e o que melhor descreve as características mais marcantes de sua aparência, uma brilhante radiação luminosa.⁴² As religiões hebraica, cristã e islâmica chamam-nos de “arcanjos” e “anjos”. Os teósofos para evitar conotações sectárias chamam-nos, segundo seu habitat, de “elementais”; essa denominação tem ainda a vantagem de fazer lembrar ao estudante sua conexão com os cinco “elementos” do mundo antigo: *ākāsha*, ar, fogo, água e terra. Pois existem seres semelhantes de um tipo mais elevado nos planos *átmico* e *búdico*, assim como os elementais do fogo e da água dos planos mental e do desejo, e os elementais etéricos do plano físico.

Esse seres possuem corpos formados de essência elemental do reino a que pertencem, corpos cintilantes e multimatizados, que mudam de forma segundo a vontade da entidade que neles habita. Eles formam uma vasta hoste, sempre em trabalho ativo, ocupando-se da essência elemental para melhorar sua qualidade, levando-a a formar seus próprios corpos,

lançandoos fora e tomando outras porções deles para torná-los mais responsivos. Também estão constantemente ocupados com a moldagem das formas, em ajudar Egos humanos no caminho para a reencarnação, na construção de seus novos corpos, trazendo materiais do tipo necessário e ajudando em sua organização. Quanto menos adiantado o Ego, maior o trabalho diretivo do Deva com os animais fazem quase que todo o trabalho, e praticamente tudo com vegetais e minerais. São os agentes ativos a serviço do Logos, levando a cabo todos os detalhes de seu plano mundial, e ajudando as inúmeras vidas em evolução a encontrar os materiais de que precisam para suas vestimentas.

Toda a Antiguidade reconhecia o trabalho indispensável por eles realizado nos mundos China, Egito, Índia, Pérsia, Grécia e Roma contam a mesma história. A crença nos mais elevados deles não é encontrada apenas em todas as religiões, mas memórias dos elementais do desejo e do plano físico etérico subsistem no folclore, nas histórias sobre “espíritos da natureza”, “fadas”, “gnomos”, “*trolls*”⁴³, e sob muitos outros nomes, memórias de dias quando os homens estavam menos profundamente envolvidos em interesses materiais e eram mais sensíveis às influências que lhes eram transmitidas dos mundos mais sutis. Essa concentração nos interesses materiais, necessária à evolução, afastou o trabalho dos elementais do despertar da consciência humana; mas certamente isto não interrompe sua obra, embora ela muitas vezes torne-se menos eficaz no plano físico.

No entanto, no estágio que estamos considerando agora, todo esse trabalho, exceto o do melhoramento da essência elemental, jaz no futuro distante, mas os Seres Brilhantes trabalharam diligentemente para essa melhoria.

Assim, foi realizada uma vasta obra de preparação antes que pudesse aparecer algo semelhante a formas físicas, tais como as reconhecemos, um vasto trabalho do lado “forma” das coisas antes que a consciência

corporificada, exceto a do Logos e de seus Seres Brilhantes, pudesse fazer alguma coisa. A essa altura, aquilo que deveria tornar-se consciência humana era uma semente, semeada nos planos superiores, inconsciente de tudo exterior a ela. Sob o calor estimulante da vida *logoica*, ela envia uma diminuta radícula para baixo, que força passagem até os planos inferiores, cegamente, inconscientemente, e essa radícula será nosso próximo objeto de estudo.

37 *The Secret Doctrine*, vol. V, p. 426. [Na tradução brasileira, *A Doutrina Secreta*, Ed. Pensamento, a frase encontra-se no vol. VI, p. 88. N. E.].

38 *The Pedigree of Man*, pp. 25, 27; um pouco modificado, já que no livro o trecho refere-se apenas à quarta Ronda. [Livro de Annie Besant; na tradução brasileira, *A Genealogia do Homem*, N. E.].

39 Naturalmente, o termo “Jivãtmã” pode ser aplicado à Mônada, porém é mais frequentemente aplicado a seu reflexo.

40 Pelas medidas *Tanmãtras*, as medidas divinas.

41 *Loc. cit.*, Adyar, edição em 6 vols., III, 99. [Na edição brasileira de *A Doutrina Secreta*, o trecho encontra-se no vol. III, p. 105. N. E.].

42 A tradução desse termo descritivo como “Deus” tem levado a muita incompreensão do pensamento oriental. O “trinta e três milhões de Deuses” não são Deuses no sentido ocidental do termo que é o equivalente do Ser Universal e, em segundo lugar, dos *Logoi* e sim Devas, Seres Brilhantes.

43 Criaturas antropomórficas gigantes, duendes e outros do folclore escandinavo.

IV. O ÁTOMO PERMANENTE

1. A Fixação dos Átomos

Consideremos a tríade espiritual, o triatômico *Ātmā-Buddhi-Manas*, o *Jivātmā*, a semente da consciência, dentro da qual o envolvente calor da corrente de vida *logoica* está causando fracas palpitações de vida responsiva. São palpitações internas, como preparação para as atividades externas. Após longa preparação aparece um diminuto fio tal qual uma diminuta radícula, que procede da molécula triatômica que envolve a consciência, um fio de vida de cor dourada revestido de matéria búdica. Inúmeros desses fios aparecem de incontáveis *Jivātmās*, a princípio flutuando vagamente nas sete grandes correntes de vida, depois ancorando se é permitida tal expressão ao aderir a uma molécula simples ou unidade simples, no quarto subplano mental.

Essa ancoragem como a anterior nos três átomos superiores e como a posterior nos átomos astral e físico é produzida pela ação dos Seres Brilhantes. Em torno dessa unidade mental aderida ao plano, acumulamse agregações temporárias de essência elemental do segundo reino, que repetidamente se dispersam e se reintegram, sempre com a unidade aderida como centro. Esse centro estável, servindo para uma sucessão interminável de mutantes formas complexas, é gradualmente despertado pelas vibrações dessas formas que são como fracas respostas, ainda flutuando fracamente em movimento ascendente até a semente da consciência, produzindo aí os mais vagos movimentos internos.

Não se pode dizer que cada centro tenha sempre uma forma própria em torno de si, pois uma agregação de essência elemental pode ter vários, ou

muitíssimos, desses centros dentro de si, ou então, pode ter apenas um ou nenhum. Assim, com inconcebível lentidão, essas unidades aderidas adquirem certas qualidades, tais como o poder de vibrar de certas maneiras ligadas ao pensamento e que futuramente tornarão possíveis os pensamentos. Os Seres Brilhantes do segundo reino elemental também agem sobre elas, levando até elas as vibrações às quais gradualmente começam a responder, cercando-as com a essência elemental descartada de seus próprios corpos.⁴⁴ Ademais, cada um dos sete grupos típicos é separado dos outros por uma delicada parede de essência *monádica* (matéria atômica animada pela vida do Segundo Logos), o início da parede da futura alma-grupo.

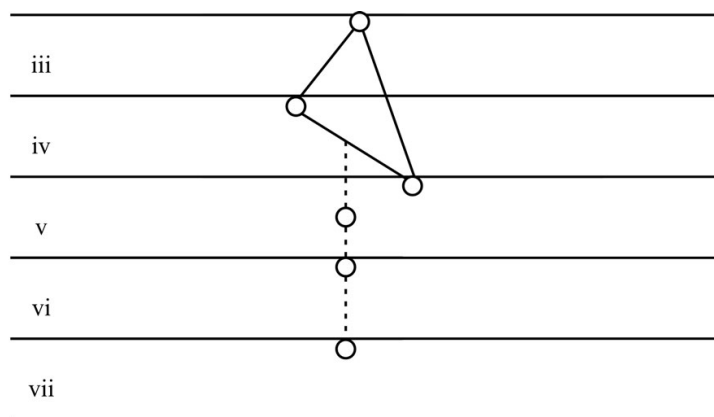
Todo esse processo é repetido após a formação do terceiro reino elemental. O delgado fio de vida búdica revestida, com sua unidade mental aderida, agora força passagem até o plano do desejo e adere a um átomo astral simples, que serve como centro estável no plano do desejo, em torno do qual se reúnem agora agregações temporárias de essência elemental do terceiro reino, dispersando-se e reintegrando-se como antes. Seguem-se resultados semelhantes, à medida que uma incontável sucessão de formas envolve esse centro estável, despertando-o para fracas respostas semelhantes, que por sua vez se movem fracamente para cima até a semente de consciência, produzindo aí, mais uma vez, os mais vagos movimentos internos. Assim, novamente, esses átomos aderidos passam aos poucos a possuir certas qualidades, isto é, adquirem o poder de vibrar de certas maneiras que estão ligadas à sensação e futuramente as tornarão possíveis. Também aqui os Seres Brilhantes do terceiro reino elemental cooperam na obra, usando seus poderes de vibração mais altamente desenvolvidos para favoravelmente produzir, nesses átomos não desenvolvidos, o poder de resposta por afinidade, proporcionando-lhes, tal como antes, parte de sua própria substância. As paredes que separam cada um dos sete grupos adquirem uma segunda camada, formada da essência *monádica* do plano do

desejo, aproximando-se assim de um estágio mais próximo à parede da futura alma-grupo.

O processo é mais uma vez repetido depois de a grande onda ter viajado até o plano físico. O tênue fio da vida envolta em *Buddhi*, com suas unidades mental e de desejo aderidas, força passagem mais uma vez e anexa um átomo físico, que serve como centro estável no plano físico, em torno do qual se agregam moléculas etéricas; mas a matéria física mais pesada é mais coesiva do que a matéria mais sutil dos planos superiores, e é possível observar-se um período de vida muito mais longo. Então à medida que são formados os tipos etéricos dos protometais, e posteriormente os protometais, os metais, os elementos não metálicos e os minerais os Seres Brilhantes do reino físico etérico submergem esses átomos, aderidos em suas vestes de *ākāsha*, em um dos sete tipos etéreos ao qual pertencem respectivamente, e começam sua longa evolução física.

Antes de podermos seguir adiante neste tema devemos considerar as almas-grupo, que no subplano atômico recebem sua terceira camada envolvente. Mas será melhor nos determos um pouco na natureza e na função desses átomos permanentes, as “triunidades”, ou tríades, que são como um reflexo nos planos inferiores das tríades espirituais nos planos superiores, estando cada uma delas aderida a uma tríade espiritual, seu *Jivātmā*. Cada tríade consiste em um átomo físico, um átomo astral e uma unidade mental permanentemente afixada por um fio de matéria búdica a uma tríade espiritual. O fio tem sido às vezes chamado de *Sutrātmā*¹⁵, o fio-eu, porque as partículas permanentes estão nele engastadas como “as contas em um colar”.

Podemos mais uma vez fazer uso de um diagrama, mostrando a relação.



2. A Teia da Vida

Foi dito que a ligação com a tríade espiritual dá-se através da matéria búdica, e isto está indicado no diagrama pela linha pontilhada que liga os átomos que descem a partir da linha no plano búdico, e não do átomo *manásico*. É de matéria búdica que é tecida a maravilhosa teia da vida que mantém e vivifica todos os nossos corpos. Se olharmos para os corpos com a visão búdica, todos eles desaparecem, e em seus lugares vê-se uma fraca e trêmula teia dourada de inconcebível tenuidade e delicada beleza, um adorno de todas as suas partes numa rede composta de malhas infinitamente pequenas, formadas de matéria búdica, dentro das quais estão reunidos os átomos mais grosseiros. Uma inspeção mais atenta mostra que toda a teia é formada de um único fio, que é um prolongamento do *Sutrãtmã*.

Durante a vida pré-natal do bebê, esse fio estende-se a partir do átomo físico permanente e ramifica-se em todas as direções, continuando o crescimento até que o corpo físico esteja plenamente formado. Durante a vida física, o *prãna*, o alento vital, flui sempre ao longo dele, seguindo todas as suas ramificações e malhas. Na morte ele é retirado, deixando as partículas do corpo dispersar-se; e pode ser observado desprendendo-se lentamente da matéria física densa, o alento vital acompanhando-o, reunindo-se no coração em torno do átomo permanente. À medida que se

retira, os membros abandonados enrijecem sua ausência causa o “frio da morte”; a chama violeta dourada do alento vital é vista brilhando em torno do corpo na altura do coração; e a chama, a teia dourada da vida, e o átomo permanente elevam-se ao longo do *sushumnã-nãdi* secundário⁴⁶ até a cabeça, penetrando o terceiro ventrículo do cérebro; os olhos vitrificam-se à medida que a teia da vida se afasta e toda ela é recolhida em torno do átomo permanente no terceiro ventrículo; todo o conjunto eleva-se lentamente até o ponto de junção das suturas parietal e occipital, e deixa o corpo físico morto. A teia búdica envolve o átomo permanente como uma concha dourada fazendo lembrar o casulo hermeticamente tecido do bicho da seda e assim permanece até que a construção de um novo corpo físico mais uma vez exija seu desabrochar. O mesmo procedimento ocorre com as partículas astral e mental, de modo que, quando esses corpos se tenham desintegrado, a tríade inferior pode ser vista como um núcleo refulgente dentro do corpo causal, um aparecimento que fora notado muito antes de uma observação mais atenta ter revelado sua importância.

3. A Escolha dos Átomos Permanentes

Voltemos à original apropriação dos átomos permanentes feita pela Mônada nos três planos superiores, e busquemos compreender algo da utilidade desses átomos, da razão para essa apropriação; os mesmos princípios aplicam-se aos átomos permanentes de cada plano.

Em primeiro lugar, devemos lembrar que a matéria de cada plano apresenta sete tipos principais, variando segundo o predomínio de um ou outro dos três grandes atributos de matéria: inércia, mobilidade e ritmo. Consequentemente, os átomos permanentes podem ser escolhidos a partir de qualquer um desses tipos; mas parece que uma única Mônada escolhe todos do mesmo tipo. Parece ainda que, embora a real afixação dos átomos

permanentes ao fio de vida nos três planos superiores seja trabalho das Hierarquias de que falamos anteriormente, a escolha que direciona a apropriação é feita pela própria Mônada. Ela mesma pertence a um ou outro dos sete grupos de vida de que já se falou; no topo de cada um desses grupos encontra-se um Logos planetário, que “colore” o todo, e as Mônadas estão agrupadas segundo essas colorações, cada uma “sendo colorida por sua ‘Estrela Pai’”⁴⁷.

Esta é a primeira grande característica determinante de cada um de nós, nossa “cor”, “tônica” ou “temperamento” fundamental. A Mônada pode resolver usar sua nova peregrinação para o fortalecimento e incremento dessa característica especial; se assim for, as Hierarquias fixarão ao seu fio-vida átomos pertencentes ao grupo de matéria correspondente ao seu grupo-vida. Essa escolha resulta na “cor”, “nota” ou “temperamento” secundário, enfatizando e fortalecendo a “cor”, “nota” ou “temperamento” primário; e, na evolução futura, os poderes e as fraquezas daquele temperamento duplicado aparecerão com grande força. Ou a Mônada pode resolver usar sua nova peregrinação para o desabrochar de outro aspecto de sua natureza; então as Hierarquias fixarão ao seu fio-vida átomos pertencentes ao grupo material correspondente a um outro grupo-vida, no qual predomine o aspecto que ela deseja desenvolver. Essa escolha resulta na “cor”, “nota” ou “temperamento” secundário, modificando o primário, com resultado correspondente na evolução futura. Essa escolha posterior obviamente é de longe a mais frequente, tendendo a uma maior complexidade de caráter, especialmente nos estágios finais da evolução humana, quando a influência da Mônada se faz sentir mais fortemente.

Como dissemos acima, parece que todos os átomos permanentes são extraídos do mesmo grupo material, de modo que os da tríade inferior correspondem aos da superior; mas nos planos inferiores a influência desses átomos em determinar os tipos de materiais usados nos corpos dos quais são os centros geradores questão para a qual devemos voltar agora nossa

atenção é muito limitada por outras causas, delas sofrendo muito mais interferências. Nos planos superiores os corpos são relativamente permanentes, e reproduzem fielmente a tônica de seus átomos permanentes, por mais enriquecida que possa ser essa tônica pelos harmônicos sempre crescentes em sutileza de harmonia. Mas nos planos inferiores, embora a nota dos átomos permanentes seja a mesma, várias outras causas contribuem para determinar a escolha dos materiais para os corpos, como logo veremos.

4. A Finalidade dos Átomos Permanentes

Resumindo essa finalidade em uma frase: a finalidade dos átomos permanentes é preservar dentro de si, como poderes vibratórios, os resultados de todas as experiências pelas quais tenham passado. Talvez seja melhor pegarmos o átomo físico como ilustração, uma vez que ele é suscetível de mais fácil explicação do que os dos planos superiores.

Um impacto físico de qualquer tipo causará vibrações correspondentes à sua própria no corpo físico com o qual entra em contato vibrações essas que podem ser locais ou gerais, segundo a natureza e a força do impacto. Mas quer sejam locais ou gerais, elas atingirão o átomo físico permanente, transmitidas pela teia de vida em todos os casos, e também por mera concussão em violentos impactos. Essa vibração, que atinge o átomo por fora, torna-se um poder vibratório no átomo uma tendência a repetir a vibração. Ao longo de toda a vida do corpo, inúmeros impactos o atingem; todos sem exceção imprimem sua marca no átomo permanente, deixando com uma nova possibilidade de vibração. Todos os resultados das experiências físicas permanecem armazenados nesse átomo permanente como poderes de vibração. Ao final da vida física, esse átomo permanente terá armazenado inúmeros poderes vibratórios, isto é, aprendeu a responder

de inúmeras maneiras ao mundo externo, a reproduzir em si as vibrações que lhe são impostas pelos objetos à sua volta. O corpo físico desintegra-se com a morte; suas partículas dispersam-se, levando consigo os resultados das experiências pelas quais tenham passado como, de fato, sempre o fazem todas as partículas de nossos corpos dia após dia, em suas incessantes mortes em um corpo e renascimento em outro. Mas o átomo físico permanente permanece; é o único átomo que tem de passar através de todas as experiências dos conglomerados em eterna mutação a que chamamos nosso corpo, tendo adquirido todos os resultados de todas essas experiências. Envolto em seu casulo dourado, ele dorme pela quantidade de anos durante os quais o *Jivãtmã* que o possui vive outras experiências em outros mundos. Ele não é afetado por essas experiências, sendo incapaz de responder a elas, e dorme toda sua longa noite em tranquilo repouso.⁴⁸ Quando é chegado o momento da reencarnação e a presença do átomo permanente torna possível a fertilização do óvulo do qual um novo corpo deve nascer⁴⁹, sua tônica ressoa e é uma das forças que guiam o construtor etérico, o elemental encarregado da construção do corpo físico na escolha dos materiais adequados para sua obra, pois ele não pode usar nada que não esteja até certo ponto em sintonia com o átomo permanente. Mas ele é apenas *uma* das forças; o *karma* das vidas pretéritas, mental e emocional, e aquele relacionado a outras pessoas exigem materiais capazes das mais variadas expressões. Em função desse *karma*, os Senhores do *Karma* escolhem o que é congruente, ou seja, que pode ser expresso através do corpo de um grupo material particular. Essa massa congruente de *karma* determina o grupo material que deve prevalecer sobre o átomo permanente; e a partir desse grupo, o elemental escolhe materiais tais que possam vibrar em harmonia com o átomo permanente, ou em discordâncias que não causem ruptura devido à inerente violência dos mesmos.

Por isso, como dissemos, o átomo permanente é apenas uma das forças que determinam a terceira cor, ou tônica, ou temperamento, que caracteriza

cada um de nós. De acordo com esse temperamento se dará o momento do nascimento do corpo; ele deve nascer no mundo no momento em que as influências planetárias físicas sejam favoráveis ao seu terceiro temperamento, nascendo assim “sob” sua “estrela” astrológica. Não é preciso dizer que não é a estrela que impõe o temperamento, mas é o temperamento que fixa a época do nascimento sob essa estrela. E aí jaz a explicação das correspondências entre estrelas anjos estelares, por assim dizer e caracteres, e a utilidade, para propósitos educacionais, de um mapa astrológico hábil e cuidadosamente elaborado, como guia para o temperamento pessoal de uma criança.

Que possam existir resultados tão complicados, capazes de imprimir suas peculiaridades na matéria circundante em espaço tão diminuto como o de um átomo, pode, na verdade, parecer inconcebível contudo, assim é. E vale a pena notar que a ciência aprova ideia semelhante, já que se supõe que os bióforos infinitesimais na célula germinal de Weismann transmitem à sua descendência as características de sua linha de progenitores.⁵⁰ Enquanto um dá ao corpo as peculiaridades físicas de seus ancestrais, o outro supre as que foram adquiridas pelo homem em desenvolvimento durante sua própria evolução. H. P Blavatsky esclarece bem o assunto:

O embriologista e filósofo alemão passando por sobre os gregos Hipocrates e Aristóteles, remontando aos ensinamentos dos antigos arianos mostra uma célula infinitesimal, a partir de milhões de outras, trabalhando na formação de um organismo, determinando sem ajuda e sozinha, por meio de constante segmentação e multiplicação, a imagem correta do homem, ou animal, futuro, em suas características físicas, mentais e psíquicas [...]. Complete-se o plasma físico acima mencionado, a ‘célula germinal’ do homem com todas as suas potencialidades materiais, com o ‘plasma espiritual’, por assim dizer, ou o fluido que contém os cinco princípios inferiores dos Dhyanis de seis princípios, e o segredo é obtido, se a pessoa for suficientemente espiritualizada para compreendê-lo.⁵

Um pequeno estudo da hereditariedade física à luz dos ensinamentos de Weismann será suficiente para convencer o estudante das possibilidades de um corpo tal como o átomo permanente. Um homem reproduz as

características de um longínquo antepassado e exhibe uma peculiaridade física que caracterizou um antepassado de há muitos séculos. Podemos chegar à origem do nariz dos Stuarts^{51 52} através de uma longa série de retratos, podendo ser encontrados inúmeros casos de tais semelhanças. Por que então, deveria haver algo de extraordinário na ideia de que um átomo possa acumular dentro de si não bióforos, como na célula germinal, mas tendências para repetir inúmeras vibrações já experienciadas?

Não existe mais dificuldade espacial do que no caso de uma corda, da qual inúmeras notas podem ser obtidas pressionando-a em diferentes pontos, cada nota contendo numerosos harmônicos. Não devemos pensar no infinitesimal espaço de um átomo abarrotado de inúmeros corpos em vibração, mas de um número limitado de corpos, cada um capaz de estabelecer inúmeras vibrações.

Na verdade, mesmo a dificuldade espacial é ilusória, pois não existem limites para o muito pequeno nem para o muito grande. A ciência moderna vê agora no átomo um sistema de mundos a girar, cada mundo em sua própria órbita, o todo se assemelhando a um sistema solar. O mestre da ilusão, o espaço, tal qual seu irmão também mestre, o tempo, não pode nos amedrontar aqui. Não existe limite para as possibilidades de subdivisão no pensamento, e, portanto, tampouco na expressão do pensamento que chamamos de “matéria”.

O número normal de espirilas funcionando nos átomos permanentes nesta Ronda é de quatro, tal como nos átomos livres comuns de matéria neste estágio de evolução em geral. Mas peguemos o átomo permanente no corpo de um homem altamente evoluído, um homem muito mais evoluído do que seus pares. Em tal caso podemos encontrar o átomo permanente com cinco espirilas funcionando, e podemos encontrar a resposta para este fato nos materiais de seu corpo em geral. Na vida pré-natal, a presença desse átomo permanente com cinco espirilas faria com que o elemental construtor selecionasse entre seus materiais quaisquer átomos semelhantes que

estivessem disponíveis. No geral, teria que usar o que pudesse encontrar, que estivesse em conexão temporária com qual-quer corpo cujo centro fosse um átomo permanente com cinco espirilas. Sua presença tenderia a despertar neles uma atividade correspondente, especialmente e talvez somente se tivesse participado do cérebro ou dos nervos do inquilino altamente evoluído do corpo. A quinta espirila teria se tornado cada vez menos ativa neles, e embora retornasse à inatividade após deixar um corpo assim, sua atividade temporária a teria predisposto a responder mais prontamente no futuro à corrente de vida *monádica*. Tais átomos, então, seriam selecionados pelo elemental para sua obra, tanto quanto possível. Surgindo uma oportunidade, ele também se apropriaria dos átomos que pudesse guardar dos corpos paterno ou materno se fossem de uma ordem elevada, e os colocaria sob seus cuidados. Após o nascimento, e ao longo de toda a vida, esse corpo atrairia para si quaisquer átomos semelhantes que se aproximassem de seu campo magnético. Esse corpo, na companhia de pessoas altamente evoluídas, iria beneficiar-se excepcionalmente dessa proximidade, apropriando-se de quaisquer átomos com cinco espirilas que estivessem presentes na abundância de partículas expelidas de seus corpos, favorecendo-se física, mental e moralmente de sua companhia.

O átomo astral permanente mantém relação exatamente idêntica com o corpo astral à que o átomo físico permanente mantém com o corpo físico. Ao final da vida em *kāmalokā* purgatório a teia de vida dourada retira-se do corpo astral, deixando-o se desintegrar como fizera seu camarada físico anteriormente e envolve o átomo astral permanente para o longo sono que lhe sobrevirá.

Uma relação semelhante existe entre o corpo mental e o átomo mental permanente durante as vidas física, astral e mental. Nos primeiros estágios da evolução humana, pouco progresso é alcançado pela unidade mental permanente nas breves vidas *devachânicas*, não apenas por causa da brevidade mas porque as fracas formas-pensamento produzidas pela

inteligência não desenvolvida afetam muito pouco a unidade permanente. No entanto, quando o poder do pensamento está mais desenvolvido, a vida *devachânica* é um período de grande progresso, e inúmeras energias vibratórias são armazenadas, mostrando o valor que têm quando é chegado o momento da construção de um novo corpo mental para o próximo ciclo de reencarnação. No encerramento da vida mental no *devachan*, a teia dourada retira-se do corpo mental deixando-o também a se desintegrar, enquanto envolve a partícula mental; e somente a tríade inferior de átomos permanentes permanece como representante dos três corpos inferiores, onde é armazenada, como foi dito anteriormente, como uma partícula radiante, semelhante a um núcleo, dentro do corpo causal. Assim, eles são tudo o que resta ao Ego de seus corpos nos mundos inferiores, quando o ciclo de experiência é completado eles que eram seu meio de comunicação com os planos inferiores durante a vida desses corpos.

Quando é chegado o período de renascimento, uma palpitação de vida oriunda do Ego desperta a unidade mental; a teia de vida começa a desabrochar novamente, e a unidade vibratória age como um ímã, atraindo para si materiais com poderes vibratórios que se assemelhem ou correspondam ao seu próprio. Os Seres Brilhantes do segundo reino elemental põem esses materiais ao seu alcance. Nos primeiros estágios da evolução eles dão à matéria a forma de uma nuvem indefinida em torno da unidade permanente; mas à medida que a evolução prossegue, o Ego exerce uma influência sempre crescente sobre a moldagem. Quando o corpo mental está parcialmente formado, a palpitação de vida desperta o átomo astral e se segue o mesmo procedimento. Finalmente, o toque de vida alcança o átomo físico, e ele age da maneira já descrita anteriormente.

Alguém poderá perguntar: Como podem esses átomos permanentes ser armazenados dentro do corpo causal sem perder suas naturezas física, astral e mental, já que o corpo causal existe num plano superior, onde o físico, como físico, não pode estar? Essa pessoa está esquecendo, por um instante,

que todos os planos são interpenetrantes, e que não é mais difícil para o corpo causal envolver a tríade dos planos inferiores do que envolver as centenas de milhões de átomos que formam os corpos mental, astral e físico a ele pertencentes durante um período de vida terrena. A tríade forma uma partícula infinitesimal no interior do corpo causal; cada parte constituinte dele pertence a seu próprio plano, mas, como os planos têm pontos de interseção em toda parte, não surge dificuldade à necessária justaposição. Estamos todos em todos os planos o tempo todo.

5. A Ação da Mônada sobre os Átomos Permanentes

Podemos aqui questionar: Haverá algo que possa ser devidamente chamado de ação *monádica* a ação da Mônada no plano *Anupadakã* sobre o átomo permanente? Não há nenhuma ação direta nem pode haver até que a embrionária tríade tenha alcançado um elevado estágio de evolução; há continuamente a ação indireta, a ação sobre a tríade espiritual, que por sua vez age sobre a inferior. Mas para todos os propósitos práticos, podemos considerá-la como a ação da tríade espiritual, que, como vimos, é a Mônada velada em matéria mais densa do que a de seu próprio plano.

A tríade espiritual extrai do Segundo Logos a maior parte de sua energia, e toda a capacidade diretiva dessa energia, banhada como está [a tríade] nessa corrente de vida. O que pode ser chamado de sua própria atividade especial não está voltado a toda a atividade de moldagem e construção da Segunda Onda de Vida, e sim à evolução do próprio átomo, em associação com o Terceiro Logos.

Essa energia da tríade espiritual confina-se aos subplanos atômicos, e até a quarta Ronda parece concentrar-se principalmente nos átomos permanentes, estando primeiramente direcionada à moldagem e depois à vivificação das espirilas que formam a parede do átomo. O vórtice, que é o

átomo, é a vida do Terceiro Logos; mas a parede de espirilas é gradualmente formada na superfície externa desse vórtice durante a descida do Segundo Logos, não vivificada por Ele, mas fracamente marcada sobre a superfície desse rodopiante vórtice de vida. Elas permanecem com relação ao Segundo Logos simplesmente como esses diáfanos canais não usados; porém, logo que a vida da Mônada flui para baixo, ela penetra no primeiro desses canais, modificando-o e tornando-o uma porção ativa do átomo. E assim prossegue através das Rondas sucessivas; e quando chegamos à quarta Ronda, temos quatro distintas correntes de vida de cada Mônada, circulando através de quatro conjuntos de espirilas em seus próprios átomos permanentes.

Agora, à medida que a Mônada atua no átomo permanente promovendo-o a núcleo do corpo, ela começa a atuar de modo análogo nos átomos que estão congregados em torno desse átomo permanente, vivificando-lhes as espirilas. Mas essa é uma vivificação temporária, não contínua, como no caso do átomo permanente. Assim, ela traz à atividade essas diáfanas partículas, formadas pela Segunda Onda de Vida. E quando a vida do corpo é interrompida, os átomos assim estimulados retornam à grande massa de matéria atômica, aperfeiçoados e trabalhados durante sua conexão com o átomo permanente, pela vida que os esteve vivificando.

Estando desenvolvidos dessa maneira, os canais são mais capazes de facilmente receber outra corrente de vida semelhante, à medida que penetram outro corpo e aí entram em relação com o átomo permanente pertencente a alguma outra Mônada. Dessa forma, esse trabalho prossegue ininterrupto nos planos físico e astral e na partícula de matéria mental no plano mental, aprimorando os materiais com os quais as Mônadas estão conectadas permanente ou temporariamente; e essa evolução dos átomos continua sem interrupção sob a influência das Mônadas. Os átomos permanentes evoluem mais rapidamente por causa da continuidade de sua

ligação com a Mônada, enquanto os outros se beneficiam pela repetida associação temporária com os átomos permanentes.

Durante a primeira Ronda da Cadeia terrestre, o primeiro conjunto de espirilas dos átomos do plano físico é vivificado pela vida da Mônada fluindo através da tríade espiritual. Esse é o conjunto de espirilas usado pelas correntes prânicas, ou de alento vital, que afetam a parte densa do corpo físico. Semelhantemente, na segunda Ronda o segundo conjunto de espirilas é ativado, e através dele fluem as correntes prânicas ligadas ao duplo etérico. Durante essas duas Rondas nada pode ser encontrado em conexão com qualquer forma que possa ser chamado de sensação de prazer e dor.

Na terceira Ronda, o terceiro conjunto de espirilas é vivificado, e aqui aparece pela primeira vez aquilo que é chamado de sensibilidade; pois através dessas espirilas a energia *kâmica*, ou do desejo, pode afetar o corpo físico, o prana *kâmico* pode fluir delas e dessa maneira colocar o físico em comunicação direta com o astral. Durante a quarta Ronda o quarto conjunto de espirilas é vivificado e o prana *kâma-manásico* flui através delas, capacitando-as para serem usadas na construção de um cérebro que deve agir como instrumento para o pensamento.

Quando alguém transcende a evolução humana normal e assume a evolução supra-humana, na preparação para a entrada na Senda que existe além da evolução normal, ele tem então, com relação aos átomos permanentes, uma tarefa de enorme dificuldade. Ele deve vivificar mais conjuntos de espirilas do que há vivificados na humanidade de sua época. Quatro conjuntos de espirilas já estão à sua disposição, como homem da quarta Ronda. Ele começa a vivificar um quinto conjunto, trazendo à manifestação o átomo da quinta Ronda, embora esteja ainda trabalhando num corpo da quarta. É a isto que é feita alusão em alguns antigos livros teosóficos nos quais é dito que homens da quinta e da sexta Rondas estão surgindo em nossa humanidade atual. Os assim designados desenvolveram

o quinto e sexto conjuntos de espirilas em seus átomos permanentes, obtendo assim um instrumento melhor para o uso de suas consciências altamente desenvolvidas. A mudança é produzida por certas práticas de *yoga*, que requerem grande precaução, para que não causem danos ao cérebro em que esse trabalho está sendo levado a cabo e para que o progresso futuro nessa linha particular não seja interrompido durante a atual encarnação.

44 *Evolution of Life and Form*, de Annie Besant, pp. 132-3. (The Theosophical Publishing House, Adyar).

45 Este termo é usado para denotar várias coisas, mas sempre com o mesmo sentido, como o fio que une partes separadas. É aplicado ao Ego reencarnante como o fio no qual muitas vidas separadas estão engastadas; ao Segundo Logos, como o fio no qual os seres de Seu universo estão engastados; etc. Denota uma função, e não uma entidade especial ou classe de entidades.

46 Não existe em inglês uma denominação para essa passagem; é um vaso, ou um canal que vai do coração ao ventrículo esquerdo, conhecido de todos os estudantes de *yoga* por esse termo. O *sushumnã* primário é a medula espinhal.

47 *The Pedigree of Man*, Annie Besant, p. 24. [Na edição brasileira, *A Genealogia do Homem*, N. E.].

48 H. P Blavatsky insinua algo quanto a esses “átomos adormecidos” em *The Secret Doctrine*, vol. IV, p. 242, 5a ed., Adyar. [Na edição brasileira, *A Doutrina Secreta*, tal “insinuação” também está no vol. IV, p. 242. N. E.].

49 H. P Blavatsky dá ao núcleo permanente dos 2 1/2 planos inferiores o nome de “os átomos-vida”; diz ela: “Os átomos-vida de nosso princípio ‘vida’ (*prāṇa*) jamais se perdem totalmente quando o homem morre;” eles são “transmitidos de pai para filho” (*The Secret Doctrine*, vol. IV, p. 241, 5a. ed. Adyar) [Na tradução brasileira, os trechos citados também estão no vol. IV, p. 241. N. E.].

50 O termo “bióforo” foi empregado pelo biólogo alemão August Weismann (1834-1914), fundador do neodarwinismo e criador da teoria, entre outras, do plasma germinativo. [N. E.].

51 *The Secret Doctrine*, vol. I, p. 270, 5a. ed., Adyar. [Em *A Doutrina Secreta*, a citação se encontra no vol. I, p. 259. N. E.].

52 Dinastia inglesa. [N. E.].

V. ALMAS-GRUPO

1. O Significado do Termo

Em termos gerais, uma alma-grupo é uma coleção de tríades permanentes num tríplice envoltório de essência *monádica*. A descrição é verdadeira com relação a todas as almas-grupo funcionando no plano físico, mas não dá ideia da extrema complexidade do tema das almasgrupo, pois elas se dividem e subdividem constantemente, com o conteúdo de cada divisão e subdivisão diminuindo em número à medida que a evolução prossegue, até que finalmente uma “alma-grupo” engloba apenas uma tríade simples, à qual pode, durante muitos nascimentos, dispensar as funções protetora e nutriente de uma alma-grupo embora tecnicamente não possa mais ser descrita como tal, tendo o “grupo” se separado em suas partes constituintes.

Sete almas-grupos podem ser vistas funcionando no plano físico antes do aparecimento de qualquer forma. Inicialmente elas aparecem como formas vagas, diáfanas, uma em cada corrente da Segunda Onda de Vida no plano mental, tornando-se mais claramente definidas no plano astral e mais ainda no físico. Elas flutuam no grande oceano de matéria como balões poderiam flutuar no mar. Observando-se mais de perto, vemos três camadas separadas de matéria formando um envoltório que contém inúmeras tríades. É claro que antes de ocorrer qualquer mineralização, não se vê nenhuma teia dourada de vida em torno delas só podem ser vistos os fios dourados radiantes que as ligam aos seus *Jivãtmãs*, seus pais, brilhando com aquele estranho fulgor que pertence ao plano em que nasceram.

A mais interna dessas três camadas consiste de essência *monádica* física; isto é, a camada é composta de átomos do plano físico, animados com a vida do Segundo Logos. À primeira vista, essas camadas mais internas parecem idênticas nas sete almas-grupo; mas uma observação mais atenta revela que cada camada é formada de átomos de apenas um dos sete grupos de matéria anteriormente descritos. Cada alma-grupo, portanto, difere em constituição material de todo o restante, e as tríades contidas em cada uma pertencem ao mesmo grupo de matéria. A segunda camada do envoltório da alma-grupo é composta de essência *monádica* astral, pertencente ao mesmo grupo de matéria que a primeira; e a terceira é composta de unidades do quarto subplano de matéria mental do mesmo tipo. Este tríplice envoltório é o protetor e nutriente das tríades contidas dentro de si verdadeiros embriões, incapazes ainda de atividade independente separada.

As sete almas-grupos logo se multiplicam, e a divisão continua com a multiplicação de subtipos distintos, à medida que surgem os imediatos precursores dos elementos químicos e que são seguidos pelos próprios elementos e minerais formados com eles. As leis de espaço, por exemplo independentemente da especialização e do conteúdo da alma-grupo, as tríades permanentes podem levar a uma divisão dessa alma-grupo.

Assim, um veio de ouro na Austrália pode levar à mineralização de muitas dessas tríades dentro de um único envoltório, enquanto a jazida de outro veio em local distante, digamos nas Montanhas Rochosas, pode levar à divisão desse envoltório e à transferência de parte de seu conteúdo para a América em seu próprio envoltório. Porém, as mais importantes causas produtoras de subdivisões serão explicadas ao longo de nosso estudo.

A alma-grupo e seu conteúdo dividem-se por fissão, como uma célula comum uma tornando-se duas; duas, quatro, e assim sucessivamente. Todas as tríades têm de passar pelo reino mineral, onde a matéria alcança sua forma mais grosseira e a grande onda chega ao limite de sua descida,

voltando-se para começar a escalada ascendente. É aqui que a consciência física deve despertar; a vida deve agora voltar-se definitivamente para fora e reconhecer o contato com outras vidas em um mundo externo.

Agora a evolução de cada ser nesses estágios primitivos depende principalmente da vida protetora do Logos, em parte da cooperação e orientação dos Seres Brilhantes, e em parte de sua própria pressão cega contra os limites de sua forma aprisionadora. Eu comparei a evolução através dos reinos mineral, vegetal e animal ao período pré-natal, e a semelhança é correta. Assim como a criança é nutrida pelas corrente de vida da mãe, o envoltório protetor da alma-grupo também nutre as vidas dentro de si, recebendo e distribuindo as experiências acumuladas. A vida circulante é a vida da mãe; os rebentos de plantas, animais e seres humanos ainda não estão prontos para a vida independente, e devem extrair alimento da mãe. Dessa forma as vidas germinantes do reino mineral são nutridas pelas almas-grupo, pelos envoltórios de essência *monádica*, palpitantes de vida *logoica*. Um quadro muito bonito desse estágio pode ser visto no carpelo de uma planta, em que os óvulos aparecem gradualmente, tornando-se cada vez mais independentes.

Para fins de uma clara compreensão e antes de entrar em detalhes, olhemos rapidamente para as mudanças pelas quais passa a alma-grupo à medida que seu conteúdo evolui. Pode-se dizer que, durante a evolução mineral, o habitat da alma-grupo é o seu envoltório mais denso, o físico; sua ação mais ativa é no plano físico. À medida que o conteúdo passa para o reino vegetal, ascendendo através dele, o envoltório físico lentamente desaparece, como se absorvido pelo conteúdo para o fortalecimento de seus próprios corpos etéricos, e sua atividade é transferida para o plano astral, para nutrir as tríades contidas nos corpos astrais. À medida que se desenvolve ainda mais e passa para o reino animal, o envoltório astral é igualmente absorvido, e a atividade da alma-grupo é transferida para o plano mental, nutrindo os incipientes corpos mentais e moldando-os em

contornos cada vez menos vagos. Quando a alma-grupo contém apenas uma tríade simples, e tendo-a nutrido para se tornar pronta para a recepção da terceira efusão, o que resta dela se desintegra formando a matéria do terceiro subplano, tornando-a parte constituinte do corpo causal formado pela grande precipitação de cima ao encontrar a coluna atraída de baixo para usar o símile gráfico de uma tromba d'água. Então ocorre o nascimento do Ego reencarnante para a manifestação independente; acabou a vida pré-natal.

2. As Divisões da Alma-grupo

É no plano físico que a consciência deve primeiramente se transformar em autoconsciência, mas deve tornar-se perceptiva de um mundo externo que causa impactos sobre ela e aprender a referir esses impactos ao mundo externo, compreendendo como suas as mudanças que sofre em consequência desses impactos. Através de prolongadas experiências, aprenderá a identificar consigo mesma o sentimento de prazer ou dor que segue o impacto e a considerar como não sendo ela mesma aquilo que toca sua superfície externa. Assim fará sua primeira distinção grosseira entre “não eu” e “eu”.

À medida que as experiências aumentam, o “eu” irá retrair-se cada vez mais, e véu após véu de matéria será considerado coisa externa, pertencente ao “não eu”; embora mudem suas conotações, essa distinção fundamental entre sujeito e objeto sempre permanecerá. O “eu” é a consciência que deseja, pensa, age; enquanto o “não eu” é tudo a respeito de que ela deseja, a respeito do qual pensa, e sobre o qual age. Posteriormente consideraremos a maneira como a consciência torna-se autoconsciência, mas por enquanto estamos preocupados apenas com sua expressão nas formas e com o papel desempenhado pelas formas.

Essa consciência despertada no plano físico e sua expressão é o átomo permanente. Nesse plano, ela fica adormecida: “Ela dorme no mineral.” E aí deve ocorrer um despertar semelhante a um sono mais leve, para que possa ser despertada desse profundo sono sem sonhos e tornar-se suficientemente ativa para passar para o estágio seguinte: “Ela sonha no vegetal”.

Agora o Segundo Logos, agindo no envoltório das almas-grupo, energiza os átomos físicos permanentes e, por mediação dos Seres Brilhantes, como vimos, mergulha-os nas várias condições oferecidas pelo reino mental, onde cada um afixa a si muitas partículas minerais. Imediatamente vemos aqui uma grande variedade de possibilidades de impactos, levando a uma variedade de experiências e, em breve, a linhas de divisão na alma-grupo. Alguns serão lançados para o ar para cair nas torrentes de lava incandescente; alguns serão expostos ao frio ártico; outros, ao calor tropical; alguns serão esmagados e revestidos em metal derretido nas entranhas da terra; e alguns permanecerão na areia, sendo arremessados por ondas enfurecidas. Uma variedade infinita de impactos externos irá sacudir, atingir, queimar e congelar, e a consciência profundamente adormecida responderá com vagas vibrações simpáticas. Quando algum átomo permanente tiver atingido certa capacidade de responder ou quando é rompida uma forma mineral isto é, as partículas às quais um átomo permanente se tenha afixado -, a alma-grupo retira aquele átomo da forma que o continha. Todas as experiências adquiridas por aquele átomo e isso significa as vibrações a que foi forçado executar permanecem como particulares poderes de vibração, ou como “poderes vibratórios”. Esse é o resultado de sua vida numa forma.

O átomo permanente, perdendo sua vestimenta e permanecendo despido, por assim dizer, durante certo tempo em sua alma-grupo, e continuando a repetir essas vibrações, para acumular dentro de si as experiências de sua vida, estabelece pulsos que percorrem o envoltório da

alma-grupo, sendo desse modo transportados a outros átomos permanentes assim, cada átomo afeta e auxilia todos os outros enquanto permanece ele mesmo. Os átomos permanentes que tiveram experiências de caráter semelhante serão mais fortemente afetados do que aqueles cujas experiências foram muito diferentes; dessa forma haverá certa segregação dentro da alma-grupo, e logo uma diáfana parede separadora crescerá internamente e dividirá esses grupos segregados; haverá, então, um número sempre crescente de almas-grupo com conteúdos que mostram uma distinção sempre crescente de consciência, enquanto compartilham características fundamentais.

Agora, as respostas da consciência aos estímulos externos no reino mineral são muito maiores do que muitos imaginam, e algumas delas são de uma natureza que mostram que existe um despertar da consciência também no átomo permanente astral. Pois os elementos químicos apresentam atrações mútuas distintas, e os relacionamentos maritais químicos são continuamente desorganizados pela intromissão de casais, um ou outro dos quais tem uma afinidade mais forte por um dos parceiros no casamento antigo do que o parceiro original. Assim, um casal mutuamente fiel até aqui, formando um sal de prata, logo se tornará infiel se outro casal, ácido clorídrico, penetrar em seu lar pacífico; e a prata saltará sobre o cloro e tomá-lo-á como marido, preferindo ele a seu parceiro anterior, e estabelecerá um novo lar como cloreto de prata, deixando o traído hidrogênio para juntar-se à sua própria parceira abandonada. Onde quer que se deem essas trocas ativas ocorre uma ligeira agitação no átomo astral, como consequência das violentas vibrações físicas estabelecidas pela separação brusca e formação de laços íntimos, e aparecem vagas palpitações internas.

O astral deve ser despertado a partir do físico, e a consciência no plano físico durante longo tempo irá liderar a evolução. Uma pequena nuvem de matéria astral é ainda atraída em torno do átomo astral permanente por

essas leves palpitações, mas é muito difusa e parece bastante desorganizada. Não parece haver qualquer vibração no átomo mental nesse estágio.

Após eras de experiência no reino mineral, alguns átomos permanentes estarão prontos para passar ao reino vegetal e serão distribuídos por intermédio dos Seres Brilhantes no mundo vegetal. Não se deve supor que cada folha de capim, cada planta, contenha um átomo permanente dentro de si, evoluindo até atingir a humanidade durante a vida deste sistema. Tal como no reino mineral, o mesmo se dá aqui o reino vegetal forma o campo de evolução para esses átomos permanentes, e os Seres Brilhantes guiam-nos de habitat a habitat para que possam experimentar vibrações que afetam o mundo vegetal, e mais uma vez armazenem essas vibrações como poderes vibratórios tal qual anteriormente. Os princípios de troca mútua e de subsequente segregação funcionam exatamente como antes, e as almas-grupo em cada corrente de evolução tornam-se mais numerosas e mais diferentes em suas características capitais.

No nosso atual estágio de conhecimento, as leis segundo as quais os átomos permanentes numa alma-grupo são mergulhados nos reinos da natureza não são de modo algum claras. Muitos aspectos parecem indicar que a evolução dos reinos mineral, vegetal e da parte inferior do animal pertence mais à evolução da Terra do que à dos *Jivãtmãs*, representantes das Mônadas que estão evoluindo dentro do Sistema Solar e que, no devido tempo, vêm à Terra em busca de sua própria evolução, utilizando as condições que a Terra oferece. A relva e plantas pequenas de todo tipo parecem estar relacionadas à Terra tal como os cabelos do homem estão relacionados ao seu corpo, e não ligados às Mônadas representadas pelos *Jivãtmãs* em nosso universo quádruplo. A vida nelas mantendo-as unidas como formas parece ser a do Segundo Logos; e a vida nos átomos e moléculas que as compõem parece ser a do Terceiro Logos, apropriada e modificada pelo Logos Planetário de nosso sistema de cadeias, e depois apropriada e modificada pelo Espírito da Terra uma entidade envolta em

grande obscuridade. É verdade que esses reinos oferecem um campo para a evolução dos *Jivãtmãs*, mas aparentemente não existem totalmente para este propósito.

Encontramos átomos permanentes espalhados através dos reinos mineral e vegetal, mas somos incapazes de perquirir as razões que governam sua distribuição. Um átomo permanente pode ser encontrado numa pérola, num rubi, num diamante; muitos podem ser encontrados espalhados através de veios minerais, etc. Por outro lado, muitos minerais parecem não conter nenhum átomo permanente. O mesmo se dá com as plantas que têm vida curta. Mas nas plantas de vida longa, tais como as árvores, átomos permanentes são constantemente encontrados. No entanto aqui novamente a vida da árvore parece estar mais intimamente relacionada à evolução *dévica* do que à evolução da consciência à qual o átomo permanente está afixado. É como se a evolução da vida e da consciência na árvore fosse mais vantajosa para o benefício do átomo permanente: ele parece viver aí mais como um parasita, beneficiando-se da vida mais altamente desenvolvida na qual é banhado. O fato é que, até aqui, nosso conhecimento sobre esses assuntos é extremamente fragmentário.

Há atividade mais perceptível no átomo astral permanente durante o transcurso do acúmulo de experiências vegetais pelo átomo físico, e ele atrai ao redor de si matéria astral preparada pelos Seres Brilhantes de um modo um tanto mais definido. Na longa vida de uma árvore da floresta, a crescente agregação de matéria astral desenvolve-se em todas as direções enquanto forma astral da árvore, e a consciência afixada aos átomos permanentes compartilha, até certo ponto, do meio ambiente, experienciando através da forma astral as vibrações que causam grande prazer ou desconforto sendo essas vibrações o resultado daquelas estabelecidas na árvore física pelo Sol e pela tempestade, vento e chuva, frio e calor. Com a morte da árvore, o átomo astral permanente retira-se

para sua alma-grupo, agora estabelecida no plano astral com um rico estoque de experiências, compartilhadas da maneira anteriormente descrita.

Além disso, à medida que a consciência torna-se mais responsiva no astral, ela envia pequenas palpitações até o plano físico, as quais dão origem a sentimentos percebidos como sendo físicos, mas realmente derivados do astral. Onde houve uma longa vida separada, como numa árvore, a unidade mental permanente começará também a atrair ao redor de si uma pequena nuvem de matéria mental, na qual a repetição das estações lentamente irá imprimir-se como uma vaga memória, que inevitavelmente torna-se uma vaga antecipação.⁵³

Finalmente alguns átomos físicos permanentes estão prontos para passar para o reino animal, e mais uma vez a mediação dos Seres Brilhantes guia-os para as formas animais. Durante os últimos estágios de evolução no reino vegetal parece ser regra que cada tríade os átomos físico e astral, e a unidade mental terá uma experiência prolongada numa forma simples, para que possam ser experienciadas algumas vibrações da vida mental e a tríade possa assim estar preparada para se beneficiar da vida errante do animal. Mas parece também que em alguns casos a passagem para o reino animal é feita num estágio anterior, e que a primeira palpitação na unidade mental ocorre em alguma das formas estacionárias da vida animal e em organismos animais muito inferiores.

Nos mais inferiores tipos de animais também parecem prevalecer condições semelhantes às descritas como existentes nos reinos mineral e vegetal. Micróbios, amebas, hidras, etc. mostram apenas um átomo permanente como visitante de vez em quando, e obviamente não dependem dele absolutamente para viver e crescer, nem se rompem quando o átomo permanente é retirado. Eles são hospedeiros, não corpos formados em torno de um átomo permanente. E é notável que, neste estágio, a teia dourada de vida de modo algum representa a organização do corpo do hospedeiro, agindo meramente como radículas agem no solo, atraindo partículas do solo

para si de onde sugam nutrientes. Os átomos permanentes no reino animal receberam e estocaram muitas experiências antes de serem usadas pelos Seres Brilhantes como centros em torno dos quais formas devem ser construídas.

Obviamente, no reino animal os átomos permanentes recebem vibrações muito mais variadas do que nos reinos inferiores, e conseqüentemente se diferenciam mais rapidamente, com o número de tríades na alma-grupo diminuindo rapidamente à medida que essa diferenciação prossegue; e por isso a multiplicação de almas-grupo continua com crescente rapidez. Quando se aproxima o período de individualização, cada tríade separada passa a possuir seu próprio envoltório, obtido da almagrupo, e assume sucessivos corpos como entidade separada, embora ainda dentro do invólucro protetor e nutriente da essência *monádica*.

Grande número de animais superiores domesticados alcançou este estágio; e verdadeiramente se tornaram entidades reencarnantes separadas, embora sem possuir ainda um corpo causal marca característica da individualização. O envoltório derivado da alma-grupo serve como corpo causal, mas consiste apenas da terceira camada, como foi previamente indicado, sendo portanto composto de moléculas derivadas do quarto grau de matéria mental, aquele que corresponde ao éter mais grosseiro do plano físico. Seguindo a analogia com a vida humana pré-natal, vemos que este estágio corresponde aos dois últimos meses. Um bebê de sete meses pode nascer e sobreviver, mas será mais forte, mais saudável, mais vigoroso se aproveitar durante os outros dois meses a vida nutriente e protetora da mãe. Assim, é melhor para o desenvolvimento normal do Ego que ele não seja apressado em romper o envoltório da alma-grupo, e sim que prossiga absorvendo vida através dele, fortalecendo com seus constituintes a parte mais delicada de seu próprio corpo mental. Quando aquele corpo alcança o limite de seu crescimento sob essas condições protetoras, o envoltório

desintegra-se e se transforma em moléculas mais sutis do subplano acima dele, tornando-se, como observado acima, parte do corpo causal.

É o conhecimento desses fatos que tem às vezes feito com que ocultistas alertem as pessoas que gostam de animais para não exagerar no afeto, nem o demonstrar por meios insólitos. O crescimento do animal pode ser nocivamente forçado, e sua individualização, apressada prematuramente. O homem, para preencher corretamente seu lugar no mundo, deve buscar entender a Natureza e trabalhar com suas leis, acelerando a ação dessas leis pela cooperação de sua inteligência, mas não ao ponto de tornar o crescimento débil e seu resultado frágil e “fora de época”. É verdade que o Senhor da Vida busca a cooperação humana na realização da evolução, mas a cooperação deve seguir as linhas estabelecidas por Sua sabedoria.

53 *Thought-Power Its Control and Culture*, Annie Besant, pp. 59-62. [No Brasil, o livro foi publicado com o título *O Poder do Pensamento Seu Controle e Cultivo*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1993. N. E.].

VI. A UNIDADE DE CONSCIÊNCIA

1. A Consciência Una

Ao estudar as múltiplas manifestações da consciência, estamos propensos a esquecer dois fatos importantes: primeiro, que a consciência de cada homem é uma unidade, por mais separada e diferente que possam parecer suas manifestações; segundo, que todas essas unidades são parte da consciência do Logos e, por isso, reagem de modo similar sob condições semelhantes. Não podemos estar constantemente nos lembrando de que a consciência é una; de que todas as consciências aparentemente separadas são verdadeiramente *uma*, tal como o mar poderia transbordar através de muitos buracos num dique. A água do mar poderia sair dos buracos com cores diferentes se o dique fosse composto de terras de diferentes cores, mas ainda seria a mesma água do mar; sob análise, mostraria a presença dos mesmos sais característicos. Assim, todas as consciências são oriundas do mesmo oceano de consciência e têm muitas identidades essenciais. Veladas no mesmo tipo de matéria, agirão da mesma maneira, revelando a identidade fundamental de sua natureza.

No que diz respeito a suas manifestações, a consciência individual parece ser uma complexidade, em vez de uma unidade; e a moderna Psicologia fala de personalidade dual, tripla e múltipla, perdendo de vista a unidade fundamental em meio à confusão da multiplicidade. Contudo, nossa consciência é verdadeiramente uma unidade, e a variedade deve-se aos materiais nos quais atua.

A consciência comum de vigília do homem é a consciência atuando através do cérebro físico segundo certa proporção imposta por esse órgão,

condicionada por todas as condições desse cérebro, limitada por todas as suas limitações, estorvada pelos vários obstáculos que ele oferece, contida por um coágulo sanguíneo, silenciada pela deterioração do tecido. A todo momento o cérebro obstrui suas manifestações, enquanto ao mesmo tempo ele é, no plano físico, seu único instrumento de manifestação possível.

Quando a consciência, retirando a atenção do mundo físico externo, ignora a parte mais densa do cérebro físico e usa apenas suas porções etéricas, suas manifestações de imediato mudam de caráter. A imaginação criativa se entretém na matéria etérea; e atraindo tudo ali acumulado do mundo externo por seu criado mais denso, organiza, dissocia e recombina tudo segundo sua própria fantasia, criando os mundos inferiores do sonho.

Durante algum tempo, quando põe de lado sua vestimenta etérica, desviando sua atenção completamente do mundo físico, desprende-se dos grilhões da matéria física e viaja à vontade pelo mundo astral, ou flutua através dele inconscientemente, voltando toda sua atenção para o seu próprio conteúdo, recebendo muitos impactos do mundo astral, os quais ignora ou aceita segundo seu estágio de evolução ou o humor do momento. Se tiver de se manifestar a um observador externo como pode acontecer sob a condição de transe hipnótico demonstra poderes tão superiores ao que manifestava quando aprisionada no cérebro físico que o observador, julgando apenas pelas aparências físicas, pode muito bem considerá-la como uma consciência diferente.

A diferença é ainda maior quando o corpo astral entra em transe, a Ave Celeste aparece elevando-se a regiões mais sublimes, e seu voo esplêndido encanta tanto o observador que ele a considera um novo ser, e não mais a mesma entidade que rastejava no mundo físico. Contudo, verdadeiramente é sempre a mesma; as diferenças estão nos materiais aos quais está ligada e através dos quais atua, e não em si mesma.

Quanto ao segundo fato importante acima relatado, o homem ainda não está suficientemente desenvolvido para apreciar qualquer evidência com

relação à unidade da consciência em sua atuação acima do plano físico, mas sua unidade no plano físico está sendo demonstrada.

2. A Unidade de Consciência Física

Em meio à imensa variedade dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, perdeu-se de vista a subjacente unidade de consciência física, e têm-se estabelecido amplas linhas de ruptura que na realidade não existem. A vida tem sido totalmente negada ao mineral, com dificuldade concedida ao vegetal. E H. P Blavatsky foi ridicularizada quando declarou que uma só Vida, uma Consciência, tudo forma e vivifica:

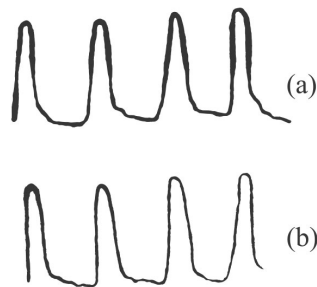
A cada dia é mostrada com cada vez mais clareza a identidade entre o animal e o homem físico, entre o vegetal e o homem, e mesmo entre o réptil e seu ninho, a rocha e o homem, sendo idênticos os constituintes físicos e químicos de tudo. A ciência química pode dizer que não existe diferença entre a matéria que compõe o boi e a que forma o homem, mas a doutrina oculta é muito mais explícita. Ela diz: Não apenas os compostos químicos são os mesmos, mas as mesmas vidas infinitesimais e invisíveis compõem os átomos dos corpos da montanha e da margarida, do homem e da formiga, do elefante e da árvore que lhe dá sombra. Cada partícula quer você a chame de orgânica ou inorgânica é uma vida.^{5H}

Se isto for verdadeiro, deveria ser possível obter desses minerais, vegetais, animais e homens todos eles vivos evidência de uma identidade de vida, de sensibilidade, de resposta a estímulos; e embora possamos admitir livremente que devemos esperar encontrar gradações de sensibilidade, à medida que ascendemos a escada da vida, que devemos esperar que as manifestações tornem-se mais plenas e mais complexas, algumas manifestações definidas de sensibilidade devem ser encontradas em tudo que partilha da vida una. Não havia evidência disto quando H. P Blavatsky escreveu; mas agora há, trazida por um cientista oriental, cuja rara habilidade assegurou sua boa receptividade no Ocidente.

O Doutor Jagadish Chandra Bose, de Calcutá, provou definitivamente que a assim chamada “matéria inorgânica” é responsiva a estímulos, e que a resposta de minerais, vegetais, animais e do homem até onde se possam fazer experimentos é idêntica.

Ele construiu um aparato para medir os estímulos aplicados e mostrar em curvas impressas num cilindro giratório a resposta obtida do corpo ao receber o estímulo. Depois comparou as curvas obtidas no estanho e em outros metais com as obtidas de um músculo. Descobriu que as curvas do estanho eram idênticas às do músculo e que outros metais forneciam curvas de natureza idêntica, mas variavam no período de recuperação.

Foi produzido tétano completo e incompleto como resultado de repetidos choques, e resultados semelhantes foram obtidos tanto no mineral quanto no músculo.



(a) Série de respostas elétricas a estímulos mecânicos sucessivos em intervalos de meio minuto, no estanho. (b) Respostas mecânicas no músculo.

Os metais demonstraram fadiga, sendo o estranho o menos afetado. Reagentes químicos, tais como as drogas, produziram nos metais resultados semelhantes aos dos causados em animais excitação, depressão e morte. (Morte significando a destruição do poder de resposta).

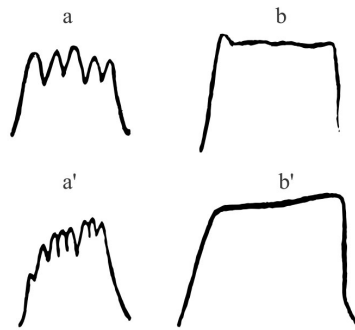
O veneno matará um metal, induzindo uma condição de imobilidade, de modo que nenhuma resposta é obtível. Se o metal envenenado for

socorrido em tempo, um antídoto poderá salvar-lhe a vida.

Um estimulante aumentará a resposta; e descobriu-se que doses grandes ou pequenas de uma droga podem matar e estimular respectivamente, o mesmo acontecendo em metais.

Entre esses fenômenos, como podemos traçar uma linha de demarcação e dizer: Aqui termina o processo físico, e ali começa o fisiológico?

Não existem essas barreiras.⁵⁵



**Efeitos análogos ao tétano (a) incompleto e (b) completo no estanho.
Tétano (a') incompleto e (b') completo no músculo.**



(a) Resposta normal. (b) Efeito do veneno. (c) Revivificação por meio de antídoto.

O Prof. Bose fez uma série de experimentos similares em plantas e obteve resultados semelhantes. Um talo de couve verdejante, uma folha ou outros corpos vegetais podem ser estimulados, e mostrarão curvas semelhantes; podem ser fatigados, excitados, deprimidos, envenenados. Existe algo um tanto patético em se ver o caminho percorrido pelo pequeno

ponto de luz, que registra os pulsos na planta, formando curvas cada vez mais fracas quando a planta está sob a influência de um veneno; a curva torna-se uma desesperadora linha reta, e *para*. A planta está morta. A pessoa sentese como se um assassinato tivesse sido cometido como de fato o foi.⁵⁶

Essa série de experimentos admiráveis confirmou o ensinamento da ciência oculta sobre a universalidade da vida.

O Sr. Marcus Reed fez observações microscópicas que mostram a presença de consciência no reino vegetal. Ele observou sintomas semelhantes ao medo quando o tecido é ferido, e posteriormente viu que células masculinas e femininas, flutuando no fluido vital da planta, tornamse perceptivas da presença umas das outras sem haver contato; a circulação acelera-se e elas avançam para o encontro.⁵⁷

Mais de três anos após a publicação dos experimentos do Professor Bose, surgiram algumas confirmações interessantes sobre suas observações no estudo realizado pelo senhor Jean Becquerel sobre os raios-N, comunicado por ele à Academia de Ciências de Paris. Animais sob efeito de clorofórmio deixam de emitir esses raios, que jamais são emitidos por um cadáver. As flores os emitem normalmente, mas sob a ação do clorofórmio a emissão mais uma vez cessa. Assim, animais, flores e metais emitem esses raios igualmente, e igualmente deixam de emití-los sob a ação do clorofórmio.⁵⁸

3. O Significado de Consciência Física

O termo “consciência física” é usado de duas maneiras distintas. E pode ser útil fazermos uma pausa momentânea para defini-lo. O termo é frequentemente usado para indicar o que acima foi chamado de “consciência comum de vigília”, ou seja, a consciência do homem, do

Jivãtmã ou, se se preferir, da Mônada atuando através do *Jivãtmã* e da tríade inferior de átomos permanentes. É também usado no sentido em que aqui o colocamos, como a consciência atuando na matéria física recebendo e respondendo a impulsos físicos; não ligada a qualquer transmissão de impulsos até os planos superiores, ou a quaisquer impulsos enviados ao corpo físico a partir desses planos.

Neste sentido mais estrito e exato, se poderia incluir: (a) quaisquer palpitações oriundas dos átomos e moléculas animados pela vida do Terceiro Logos; (b) quaisquer palpitações oriundas de formas organizadas animadas pela vida do Segundo Logos; e (c) quaisquer palpitações semelhantes oriundas da vida da Mônada, procedentes dos átomos permanentes, não diretamente relacionadas às espirilas.

Quando as espirilas estão ativas, a “consciência comum de vigília” é afetada. Por exemplo, o amoníaco inalado pelo nariz apresenta dois resultados: há uma rápida secreção *essa* é a resposta das células do trato olfativo; há também um “odor” *esse* é o resultado de uma vibração que alcança os centros sensórios no corpo astral, e é aí reconhecida na consciência; a mudança na consciência afeta o primeiro conjunto de espirilas nos átomos do trato olfativo e assim alcança a “consciência de vigília” a consciência atuando no cérebro físico. Somente através das espirilas é que as mudanças na consciência dos planos superiores produzem mudanças na “consciência de vigília”.

Devemos lembrar que, como o Sistema Solar é um campo para a evolução de todas as consciências em desenvolvimento dentro dele, existem áreas semelhantes em seu interior servindo como campos menores.

O homem é o microcosmo do universo, e seu corpo serve como campo de evolução para miríades de consciências menos desenvolvidas do que o seu próprio corpo. Assim, as três atividades acima mencionadas sob (a), (b) e (c) estão todas presentes em seu corpo, e todas penetram a consciência

física e aí atuam, exceto aquela que envolve as espirilas atômicas essa pertence à consciência do *Jivãtmã*.

A atuação da consciência física não afeta diretamente a “consciência de vigília” nos animais superiores nem no homem, mas afetam-na na primeira parte da vida embrionária na alma-grupo, enquanto a consciência do Segundo Logos estava “cuidando” do despertar da consciência dele derivada. Mas a consciência física mergulhou agora abaixo do “limiar da consciência”, embora aparecendo como “a memória da célula”, como a ação seletiva nas glândulas e papilas, e geralmente no desempenho de funções necessárias ao suporte dos corpos. Esta é a atividade inferior da consciência, e (como a consciência funciona cada vez mais ativamente no plano superior) suas operações inferiores não mais atraem sua atenção, tornando-se automáticas.

Ora, é da consciência física que tratam os experimentos do Professor Bose, e é a resposta dessa consciência no estanho e no animal que é idêntica, como mostrado no pulso indicado pelas curvas; o animal sentirá o estímulo enquanto o estanho, não. Esse é o resultado do trabalho adicional da consciência na matéria astral.

Assim, podemos alegar que a consciência, atuando na matéria física, responde a vários tipos de estímulos, e que a resposta é a mesma, seja ela obtida do mineral, do vegetal ou do animal. A consciência mostra as mesmas características de atuação, ela é a mesma. As diferenças que, como já dissemos, observamos à medida que ascendemos, jazem no aprimoramento do instrumento físico, um instrumento que permite que as atividades astrais e mentais não físicas da consciência manifestem-se no plano físico. Homens e animais sentem e pensam melhor do que minerais e vegetais porque sua consciência mais altamente evoluída moldou para si no plano físico esse instrumento muito mais aperfeiçoado; mas mesmo assim, nossos corpos respondem como os corpos inferiores aos mesmos estímulos, e essa consciência puramente física é a mesma em tudo.

No mineral, a matéria astral ligada ao átomo astral permanente está tão pouco ativa e a consciência está aí dormindo tão profundamente que não há atuação perceptível do astral para o físico. Nos vegetais superiores parece haver um tipo rudimentar de sistema nervoso, mas está muito pouco desenvolvido e organizado para servir a qualquer propósito, senão aos mais simples. A atividade agregada no plano astral melhora a vestimenta astral em conexão com a planta, e as vibrações da veste astral afetam a porção etérica do vegetal e sua matéria mais densa. Daí o rudimento de sistema nervoso a que se fez alusão acima.

Quando chegamos ao estágio animal, a atividade muito maior da consciência do plano astral causa vibrações mais poderosas, que passam para o duplo etérico do animal, e, por meio das vibrações etéricas assim causadas, é construído o sistema nervoso. Sua moldagem deve-se ao Logos através da alma-grupo e à assistência ativa dos Seres Brilhantes do terceiro reino elemental, direcionando o trabalho dos etéricos Espíritos da Natureza. Mas o impulso vem da consciência do plano astral atuando no átomo permanente e na veste de matéria astral atraída por ele, despertada à atividade pela alma-grupo. À medida que é formado o primeiro e mais simplificado instrumento, podem ser percebidos impactos mais delicados provenientes do exterior, impactos esses que também auxiliam na evolução. Ação e reação se sucedem, e o mecanismo melhora continuamente em habilidade para receber e transmitir.

A consciência não constrói muita coisa no plano astral nesse estágio, e funciona aí numa veste não organizada; a organização é feita no plano físico pelos vagos e confusos esforços da consciência para se expressar, auxiliados e direcionados pela alma-grupo e pelos Seres Brilhantes. Esse trabalho tem de ser quase que inteiramente completado antes que flua a Terceira Onda de Vida, pois o “homem animal” evoluiu com seus sistemas cerebral e nervoso antes da chegada daquela grande efusão que dá ao *Jivãtmã* um corpo funcional e torna possível a evolução superior do homem.

54 *The Secret Doctrine*, vol. I, p. 304, Ed. Adyar. [Na edição brasileira, *A Doutrina Secreta*, o trecho encontra-se no vol. I, p. 293. N. E.].

55 Detalhes extraídos de um trabalho do Prof. Bose apresentado no Royal Institute em 10 de maio de 1910, intitulado “The Response of Inorganic Matter to Stimulus”.

56 Idem.

57 “Consciousness in Vegetable Matter” (“Consciência na Matéria Vegetal”); Revista *Pall Mall*, junho de 1902.

58 Os raios-N são devidos a vibrações no duplo etérico, que causam ondas no éter circundante. O clorofórmio expele o duplo etérico, causando a cessação das ondas. Na morte o duplo etérico deixa o corpo, e os raios conseqüentemente não são mais observados.

VII. O MECANISMO DA CONSCIÊNCIA

1. O Desenvolvimento do Mecanismo

Num sentido muito real, a totalidade dos corpos do homem forma o mecanismo da consciência como órgãos para desejar, pensar e agir -, mas o sistema nervoso pode ser chamado de seu mecanismo especial, por meio do qual controla e dirige tudo no corpo físico. Cada célula no corpo é composta de miríades de pequeninas vidas⁵⁹, cada qual com sua própria consciência germinal; cada célula possui sua consciência principiante, controlando-as e organizando-as, no entanto a consciência central dirigente, que usa todo o corpo, controla-o e organiza-o, por sua vez; e o mecanismo nervoso através do qual ela funciona para este propósito é o sistema nervoso.

Esse mecanismo nervoso é o resultado de impulsos astrais, e a consciência deve estar ativa no plano astral antes que ele possa ser construído. Os impulsos estabelecidos pela consciência *querendo* experienciar e esforçando-se vagamente para levar a cabo essa vontade causam vibrações na matéria etérica vibrações essas que, devido à própria natureza da matéria⁶⁰, tornam-se energias elétricas, magnéticas, calor e outras. Esses são os pedreiros que atuam sob o impulso do mestre de obras chamado Consciência. O impulso é oriundo dele; a execução é feita por eles. A inteligência diretiva, a qual ele ainda não consegue fornecer, é suprida pela vida *logoica* na alma do grupo e pelos Espíritos da Natureza atuando sob a orientação, como já foi dito, dos Seres Brilhantes do terceiro reino elemental.

Devemos então entender que a matéria nervosa é construída no plano físico sob impulsos oriundos do astral, sendo as forças construtivas realmente físicas, e astrais a orientação e a colocação delas em movimento, ou seja, procedentes da consciência ativa no plano astral. A energia “vital”, o prana, que flui em ondas cor-de-rosa, pulsando ao longo da matéria etérica em todos os nervos não em suas vestes medulares, mas em sua substância -, desce imediatamente do plano astral; ela é tirada do grande reservatório de vida, o Logos, especializada no plano astral e dele enviada para o sistema nervoso, combinando-se aí com as correntes magnéticas, elétricas e outras que formam o plano puramente físico, tiradas do mesmo reservatório, mas através do Sol, Seu corpo físico. Um exame mais atento mostra que os constituintes do prana do reino mineral são em menor quantidade e menos complexos em sua organização do que os do prana no superior reino vegetal; e esse prana, por sua vez, é inferior àquele no animal e no ser humano. Essa diferença deve-se ao fato de que o prana astral combina-se neste último e não nos demais pelo menos em grau perceptível. Após a formação do corpo causal, essa complexidade do prana circulando no sistema nervoso do corpo físico aumenta muito, e parece tornar-se ainda mais enriquecida à medida que progride a evolução humana. Pois, quando a consciência torna-se ativa no plano mental, o prana desse plano mescla-se com o inferior, e assim sucessivamente à medida que a atividade da consciência é levada adiante nas regiões superiores.

Podemos fazer uma pausa momentânea a respeito da palavra “prana” [*prāna*, em sânscrito] traduzida por mim como “energia vital”. *Pran* é uma raiz sânscrita, que significa “respirar”, “viver”, “soprar”, composta de *an*, “respirar”, “mover”, “viver”, e por isso “o Espírito”, juntamente com o prefixo *pra*, “para fora”. Assim, *pra-an*, *prān*, significa “respirar para fora”, e “alento vital”, ou “energia-vida”, é o equivalente que mais se aproxima do termo sânscrito. Visto que, segundo o pensamento hindu, existe apenas uma Vida, uma Consciência, em toda parte, a palavra *prāna* tem sido empregada

para o Ser Supremo, o Alento que tudo sustém. É a estimulante energia do Um; para nós, a Vida do Logos. Consequentemente, essa Vida em cada plano pode ser chamada de o Prana do plano; torna-se o alento vital em cada criatura. No plano físico é energia, aparecendo sob muitas formas, eletricidade, calor, luz, magnetismo, etc., transmutáveis entre si porque são fundamentalmente uma; nos outros planos não temos nomes com os quais a designar, mas a ideia é suficientemente definida. Apropriada por um ser, é o prana no sentido mais estrito sentido esse geralmente empregado na literatura teosófica o alento vital do indivíduo. É a energia vital, a força vital, da qual todas as outras energias, químicas, elétricas e as demais, são meros derivativos e partes fracionárias; e é um tanto estranho para o ocultista, quando ouve cientistas falando loquazmente de energia química ou elétrica e denunciando sua fonte, a energia vital, como uma “superstição desacreditada”. Essas manifestações parciais de energia vital devem-se à disposição da matéria na qual atua, eliminando uma ou outra de suas características ou talvez todas elas menos uma, tal como o vidro azul elimina todos os raios exceto os raios azuis, e o vermelho elimina todos exceto os vermelhos.

Em *A Do utrina Secreta*, H. P Blavatsky fala da relação de prana com o sistema nervoso. Ela cita e parcialmente endossa, parcialmente corrige, a visão sobre “éter nervoso” apresentada pelo Doutor B. W. Richardson; a força do Sol é “a causa primeva de toda a vida sobre a Terra”⁶¹, e o Sol é “o armazém de força vital, que é o númeno da eletricidade”⁶². “O ‘éter nervoso’ é o princípio inferior da essência primordial que é Vida. É a vitalidade animal difusa em toda a Natureza e agindo segundo as condições que encontra para sua atividade. Não é um ‘produto animal’; mas o animal vivo, a flor viva e a planta são seus produtos”⁶³.

No plano físico esse prana, essa força-vida, constrói todos os minerais e é o agente controlador das mudanças químico-fisiológicas no protoplasma, que levam à diferenciação e à construção dos diversos tecidos

dos corpos de vegetais, de animais e do homem, e que mostram sua presença no poder de responder a estímulos; mas durante certo tempo esse poder não é acompanhado de uma sensibilidade nítida a consciência não floresceu suficientemente para sentir prazer e dor.

Quando a corrente de prana do plano astral, com seus atributos de sensibilidade, mistura-se com a corrente de prana do plano físico, tem início a construção de uma nova disposição de matéria o tecido nervoso. Essa disposição nervosa é fundamentalmente uma célula, e detalhes sobre a mesma podem ser estudados em qualquer livro didático sobre o assunto. O desenvolvimento consiste de mudanças internas e de incrementos da matéria celular, que se revestem em matéria medular e depois aparecem como fios ou fibras. Cada sistema nervoso, por mais elaborado que seja, consiste de células e de seus incrementos incrementos esses que se tornam mais numerosos, criando conexões cada vez maiores entre as células, já que a consciência demanda para sua expressão um sistema nervoso cada vez mais elaborado. Essa simplicidade fundamental na raiz de tal complexidade de detalhes é encontrada até mesmo no homem, o possuidor da organização nervosa mais altamente desenvolvida. Os muitos milhões de gânglios neurais⁶⁴ no cérebro e no corpo são todos produzidos por volta do final do terceiro mês de vida pré-natal, e seu desenvolvimento consiste em expansão e no incremento de sua substância em fibras.

Esse desenvolvimento na vida posterior resulta da atividade do pensamento; à medida que o homem pensa intensa e continuamente, as vibrações mentais causam atividade química, e os dendritos⁶⁵ brotam das células, criando conexões e conexões cruzadas em todas as direções, literalmente passagens ao longo das quais pulsa o prana agora composto de fatores dos planos físico, astral e mental e viajam as vibrações mentais.

Retornando desta digressão no reino humano, vejamos como começa e é levada adiante a construção do sistema nervoso por meio dos impulsos vibratórios do astral. Encontramos um pequenino grupo de células nervosas

e diminutos processos unindo-as. Isto é formado pela ação de um centro que previamente apareceu no corpo astral sobre o qual algo será dito mais adiante -, uma agregação de matéria astral disposta de modo a formar um centro para receber e responder a impulsos oriundos do exterior. Desse centro astral as vibrações passam para o corpo etérico, causando pequenos redemoinhos etéricos que atraem para si partículas de matéria física mais densa, formando finalmente uma célula nervosa e grupos de células nervosas. Esses centros físicos, recebendo vibrações do mundo externo, enviam impulsos de volta aos centros astrais, aumentando suas vibrações; assim o centro físico e o astral agem e reagem mutuamente, tornando-se cada vez mais complexos e eficazes.

À medida que avançamos para o reino animal, encontramos o sistema nervoso físico constantemente se aprimorando e se tornando um fator cada vez mais dominante no corpo; e esse sistema primeiramente formado torna-se, nos vertebrados, o sistema simpático, controlando e energizando os órgãos vitais o coração, os pulmões, o trato digestivo. Paralelamente desenvolve-se lentamente o sistema cérebro-espinhal, ligado intimamente ao simpático em suas atuações inferiores, tornando-se gradualmente mais e mais dominante quando também se torna, no seu desenvolvimento mais importante, o órgão normal para a expressão da “consciência de vigília”.

O sistema cérebro-espinhal é construído por impulsos originários no plano mental, e não no astral, e está relacionado apenas indiretamente ao astral através do sistema simpático, construído a partir do astral. Posteriormente, veremos a consequência disto na sensibilidade astral de animais e de seres humanos menos desenvolvidos, o desaparecimento dessa sensibilidade com o desenvolvimento do intelecto, e seu reaparecimento na evolução humana superior.

Os átomos permanentes formam o canal imperfeito, porém único canal direto entre a consciência, manifestando-se como a tríade espiritual, e as formas às quais está ligada. No caso dos animais superiores, esses átomos

são excessivamente ativos, e no breve intervalo entre as vidas físicas ocorrem mudanças consideráveis nesses átomos. À medida que a evolução prossegue, o crescente fluxo de vida, oriundo da alma-grupo e através do átomo permanente, assim como a crescente complexidade do instrumento físico rapidamente aumentam a sensibilidade do animal. Existe comparativamente pouca sensibilidade nas vidas de animais inferiores, menos ainda nos peixes, apesar de seu sistema cérebro-espinhal.

Com o prosseguimento da evolução, os centros sensórios continuam a se desenvolver na veste astral; e nos animais superiores essas vestes são bem organizadas e os sentidos são apurados. Porém com esta agudeza, há brevidade de sensações e, salvo nos animais superiores, pouca coisa do elemento mental mescla-se para emprestar sensibilidade aumentada e continuada à sensação.

2. O Corpo Astral ou Corpo do Desejo

A evolução do corpo astral deve ser estudada com relação ao físico, pois embora desempenhe o papel de criador no plano físico, como vimos, seu próprio desenvolvimento ulterior depende em grande parte dos impulsos recebidos do próprio organismo que criou. Durante longo tempo ele não desfruta de uma vida independente própria em seu próprio plano, e a organização do corpo astral em relação ao físico é questão bastante diferente, ocorrendo muito anteriormente no tempo (do que a sua organização em relação ao mundo astral). No Oriente fala-se dos veículos astral e mental de consciência quando atuando em relação ao físico como *koshas*, ou vestes, e usam o termo *sharira*, ou corpo, para uma forma capaz de ação independente nos mundos visível e invisível. Esta distinção pode servir-nos aqui.

A veste astral do mineral é uma simples nuvem de matéria astral pertinente, e não mostra quaisquer sinais perceptíveis de organização. O mesmo se dá no caso da maioria dos vegetais. Mas em alguns parece haver certas indicações de agregações e linhas, que, à luz da evolução posterior, parecem ser o despertar de uma organização incipiente; e em algumas árvores antigas das florestas são visíveis agregações distintas de matéria astral em certos pontos. Nos animais, esses agregados tornam-se claramente marcados e definidos, formando centros na veste astral de um tipo permanente e especializado.

Essas agregações na veste astral são o início dos centros que construirão os órgãos necessários ao corpo físico, não devendo ser confundidos com os *chakras*, ou rodas, que pertencem à organização do próprio corpo astral e o habilitam a funcionar em seu próprio plano em conexão com a veste mental, como o tipo inferior do que os orientais chamam de *sukshma sharira* ou corpo sutil. Os *chakras* astrais estão ligados aos sentidos astrais, de modo que a pessoa em quem estejam desenvolvidos consegue ver, ouvir, etc., no plano astral; eles jazem muito além do ponto da evolução que estamos considerando um ponto no qual os poderes perceptivos da consciência ainda não possuem órgãos, mesmo no plano físico.

À medida que essas agregações aparecem na veste astral, os impulsos da consciência no plano astral, guiados como anteriormente explicados, atuam no duplo etérico, formando os redemoinhos etéricos já mencionados, e centros correspondentes surgem na veste astral e no corpo físico, construindo o sistema simpático. Esse sistema permanece sempre diretamente ligado aos centros astrais, mesmo depois de o sistema cérebroespinal ter evoluído. Todavia, das agregações na parte dianteira da veste astral são formados dez centros importantes, que se ligam ao cérebro através do sistema simpático e gradualmente tornam-se os órgãos dominantes para as atividades da consciência física, ou seja, da consciência

de vigília, daquela parte da consciência que funciona normalmente através do sistema cérebroespinhal. Cinco dos dez servem para receber impressões especiais do mundo externo, e são os centros através dos quais a consciência utiliza seus poderes de percepção; são chamados *jhānendriyas* em sânscrito, literalmente “sentidos do conhecimento”, isto é, sentidos, ou centros sensórios, por meio dos quais se obtém conhecimento. Como explicado anteriormente, eles estabelecem cinco redemoinhos etéricos distintos, e assim constroem cinco centros no cérebro físico, os quais, por sua vez, são moldados em separado e permanecem ligados aos seus órgãos dos sentidos apropriados. Surgem assim os cinco órgãos dos sentidos: olhos, ouvidos, língua, nariz, pele, especializados para receber impressões do mundo externo, correspondentes aos cinco poderes perceptivos de visão, audição, paladar, olfato e tato. Esses são meios especializados nos mundos inferiores por meio dos quais é exercida parte da habilidade perceptiva da consciência, seu poder de receber contatos externos. Pertencem aos mundos inferiores e às formas mais grosseiras de matéria que aprisionam a consciência, evitando que ela, assim aprisionada, conheça outras vidas; são as aberturas neste denso véu de matéria, permitindo que as vibrações entrem e alcancem a encoberta consciência.

Desses dez centros astrais, os cinco remanescentes servem para conduzir as vibrações da consciência ao mundo externo; eles são as avenidas de saída, tal como os órgãos dos sentidos são as avenidas de entrada; são chamados de *karmendriyas*, literalmente “órgãos de ação”, “sentidos” ou “centros sensórios”, que causam ação, desenvolvendo-se como os outros, formando redemoinhos etéricos que constituem os centros motores no cérebro físico, centros esses que são configurados separadamente e permanecem ligados aos seus órgãos motores apropriados: mãos, pés, laringe, e órgãos de geração e de excreção.

Temos agora uma veste astral organizada. A ação e a reação contínuas entre a veste astral e o corpo físico aprimoram a ambos, e juntos eles agem

sobre a consciência e ela reage sobre eles, um e outro mais uma vez beneficiando-se pela interação mútua. Como já vimos, esses impulsos cegos da consciência são guiados em sua ação sobre a matéria pela vida *logoica* na alma-grupo e pelos Espíritos da Natureza. Vida, consciência, sempre buscando realizar-se na matéria; e a matéria responde em virtude de suas próprias qualidades inerentes, vitalizada pela ação do Terceiro Logos.

3. A Correspondência nas Raças-Raiz⁶⁶

Uma sucessão semelhante na quarta e atual Ronda marca a evolução dos reinos da Natureza, sendo as características principais das Rondas prévias, por assim dizer, repetidas nas Raças-Raiz, tal como a história da evolução forjada durante longas eras é repetida durante a vida embrionária de cada novo corpo. Durante a existência das duas primeiras Raças humanas, havia condições de temperatura que tornariam a sensibilidade destrutiva a qualquer manifestação de vida, e essas Raças não mostravam qualquer sensibilidade ao prazer e à dor no plano físico. Na Terceira Raça existe sensibilidade a impactos violentos, causando dores e prazeres grosseiros, mas somente alguns dos sentidos estão desenvolvidos, os da audição, tato e visão, porém num estágio primitivo, como logo veremos.

Nas duas primeiras Raças, são visíveis rudimentares agregações na matéria astral das vestes e, se elas conseguissem ligar-se à matéria física apropriada, haveria na consciência física sensações de prazer e dor. Mas faltavam as ligações apropriadas. A Primeira Raça mostra um débil senso de audição; a segunda, uma vaga resposta a impactos, o despertar do sentido do tato.

O período evolutivo da Terra, a Cadeia Planetária, comporta sete Raças-Raiz. A humanidade desenvolve presentemente a Quinta Raça-Raiz, tendo os cinco sentidos despertados. Os atlantes não tinham o olfato, os

lemurianos não tinham gustação nem olfato, e assim por diante. A Sexta Raça-Raiz irá desenvolver um novo sentido, que é o da clarividência. (N.E.)

Nesse estágio da evolução, a tríade espiritual é tão insensível a vibrações da matéria externa que somente quando recebe as tremendas vibrações causadas por impactos no plano físico é que começa a responder lentamente. Para ela tudo começa no plano físico. Ela não responde diretamente, e sim indiretamente, através da mediação da vida *logoica*, e somente à medida que o veículo físico primário é construído é que os impulsos mais sutis irrompem com força suficiente para causar prazer e dor. As violentas vibrações do plano físico causam vibrações correspondentes no astral, e ela se torna vagamente consciente da sensação.

59 O termo “vidas” significa “unidades de consciência”, mas não denota o tipo de consciência assim separada, nem necessariamente implica a presença de um *Jivãtmã*. Significa uma “gota” cognoscível do oceano de consciência, um átomo ou coleção de átomos animado pela consciência e atuando como unidade. Um átomo é uma “vida”, sendo a consciência a do Terceiro Logos. Um micróbio é uma “vida”, sendo a consciência a do Segundo Logos, apropriada e modificada, como foi dito anteriormente, pelo Logos Planetário e pelo Espírito da Terra.

60 O *tanmãtra* e o *tattva* do plano, com seus seis *subtanmãtras* e *subtattvas*.

61 Loc. cit., II, 253, 5a.ed. de Adyar. [Na edição brasileira, a expressão está no vol. II, p. 241. N. E.].

62 *Ibid.*, 255. [Edição brasileira: vol. II, p. 243. N. E.].

63 *Ibid.*, 261. [Na edição brasileira, a teoria de Richardson sobre o “éter nervoso” é discutida no vol. II, pp. 243ss. N. E.].

64 Grupo de células nervosas.

65 Processos nervosos, ou prolongamentos, ou rebentos, consistindo da matéria da célula envolta na veste medular.

66 Raça-Raiz do ponto de vista teosófico, não tem a ver com a cor da pele, mas com o estágio de consciência civilizatória e o número de sentidos despertos.

O período evolutivo da Terra, a Cadeia Planetária, comporta sete Raças-Raiz. A humanidade desenvolve presentemente a Quinta Raça-Raiz, tendo os cinco sentidos despertos. Os atlantes não

tinham o olfato, os lemurianos não tinham gustação nem olfato, e assim por diante. A Sexta Raça-Raiz irá desenvolver um novo sentido, que é o da clarividência. (N.E.)

VIII. OS PRIMEIROS PASSOS HUMANOS

1. A Terceira Onda de Vida

Chegou-se à metade da Terceira Raça-Raiz. O sistema nervoso do homem animal foi construído até o ponto em que, para seu desenvolvimento ulterior, precisa do fluxo mais direto do pensamento da tríade espiritual à qual estava aderido. A alma-grupo completou seu trabalho, os produtos superiores da evolução, como o meio pelo qual a vida do Segundo Logos protege e nutre Seus jovens filhos; deve agora preparar a fundação do corpo causal, o vaso no qual a efusão de vida deve ser recebida. Chegou a termo a vida pré-natal da Mônada, e o momento é propício para o seu nascimento no mundo inferior. A vida materna do Logos construíra para ela os corpos nos quais pode agora viver como entidade separada no mundo das formas, e ela deve entrar na posse direta de seus corpos e assumir sua evolução humana.

Vimos que as Mônadas derivam seu ser do Primeiro Logos e residem no plano *Anupādaka*, o segundo, durante idades sobre as quais acabamos de lançar um olhar. Vimos também que, com o auxílio de diferentes agentes, elas se apropriaram dos três átomos permanentes que as representam como *Jivātmās* no terceiro, quarto e quinto planos, e apropriaram-se também daqueles que formam a tríade inferior no quinto, sexto e sétimo planos. Toda a comunicação da Mônada com os planos abaixo do seu deu-se através do *Sutrātmā*, o fio-vida, no qual os átomos estão presos aquele fio-vida, de matéria do segundo plano, que passa do átomo *átmico* para o búdico, do búdico para o *manásico*, e do *manásico* reentrando no *átmico*, formando assim o “triângulo de luz” nos planos superiores. Vimos ainda

que da linha deste triângulo no plano búdico projeta-se um fio, o *Sutrâtmã* dos planos inferiores, no qual está engastada a tríade inferior.

É chegado o momento de uma comunicação mais plena do que aquela representada pelo delicado filamento em sua forma original, na qual ele [o fio-vida], por assim dizer, se estende. Este é apenas um acanhado modo de ilustrar o fato de que um Raio da Mônada brilha e cresce, assumindo a forma de um funil: “o fio entre o Vigilante Silencioso e sua sombra tornase mais forte e radiante”⁶⁷. Esse fluxo descendente de vida *monádica* é acompanhado por um crescente fluxo entre os átomos permanentes búdico e *manásico*, e esse último parece despertar, enviando palpitações em todas as direções. Outros átomos e moléculas *manásicos* reúnem-se em volta dele, e um vórtice rodopiante é visto nos três subplanos superiores do plano mental. Um movimento giratório semelhante é visto na massa nebulosa circundando a unidade mental aderida abaixo, envolta na camada remanescente da alma-grupo, como já foi descrito. A camada é rompida e presa no vórtice acima, onde é desintegrada, e o corpo causal é formado, um delicado envoltório diáfano, à medida que diminui o redemoinho. Esse fluxo descendente de vida, resultando na formação do corpo causal, é chamado de “Terceira Onda de Vida”, e é apropriadamente atribuído ao Primeiro Logos, uma vez que as Mônadas surgiram dele e representam sua vida trina.

Uma vez formado o corpo causal, a tríade espiritual possui um veículo permanente para a sua evolução ulterior. Quando a consciência torna-se capaz de funcionar livremente nesse veículo, ela poderá controlar e dirigir a evolução do veículo inferior de maneira muito mais eficaz do que anteriormente.

Todavia, os primeiros esforços para exercer o controle não podem ser descritos como muito habilidosos, assim como não o são os primeiros movimentos do corpo do bebê, parecendo mostrar que não são dirigidos por alguma inteligência, embora saibamos que uma inteligência está ligada a

ele. Agora a Mônada verdadeiramente nasce no plano físico, mas ainda deve ser aí considerada um bebê, e deve atravessar um período imenso de tempo antes que seu poder sobre o corpo físico seja algo mais do que infantil.

2. O Desenvolvimento Humano

E vemos isto claramente se olharmos para o homem como ele era nos seus primeiros dias. Os lemurianos, há muito desaparecidos, eram muito pouco desenvolvidos no que diz respeito a seus órgãos dos sentidos, exceto aquelas entidades que já haviam desenvolvido consciência a algum nível considerável e que nasceram nos desajeitados corpos lemurianos para levar a evolução humana à frente; os sentidos do olfato e do paladar não eram desenvolvidos, estavam apenas em processo de construção; sua sensibilidade ao prazer e à dor era quase nenhuma.

Nos atlantes os sentidos eram muito mais ativos; a visão era muito acurada e a audição era aguda; o paladar era mais desenvolvido que entre os lemurianos, mas ainda não era muito desenvolvido; alimento grosseiro e rançoso era perfeitamente tolerável e até mesmo agradável, e preferiam alimentos de gosto forte, tais como carne putrefata, a iguarias mais delicadas, que eram consideradas sem gosto. O corpo não era muito sensível a ferimentos, e feridas graves não causavam muita dor, nem eram seguidas de prostração mesmo lacerações ostensivas não conseguiam incapacitar o sofredor e a cura era rápida. Os remanescentes da Raça Lemuriana que agora existem, assim como os amplamente disseminados atlantes, ainda mostram uma insensibilidade relativa à dor e suportam, com relativa insensibilidade, lacerações que prostrariam totalmente um homem da Quinta Raça. Conta-se que um índio norte-americano continuava a lutar após o lado de sua coxa ter sido lacerado, tendo retornado ao campo de

batalha após doze ou quinze horas. Esta característica do corpo da Quarta Raça permite ao selvagem suportar com serenidade e recuperar-se de torturas que prostrariam de choque nervoso um homem da Quinta Raça.

Essas diferenças derivam em grande parte do desenvolvimento diversificado do átomo permanente, o núcleo do corpo físico. Na Quinta Raça-Raiz há uma corrente de vida mais plena jorrando, causando maior desenvolvimento interno do átomo permanente, e que aumenta à medida que prossegue o desenvolvimento. Com a continuação da evolução, há uma crescente complexidade dos poderes vibratórios no átomo físico permanente, um aumento semelhante no átomo astral, e também na unidade mental. À medida que os nascimentos se sucedem e esses núcleos permanentes são estendidos sobre cada plano para atrair ao redor de si os novos invólucros mental, astral e físico -, os átomos permanentes mais altamente desenvolvidos atraem ao redor de si os átomos mais altamente desenvolvidos dos planos aos quais pertencem, e assim constroem um aparato nervoso melhor através do qual possa fluir a sempre crescente corrente de consciência. Desta maneira, é construído o sistema nervoso delicadamente organizado do homem da Quinta Raça.

No homem da Quinta Raça a diferenciação interna das células nervosas é muito aumentada, e as intercomunicações são muito mais numerosas. Falando de maneira geral, a consciência do homem da Quinta Raça está atuando no plano astral e se retira do corpo físico, exceto no que diz respeito ao sistema nervoso cérebro-espinhal. O controle dos órgãos vitais do corpo é deixado ao sistema simpático, treinado através de longas eras para executar esse trabalho e agora mantido por impulsos dos centros astrais, outros que os dez sem atenção deliberada da consciência ocupada com outras atividades, embora obviamente sustentada por ela. No entanto, como logo veremos, é possível atrair a atenção da consciência mais uma vez para esta parte de seu mecanismo, para assumir o controle inteligente dele. Nos membros mais altamente evoluídos da Quinta Raça, os principais

impulsos da consciência descem do mundo mental inferior, passam através do astral até o físico, e aí estimulam a atividade física nervosa. Essa é a consciência aguda, sutil, inteligente, movida mais por ideias do que por sensações, mostrando-se mais ativamente nos centros cerebrais mental e emocional do que naqueles que dizem respeito aos fenômenos sensoriais e motores.

Os órgãos dos sentidos do corpo da Quinta Raça são menos ativos e agudos do que os mais elevados da Quarta Raça em responder a impactos puramente físicos. O olho, o ouvido, o tato não respondem a vibrações que afetariam os órgãos dos sentidos da Quarta Raça. É significativo também que esses órgãos sejam mais agudos na primeira infância, e diminuam em sensibilidade a partir do sexto ano aproximadamente. Por outro lado, embora menos agudos em receber impactos puramente sensórios, eles se tornam mais sensíveis às sensações entremescladas com emoções, e sutilezas de cores e sons, sejam da Natureza ou artísticos, afetam-nos com maior efetividade. A organização superior e mais intrincada dos centros sensórios no cérebro e no corpo astral parece produzir sensibilidade aumentada à beleza da cor, da forma e do som, e resposta diminuída a sensações das quais não participam as emoções.

O corpo da Quinta Raça é também muito mais sensível ao choque do que os da Quarta e Terceira Raças, sendo mais dependente da consciência para sua manutenção. Um choque nervoso é sentido muito mais profundamente, e acarreta muito maior prostração. A mutilação grave não é mais simplesmente uma questão de músculo lacerado, de tecido rasgado, mas de choque nervoso perigoso; o sistema nervoso altamente organizado transporta a mensagem de aflição aos centros cerebrais, e daí ao corpo astral, perturbando e transtornando a consciência astral. A isto se segue uma perturbação no plano mental; a imaginação é despertada, a memória estimula a antecipação, e o avanço dos impulsos mentais intensifica e prolonga as sensações. Estas, por sua vez, estimulam e excitam o sistema

nervoso, cuja excitação indevida age sobre os órgãos vitais, causando perturbação orgânica, resultando em diminuição de vitalidade e lenta recuperação.

Além disso, no corpo altamente evoluído da Quinta Raça, as condições mentais governam em grande parte o físico; e ansiedade intensa, sofrimento mental e preocupação, ao produzirem tensão nervosa, prontamente desestabilizam os processos orgânicos e produzem fraqueza ou doença. É por isso que a força e a serenidade mentais promovem a saúde física, e quando a consciência está definitivamente estabelecida no plano astral ou mental, as perturbações emocionais e mentais são muito mais produtoras de doença do que quaisquer privações infligidas ao corpo físico. Fisicamente, o homem evoluído da Quinta Raça vive literalmente em seu sistema nervoso.

3. Almas e Corpos Incongruentes

Mas devemos notar aqui um fato significativo, relacionado à importante questão da relação da organização nervosa com a consciência. Quando a consciência humana ainda não cresceu além do último tipo lemuriano ou do primeiro tipo atlante, mas nasce num corpo da Quinta Raça, ela se torna um curioso e interessante caso para estudo. (As razões para tal nascimento não podem ser aqui apresentadas amplamente; em resumo, à medida que as nações mais avançadas anexam as terras ocupadas pelas tribos pouco evoluídas e as dizima direta ou indiretamente, as pessoas assim sumariamente despojadas de seus corpos têm de encontrar novos ambientes; mas condições selvagens satisfatórias estão se tornando cada vez mais raras com a chegada cada vez maior das raças superiores, e elas têm de nascer sob as condições mais inferiores disponíveis, tais como favelas de grandes cidades e famílias de indivíduos criminosos. Elas são atraídas às

nações conquistadoras por necessidade *kármica*). Essas pessoas encarnam em corpos do pior material disponível na Quinta Raça. Então, nesses corpos de Quinta Raça, elas demonstram as qualidades que pertencem aos primórdios da Quarta ou à Terceira; e embora tenham a organização física nervosa exterior, elas não possuem essa diferenciação interna na matéria nervosa, que somente surge com a ação de energias oriundas dos mundos astral e mental sobre a matéria física. Observamos nelas ausência de respostas a impressões do mundo externo, a não ser expressões de uma ordem violenta, que marca o baixo grau de desenvolvimento da consciência individual. Percebemos um retorno à inércia quando não há estímulo físico violento; o anelo recorrente por tais estímulos violentos, quando provocado por necessidades físicas; a provocação de uma fraca atividade mental por veemente impacto sobre os órgãos sensórios, e o vazio quando esses órgãos estão em repouso; a completa ausência de qualquer resposta a um pensamento ou a uma emoção elevada não uma rejeição, mas a não percepção de tais coisas. A excitação ou a violência numa pessoa assim é, em regra, causada por algo externo por algo que se apresente perante ela fisicamente e que sua mente embrionária liga à possibilidade de gratificação de alguma paixão, de que ela se recorda e que deseja sentir novamente. Essa pessoa pode não estar desejosa de roubar e matar, mas pode ser estimulada a uma ou outra dessas coisas pela mera visão de um transeunte bem vestido que pareça ter dinheiro dinheiro que significa gratificação por meio de alimento, bebida ou sexo. O estímulo para atacar o transeunte surge de imediato e será seguido pela ação também imediata, a não ser que impedida por um perigo físico óbvio, tal como a visão de um policial. É a tentação física corporificada que desperta a ideia de cometer o crime o homem que premedita um crime é mais altamente evoluído; o simples selvagem comete um crime no impulso do momento, a não ser que se interponha outro obstáculo físico, como uma força que ele teme. E quando o crime é

cometido, ele é insensível a qualquer apelo à vergonha ou ao remorso; ele só é suscetível ao terror.

Certamente que essas afirmações não se aplicam ao criminoso inteligente, mas somente ao tipo congênito, brutal e obtuso, o selvagem da Terceira ou Quarta Raça num corpo de Quinta Raça.

Como as verdades da Sabedoria Antiga colorem cada vez mais o pensamento moderno, entre outras coisas elas inevitavelmente modificarão o tratamento dispensado ao criminoso. Tais criminosos, como se falou aqui, não serão punidos com brutalidade, mas serão mantidos permanentemente sob estrita disciplina e, até onde for possível, serão auxiliados para progredir mais rapidamente do que teria sido possível sob as condições de vida selvagem. A consideração mais pormenorizada sobre isto, no entanto, iria levar-nos muito além de nosso estudo principal, e agora devemos retornar à atuação da consciência no plano astral, como ela se mostra nos animais superiores e nos tipos humanos inferiores.

4. O Alvorecer da Consciência no Plano Astral

Vimos que a organização astral precede e molda o sistema nervoso físico, e agora temos de considerar como isto deve afetar a atuação da consciência. Temos a expectativa de que a consciência no plano astral irá tornar-se perceptiva de impactos sobre sua veste astral de maneira vaga e imprecisa, tal como nos minerais, vegetais e animais inferiores ela se tornara perceptiva de impactos sobre seu corpo físico. Esta percepção de impactos astrais irá preceder, com bastante antecedência, qualquer organização definida na veste astral, a ponte entre o mental e o físico, que irá gradualmente transformá-la no corpo astral, o veículo independente da consciência no plano astral. E, como vimos, a primeira organização da veste astral é uma resposta a impactos recebidos através do corpo físico, e está

relacionada ao corpo físico em sua evolução. Esta organização nada tem a ver diretamente com a recepção, coordenação e compreensão dos impactos astrais, mas está engajada na ação exercida sobre ela pelo sistema nervoso físico e na reação a ele. Em toda parte a consciência precede a autoconsciência, e a evolução da consciência no plano astral prossegue contemporaneamente com a evolução da autoconsciência da qual logo trataremos no físico.

Os impactos sobre a veste astral oriundos do plano astral produzem ondas vibratórias sobre a totalidade da veste astral, e a envolta consciência gradualmente se torna vagamente perceptiva dessas ondas, sem relacioná-las a qualquer causa externa. Ela busca às cegas impactos físicos muito mais violentos, e todo o poder de atenção por ela desenvolvido é voltado a eles. As agregações de matéria astral, ligadas ao sistema nervoso físico, compartilham naturalmente das comoções gerais da veste astral; e as vibrações causadas por essas comoções misturam-se com as oriundas do corpo físico e afetam também as vibrações que lhe são enviadas pela consciência através dessas agregações. Desse modo estabelece-se uma conexão entre impactos astrais e o sistema simpático; e eles desempenham papel considerável na evolução desse sistema.

À medida que a consciência atuante no corpo físico começa lentamente a reconhecer um mundo externo, os impactos oriundos do astral gradualmente classificados como sendo dos cinco sentidos, como no caso dos impactos do físico misturam-se com os do plano físico, não sendo distinguidos como de origens diferentes. Esse reconhecimento é a clarividência inferior, aquela que precede a grande evolução da mente. Enquanto o sistema simpático estiver atuando como o aparato dominante da consciência, a origem, astral ou física, dos impactos permanecerá como sendo a mesma para a consciência. Mesmo os animais superiores nos quais o sistema cérebro-espinhal é bem desenvolvido, mas nos quais ainda não é o principal mecanismo da consciência, salvo em seus centros sensórios não

conseguem distinguir entre visões, sons etc. de origem física ou astral. Um cavalo saltará por sobre um corpo astral como se fosse um corpo físico; um gato irá esfregar-se nas pernas de uma figura astral; o cachorro rosará para uma aparição semelhante. No cachorro e no cavalo ocorre o alvorecer de um incômodo senso de diferença, representado pelo medo de tais aparições muitas vezes manifestado pelo cachorro, e pela debilidade do cavalo. O nervosismo do cavalo apesar de que ele pode ser treinado para enfrentar os perigos de um campo de batalha, e mesmo para pegar e levar para longe o cavaleiro caído em meio a todo o alarido circundante, como as éguas árabes parece dever-se principalmente à confusão e ao espanto quanto ao ambiente, e à sua inabilidade para distinguir entre o que posteriormente aprenderá a chamar de “realidades objetivas”, contra as quais pode ferir seu corpo, e as “ilusões”, ou “alucinações”, através das quais seu corpo pode passar incólume. Para ele são todos “reais”, e a diferença de comportamento entre essas coisas deixa-o alarmado; no caso de um cavalo excepcionalmente inteligente, o nervosismo é geralmente maior à medida que desenvolve um incipiente senso de diferenciação entre os fenômenos, e isso, não sendo compreendido, é ainda mais inquietante para ele no início.

O selvagem, vivendo mais no sistema cérebro-espinhal, distingue entre os fenômenos físicos e astrais, embora estes últimos para ele sejam tão “reais” quanto os físicos; ele os relaciona a outro mundo, ao qual relega todas as coisas que não se comportam da maneira que considera normal. Ele não sabe que, com relação a essas coisas, ele é consciente através do sistema simpático e não do sistema cérebro-espinhal; ele está perceptivo delas e nada mais. Os lemurianos e os atlantes primitivos eram quase mais conscientes astral do que fisicamente. Os impactos astrais, lançando ondas sobre toda a veste astral, atravessavam os centros sensórios do astral até os centros simpáticos no corpo físico, e eles os percebiam vividamente. Suas vidas eram dominadas mais pelas sensações e paixões do que pelo intelecto,

e o sistema simpático, o aparato especial da veste astral, era então o mecanismo dominante da consciência.

À medida que o sistema cérebro-espinhal tornou-se mais elaborado, e assumiu cada vez mais sua posição peculiar como instrumento principal da consciência no plano físico, a atenção da consciência fixou-se cada vez mais no mundo físico externo, e seu aspecto “Atividade”, como a mente concreta, atingiu proeminência cada vez maior. O sistema simpático tornou-se subordinado, e suas indicações eram consideradas cada vez menos, submersas sob a aluvião dos impactos físicos mais grosseiros e pesados oriundos do exterior, resultando numa diminuição da consciência astral e no aumento da inteligência, embora ainda permaneça na maioria de todos nós um vago senso de impressões não compreendidas recebidas de tempos em tempos.

No atual estágio de evolução, essa forma inferior de clarividência é ainda encontrada entre os seres humanos, mas em pessoas de intelecto muito limitado; eles têm pouca noção quanto à base lógica dessas coisas e pouco controle sobre o seu exercício. Tentativas para incrementá-la estão propensas a causar perturbações nervosas de um tipo muito refratário, e essas tentativas vão de encontro à lei de evolução, que atua progressivamente visando uma meta superior, e jamais retrocede. Como a lei não pode ser mudada, as tentativas para atuar contra ela causam somente perturbação e doença. Não podemos retornar à condição em que o sistema simpático era dominante, exceto à custa da saúde e da evolução intelectual superior. Por isso o grande risco de se seguir muitas das indicações agora transmitidas, como meditar sobre o plexo solar e outros centros simpáticos.

As práticas, algumas das quais trazidas ao Ocidente, estão sistematizadas no *Hatha Yoga* da Índia. Readquire-se o controle sobre os músculos involuntários, de modo que o homem consegue reverter os movimentos peristálticos, inibir os batimentos cardíacos, regurgitar voluntariamente, etc. Muito tempo e esforço devem ser despendidos antes

de a execução de tais feitos se tornar possível, e ao final o homem terá apenas trazido de volta ao controle da vontade os músculos que de há muito foram passados ao controle do sistema simpático. Como essa passagem foi feita por meio de um gradual desvio da atenção, somente por meio da concentração da atenção sobre as partes envolvidas é que o feito anterior é revertido.

Tais práticas, por impressionarem os ignorantes, que as consideram evidência de grandeza espiritual, são muitas vezes desenvolvidas por homens que desejam poder e que são incapazes de obtê-lo de uma maneira mais legítima. Ademais, elas são a forma mais fácil de *Hatha Yoga*, são mais facilmente cultivadas e demandam muito menos sofrimento do que manter um braço estendido até que ele perca o viço, ou deitar-se sobre uma cama de pregos.

Quando o sistema cérebro-espinhal é submetido a uma obediência temporária, os impulsos oriundos da veste astral através do sistema simpático se fazem sentir na consciência. Daí a “lucidez” no transe autoinduzido ou imposto -, o poder de leitura no astral pelo uso de cristais, e outros artifícios semelhantes. A suspensão parcial ou completa da atividade da consciência no veículo superior faz com que ela direcione a atenção para o inferior.

Pode-se acrescentar aqui, para evitar falso juízo, que a clarividência superior segue o crescimento da mente, em vez de precedê-lo, e não pode aparecer até que a organização do *corpo* astral, em contraste com a *veste* astral, tenha sido elevada a uma altura considerável. Quando isto é realizado pela ação do intelecto e pelo aperfeiçoamento do instrumento intelectual físico, então os verdadeiros sentidos astrais antes mencionados chamados “*chakras*”, ou “rodas”, devido à aparência giratória desenvolvem-se gradualmente no plano astral como sentidos e órgãos astrais, construídos e controlados a partir do plano mental, como o foram os centros cerebrais a partir do astral. A consciência está então atuando no plano mental e

construindo seu mecanismo astral, tal como antes atuava no plano astral construindo seu mecanismo físico. Mas agora funciona com maior poder e maior compreensão, tendo desabrochado muitos de seus poderes. Além disso, ela molda centros no corpo físico a partir dos sistemas simpático e cérebro-espinhal para atuar como instrumentos no plano físico, a fim de trazer as vibrações dos planos superiores para a consciência cerebral. À medida que esses centros são vivificados, o conhecimento é “transportado”, ou seja, fica disponível para o uso da consciência funcionando no sistema nervoso físico. Esta, como foi dito, é a clarividência superior, o exercício inteligente e autodirigido dos poderes da consciência no corpo astral.

Nesta escalada, os poderes da consciência estão assim despertados no plano físico e passam a ser separadamente despertados no astral e mental. As vestes astral e mental devem estar altamente evoluídas antes de poderem constituir o corpo sutil, agindo independentemente nos planos superiores, construindo então para si o aparato necessário para o exercício desses poderes superiores no mundo físico. E até mesmo aqui, quando o instrumento está pronto, construído pelo pensamento puro e pelo desejo puro, deve ser vivificado no plano físico pelo fogo de *Kundalini*, despertada e dirigida pela consciência atuando no cérebro físico.

IX. CONSCIÊNCIA E AUTOCONSCIÊNCIA

1. Consciência

Durante um imenso período de tempo ao longo da evolução vegetal e animal, e ao longo da evolução da humanidade normal até o tempo presente a veste astral, ou do desejo, está subordinada ao físico, como vimos, até onde diz respeito à atuação da consciência. Temos agora que investigar o desabrochar da consciência, da vida tornando-se perceptiva do seu ambiente.

Embora se diga, com razão, que o sistema nervoso foi criado *a partir do* plano astral, ele foi, no entanto, criado *para* a expressão da consciência no plano físico, e para a sua efetiva atuação nesse plano. É aí que a consciência torna-se primeiramente autoconsciência.

Quando as vibrações do mundo externo atuam sobre a veste física do Ser infantil, do *Jivãtmã*, o raio da Mônada, causam, a princípio, palpitações responsivas no interior desse Ser, um alvorecer da consciência dentro de si mesma, um sentimento não relacionado por esse Ser a qualquer coisa externa, embora originado por impactos oriundos do exterior. É uma mudança fora da película que envolve o Ser, vestido por envoltórios de matéria mais densa. Essa mudança externa causa uma alteração no interior do envoltório, e esta última causa um ato de consciência consciência de mudança, de uma condição alterada. Pode ser uma atração, uma tração, exercida por um objeto externo sobre as vestes, chegando até o envoltório do Ser, causando uma pequena expansão no envoltório, seguida de uma expansão nas vestes em direção ao objeto atraente. Essa expansão é uma mudança de condição, e causa um sentimento, um ato de consciência. Ou

pode ser uma repulsão, um afastamento, mais uma vez exercido por um objeto externo em contato com as vestes, chegando até o envoltório do Ser, fazendo o envoltório encolher-se um pouco, logo após as vestes se terem esquivado do objeto repelente; e essa esquiva é também uma mudança de condição e causa uma alteração correspondente na consciência.

Ao examinarmos as condições das vestes envolventes sob a atração e a repulsão, descobrimos que são totalmente diferentes. Quando o impacto de um objeto externo causa uma vibração rítmica nesses envoltórios isto é, quando os materiais se ordenam em ondulantes linhas regulares de rarefação e densificação -, essa ordenação da matéria envolvente permite um intercâmbio de vida entre os dois objetos que entraram em contato, sendo a plenitude dessa permuta proporcional à correspondência das rarefações e densificações nos dois. Esse intercâmbio, essa união parcial de duas vidas separadas, promovida pelas vestes desagregadoras de matéria, é “deleite”, e o mover-se das vidas em busca mútua é “atração”. Por mais complicado que possa tornar-se esse deleite, aqui jaz sua essência: é um senso de “acrescentamento”, de vida aumentada, expandida. Quanto mais plenamente desenvolvida a vida, maior o prazer nesse acrescentamento, na expansão para a outra vida; e cada uma das vidas ganha em acréscimo por meio dessa união. Sempre que as vibrações rítmicas e as rarefações e densificações correspondentes tornam possível esse intercâmbio de vida, diz-se, com razão, que “as vibrações harmoniosas são agradáveis”. Quando, pelo contrário, o impacto de um objeto externo causa vibrações dissonantes nos envoltórios do objeto impactado isto é, quando os materiais são ordenados de modo irregular, movendo-se em direções contraditórias, com entrechoque de seus elementos -, a vida ali contida é aprisionada, isolada, seu fluxo normal de raios é refreado, interceptado, e até voltado contra ele mesmo. Esse obstáculo à ação regular é “dor”, que aumenta com a energia do retraimento; e o resultado do processo de retraimento é “repulsão”. Também aqui, quanto mais plenamente desenvolvida a vida, maiores a dor

nessa reversão violenta de sua ação normal e a sensação de frustração, que acompanha a reversão. Daí, mais uma vez, “são dolorosas as vibrações desarmônicas”.

Observe-se que isto é verdadeiro com relação a todas as vestes, embora a veste astral especialize-se como recipiente da classe de sensações posteriormente chamadas de agradáveis e dolorosas. Constantemente, no decurso da evolução, uma função vital geral torna-se assim especializada, e um órgão particular é normalmente usado para seu exercício. Sendo o corpo astral o veículo dos desejos, é óbvia a necessidade de sua especial suscetibilidade ao prazer e à dor.

Retornando desta breve digressão sobre o estado dos envoltórios ao próprio germe da consciência, é importante notar que aqui não há “percepção” de um objeto externo percepção como é comumente expressa pelo uso da palavra. A consciência, até agora, nada sabe de um exterior e um interior, de um objeto e um sujeito; o germe divino está agora se tornando perceptivo. Ele se torna consciente com esta *mudança* de condições, com este movimento nas vestes, este expandir e contrair, pois a consciência existe apenas na mudança, e por meio da mudança. Para o germe divino separado, então, é aqui que se dá o nascimento da consciência; ela nasce da mudança, do movimento; quando e onde essa mudança primeiramente ocorrer, aí, para o germe separado, nasce a consciência.

O simples vestir-se do germe separado com envoltórios sucessivos de matéria sobre planos sucessivos dá origem, no interior do germe, às primeiras vagas mudanças, que são o nascimento da consciência. E nenhum de nós consegue contar as eras que transcorreram enquanto essas mudanças se tornavam mais definidas, e os envoltórios se tornavam mais definitivamente moldados pelos impactos incessantes provindos do exterior e pelas não menos incessantes palpitações responsivas oriundas do interior. A consciência, nesse estágio, pode ser descrita apenas como consciência de

“sentimento”, o sentimento tornando-se lentamente cada vez mais definido e assumindo duas fases, prazer e dor prazer com expansão, dor com contração. E, note-se, este estado primário de consciência não manifesta os três bem conhecidos aspectos de Vontade, Sabedoria e Atividade, nem mesmo no estágio mais germinal. O “sentimento” precede todos eles, e pertence à consciência como um todo, embora em estágios posteriores de evolução esteja tão ligado ao aspecto vontade-desejo que quase se identifica com ele; no plural, como sentimentos, de fato pertence àquele aspecto, que é o primeiro a surgir como uma diferenciação no interior da consciência.

Quando os estados de prazer e dor tornam-se mais definitivamente estabelecidos na consciência, dão origem aos três aspectos. Com o gradual desaparecimento do prazer, surge a continuação da atração na consciência, uma memória, que se torna uma busca desordenada pelo prazer, um vago seguir do sentimento que desaparece, um movimento indefinido demais para ser chamado de esforço para segurá-lo, retê-lo; semelhantemente, com o gradual desaparecimento da dor, surge a continuação da repulsão na consciência, novamente uma memória, que se torna igualmente um vago movimento de afastar a dor. Esses estados dão origem à memória de prazer e dor passados, indicando a germinação do aspecto “pensamento”; à ânsia de experienciar novamente o prazer ou evitar a dor, a germinação do aspecto “desejo”. Isso estimula um movimento, a germinação do aspecto “atividade”. Assim, a consciência se diferencia em seus três aspectos a partir de sua unidade primária de sentimento, repetindo em miniatura o processo cósmico no qual a Divindade Tríplice surge sempre a partir da Existência Una. O axioma hermético, como sempre, está aqui exemplificado: “Tal como é em cima, é embaixo”.

2. Autoconsciência

O desejo, assim germinado, tateia em busca do prazer, não ainda do objeto que causa prazer, pois a consciência até aqui está limitada dentro de seu próprio reino, é consciente apenas no interior, é consciente apenas das mudanças nesse interior ainda não voltou sua atenção para o exterior, ainda não está perceptiva sequer de que existe um exterior. Enquanto isso, esse exterior, do qual ela não está perceptiva, está continuamente martelando seus veículos, e mais veementemente seu veículo físico, que é o veículo mais facilmente afetado a partir do exterior e o mais dificilmente afetado a partir do interior. Gradualmente, os choques persistentes e violentos do exterior atraem a atenção da consciência em sua direção; sua irregularidade, sua imprevisão, seus assaltos constantes, o fato de não estarem relacionados com seus movimentos lentos, incertos, e seus inexplicados aparecimentos e desaparecimentos são o oposto do seu vago senso de regularidade, continuidade, de estar sempre lá, das lentas ondas de mudança que se sucedem dentro do que para ela ainda não é “ela mesma”. Existe uma consciência da *diferença*, que se torna um senso de algo que permanece dentro de uma mutante confusão, um senso de um “interior” e um “exterior” ou, para falar de modo mais exato, de um “fora” e um “dentro”, uma vez que é o martelar exterior que faz com que a diferença de “fora” e “dentro” surja na consciência. “Fora” surge primeiro, nem que seja por uma fração de tempo, porque só o seu reconhecimento torna possível e inevitável o reconhecimento do “dentro”. Desde que não haja nada mais, não podemos falar de “dentro”; ele é tudo. Mas quando “fora” força a passagem, “dentro” surge como seu oposto inevitável. Este senso de um “fora” surge necessariamente nos pontos de contato entre a continuidade de consciência e a mutante confusão, isto é, no seu veículo físico, seu corpo físico. Aqui a consciência de “outros” é lentamente estabelecida, e com o estabelecimento desses “outros” surge também o estabelecimento do “eu” em oposição aos outros. Ela se torna consciente das coisas externas, em vez de estar consciente apenas das mudanças, e então sabe que as mudanças

estão “nela mesma” e que as coisas estão fora dela. Nasce a autoconsciência.

Este processo de perceber os objetos é complexo. Devemos lembrar que os objetos atingem o corpo de várias maneiras, e o corpo recebe algumas de suas vibrações por meio das partes diferenciadas para recebê-las. O olho, a pele, a língua, o nariz, recebem ondas vibratórias variadas, e determinadas células nos órgãos afetados vibram similarmente em resposta. As ondas passam para os centros sensórios no cérebro e daí seguem para os sentidos do conhecimento na veste astral; lá ocorrem as mudanças na consciência que correspondem a elas, como foi explicado no Capítulo II, e elas são enviadas adiante. As sensações de calor, contorno, som, forma, sabor, odor, etc., ainda como sensações separadas, são enviadas à consciência atuando na veste mental, e são aí combinadas numa imagem simples, unificada na percepção de um objeto único.

Esta fusão das várias correntes em uma, esta síntese de sensações, é uma especialidade da mente. Por esta razão, na psicologia indiana, a mente é muitas vezes chamada de “o sexto sentido”, “os sentidos, dos quais a mente é o sexto”⁶⁸. Quando consideramos os cinco órgãos de ação em relação à mente, descobrimos a ocorrência de um processo reverso. A mente concebe certo ato como um todo e produz um conjunto de vibrações correspondentes na veste mental. Essas vibrações são reproduzidas nos sentidos motores da veste astral; eles dividem e analisam o ato em suas partes constituintes, que são acompanhadas de vibrações na matéria dos centros motores. Essas, por sua vez, são repetidas nos centros motores no cérebro como ondas separadas; os centros motores distribuem essas ondas através do sistema nervoso aos vários músculos que devem cooperar para produzir a ação. Considerada nessa dupla relação, a mente torna-se o undécimo sentido, “os dez sentidos e a mente”⁶⁹.

3. Real e Irreal

Com a transformação da consciência em autoconsciência, surge o reconhecimento de uma diferença que posteriormente, na autoconsciência mais evoluída, torna-se a diferença entre o objetivo ou “real” no sentido ocidental comum da palavra e o subjetivo ou “irreal”, e “imaginário”. Para a medusa, a anêmona do mar, a hidra, ondas e correntes, a luz do sol e o vendaval, o alimento e a areia tocando-lhes o contorno ou os tentáculos, não são “reais”, são registrados apenas como mudanças na consciência, como na verdade o são também para o corpo do bebê humano. Digo *registrados*, não *reconhecidos*, uma vez que nenhuma observação mental, análise e julgamento são possíveis no estágio inferior de evolução. Essas criaturas não estão ainda suficientemente conscientes de “outros” para se tornarem perceptivas “delas mesmas”, e apenas sentem as mudanças que ocorrem dentro do círculo de sua própria mal definida consciência. O mundo externo se expande em “realidade” quando a consciência, separando-se dele, compreende sua própria separatividade, muda de um vago “sou” para um definido “eu sou”.

À medida que esse “eu” autoconsciente cresce em clareza de autoidentificação, de separatividade, e faz a distinção entre as mudanças dentro de si mesmo e o impacto de objetos externos, ele está pronto para dar o próximo passo de relacionar essas mudanças dentro de si mesmo aos variados impactos do exterior. Segue-se então o desenvolvimento do desejo por objetos que causam prazer, acompanhado por pensamentos sobre como obtê-los, o que leva a esforços para se mover até eles quando visíveis, para buscar por eles quando ausentes, e a conseqüente lenta transformação do veículo externo num corpo bem organizado para o movimento, para a busca, para a captura. O desejo pelo que está ausente, a busca, o sucesso ou o fracasso, todos imprimem sobre a consciência em desenvolvimento a diferença entre os desejos e pensamentos próprios, dos quais se está ou pode-se estar sempre consciente, e os objetos externos que vêm e vão sem qualquer referência e com variável irrelevância para com seus sentimentos.

O eu distingue esses objetos como “reais”, como tendo uma existência que ele não controla e que o afetam sem qualquer consideração para com seus gostos ou aversões. E este senso de “realidade” é inicialmente estabelecido no mundo físico, aquele no qual esses contatos entre os “outros” e o “eu” são primeiramente reconhecidos pela consciência. A autoconsciência começa sua evolução no corpo físico e através dele, e tem seu primeiro centro no cérebro.

O homem normal, no atual estágio de evolução, ainda se identifica com esse centro cerebral de autoconsciência, e por isso está limitado à consciência de vigília, ou à consciência atuando no sistema cérebro-espinhal, conhecendo-se como “eu”, distinta e consecutivamente, somente no plano físico, isto é, no estado de vigília. Nesse plano ele é definitivamente autoconsciente, distinguindo entre si mesmo e o mundo externo, entre seus próprios pensamentos e as aparências externas, sem hesitação; portanto, neste plano, e neste plano apenas, as coisas externas são para ele “reais”, “objetivas”, “fora dele mesmo”.

Nos outros planos, o astral e o mental, ele já é consciente, mas não autoconsciente; ele reconhece mudanças dentro de si mesmo, mas ainda não distingue entre mudanças autoiniciadas e as causadas por impactos oriundos do exterior, sobre seus veículos astral e mental. Para ele são todas iguais, mudanças dentro dele mesmo. Por isso, a todos os fenômenos da consciência que ocorrem nos planos suprafísicos planos nos quais a autoconsciência ainda não está definitivamente estabelecida -, o homem normal, mediano, chama de “irreais”, “subjetivos”, “dentro dele mesmo”, tal como a medusa, se fosse filósofa, designaria os fenômenos do plano físico. Ele considera os fenômenos astrais ou mentais como resultados de sua “imaginação”, ou seja, como formas de sua própria criação, e não como resultados de impactos sobre seu veículo astral ou mental oriundos dos mundos externos, de fato mais sutis, mas tão “reais” e “objetivos” como o mundo físico externo. Ou seja, ele ainda não evoluiu suficientemente para

alcançar a autorrealização nesses planos e, por conseguinte, para ter se tornado capaz de objetivar aí os mundos externos. Ele está consciente apenas das mudanças em si mesmo, das mudanças na consciência, e consequentemente o mundo externo é para ele simplesmente o campo de seus próprios desejos e pensamentos. Ele é, de fato, uma criança nos planos astral e mental.

68 *Bhagavad-Gita*, XV, 7 [Ver *Bhagavad-Gita*, tradução de Annie Besant, Ed. Teosófica, Brasília-DF. N. E.].

69 *Ibid.*, XIII, 6.

X. ESTADOS HUMANOS DE CONSCIÊNCIA

1. A Subconsciência

Já notamos o fato de que muitas atividades da consciência, outrora intencionais, tornaram-se automáticas, e gradualmente desceram abaixo do “limiar da consciência”. Os processos que mantêm a vida do corpo tais como os batimentos cardíacos, a sístole e a diástole do coração, os processos digestivos, etc. passaram para uma região da consciência sobre a qual sua atenção não se fixa. E há inúmeros fenômenos, não diretamente relacionados à manutenção da vida do corpo, que também habitam essa região obscura. O sistema simpático é o depósito de rastros deixados por eventos há muito ocorridos eventos que não pertencem absolutamente à nossa vida atual mas que se passaram há centenas de séculos, que ocorreram em vidas vividas há muito tempo, quando o *Jivãtmã*, que é o nosso Ser, habitava corpos humanos selvagens, e mesmo corpos de animais.

Muitos eventos de terror sem causa, pânico noturno, surtos de fúria, muitos impulsos de crueldade rancorosa, muitos ímpetos de ardente vingança, são trazidos das profundezas desse oceano sombrio do subconsciente que existe dentro de nós, ocultando muitos destroços, muitos esqueletos de nosso passado. Transmitidos pela consciência astral daquele tempo ao seu instrumento físico para serem postos em ação, são então capturados e fotografados pela placa sempre sensível do átomo permanente, que os registra nos recessos do sistema nervoso, vida após vida. A consciência está desguarnecida, ou uma forte vibração provinda de outra pessoa nos atinge, ou algum evento produz circunstâncias que dão início a vibrações provocadoras. De uma maneira ou de outra, as possibilidades

adormecidas são despertadas e, lançando-se para cima até a luz do dia, surge a paixão há muito enterrada. Aí também se ocultam instintos que outrora foram esforços para a manutenção da vida ou os resultados de experiências nas quais nosso corpo da época tenha perecido, tendo a alma registrado o resultado para orientação futura. Instintos de amor pelo sexo oposto, resultado de inúmeras uniões; instintos de amor paternal e maternal, alimentados durante muitas gerações; instintos de autodefesa, desenvolvidos em inúmeras batalhas; instintos de levar vantagem indevida, progênie de inúmeras trapaças e intrigas; mais uma vez aí espreitam as muitas vibrações que pertencem a eventos, sentimentos, desejos e pensamentos em nossa vida presente, já experienciados e esquecidos, mas que jazem próximos à superfície, prontos para serem evocados.

Não haveria tempo para enumerar o conteúdo dessa câmara de relíquias de um passado imemorial, que contém os ossos que servem apenas para a lata de lixo, lado a lado com fragmentos interessantes dos primeiros dias, com ferramentas ainda úteis para as nossas necessidades atuais. Sobre a porta da câmara de relíquias está escrito: “Fragmentos do Passado”. Pois o subconsciente pertence ao passado, como a consciência de vigília pertence ao presente, e a supraconsciência, ao futuro.

Outra parte do subconsciente em nós é composta do conteúdo de todas as consciências que usam nossos corpos como campo de evolução átomos, moléculas, células de muitas gradações. Alguns dos estranhos espectros e graciosas figuras que surgem do subconsciente em nós não nos pertencem absolutamente são o fraco tatear, os temores tolos e belas fantasias das unidades de consciência num estágio de evolução inferior ao nosso; são nossos convidados, habitando nosso corpo como uma hospedaria.

Nessa parte do subconsciente ocorrem as guerras travadas por um conjunto de criaturas em nosso sangue contra outro conjunto, que não penetram nossa consciência, salvo quando seus resultados aparecem como doenças.

A subconsciência humana, atuando no plano físico, é composta de muitos elementos variados, e assim é preciso analisá-los e entendê-los, para distinguir a sua atuação daqueles da verdadeira supraconsciência humana, que se assemelham aos instintos em suas súbitas irrupções na consciência, mas diferem totalmente dos primeiros em sua natureza e lugar na evolução, pertencendo ao futuro, enquanto aqueles [os elementos da subconsciência humana] pertencem ao passado. Esses dois conjuntos de elementos diferem da mesma maneira como órgãos atrofiados, dos quais só restam vestígios que registram a história do passado, se distinguem dos órgãos rudimentares germinais, indicando o progresso do futuro.

Vimos também que a consciência, atuando no plano astral, construiu e ainda está construindo o sistema nervoso como seu instrumento no plano físico; mas isso também não faz parte do que é denominado consciência normal de vigília neste estágio de evolução. No homem comum, a consciência, atuando no plano mental, está agora construindo e organizando o corpo astral como seu instrumento futuro do plano astral; porém, também isto não faz parte da consciência de vigília. O que é então a consciência de vigília humana?

2. A Consciência de Vigília

A consciência de vigília é aquela atuando nos planos mental e astral, usando matéria astral e mental como veículo, sediada no cérebro físico como autoconsciência⁷⁰, usando esse cérebro com o sistema nervoso a ele conectado como seu instrumento para desejar, conhecer e agir no plano físico. Na consciência de vigília, o cérebro está sempre ativo, sempre vibrando; sua atividade, como órgão de transmissão, pode ser estimulada do exterior, através dos sentidos, ou pela consciência, a partir dos planos internos; mas ele está incessantemente ativo, respondendo ao que é externo

e ao que é interno. No homem comum, o cérebro é a única parte em que a consciência definitivamente tornou-se autoconsciência, a única parte na qual ele se sente como “eu” e se afirma como uma unidade individual separada. No restante, a consciência ainda está tateando vagamente, respondendo a impactos externos, mas não os definindo ainda; perceptiva quanto às mudanças em suas próprias condições, mas ainda não perceptiva de “outros” e de “eu mesma”.

Nos membros mais avançados da família humana, a consciência atuando nos planos astral e mental é muito rica e ativa, porém sua atenção ainda não está voltada para fora, para os mundos astral e mental nos quais está vivendo, e suas atividades encontram expressão externa na autoconsciência no plano físico, para o qual está voltada toda a atenção externa na consciência e na qual é vertida tanto da atuação superior quanto ela é capaz de receber. Periodicamente, impactos poderosos do plano astral ou mental criam uma vibração tão violenta na consciência que uma onda de pensamento ou emoção lança-se sobre a consciência de vigília, imprimindo-lhe movimento tão furioso que suas atividades normais são solapadas, submersas, e o homem comete ações não direcionadas nem controladas pela autoconsciência. Consideraremos isto posteriormente quando chegarmos à consciência suprafísica.

Podemos então definir “consciência de vigília” como aquela parte da consciência total que está funcionando no cérebro e no sistema nervoso, e que é definitivamente autoconsciente. Podemos conceber a consciência como simbolizada por uma grande luz, que brilha através de um globo de vidro colocado num teto, iluminando o aposento abaixo, enquanto a própria luz preenche o aposento acima e lança seu brilho livremente em todas as direções. A consciência é como um grande ovo de luz, do qual apenas uma extremidade está inserida no cérebro, e essa extremidade é a consciência de vigília. À medida que a consciência torna-se autoconsciência no plano astral e o cérebro desenvolve-se suficientemente para responder às suas vibrações,

a consciência astral irá tornar-se parte da consciência de vigília. Posteriormente ainda, quando a consciência torna-se autoconsciente no plano mental e o cérebro desenvolve-se suficientemente para responder às suas vibrações, a consciência de vigília incluirá a consciência mental. E assim sucessivamente, até que toda a consciência nos nossos cinco planos se tenha tornado consciência de vigília.

Esta ampliação da consciência de vigília é acompanhada do desenvolvimento nos átomos do cérebro, assim como do desenvolvimento de certos órgãos no cérebro e das conexões entre as células. Para a inclusão da autoconsciência astral, é necessário que o corpo pituitário tenha evoluído além de sua condição atual, e que o quarto conjunto de espirilas nos átomos se tenha aperfeiçoado. Para a inclusão da autoconsciência mental, a glândula pineal deve entrar em atividade, e o quinto conjunto de espirilas deve ser posto em funcionamento. Enquanto esses desenvolvimentos físicos não forem completados, a autoconsciência pode desenvolver-se nos planos astral e mental, mas permanece supraconsciência, e sua atuação não se expressa através do cérebro para se tornar parte da consciência de vigília.

A consciência de vigília é limitada e condicionada pelo cérebro enquanto o homem possuir um corpo físico, e qualquer dano ao cérebro, qualquer lesão, qualquer perturbação, de imediato interfere em sua manifestação. Por mais altamente desenvolvida que possa estar a consciência de um homem, ele é limitado por seu cérebro no que concerne às suas manifestações no plano físico; e se esse cérebro estiver mal formado ou mal desenvolvido, sua consciência de vigília será insignificante e restrita.

Com a perda do corpo físico, muda a conotação de consciência de vigília, e aquilo que é dito aqui sobre as condições físicas é transferido para o astral. Portanto, podemos ampliar nossa definição original para a seguinte afirmação geral: consciência de vigília é aquela parte da consciência total

que está atuando através do veículo mais exterior, isto é, que se está manifestando no plano mais inferior então tocado por essa consciência.

Nos primeiros estágios da evolução humana há pouca atividade na consciência nos planos internos, a não ser quando estimulada a partir do exterior; mas à medida que a autoconsciência torna-se mais vívida no plano físico, ela enriquece o conteúdo da consciência interior com rapidez sempre crescente. A consciência, atuando sobre seu conteúdo, evolui rapidamente até que seus poderes internos ultrapassam em muito as possibilidades de sua manifestação através do cérebro, o qual se torna uma limitação e um empecilho, em vez de um alimentador e estimulador. Então a pressão da consciência sobre seu instrumento físico torna-se às vezes perigosamente grande, causando tensão nervosa que põe em perigo o equilíbrio do cérebro, incapaz de se adaptar com rapidez suficiente às poderosas ondas que o assolam. Daí a verdade do ditado popular: “Genialidade e insanidade andam de mãos dadas”.

Somente o cérebro altamente e delicadamente organizado pode permitir a manifestação da “genialidade” no plano físico; mas esse mesmo cérebro é facilmente tirado de seu equilíbrio por essas fortes ondas de genialidade, e isto é “insanidade”. A loucura a incapacidade do cérebro de responder regularmente a vibrações pode de fato ser causada pela falta ou suspensão de desenvolvimento, falta ou suspensão de organização cerebral; e essa loucura não está associada à “genialidade”, porém é um fato significativo e fecundo que um cérebro em vias de evolução normal desenvolvendo combinações novas e delicadamente equilibradas para a expressão enriquecida da consciência no plano físico seja, dentre todos os outros, aquele que pode o mais facilmente ser incapacitado pelo desarranjo de algumas partes de seu mecanismo, ainda não suficientemente estabelecidas para resistir à tensão. Retomaremos a isto ao considerarmos a consciência suprafísica.

3. A Consciência Suprafísica

No Ocidente, psicólogos recentemente se puseram a estudar estados de consciência que não o de vigília, designados como “anormal”, “subconsciente”, “inconsciente” e muitas vezes como “consciência do sonho” porque o sonho é a forma universal mais geralmente reconhecida de estado diferenciado de consciência. A princípio houve uma tendência de se considerar esses estados como resultados de condições cerebrais desordenadas, e essa visão é ainda largamente prevalecente. Os psicólogos de vanguarda, no entanto, estão deixando para trás esta ideia estreita e começando a estudar esses estados como nítidas manifestações de consciência sob condições ainda não compreendidas, porém não necessariamente desordenadas. Alguns definitivamente reconhecem uma “consciência mais ampla”, da qual somente uma parte pode encontrar expressão no cérebro no seu atual estágio de desenvolvimento.

No Oriente, esse estado diferenciado de consciência é de há muito considerado como superior ao estado de vigília, como estado de consciência liberto dos estreitos limites do cérebro físico, agindo em um meio mais sutil, mais plástico e adequado. O sonho tem sido considerado como uma fase dessa atividade suprafísica, como um tocar nos mundos superiores. E têm sido desenvolvidos métodos para despertar a autoconsciência no mundo do sonho, para libertar a autoconsciência do corpo físico, trajando suas vestes superiores; de modo que, em vez das respostas vagas e confusas a impactos dos mundos superiores em estados de sonho não desenvolvidos, a autoconsciência possa ser aí estabelecida com visão clara e definida.

Para realizar isto, a autoconsciência em seus veículos superiores deve primeiramente ser removida do corpo físico e ativada no plano astral, pois até que se reconheça fora do corpo físico denso, ela não consegue separar no “sonho” as experiências extrafísicas dos fragmentos caóticos de experiências físicas misturadas a essas no cérebro. Tal como a água limpa posta num balde de lama mistura-se com a lama, a experiência astral,

despejada num cérebro cheio de fragmentos de acontecimentos passados, torna-se imprecisa, confusa, incongruente.⁷¹

Por isso a psicologia oriental buscou métodos de separar a autoconsciência de seu veículo físico, e é interessante observar que esses métodos totalmente diferentes, como são, dos métodos usados no Ocidente e dirigidos para a intensificação da consciência reduzem o corpo ao mesmo estado de quietude que é induzido no Ocidente pelos métodos físicos, quando o psicólogo ocidental dedica-se ao estudo da consciência diferenciada.

A supraconsciência inclui a totalidade da consciência acima da consciência de vigília; isto é, tudo nos planos superiores que não se expresse no plano físico como autoconsciência atuando através do cérebro. Portanto é uma grande complexidade, e engloba um grande número de fenômenos. O sonho, como dissemos, é parte dela, como o são todas as atuações da consciência astral afirmando-se como premonições, advertências, visões de acontecimentos distantes no espaço ou no tempo, vagos toques de outros mundos, intuições súbitas com relação ao caráter ou a eventos; também toda a atuação da consciência mental, superior ou inferior, que apareça como compreensão intuitiva de verdades ou como *insight* súbito de conexões causais, inspirações morais ou mentais -, vislumbres de gênio, visões de elevada beleza artística, etc. Essas irrupções da supraconsciência no plano físico têm o caráter do inesperado, da convicção, da imperiosa autoridade, da falta de causa aparente. Elas não estão relacionadas, ou estão apenas indiretamente relacionadas, ao conteúdo da consciência de vigília, e não se justificam perante ela, mas simplesmente se impõem a ela.

Para manifestar a supraconsciência no plano físico, é necessário nos primeiros estágios reduzir o cérebro à inatividade, tornar os órgãos dos sentidos não responsivos a impactos físicos e, ao expelir a entidade consciente do corpo, reduzir esse corpo ao estado chamado de “transe”. O

transe é apenas o estado de sono induzido de maneira artificial ou anormal; quer seja produzido por meios mesméricos, hipnóticos, medicinais ou outros, o resultado é o mesmo, no que respeita ao corpo físico. Mas o resultado sobre os outros planos dependerá inteiramente da evolução da consciência nesses planos; e uma consciência altamente desenvolvida não permitiria o uso de meios hipnóticos ou farmacêuticos a não ser, talvez, de um anestésico para uma cirurgia -, embora uma consciência assim possa permitir, sob circunstâncias excepcionais, o uso de mesmerismo para produzir o estado de transe.

O transe pode também ser produzido pela ação dos planos superiores, por meio de intensa concentração do pensamento ou pela contemplação enlevada de um objeto de devoção, que induz o êxtase. Esses são os meios usados desde tempos imemoriais pelos *Rāja Yogues* do Oriente, e o êxtase do Santo no Ocidente é produzido por essa contemplação enlevada. O transe é indistinguível daquele produzido pelos meios acima referidos no Salpêtrière⁷² ou em qualquer outro lugar. Os *Hatha Yogues* também atingem essa mesma condição de transe, mas por meios que muito se assemelham ao que se mencionou por último fixando o olhar num ponto preto sobre um fundo branco, na ponta do nariz, e outras práticas semelhantes.

Porém, quando são usadas práticas diferentes da visão física e dos testes físicos, como é grande a diferença entre as condições da consciência suprafísica no indivíduo hipnotizado e noyogue! H.P. Blavatsky descreveu bem esta diferença:

No estado de transe a Aura muda completamente, as sete cores prismáticas não mais são discerníveis. No sono elas também não estão “em casa”. Pois aquelas que pertencem aos elementos espirituais no homem a saber, amarelo, Buddhi; índigo, Manas Superior; e o azul do Envoltório Áurico serão dificilmente discerníveis ou desaparecerão totalmente. O Homem Espiritual é livre durante o sono; e embora sua memória física possa não se tornar perceptiva disto, ele vive, vestido em sua essência superior, nos reinos dos outros planos, nos reinos que são a terra da realidade, chamada de sonhos em nosso plano de ilusão. Ademais, um bom clarividente, se tivesse oportunidade de ver um yogue em transe e um indivíduo mesmerizado lado a lado,

aprenderia uma importante lição em ocultismo. Ele aprenderia a reconhecer a diferença entre o transe autoinduzido e estado hipnótico resultante de influências extrínsecas. No yogue, os “princípios” do quaternário inferior desaparecem totalmente. Nem vermelho, verde, vermelhiovioleta, nem o azul áurico do corpo podem ser vistos; nada, a não ser vibrações dificilmente perceptíveis do princípio prânico de matiz dourada, e uma chama violeta com listras douradas precipitandose para cima a partir da cabeça, na região onde repousa o Terceiro Olho, culminando em um ponto. Se o estudante lembrar que o violeta verdadeiro, ou a extremidade do espectro, não é uma cor composta de vermelho e azul, mas uma cor homogênea com vibrações sete vezes mais rápidas do que as vibrações do vermelho, e que o matiz dourado é a essência das três linhas amarelas do laranja-vermelho ao amarelo-laranja e amarelo, ele entenderá a razão por que ele (o yoguej vive em seu próprio Corpo Áurico, que agora se torna o veículo de Buddhi-Manas. Por outro lado, num indivíduo em transe hipnótico ou mesmérico artificialmente produzido, há um efeito inconsciente, quando não consciente, de Magia Negra, a não ser quando produzido por um elevado Adepto, e todo o conjunto de princípios estará presente com o Manas Superior paralisado, Buddhi separado de Manas por essa paralisia, e o Corpo Astral vermelho-violeta totalmente sujeito ao Manas Inferior e ao Kâma Rupa.^{K3}

Essa diferença na aparência da pessoa em transe, como é vista pelo olho de visão clara, está ligada a uma diferença de imensa importância no resultado posterior do transe. O yogue, ao deixar o corpo, deixa-o em plena autoconsciência, visita os mundos superiores na plena posse de suas faculdades, e ao retornar ao corpo denso imprime no cérebro evoluído a memória de suas experiências. A pessoa pouco evoluída, no transe, “perde a consciência”; quando sua autoconsciência não está desenvolvida nos planos superiores, sua percepção aí não se volta para fora; ela está praticamente tão adormecida aí, nos mundos astral e mental, quanto está no plano físico, e ao despertar do transe não sabe nada do que ocorreu durante o evento, nem aqui nem em lugar algum.

Se, no entanto, o indivíduo for suficientemente desen-volvido, como é a maioria das pessoas neste estágio de evolução, para estar autoconsciente no plano astral, então os outros podem beneficiar-se lhe fazendo perguntas enquanto está em transe. Pois no transe artificialmente induzido, no qual o cérebro é alijado da ação e reação normal entre ele mesmo e o ambiente, ele

se torna um instrumento, embora inadequado, da consciência suprafísica. Isolado de seu ambiente físico, incapaz de responder aos estímulos do exterior aos quais está acostumado, separado de suas relações inferiores enquanto permanece unido ao seu superior, ele continua a responder aos impactos de cima e pode fazê-lo mais eficazmente, visto que nenhuma de suas energias está fluindo para o corpo físico. Essa é a essência do estado de transe. No fechamento forçado das avenidas dos sentidos, através das quais suas forças jorram para o mundo externo, essas forças permanecem disponíveis como serviços da consciência suprafísica. No silêncio assim imposto ao plano físico, as vozes dos outros planos podem fazer-se ouvir.

No transe hipnótico observa-se a aceleração das faculdades mentais: a memória engloba uma área muito mais ampla, pois as fracas pulsações deixadas por eventos que ocorreram há muito tempo tornam-se audíveis quando as pulsações mais fortes dos eventos recentes são temporariamente silenciadas; pessoas esquecidas no estado de vigília são lembradas no transe; idiomas conhecidos na infância, mas deixadas desde então, reaparecem; e ressurgem eventos triviais. Às vezes os poderes perceptivos estendem-se por sobre uma grande área: ocorrências distantes são vistas, a visão atravessa as barreiras físicas, vozes distantes tornam-se audíveis. Fragmentos de outros planos são também ocasionalmente vislumbrados, muito misturados com as formas-pensamento das horas de vigília. Existe toda uma literatura sobre este assunto e pode ser estudada pelo investigador.

Descobriu-se também que os resultados do transe mais profundo não são idênticos aos dos mais superficiais. À medida que o transe se profunda, as camadas mais elevadas da consciência suprafísica manifestam-se no cérebro. O famoso caso de Leonie I, II e III é bem conhecido. E deve-se observar que Leonie I nada sabia de Leonie II e III; Leonie II sabia de Leonie I, mas não sabia de Leonie III; e Leonie III sabia tanto de Leonie I quanto de Leonie II. Ou seja, o superior conhece o inferior, ao passo que o inferior não conhece o superior um fato bastante significativo.

No transe mesmérico, os fenômenos superiores são mais facilmente obtidos do que no transe hipnótico, e nele podem ser obtidas afirmações muito claras sobre os fenômenos do plano astral e mesmo do mental quando o “indivíduo” é bem desenvolvido e às vezes são obtidos vislumbres de vidas passadas.

Quando vemos que a exclusão do plano físico é a condição para essas manifestações da consciência suprafísica, começamos a compreender a lógica dos métodos do *Yoga* praticados no Oriente. Quando os métodos são físicos, como no *Hatha Yoga*, o transe hipnótico é obtido com mais frequência, e a pessoa, ao despertar, nada lembra de suas experiências. O método do *Rāja Yoga*, no qual a consciência é retirada do cérebro por meio de intensa concentração, leva o estudante à continuidade de consciência nos planos sucessivos, e ele lembra suas experiências suprafísicas ao retornar ao estado de vigília. Tanto no Oriente quanto no Ocidente, visa-se a mesma cessação da consciência de vigília para se obter traços da consciência suprafísica ou, como diria o psicólogo ocidental, do inconsciente no homem. O método oriental, porém, com milhares de anos de experiência atrás de si, produz resultados incomparavelmente maiores nos reinos da consciência suprafísica e estabelece, sobre a base segura de reiteradas experiências, a independência da consciência com relação ao seu veículo físico.

O êxtase e a visão dos Santos, em todas as idades e em todos os credos, oferecem outro exemplo das irrupções do “inconsciente”. Nesses casos, o meio para se produzir a necessária condição cerebral é a oração prolongada e absorvente, ou a contemplação. As avenidas dos sentidos são fechadas pela intensidade da concentração interior, e o mesmo estado que o praticante de *Rāja Yoga* busca atingir deliberadamente é alcançado espasmódica e involuntariamente. Por essa razão, os devotos de todas as crenças atribuem suas visões ao favor da Deidade adorada, e não ao fato de que eles produziram em si mesmos uma condição mental passiva que

permite que a consciência suprafísica imprima no cérebro as visões e sons dos mundos superiores.

O Prof. William James, em seu livro *Varieties of Religious Experience*⁷⁴, assinala que algumas dessas irrupções mais marcantes do “inconsciente” são casos de “conversões súbitas”, nas quais um pensamento súbito, uma visão ou uma voz mudaram de imediato e completamente todo o curso da vida de vigília de um homem. Ele argumenta com razão que uma força, suficientemente poderosa para produzir tais efeitos, não pode ser menosprezada nem desdenhosamente ignorada por qualquer estudante sério da consciência humana. Toda essa classe de fenômenos físicos demanda estudo cuidadoso e científico, e promete uma rica colheita de resultados, quanto à consciência suprafísica, para recompensar o investigador sério.

Porém, contra este ponto de vista, argumenta-se que esses fatos são observados em conexão com estados nervosos mórbidos, e que os indivíduos são histéricos, pessoas superexcitadas, cujas experiências são viciadas por sua condição.

Em primeiro lugar, isto nem sempre é verdade; os *Rāja Yogues* do Oriente são pessoas notáveis por sua calma e serenidade, e alguns dos casos de conversão foram de homens mundanos e competentes. Admitamos, no entanto, que na maioria dos casos a condição nervosa seja mórbida e o cérebro esteja em estado de tensão, mas e daí? Reconhece-se que o cérebro normal evoluiu até o ponto de responder às vibrações do mundo físico e de enviá-las para cima; e de transmitir para baixo, a partir dos veículos superiores, as vibrações mentais e astrais conectadas a eles. Não evoluiu ainda a ponto de receber sem perturbação as vibrações muito intensas oriundas dos planos superiores, nem de responder a todas as vibrações estabelecidas nos veículos mais sutis pelos fenômenos externos de seus próprios planos. Emoções muito violentas de alegria, dor, aflição, terror muitas vezes se mostram excessivas para o cérebro normal, causando enxaqueca, histeria, e até mesmo colapso nervoso. Portanto, não é de se

admirar que a emoção muito intensa que causa aquilo que é chamado de conversão seja frequentemente acompanhada de desordem nervosa semelhante.

O fato importante é que, após passar o distúrbio nervoso, o efeito a atitude modificada com relação à vida permanece. O distúrbio nervoso deve-se à inadaptação do cérebro físico para suportar as vibrações violentas e rápidas que o golpeiam; a atitude permanentemente modificada deve-se à pressão firme da consciência suprafísica continuamente exercida. Onde a consciência suprafísica não está suficientemente desenvolvida para exercer essa pressão contínua, a pessoa convertida “perde a graça” à medida que a onda de emoção diminui.

No caso de visões e fenômenos parecidos, já vimos que podem se dar quando uma forma de transe tenha sido produzida. Mas sem isto, esses fenômenos podem ocorrer em casos onde o cérebro esteja em estado de tensão, seja devido a alguma causa temporária ou ao fato de que sua evolução estendeu-se além do normal. A emoção forte pode aumentar a tensão nervosa ao ponto onde uma resposta às vibrações astrais diretas tornase possível, e assim um acontecimento astral torna-se visível ou audível. A reação devida à tensão provavelmente irá mostrar-se como perturbação nervosa. Quando o cérebro é mais altamente evoluído do que o comum, quando se tornou mais complexo e mais sensível, os acontecimentos astrais podem ser sentidos constantemente, e essa tensão pode muito bem ser um tanto maior do que o sistema nervoso esteja preparado para suportar, além de suportar o desgaste causado pela civilização moderna. Por isso, mais uma vez, a histeria e outras formas de distúrbios nervosos sejam provavelmente acompanhadas de visões.

Mas esses fatos não retiram a importância das experiências, como fatos na consciência. Na verdade, talvez, até aumentem sua importância, mostrando o caminho no qual a evolução atua na ação do ambiente sobre um organismo. Os impactos reiterados das forças externas estimulam o

organismo em crescimento, e muitas vezes submetem-no temporariamente a tensão excessiva; mas as próprias forças de tensão aceleram sua evolução. A crista da onda evolutiva deve sempre consistir em organismos incomuns; os organismos assentes, normais, estáveis, medianos seguem mais atrás; eles são mais respeitáveis, mas talvez não sejam tão interessantes quanto os pioneiros, e certamente não são tão instrutivos com relação ao futuro. Aliás, as forças do plano astral estão constantemente agindo com vigor sobre o cérebro humano para que ele possa desenvolver-se como um veículo mais pleno de consciência; e um cérebro sensível, no estado de transição, está propenso a se desligar um pouco do mundo de seu passado. É provável que muitas atividades para as quais o pensamento está atualmente direcionado sejam, no futuro, desempenhadas automaticamente; e gradualmente mergulharão abaixo do limiar da consciência de vigília, como aconteceu a várias funções outrora efetuadas deliberadamente.

À medida que essas mudanças continuam, as vibrações mais sutis devem inevitavelmente aparecer em número crescente nos cérebros mais delicadamente equilibrados, aqueles que *não* são normais, visto que estes na crista da onda da evolução serão os mais capazes de responder. O Dr. Maudsley escreve: “Que direito temos de acreditar que a Natureza tenha qualquer obrigação de fazer seu trabalho apenas por meio de mentes completas? Ela pode considerar uma mente incompleta um instrumento mais favorável para um propósito específico”⁷⁵. E o próprio professor James afirma: “Se houvesse algo chamado inspiração vindo de um reino superior, seria bem provável que o temperamento neurótico forneceria a principal condição da receptividade necessária”⁷⁶.

Quando reconhecermos que forças mais sutis do que as físicas precisam necessariamente, para sua expressão, de um veículo mais refinado do que o cérebro organizado para a recepção do físico, deixaremos de nos perturbar ou de nos afligir ao descobrirmos que as forças suprafísicas geralmente encontram mais pronta expressão através de cérebros que estão

mais ou menos desligados do plano físico. E compreenderemos que os sintomas físicos anormais que acompanham essas manifestações de modo algum depreciam o valor dessas energias nem a importância do papel que desempenham no futuro da humanidade. Ao mesmo tempo, deve naturalmente surgir o desejo de encontrar algum método por meio do qual se permita a essas forças manifestar-se sem pôr em risco de destruição seu instrumento físico.

Esse caminho foi descoberto no Oriente na prática do *Rāja Yoga*, por meio do qual o exercício seguro da consciência superior é buscado através de intensa concentração. Essa concentração, em si mesma, desenvolve o cérebro como instrumento para as forças mais sutis, atuando nas células cerebrais da maneira já descrita, em conexão com o pensamento.⁷⁷ Ademais, ela lentamente abre o conjunto de espirilas do átomo da ordem seguinte àquelas agora em atividade, e assim acrescenta um novo órgão para o funcionamento superior. Esse processo é necessariamente lento, mas é o único caminho seguro de desenvolvimento; e se se ressentir dessa lentidão, pode ser sugerido, como razão para a prática da paciência, que o estudante está se esforçando por antecipar o desenvolvimento atômico da próxima Ronda, e dificilmente poderia ter a expectativa de fazê-lo com rapidez. É essa lentidão das práticas do *Rāja Yoga* que as tornam um tanto inaceitáveis ao apressado Ocidente; contudo, não existe outra maneira de assegurar um desenvolvimento equilibrado. A escolha está entre isto e os mórbidos distúrbios que acompanham as irrupções da consciência suprafísica em um veículo não preparado. Não podemos transcender as leis da Natureza; podemos apenas tentar compreendê-las, e então utilizá-las.

70 Ver Cap. IX, itens 1 e 2, para a diferença entre consciência e autoconsciência; e Cap. VI, item 3, para a exposição sobre consciência física, que não deve ser confundida com consciência de vigília.

71 O estudante fará bem em ler cuidadosamente o muito proveitoso livro de C. W. Leadbeater *Dreams*. [Versão brasileira: *Os Sonhos*, Ed. Teosófica. N. E.].

72 Hospital em Paris onde surgiu, no final do século XIX, a “Escola de Salpêtrière”, liderada pelo neurologista Jean Martin Charcot e na qual foi usada a hipnose como método de investigação científica e de cura. (N. E.)

73 *The Secret Doctrine*, IV (5a. ed. de Adyar). [Na edição brasileira, o texto de HPB está no vol. VI, pp. 120s. N. E.].

74 Tradução do título: “Variedades de Experiências Religiosas”. Foi publicado em 1902. O autor, psicólogo e filósofo norte-americano, viveu de 1842 a 1910. (N. E.)

75 Citado no livro do Prof. James, acima mencionado, p. 19. Onde está “mente”, leia-se “cérebro”.

76 Idem., p. 25.

XI. A MONADA EM AÇÃO

1. A Construção dos Veículos

Consideremos agora a atuação da Mônada na moldagem de seus veículos quando ela tem como seus representantes *Ātmā-Buddhi-Manas* ela própria nos terceiro, quarto e quinto planos -, tendo o corpo causal como receptáculo, a casa do tesouro, das experiências de cada encarnação.

Ao se encerrar cada período de vida, o que equivale dizer, ao final de cada existência *devachânica*, ela deve estimular uma atividade renovada nos três núcleos sucessivos dos corpos que deverá utilizar durante seu próximo período de vida. Primeiramente, ela desperta o núcleo mental. Esse despertar consiste em incrementar o fluxo de vida através das espirilas. Devemos lembrar que, quando as unidades permanentes “foram dormir”, o fluxo normal de vida nas espirilas diminuiu, e durante todo o período de repouso esse fluxo é pequeno e lento.⁷⁸

Quando é chegado o momento da reencarnação, o fluxo é incrementado, as espirilas palpitam com a vida, e as unidades permanentes, uma após outra, agem como ímãs, atraindo ao redor de si matéria apropriada. Assim, quando estimulada, a unidade mental começa a vibrar fortemente segundo os poderes vibratórios resultados de experiências passadas nela armazenados, atraindo e organizando em torno de si matéria apropriada do plano mental. Assim como uma barra de ferro macio se magnetiza quando uma corrente é enviada através de um arame que a circunda, e como a matéria dentro do campo magnético gerado organiza-se de imediato em torno do ímã, o mesmo se dá com a unidade mental permanente. Quando a corrente de vida a envolve, ela se torna um ímã, e a

matéria dentro do campo de suas forças organiza-se em torno dela e forma um novo corpo mental. A matéria atraída estará de acordo com a complexidade da unidade permanente. Não apenas matéria mais refinada ou mais grosseira será atraída, mas também deve variar a matéria no desenvolvimento dos átomos que penetram a formação de suas agregações. As moléculas atraídas serão compostas de átomos cujas energias vibratórias sejam idênticas às da unidade que atrai, ou muito semelhantes, ou que estejam em sintonia com ela. Por isso, o desenvolvimento da matéria do novo veículo mental estará de acordo com o estágio de evolução alcançado pelo homem. Desse modo, encarnação após encarnação é construído um corpo mental apropriado.

Exatamente o mesmo processo é repetido no plano astral na construção do novo corpo astral. O núcleo astral o átomo astral permanente é similarmente vivificado, e age de maneira semelhante.

Assim, o homem veste-se de novos corpos mental e astral, que expressam seu estágio de evolução e permitem a quaisquer poderes e faculdades por ele possuídos se expressarem devidamente em seus próprios mundos.

Mas quando chegamos à moldagem do corpo no plano físico, um novo elemento aparece. No que diz respeito à Mônada, o trabalho é o mesmo. Ela vivifica o núcleo físico o átomo físico permanente e ele age como um ímã tal como seus parceiros. Mas agora é como se um homem interferisse na atração e organização da matéria em um campo magnético; o elemental, encarregado de moldar o duplo etérico segundo o modelo fornecido pelos Senhores do *Karma*, assume o controle do trabalho. Os materiais, na verdade, podem ser reunidos tal como um operário carregaria os tijolos para a construção de uma casa, mas o construtor pega os tijolos, aceita-os ou rejeita-os, e usa-os segundo o plano do arquiteto.

E surge a questão: Por que essa diferença? Por que, ao chegar ao plano físico, onde poderíamos esperar uma repetição dos processos anteriores, um

poder estranho deve assumir o controle da construção, retirando-o das mãos do dono da casa? A resposta está na atuação da Lei do *Karma*. Nos planos superiores, as vestes expressam tanto do homem quanto ele tenha evoluído, e lá ele não está trabalhando os resultados de suas relações passadas com outros. Cada centro de consciência nesses planos está atuando dentro de seu próprio círculo; suas energias estão dirigidas para seus próprios veículos, e somente a quantidade delas que finalmente se expressa através do veículo físico age diretamente sobre os outros. Essas relações com os outros tornam complexo o seu *karma* no plano físico; e a forma física particular que o homem usa durante um período de vida particular deve estar adaptada para suportar esse intrincado *karma*. Daí a necessidade da interferência retificadora dos Senhores do *Karma*. Se ele estivesse num estágio de evolução em que de modo semelhante entrasse em relação direta com outros em outros planos, apareceriam limitações semelhantes de seu poder para moldar seus veículos nesses planos. Na esfera de suas atividades externas, quaisquer que sejam elas, essas limitações devem se apresentar.

Consequentemente, a moldagem do corpo físico é feita por uma autoridade superior à sua; ele deve aceitar as condições de raça, nação, família, circunstâncias, exigidas por suas atividades passadas. Essa ação limitante do *karma* requer a criação de um veículo que seja apenas uma expressão parcial da consciência atuante parcial, não apenas por causa da eliminação do poder pela densidade do material em si, mas também por causa das limitações externas acima referidas. Grande parte de sua consciência, muito embora pronta para expressão no plano físico, deve ser excluída, e apenas uma pequena parte dela pode aparecer no plano físico como consciência de vigília.

O passo seguinte que devemos considerar em conexão com essa construção é o trabalho especial de organizar os veículos como expressão da consciência, deixando de lado a construção geral pelo desejo e pelo

pensamento, com os quais estamos tão familiarizados. Estamos preocupados aqui com detalhes, e não com amplos esboços.

Sabemos que, embora as qualidades sejam transmitidas à matéria durante a descida do Segundo Logos, a transformação desses materiais especializados em formas relativamente permanentes pertence à Sua subida. Quando a Mônada, através de seu reflexo como Homem Espiritual, assume algum poder diretivo sobre seus veículos, ela se encontra na posse de uma forma na qual o sistema nervoso simpático está desempenhando um papel muito grande e na qual o sistema cérebro-espinhal ainda não assumiu predominância. Ela terá de elaborar certo número de elos de conexão entre o sistema simpático que herda e os centros que deve organizar em seu corpo astral para seu futuro funcionamento independente nele. Mas antes que seja possível qualquer funcionamento independente em algum veículo superior, é preciso convertê-lo num *veículo transmissor*; isto é, um veículo através do qual ela tenha acesso ao seu corpo no plano físico. Devemos distinguir entre a atuação primária da organização dos veículos mental e astral, que os capacita a serem transmissores de parte da consciência do Homem Espiritual, e o trabalho posterior de transformar esses mesmos veículos em corpos independentes, nos quais o Homem Espiritual poderá funcionar em seus respectivos planos. Por essa razão existem duas tarefas a serem realizadas: primeira, a organização dos veículos mental e astral como transmissores de consciência ao corpo físico; segunda, a transformação desses veículos em corpos independentes nos quais a consciência possa funcionar sem o auxílio do corpo físico.

Depois, os veículos astral e mental devem estar organizados para que o Homem Espiritual possa usar o cérebro físico e o sistema nervoso como órgão de consciência no plano físico. O impulso para isso vem do mundo físico por meio de impactos sobre as várias terminações nervosas, fazendo com que ondas de energia nervosa passem ao longo das fibras até o cérebro; essas ondas passam do cérebro denso ao etérico, daí ao astral, e do astral ao

veículo mental, provocando uma resposta da consciência no corpo causal no plano mental. A consciência assim estimulada por impactos provindos do exterior dá origem a vibrações, que, em resposta, fluem para baixo do corpo causal ao mental, do mental ao astral, do astral ao físico etérico e ao denso. As ondas criam correntes elétricas no cérebro etérico, as quais agem na matéria densa das células nervosas.

Todas essas ações vibratórias gradualmente transformam as primeiras nuvens incipientes de matéria astral e mental em veículos que servem como campos eficazes para essas ações e reações constantes. Esse processo continua durante centenas de nascimentos, tendo iniciado por baixo, como vimos, mas gradualmente ficando sob o controle do Homem Espiritual; ele começa a dirigir suas atividades por meio de suas memórias de sensações passadas, e inicia cada atividade sob o impulso das memórias estimuladas pelo desejo. Com a continuação do processo, cada vez mais a orientação impetuosa surge do interior, e cada vez menos o poder diretivo é exercido pelas atrações e repulsões de objetos externos; e assim o controle da construção do veículo é amplamente retirado do exterior e centrado no interior.

À medida que o veículo torna-se mais organizado, certas agregações de matéria aparecem em seu interior, a princípio nebulosas e vagas, e depois cada vez mais definitivamente delineadas. Esses são os futuros *chakras*, ou rodas, os centros sensórios do corpo astral, distintos dos centros sensórios astrais ligados aos órgãos dos sentidos e centros no corpo físico.⁷⁹ Mas nada é feito durante imensos períodos de tempo para vivificar esses centros que crescem lentamente; e a conexão deles com o corpo físico é muitas vezes retardada mesmo depois de estarem funcionando no plano astral, pois essa conexão só pode ser feita a partir do veículo físico, onde reside a força ígnea de *Kundalini*. Antes de *Kundalini* poder alcançá-los, para que possam passar suas observações para o corpo físico, eles devem estar ligados ao

sistema nervoso simpático, onde as grandes células ganglionares são os pontos de contato nesse sistema.

Uma vez criados esses elos, a corrente ígnea pode fluir, e observações de eventos astrais podem ser transmitidas plenamente ao cérebro físico. Embora só possam ser unidos ao veículo físico dessa forma, sua construção como centros e sua transformação gradual em rodas podem ser começadas a partir de qualquer veículo, e serão iniciadas em qualquer veículo individual que represente o tipo especial de temperamento ao qual ele pertence. Conforme o temperamento ao qual pertence um homem, será o lugar da maior atividade na construção de todos os veículos, na gradual transformação deles em instrumentos eficazes de consciência a ser expressa no plano físico. Esse centro de atividade pode ser o corpo físico, astral, mental inferior ou Mental superior. Em qualquer um desses, ou mesmo em veículo ainda superior, segundo o tipo de temperamento, esse centro será encontrado no princípio que determina o tipo temperamental, e daí ele atua para “cima” ou para “baixo”, moldando os veículos para torná-los adequados à expressão desse temperamento.

2. O Homem em Evolução

Podemos considerar um caso especial para facilitar a compreensão deste processo: um temperamento no qual predomine a mente concreta. Seguiremos o Homem Espiritual através da terceira, quarta e quinta Raças-Raiz. Quando olhamos para ele atuando na terceira Raça, vemos que é bastante infantil mentalmente, muito embora a mente seja a nota predominante de seu tipo. A vida que se avoluma à sua volta que ele não consegue entender nem dominar atua fortemente sobre ele a partir do exterior, afetando poderosamente seu veículo astral. Esse veículo conservará as impressões segundo o temperamento, e os desejos

estimularão a mente infantil a fazer esforços dirigidos à sua satisfação. Sua constituição física difere da constituição do homem da quinta Raça; o sistema simpático ainda é dominante, e o sistema cérebro-espinhal subordinado, mas partes do sistema simpático estão começando a perder muito de sua eficácia como instrumentos da consciência, pertencendo, como instrumentos que são, ao estágio abaixo do humano.

Existem dois corpos no cérebro especialmente ligados ao sistema simpático em seu prelúdio, embora sejam agora parte do sistema cérebroespinhal a glândula pineal e o corpo pituitário. Eles ilustram a maneira como uma parte do corpo pode funcionar de um modo em um estágio anterior, podendo perder depois um pouco de seu uso especial e de sua função, e num estágio posterior de evolução pode novamente ser estimulado por um tipo superior de vida, que lhe dará novo uso e função num estágio adiantado de evolução.

O desenvolvimento desses corpos pertence ao reino invertebrado e não ao vertebrado, e o “terceiro olho” é chamado pelos biólogos de “olho invertebrado”. No entanto, ele ainda é encontrado como olho entre os vertebrados, pois recentemente foi encontrada uma serpente na Austrália que exibia um arranjo peculiar de escamas semitransparentes no topo da cabeça; quando as escamas foram retiradas, descobriu-se um olho completo por debaixo um olho completo em suas estrutura, embora sem funcionamento. Esse terceiro olho esteve funcionando entre os lemurianos de maneira vaga e geral, característica dos estágios inferiores de evolução e especialmente característica do sistema simpático. À medida que nosso homem progrediu da Raça Lemuriana para a Atlante, o terceiro olho deixou de funcionar, o cérebro desenvolveu-se em torno dele, e ele se tornou um apêndice agora chamado de “glândula pineal”. Como lemuriano ele fora psíquico, o sistema simpático sendo grandemente afetado pelos surtos do corpo astral não desenvolvido. Como atlante ele gradualmente perdeu seus

poderes psíquicos, quando o sistema simpático se tornou subordinado e o cérebro-espinhal se fortaleceu.

O crescimento do sistema cérebro-espinhal foi mais rápido no atlante do que naqueles de outros temperamentos, porque a principal atividade acontecia na mente concreta, e assim a estimulava e moldava; o corpo astral perdeu sua predominância mais cedo e tornou-se mais rapidamente um transmissor de impulsos mentais ao cérebro. Daí, quando nosso homem passou para a Quinta Raça, ele estava peculiarmente pronto para levar vantagem dessa característica; ele construiu um cérebro grande e bem proporcionado, utilizou seu corpo astral principalmente como transmissor, e construiu seus *chakras* a partir do plano mental.

3. O Corpo Pituitário e a Glândula Pineal

Retornando ao segundo dos dois corpos acima mencionados, o corpo pituitário, acredita-se que ele tenha se desenvolvido a partir de uma boca primitiva, ligada diretamente ao tubo digestivo dos invertebrados. Ele deixou de funcionar como boca nos vertebrados e tornou-se um órgão rudimentar; mas reteve uma função peculiar em conexão com o crescimento do corpo. Ele está ativo durante o período normal de crescimento físico, e quanto mais ativamente funciona, maior o crescimento do corpo. Descobriu-se que esse órgão está peculiarmente ativo nos gigantes. Ademais, o corpo pituitário às vezes começa a funcionar na idade adulta, quando a estrutura óssea do corpo está consolidada, e então causa crescimento anormal e monstruoso das extremidades do corpo, mãos, pés, nariz, etc., desfigurando as pessoas horivelmente.

Quando o sistema cérebro-espinhal tornou-se dominante, a antiga função desses dois corpos desapareceu; mas assim como esses órgãos têm um passado, têm também um futuro. O passado esteve ligado ao sistema

simpático; o futuro está ligado ao sistema cérebro-espinhal. À proporção que a evolução continua, e os *chakras* do corpo astral são vivificados, o corpo pituitário torna-se o órgão físico para a clarividência astral, e posteriormente para a mental. Uma tensão muito grande exercida sobre a faculdade astral da visão, enquanto no corpo físico, resulta às vezes em inflamação do corpo pituitário. Este é o órgão através do qual o conhecimento obtido pela visão astral é transmitido ao cérebro; ele é também usado para vivificar os pontos de contato entre o sistema simpático e o corpo astral, por meio dos quais é estabelecida a continuidade de consciência entre os planos astral e físico.

A glândula pineal liga-se a um dos *chakras* do corpo astral e através dele ao mental e serve como órgão físico para transmissão de pensamento de um cérebro a outro. Nessa transmissão, o pensamento pode ser passado de mente a mente, sendo a matéria mental usada como meio para a transferência; ou pode ser enviado para baixo, ao cérebro físico, e por meio da glândula pineal ser enviado, via éter físico, à glândula pineal de outro cérebro, alcançando a consciência receptora.

Embora o centro de atividade resida nos princípios dominantes do homem, a ligação dos *chakras* com o corpo físico deve ser feita, como foi dito, a partir do plano físico. O objetivo dessa ligação não é tornar o veículo astral um transmissor mais eficaz das energias do Homem Espiritual ao corpo físico, mas permitir que o veículo astral esteja em pleno contato com o físico. Pode haver diferentes centros de atividade na construção de veículos transmissores, mas é necessário começar a partir do plano físico, para trazer os resultados das atividades dos corpos funcionando em outros planos ao interior da consciência de vigília. Daí a grande importância da pureza física na alimentação e em outros aspectos.

As pessoas frequentemente perguntam: Como o conhecimento obtido nos planos superiores chega ao cérebro, e por que não é acompanhado pela memória das circunstâncias sob as quais foi adquirido? Qualquer um que

pratique meditação regularmente sabe que muito do conhecimento que não obteve através do estudo no plano físico aparece no cérebro. De onde ele vem? Vem do plano astral ou mental, onde foi adquirido, e chega ao cérebro da maneira comum acima descrita; a consciência assimilou-o diretamente no plano mental ou chegou até ele a partir do astral, e envia para baixo ondas mentais, como de costume. Pode ter sido comunicado por alguma entidade no plano superior, que atuou diretamente no corpo mental.

Mas as circunstâncias da comunicação podem não ser lembradas, por uma das duas razões ou ambas. A maioria das pessoas não está “desperta”, como é tecnicamente denominado, nos planos astral e mental; isto é, suas faculdades estão voltadas para dentro, estão ocupadas com os processos mentais e as emoções, e não estão engajadas na observação dos fenômenos externos desses planos. Elas podem ser muito receptivas, e seus corpos astral e mental podem facilmente ser postos a vibrar; a vibração transporta o conhecimento que é assim obtido, mas a atenção delas não está voltada para a pessoa que está fazendo a comunicação. À medida que a evolução prossegue, as pessoas tornam-se cada vez mais receptivas nos planos astral e mental, mas não se tornam, em consequência disso, perceptivas do que há a seu redor.

A outra razão para a falta de memória é a ausência dos elos com o sistema simpático, acima mencionados. A pessoa pode estar “desperta” no plano astral e funcionando ativamente nele, e pode estar vividamente consciente de seus arredores. Mas se os elos entre os sistemas astral e físico não tiverem sido estabelecidos ou não estiverem vivificados, há uma ruptura na consciência. Por mais vívida que possa ser a consciência no plano astral, até que esses elos estejam funcionando, ela não consegue trazer a memória das experiências astrais e imprimi-las no cérebro físico. Além desses elos, deve haver o funcionamento ativo do corpo pituitário, que foca as vibrações astrais tal qual uma lente convergente foca os raios do Sol. Uma série de vibrações astrais é atraída e lançada sobre um ponto

particular, e com as vibrações assim estabelecidas na matéria física densa, sua ulterior propagação torna-se fácil. Tudo isso é necessário para “recordar-se”.

4. As Vias da Consciência

Surge a questão: A consciência viaja sempre ao longo da mesma via para chegar ao veículo físico? O trânsito, sabemos, às vezes é feito diretamente através dos subplanos atômicos de plano a plano, e às vezes passa através de cada subplano, do sétimo ao primeiro, antes de alcançar o subplano atômico logo abaixo. Por qual dessas vias segue a consciência? Em sua atuação normal, no processo comum de pensar, a onda desce firmemente através de cada subplano sucessivo: do mental, através dos sete subplanos astrais, até o físico etérico, e assim até a matéria nervosa densa. Essa onda cria correntes elétricas na matéria etérica, as quais afetam o protoplasma das células cinzentas. Mas quando ocorrem os lampejos peculiares de consciência, como em lampejos de gênio ou em súbitas ideias imaginativas e reluzentes na mente esse lampejo que chega ao cientista quando a partir de uma grande massa de fatos subitamente ressalta a lei unificadora subjacente -, então a consciência verte-se somente para baixo, através dos subplanos atômicos, chegando assim ao cérebro. Esta é a ideia esclarecedora, que se justifica por seu simples surgimento, como a luz do sol, e que não ganha força de persuasão por qualquer processo de raciocínio. Assim, o raciocínio chega ao cérebro pelos subplanos sucessivos; a legítima iluminação, unicamente pelos subplanos atômicos.

XII. A NATUREZA DA MEMÓRIA

1. O Grande Ser e os Pequenos Eus

O que é a memória? E como ela atua? Por que meios recuperamos o passado, seja ele recente ou remoto? Pois, afinal, quer o passado seja próximo ou remoto, pertencente a esta vida ou a uma vida anterior, os meios que governam sua recuperação devem ser os mesmos, e precisamos de uma teoria que inclua todos os casos de memória, e ao mesmo tempo nos permita compreender cada caso particular.

O primeiro passo para se obter uma teoria precisa e inteligível é a compreensão de nossa própria composição, do Ser com suas muitas vestes, e a inter-relação entre elas; e podemos, sumariamente, reafirmar aqui os principais fatos dos capítulos precedentes que diretamente tratam do problema da memória. O tempo todo devemos ter em mente os fatos de que nossa consciência é uma unidade, e que essa unidade de consciência atua através de várias vestes que lhe impõem uma falsa aparência de multiplicidade. A mais recôndita ou a mais tênue dessas vestes é inseparável da unidade de consciência; aliás, é essa veste que a torna uma unidade. Essa unidade é a Mônada, residindo no plano *Anupādaka*; mas para todos os fins práticos, podemos considerá-la como o Homem Interno com o qual estamos familiarizados, o triatômico *Ātmā-Buddhi-Manas*, que se imagina separado das vestes *átmica*, *búdica* e *manásica*. Essa unidade de consciência manifesta-se através de e reside em vestes que pertencem aos cinco planos de sua atividade, a que nós denominamos o Ser atuando em suas vestes.

Devemos pensar então num Ser consciente habitando veículos que vibram. As vibrações desses veículos correspondem, do lado da matéria, às mudanças na consciência no lado do Ser. Não podemos falar com certeza de vibrações da consciência, porque as vibrações só podem pertencer ao lado material das coisas, o lado “forma”; e só podemos falar vagamente de uma consciência que vibra. Temos mudanças na consciência correspondendo a vibrações nas vestes.

A questão dos veículos, ou corpos, nos quais atua a consciência, o Ser, é de extrema importância no que diz respeito à memória. Todo o processo de recuperar os eventos mais ou menos remotos é uma questão de retratá-los na veste particular de moldar parte da matéria da veste à sua semelhança em que a consciência está trabalhando no momento. No Ser, como fragmento do Ser Universal que para nosso propósito podemos considerar como o Logos, embora na verdade o Logos seja apenas uma porção do Ser Universal tudo está presente; pois no Ser Universal está presente tudo que ocorreu, que está ocorrendo e que ocorrerá no universo; tudo isto, e muitíssimo mais, está presente na Consciência Universal.

Consideremos apenas um universo e seu Logos. Referimo-nos a Ele como sendo onipresente e onisciente. Ora, fundamentalmente, essa onipresença e onisciência estão no Ser individualizado, que é uno com o Logos, mas devemos acrescentar aqui um “mas” com uma diferença; a diferença consistindo no seguinte: que, embora no Ser separado como Ser, separado de todos os veículos, essa onipresença e onisciência residam em virtude de sua unidade com o Ser Uno, os veículos nos quais ele reside ainda não aprenderam a vibrar em resposta às suas mudanças de consciência à medida que volta sua atenção para uma ou outra parte de seu conteúdo. Por isso dizemos que nele tudo existe potencialmente, e não verdadeiramente como no Logos; todas as mudanças que ocorrem na consciência do Logos são reproduzíveis nesse Ser separado, que é uma parte indivisível de Sua vida, mas os veículos não estão prontos ainda como

meios de manifestação. Por causa da separação da forma, por causa dessa reclusão do Ser separado, ou individualizado, essas possibilidades que estão dentro dele como parte do Ser Universal estão latentes, não manifestas, são possibilidades, e não fatos. Como em todo átomo que contribui para construir um veículo existem ilimitadas possibilidades de vibração, também em todo Ser separado existem ilimitadas possibilidades de mudanças de consciência.

No início de um sistema solar, não encontramos no átomo uma ilimitada variedade de vibrações; mas sabemos que ele possui a capacidade de adquiri-las, no transcurso de sua evolução, à medida que responda continuamente às vibrações agindo sobre sua superfície. Ao final de um sistema solar, um número imenso de átomos terá alcançado o estágio de evolução no qual conseguirão vibrar em resposta a qualquer vibração que chegue até eles e tenham origem dentro do sistema; então, para esse sistema, diz-se que esses átomos são perfeitos. A mesma coisa se dá com o Ser separado ou individualizado. Todas as mudanças que ocorrem na consciência do Logos e que estão representadas neste universo estão igualmente dentro da consciência perfeita deste universo, e qualquer uma dessas mudanças pode ser reproduzida em qualquer das formas. Aqui está a memória: o reaparecimento, a reencarnação na matéria, de qualquer coisa que tenha estado dentro deste universo, e portanto sempre *está* na consciência de seu Logos e nas consciências que são parte de Sua consciência. Embora pensemos no Ser como sendo separado com relação aos outros Seres, devemos lembrar sempre que ele não está separado do Ser Único, o Logos. Sua vida não está alijada de nenhuma parte de Seu universo, e nele vivemos, nos movemos e temos o nosso ser, sempre abertos a Ele, preenchidos com Sua vida.

À medida que o Ser se veste com veículo após veículo de matéria sua faculdade para adquirir conhecimento -, torna-se, com cada veículo adicional, mais circunscrito, mas também mais definido. Ao chegar ao

plano físico, a consciência fica restrita às experiências que podem ser recebidas através do corpo físico, e principalmente através dessas aberturas a que chamamos órgãos dos sentidos, que são avenidas através das quais o conhecimento pode chegar ao aprisionado Ser, embora muitas vezes nos refiramos a eles como bloqueadores do conhecimento, quando pensamos nas capacidades do veículo mais sutil. O corpo físico torna a percepção definitiva e clara, tal como um abajur com um diminuto orifício permite que um quadro do mundo externo apareça sobre a parede, que de outro modo nada mostraria sobre sua superfície; os raios de luz são verdadeiramente excluídos da parede, mas, devido a essa mesma exclusão, aqueles que passam pelo orifício formam um quadro claramente definido.

2. Mudanças nos Veículos e na Consciência

Vejam agora o que acontece com relação ao veículo físico na recepção de uma impressão e da subsequente revocação dessa impressão, ou seja, na rememoração.

Uma vibração oriunda do exterior atinge um órgão dos sentidos e é transmitida para o centro apropriado no cérebro, onde um grupo de células vibra; essa vibração as deixa num estado um tanto diferente daquele no qual estavam antes da recepção. O rastro dessa resposta é uma possibilidade para o grupo de células; outrora elas vibraram de uma maneira particular e, como grupo de células, retêm pelo resto de sua existência a possibilidade de novamente vibrar da mesma maneira sem mais uma vez receber um estímulo do mundo exterior. Cada repetição de uma vibração idêntica fortalece essa possibilidade, cada uma deixando seu próprio traço, mas serão necessárias muitas dessas repetições para estabelecer uma repetição autoiniciada as células aproximam-se mais dessa possibilidade de uma vibração autoiniciada por meio de cada repetição impelida do exterior. No

entanto, essa vibração não cessou nas células físicas; ela foi transmitida para o interior, para a célula correspondente ou grupo de células dos veículos mais sutis, e por fim produziu uma mudança na consciência. Essa mudança, por sua vez, reage sobre as células, e uma repetição das vibrações é iniciada a partir do interior pela mudança na consciência; essa repetição é uma memória do objeto que deu início à série de vibrações. A resposta das células à vibração exterior, uma resposta imposta pelas leis do universo físico, dá às células o poder de responder a um impulso semelhante, embora mais fraco, vindo do interior. Um pouco de energia é consumida em cada movimento da matéria num novo veículo, acarretando uma diminuição gradual da energia na vibração. Cada vez menos energia é consumida à medida que as células repetem vibrações semelhantes em resposta a novos impactos oriundos do exterior, e as células respondem mais prontamente a cada repetição. É nisso que está o valor do “fora”; ele, mais facilmente do que qualquer outro meio, desperta na matéria a possibilidade de resposta, estando mais intimamente aparentado aos veículos do que o “dentro”.

A mudança causada na consciência também a deixa mais preparada para repetir a mudança do que na primeira vez, e cada uma dessas mudanças aproxima mais a consciência do poder de iniciar alterações semelhantes. Rememorando a aurora da consciência, vemos que os Seres aprisionados passam por inúmeras experiências antes que ocorra uma mudança autoiniciada na consciência; mas, tendo isto em mente como fato, podemos deixar esses estágios primitivos e estudar as funções da consciência em um ponto mais avançado. Devemos também lembrar que cada impacto, alcançando a veste mais recôndita e dando origem a uma mudança na consciência, é seguido de uma reação, a mudança na consciência causando uma nova série de vibrações de dentro para fora. Há a entrada até o Ser, seguida da saída do Ser. A primeira deve-se ao objeto e dá origem ao que chamamos percepção; e a segunda deve-se à reação do Ser, causando o que chamamos memória.

Várias impressões sensoriais, chegando através da visão, audição, tato, paladar e olfato, são transmitidas do veículo físico através do astral até o mental. Aí elas são coordenadas numa unidade complexa, como um acorde musical é composto de muitas notas. Esse é o trabalho especial do corpo mental ele recebe muitas correntes e as sintetiza em uma; ele transforma muitas impressões em *uma* percepção, *um* pensamento, *uma* unidade complexa.

3. Memórias

Tentemos captar essa coisa complexa após ela ter entrado e causado uma mudança na consciência, uma ideia. A mudança que causou dá origem a novas vibrações nos veículos, reproduzindo aquelas vibrações que causou ao entrar, e em cada veículo ela reaparece sob uma forma mais débil. Ela não é forte, vigorosa e vívida, como quando suas partes componentes foram transmitidas do físico ao astral, e do astral ao mental; ela reaparece no mental sob uma forma mais tênue, a cópia daquilo que o mental enviou para dentro, mas as vibrações são mais débeis. Quando o Ser dela recebe uma reação pois o impacto de uma vibração ao tocar cada veículo deve causar uma reação -, essa reação é muito mais débil do que a ação original, e portanto parecerá menos “real” do que aquela ação; ela cria uma mudança menor na consciência, e essa diminuição representa inevitavelmente uma “realidade” menor.

Enquanto a consciência for muito pouco responsiva para estar perceptiva de quaisquer impactos que não venham com o vigor impulsivo do físico, ela está literalmente mais em contato com a veste física do que com qualquer outra veste, e não haverá memórias de ideias, mas apenas memórias de percepções, ou seja, de quadros de objetos externos, causados pelas vibrações da matéria nervosa do cérebro, reproduzindo-se na matéria

astral e mental relacionadas. Literalmente, são quadros na matéria mental, como o são os quadros na retina do olho. E a consciência percebe esses quadros, “olha-os”, como podemos verdadeiramente dizer, uma vez que a visão do olho é apenas uma expressão limitada de seu poder perceptivo. Quando a consciência afasta-se um pouco do físico, voltando a atenção mais para as modificações em suas vestes internas, ela vê esses quadros reproduzidos no cérebro a partir da veste astral por sua própria reação de dentro para fora, resultando daí a memória de sensações. O quadro surge no cérebro pela criação da mudança na consciência, e é aí reconhecido. Esse reconhecimento implica que a consciência afastou-se muito do veículo físico para o astral, onde está atuando.

A consciência humana atua assim hoje em dia, e portanto está cheia de memórias, que são reproduções no cérebro físico de imagens passadas, causadas por reações da consciência. Num tipo humano pouco desenvolvido, esses quadros são quadros de eventos passados relacionados ao corpo físico, memórias de fome, de sede e de sua gratificação, de prazeres sexuais, etc., coisas nas quais o corpo físico tomou parte ativa. Num tipo superior, no qual a consciência esteja funcionando mais no veículo mental, os quadros no corpo astral atrairão mais de sua atenção; esses quadros são moldados no corpo astral pelas vibrações oriundas do mental, e são percebidos como quadros pela consciência quando se recolhe mais para o interior do corpo mental como veículo imediato. Com a continuação desse processo, e a consciência mais desperta respondendo a vibrações iniciadas a partir do exterior no plano astral por objetos astrais, esses objetos ganham em “realidade”, tornando-se distinguíveis das memórias os quadros no corpo astral causados pelas reações da consciência.

Observemos, de passagem, que a memória do objeto segue de mãos dadas com um quadro da renovação da experiência mais intensa do objeto pelo contato físico, e a isto chamamos antecipação; e quanto mais completa a memória de um evento, mais completa é sua antecipação. De modo que a

memória às vezes irá até mesmo causar no corpo físico as reações que normalmente acompanham o contato com o objeto externo, e podemos saborear em antecipação os prazeres que atualmente não estão ao alcance do corpo. Assim, a antecipação de um alimento saboroso dará “água na boca”. Retornaremos a este fato quando tivermos completado nossa teoria da memória.

4. O Que é a Memória?

Ora, tendo notado nos veículos mudanças que surgem de impactos do mundo externo, a resposta a esses impactos como mudanças na consciência, as vibrações mais débeis produzidas nos veículos pela reação da consciência, e novamente o reconhecimento dessas reações pela consciência, como memórias, chegamos ao ponto crucial da questão: o que é a memória? A dissolução dos corpos entre a morte e a reencarnação põe fim ao seu automatismo, seu poder de responder a vibrações semelhantes às aquelas já experienciadas; os grupos responsivos são desintegrados, e tudo que permanece como semente para respostas futuras é armazenado no interior dos átomos permanentes. O quão insignificante é isto quando comparado com os novos automatismos impostos sobre a massa dos corpos pelas novas experiências do mundo externo pode ser julgado pela ausência de qualquer memória de vidas passadas iniciadas nos próprios veículos. Aliás, tudo que os átomos permanentes podem fazer é responder com maior rapidez às vibrações de um tipo semelhante às já previamente experienciadas do que as que lhe chegam pela primeira vez. A memória das células, ou de grupos de células, perece na morte, e não se pode dizer que seja recuperável como tal. Onde, então, é preservada a memória?

A resposta sumária é: a memória não é uma faculdade, e não é preservada; ela não é inerente à consciência como uma capacidade, nem é

qualquer memória de eventos armazenada na consciência individual. Todo evento é um fato presente na consciência universal, na consciência do Logos; tudo que ocorre em seu universo, passado, presente, futuro, está sempre em sua consciência onibarcante, no “Eterno Agora”. Do início ao fim do universo, de sua aurora ao ocaso, tudo está aí, sempre presente, sempre existente. Nesse oceano de ideias, tudo É; nós, errantes no oceano, tocamos fragmentos de seu conteúdo; e nossa resposta ao contato é nosso conhecimento. Tendo conhecido, podemos mais facilmente contatar novamente; e essa repetição quando não resulta do contato da veste externa do momento com os fragmentos ocupando seu próprio plano é memória. Todas as “memórias” são recuperáveis porque todas as possibilidades de vibrações produtoras de imagens estão dentro da consciência do Logos, e podemos compartilhar dessa consciência com maior facilidade quando anteriormente tivermos compartilhado com maior frequência de vibrações semelhantes. Por isso, as vibrações que faziam parte de nossa experiência são mais facilmente repetidas por nós do que aquelas que jamais conhecemos; e aqui entra o valor dos átomos permanentes. Ao serem estimulados, eles reproduzem as vibrações previamente experimentadas, e de todas as possibilidades de vibrações dos átomos e moléculas de nossos corpos ressoam aquelas que respondem à nota tocada pelos átomos permanentes. O fato de que fomos afetados vibracionalmente e por mudanças de consciência durante a vida atual torna mais fácil para nós extrair da Consciência Universal aquilo que já tenhamos experienciado em nós. Quer seja uma memória da vida presente ou uma vida há muito passada, o método de recuperação é o mesmo. Não existe memória senão a sempre presente consciência do Logos, em quem literalmente vivemos, nos movemos e temos nosso ser; e nossa memória é simplesmente colocar-nos em contato com as partes de Sua consciência que previamente experienciamos.

Consequentemente, segundo Pitágoras, todo aprendizado é lembrança, pois é o retirar da consciência do Logos para a do Ser separado aquilo que em nossa unidade essencial com ele é eternamente nosso. No plano onde a unidade subjuga a separatividade, participamos de sua consciência sobre nosso universo. Nos planos inferiores, onde a separatividade oculta a unidade, somos afastados da unidade por nossos veículos imperfeitos. É a falta de respostas nesses veículos que nos estorva, pois só podemos conhecer os planos através deles. Portanto, não podemos melhorar diretamente nossa memória; só podemos melhorar a nossa receptividade geral e o poder de reproduzir, tornando nossos corpos mais sensíveis, tomando ao mesmo tempo cuidados para não ultrapassar os limites de sua elasticidade. Podemos também “prestar atenção”, isto é, podemos voltar a percepção da consciência, podemos concentrar a consciência, naquela parte especial da consciência do Logos que desejamos sintonizar. Assim, não precisamos afligir-nos com cálculos sobre “quantos anjos conseguem permanecer sobre a ponta de uma agulha” ou como podemos preservar num espaço limitado o número ilimitado de vibrações experienciadas em muitas vidas, pois a totalidade das vibrações produtoras de forma no universo está sempre presente, disponível para ser atraída por qualquer unidade individual, e pode ser alcançada por meio da evolução, à medida que se experiencia mais e mais.

5. Lembrança e Esquecimento

Apliquemos isto a um evento em nossa vida passada. Algumas das circunstâncias “permanecem em nossa memória”, outras são “esquecidas”. Na verdade, o evento existe com todas as circunstâncias circundantes, igualmente “lembradas” e “esquecidas”, em apenas um estado a memória do Logos, a Memória Universal. Qualquer um que seja capaz de se colocar

em contato com essa memória pode recuperar toda a circunstância na medida de sua capacidade; *os eventos pelos quais passamos não são nossos*, mas fazem parte do conteúdo de Sua consciência; e o senso de propriedade que temos deles é devido apenas ao fato de que previamente havíamos vibrado com relação a eles, e portanto vibramos mais facilmente do que se os estivéssemos contatando pela primeira vez.

Podemos, no entanto, contatá-los com diferentes vestes em diferentes momentos, vivendo como vivemos sob as condições de tempo e espaço que variam com cada veste. A parte da consciência do Logos através da qual nos movemos em nossos corpos físicos é muito mais restrita do que aquela através da qual nos movemos em nossos corpos astral e mental, e os contatos através de um corpo bem organizado são muito mais vívidos do que os experienciados através de um veículo menos organizado. Ademais, devemos lembrar que a restrição de área deve-se apenas a nossos veículos; defrontando-se com o evento completo físico, astral, mental, espiritual -, nossa consciência desse evento está limitada pela capacidade de resposta dos veículos. Sentimos que estamos entre as circunstâncias que cercam os veículos mais grosseiros nos quais estamos agindo e que o tocam do “exterior”; ao passo que “lembramos” as circunstâncias que contatamos com os veículos mais sutis, os quais transmitem as vibrações ao veículo mais grosseiro, que é desse modo tocado do “interior”.

O teste de objetividade que aplicamos às circunstâncias “presentes” ou “lembradas” é o do “senso comum”. Se outras pessoas à nossa volta veem como vemos, ouvem como ouvimos, consideramos as circunstâncias objetivas; caso contrário, se elas não estão conscientes daquilo de que estamos conscientes, consideramos as circunstâncias subjetivas. Mas este teste de objetividade só é válido para aqueles que estão ativos nas mesmas vestes; se alguém está atuando no corpo físico e outro no físico e no astral, as coisas que são objetivas para o homem no astral não podem afetar o homem no corpo físico: ele dirá que são alucinações subjetivas. O “senso

comum” só pode funcionar em corpos semelhantes; ele dará resultados semelhantes quando todos estiverem em corpos físicos, todos no astral ou todos no mental. Pois o “senso comum” são apenas as formas-pensamento do Logos em cada plano, condicionando cada consciência corporificada e permitindo-lhe responder por meio de certas mudanças a certas vibrações em seus veículos. Ele não está absolutamente confinado ao plano físico, mas a média da humanidade no atual estágio de evolução não desenvolveu ainda suficientemente a consciência interior para exercitar qualquer “senso comum” nos planos astral e mental. O senso comum é um testemunho eloquente da unidade de nossas vidas internas; vemos todas as coisas à nossa volta no plano físico da mesma maneira porque nossas consciências aparentemente separadas são todas verdadeiramente parte da Consciência Una que anima todas as formas. Todos nós respondemos da mesma maneira generalizada, segundo o estágio de nossa evolução, porque compartilhamos da mesma consciência; e somos afetados similarmente pelas mesmas coisas porque a ação e reação entre elas e nós é a interação da Vida Una sob formas variadas.

Então, a recuperação de qualquer coisa pela memória deve-se à eterna existência de tudo na consciência do Logos; e Ele nos impôs as limitações de tempo e espaço para que possamos, pela prática, capacitar-nos a responder rapidamente, por meio de mudança na consciência, às vibrações causadas em nossos veículos pelas vibrações oriundas de outros veículos similarmente animados pela consciência. Assim, só gradualmente podemos aprender a distinguir com precisão e clareza; contatando as coisas sucessivamente isto é, no tempo e contatando-as em direções relativas a nós mesmos e aos outros isto é, no espaço -, desenvolvemo-nos gradualmente até o estado no qual podemos reconhecer tudo simultaneamente e cada coisa em toda parte isto é, fora do tempo e espaço.

À medida que inúmeros acontecimentos nos advêm na vida, descobrimos que não mantemos contato com tudo por que tenhamos

passado; existe um poder muito limitado de resposta em nosso veículo físico, e por isso inúmeras experiências ficam fora de seu alcance. No transe podemos recuperá-los, e diz-se que eles emergem do subconsciente. Na verdade permanecem sempre imutáveis na Consciência Universal; e à medida que passamos por eles, tornamo-nos perceptivos deles porque a luz tênue de nossa consciência envolta no veículo físico cai sobre eles, mas eles desaparecem depois de passarmos. Quando é maior a área coberta por essa mesma luz brilhando através do veículo astral, eles reaparecem se estamos em transe isto é, no veículo astral, livre do físico. Eles não vieram, se foram e voltaram novamente, mas a luz de nossa consciência do veículo físico é que havia passado adiante, e por isso nós não os vimos; a luz mais ampla no veículo astral permite-nos vê-los novamente. Como bem disse Bhagavan Das:

Se no meio da noite um espectador andasse agitadamente através dos salões de um vasto museu, de uma grande galeria de arte, com uma pequena lanterna em uma das mãos, cada um dos objetos naturais, as cenas pintadas, as estátuas, os retratos, seriam iluminados por aquela lanterna em sucessão durante um curto período de tempo, enquanto todo o restante permaneceria na escuridão; e, após aquele momento único, cairiam na escuridão novamente. Coloquemos agora não apenas um, mas inúmeros espectadores, tantos quantos são os objetos dentro do lugar, cada espectador andando daqui para ali incessantemente através da grande multidão, cada lanterna trazendo à luz momentaneamente um objeto e somente para aquele espectador que a segura. Esse prédio imenso e inamovível é a ideiação pétrea do Absoluto imutável. Cada espectador carregando uma lanterna em meio à multidão é uma linha de consciência entre as pseudoinfinitas linhas semelhantes, que compõem a totalidade da consciência universal. Cada entrada na luz de cada objeto iluminado é sua potência, é uma experiência do Jiva; cada descida na escuridão é sua latência. Do ponto de vista dos objetos, ou da consciência universal, não há latência, nem potência. Do ponto de vista das linhas de consciência, há.^{KK}

À medida que veículo após veículo atua de maneira mais plena, a área iluminada estende-se, e a consciência pode voltar sua atenção para qualquer parte dessa área e observar rigorosamente os objetos aí incluídos. Assim, quando a consciência pode funcionar livremente no plano astral, e está

perceptiva de seu derredor, ela consegue ver muito daquilo que no plano físico é “passado” ou “futuro”, se forem coisas às quais tenha aprendido a responder no “passado”. As coisas fora da área de luz emanada através do corpo astral estarão dentro da área daquilo que flui do veículo mental mais sutil.

Quando o corpo causal é o veículo, a “memória de vidas passadas” é recuperável, pois o corpo causal vibra mais prontamente a eventos aos quais tenha vibrado anteriormente, e a luz que brilha através dele abrange uma área muito mais ampla e ilumina cenas de um “passado” distante essas cenas, na verdade, não sendo mais passadas do que as cenas do presente, mas ocupando posição diferente no tempo e no espaço. Os veículos inferiores, que previamente não vibravam a esses eventos, não podem se pôr em contato direto com eles nem responderão a eles prontamente; isso pertence ao corpo causal, o veículo relativamente permanente. Porém quando esse corpo responde a eles, as vibrações que dele se originam descem facilmente, e podem ser reproduzidas nos corpos mental, astral e físico.

6. Atenção

Falamos anteriormente com relação à consciência que “ela pode voltar sua atenção para qualquer parte da área, e observar atentamente os objetos aí incluídos”. Esse voltar a atenção corresponde muito de perto ao que podemos chamar de “focar a visão”, no corpo físico. Se observarmos a ação ocorrendo no músculo do olho quando primeiramente focamos o objeto que está perto e depois o que está distante, ou vice-versa, ficaremos cômicos de um leve movimento, e essa constrição ou relaxamento causa uma leve compressão ou reversão no cristalino. É uma ação automática agora, quase instintiva, mas só se tornou assim pela prática; um bebê não foca o olho

nem calcula a distância. Ele estende a mão prontamente tanto para uma vela do outro lado do aposento quanto para uma que esteja ao seu alcance, e só lentamente aprende a diferenciar o que está além do seu alcance. O esforço para ver com clareza leva à focagem do olho, e isso logo se torna automático. Os objetos nos quais o olho está focado estão dentro do campo da visão clara, e o restante é visto de maneira vaga. Assim também, a consciência está claramente perceptiva daquilo a que está voltada sua atenção; os outros objetos permanecem vagos, fora de foco.

Dessa forma, o homem aprende gradualmente a voltar sua atenção às coisas há muito ocorridas, à medida que mensuramos o tempo. O corpo causal é posto em contato com elas, e as vibrações são então transmitidas aos corpos inferiores. A presença de um estudante mais avançado irá ajudar outro menos avançado, porque quando seu corpo astral é posto a vibrar responsivamente a eventos há muito passados, criando assim um quadro astral desses eventos, o corpo astral do estudante mais jovem consegue mais facilmente reproduzir essas vibrações e conseqüentemente “vê-las”. Mas mesmo quando o homem tenha aprendido a se pôr em conexão com seu passado, e através do seu próprio passado contatar com o passado de outros ligados a ele, descobrirá que é mais difícil voltar sua atenção eficazmente para as cenas com as quais não teve ligação. E quando isso é dominado, ele ainda acha difícil pôr-se em contato com cenas fora das experiências de seu passado recente; por exemplo, se deseja visitar a Lua e, com os métodos a que se acostumou, lança-se nessa direção, ele será bombardeado por uma torrente de vibrações às quais não está acostumado e às quais não consegue responder instintivamente, precisando recorrer ao seu inerente poder divino para responder a qualquer coisa que possa afetar seus veículos. Se ele tentar ir mais longe ainda, a outro sistema planetário, ele encontrará uma barreira que não conseguirá transpor, o Anel-Não-Passarás de seu próprio Logos Planetário.

7. A Consciência Una

Assim, começamos a entender o que significa a afirmação de que as pessoas em certo grau de evolução conseguem alcançar esta ou aquela parte do cosmos. Elas conseguem colocar-se em contato com a consciência do Logos fora dos limites impostos aos menos evoluídos por seus veículos materiais. Esses veículos, sendo compostos de matéria modificada pela ação do Logos Planetário da Cadeia a que pertencem, não conseguem responder às vibrações de matéria diferentemente modificada; e o estudante deve ser capaz de usar o seu corpo *átmico* antes de poder entrar em contato com a Memória Universal além dos limites de sua própria Cadeia.

Esta é teoria da memória que eu apresento para consideração dos estudantes teosóficos. Ela se aplica igualmente tanto às pequenas lembranças e esquecimentos da vida diária quanto às dimensões mais amplas a que se fez alusão no parágrafo acima. Pois para o Logos nada há pequeno ou grande; e quando estamos praticando o menor ato de memória, estamos não só nos pondo em contato com a onipresença e a onisciência do Logos quanto recordando um passado distante. Não existe “distante” nem “perto”. Todos estão igualmente presentes em todos os tempos e em todos os espaços; a dificuldade está em nossos veículos, e não na Vida imutável e oniabarcante. Tudo se torna cada vez mais inteligível e mais pacificador quando pensamos naquela consciência, na qual não existe “antes” nem “depois”, nem “passado” nem “futuro”. Começamos a sentir que essas coisas são apenas as ilusões, as limitações, impostas a nós por nossas próprias vestes, necessárias até que nossos poderes sejam desenvolvidos e estejam a nosso serviço. Vivemos inconscientemente nesta poderosa Consciência na qual tudo está eternamente presente, e sentimos vagamente que, se pudéssemos viver conscientemente neste Eterno, haveria paz. Não conheço nada que mais possa acrescentar sua verdadeira proporção aos eventos de uma vida do que esta ideia de uma Consciência na qual tudo está

presente desde o início; na qual, de fato, não existe início nem fim. Aprendemos que nada existe de terrível e nada mais do que relativamente “triste”; e nessa lição está o início de uma verdadeira paz, que no tempo devido refulgirá em alegria.

⁷⁷ Ver Cap. VII.

PARTE II

VONTADE, DESEJO E EMOÇÃO

I. A VONTADE DE VIVER

No breve estudo das origens de que tratam os itens 1 e 2 da Introdução a este livro, vimos que a Mônada, proveniente do Primeiro Logos, mostrava em sua própria natureza a trindade de sua fonte, os aspectos de Vontade, Sabedoria e Atividade.

É para o estudo da Vontade que aparece como vontade no plano superior e como desejo no inferior que estamos agora voltando nossa atenção; e o estudo do desejo leva-nos ao estudo da emoção, indissolivelmente ligada a ele. Já vimos que estamos aqui porque quisemos viver nos mundos inferiores, que a vontade determina nossa permanência aqui. Mas a natureza, o poder e o trabalho da vontade são em grande parte muito pouco compreendidos, pois nos estágios primitivos da evolução ela não se manifesta nos planos inferiores a não ser como desejo, e deve ser estudada como desejo antes que possamos compreendê-la como vontade.

Ela é o aspecto “poder” da consciência, sempre velada no interior do Ser, ocultando-se, por assim dizer, por trás da sabedoria e da atividade, mas impulsionando ambas à manifestação. Tão oculta é sua natureza que muitos a consideram como uma atividade, recusando-lhe a dignidade de um aspecto da consciência. Contudo, a atividade é a ação do Ser sobre o não Ser, aquilo que dá ao não Ser sua realidade temporária, aquilo que cria; mas a vontade se oculta sempre no interior, propulsando à atividade atraindo, repelindo o âmago do coração do ser.

Vontade é o poder por trás da cognição que estimula a atividade. O pensamento é a atividade criativa, mas a vontade é a força motriz. Nossos corpos são como são porque o Ser, durante incontáveis idades, quis que a matéria fosse moldada em formas por meio das quais pudesse conhecer e

energizar tudo fora de si mesmo. Consta em uma antiga escritura: “Em verdade este corpo é mortal, ó Maghavan, ele está sujeito à morte. Contudo é um local de repouso para o *Ātmã* imortal e sem corpo. [...] Os olhos servem como órgãos de observação para o Ser, que reside em seu interior. Aquele que diz com vontade ‘Eu aspirarei’ é o *Ātmã*, desejando experienciar a fragrância. Aquele que diz com vontade ‘Eu falarei’ é o *Ātmã*, desejando enunciar palavras. Aquele que diz com vontade ‘Eu ouvirei’ é o *Ātmã*, desejando ouvir sons. Aquele que diz com vontade ‘Eu pensarei’ é o *Ātmã*. A mente é o olho celestial, observando todos os objetos desejados. Por meio do olho mental celestial, o *Ātmã* desfruta de tudo”⁷⁸.

Este é o segredo, a força motriz da evolução. É verdade que a grande Vontade traça a estrada da evolução. É verdade que inteligências espirituais de muitas gradações guiam as entidades em evolução ao longo dessa estrada. Mas muito pouca atenção tem sido dispensada aos inúmeros experimentos, fracassos, sucessos, aos pequenos desvios, curvas e ondulações devidos às tentativas desesperadas de cada vontade separada tentando encontrar autoexpressão. Os contatos oriundos do mundo externo despertam em cada *Ātmã* a vontade de conhecer o que toca. Ele conhece muito pouco na anêmona, mas a vontade de conhecer molda, em forma após forma, um olho que está sempre evoluindo e que estorva menos seu poder de percepção. Quando estudamos a evolução, tornamo-nos cada vez mais conscientes das vontades que moldam a matéria, mas que a moldam por meio de experimentos vagos, e não por meio da visão clara. A presença dessas muitas vontades causa a constante ramificação da árvore evolutiva. Existe uma grande verdade na divertida história infantil do Prof. Clifford, a respeito dos grandes sáurios de uma era primitiva: “Alguns escolheram voar e se tornaram pássaros; outros escolheram arrastar-se e tornaram-se répteis”. Frequentemente vemos uma tentativa fracassar, e depois a tentativa é feita numa outra direção. Muitas vezes vemos as invenções mais canhestras lado a lado com as mais belas adaptações. Estas últimas são os

resultados de Inteligências que conhecem seus objetivos e estão constantemente burilando a matéria em formas apropriadas; outras são o resultado dos esforços oriundos do interior, ainda cegos e vacilantes, mas firmemente encaminhados para a autoexpressão. Se houvesse apenas modeladores externos, que vissem o fim desde o início, a Natureza nos apresentaria em suas construções enigmas insolúveis, tantas são as tentativas inadequadas, os modelos ineficazes. Mas quando compreendemos a presença da vontade de viver em cada forma, buscando autoexpressão, moldando seus veículos para seus próprios propósitos, então podemos ver igualmente o plano criativo que a tudo subjaz o plano do Logos; as admiráveis adaptações que realizam seu plano o labor das Inteligências criadoras; os artifícios inadequados e os esforços canhestros devidos aos esforços dos Eus que querem, mas que ainda não têm o conhecimento ou o poder de realizar com perfeição.

É esse Ser divino vacilante, esforçado, empenhado que, à medida que a evolução segue em frente, se torna cada vez mais o verdadeiro soberano, o soberano interior, o imortal. Quem quer que se reconheça como esse soberano imortal, sediado no interior de seus veículos de expressão autocriados, obtém um senso de dignidade e poder que se torna sempre mais forte e mais dominante sobre a natureza inferior. O conhecimento da verdade apenas nos liberta. O soberano interior pode ainda ser impedido pelas muitas formas que ele mesmo moldou para autoexpressão, mas sabendo-se soberano, ele pode trabalhar firmemente para trazer seu reino sob completa sujeição. Ele sabe que veio ao mundo para um determinado propósito, para habilitar-se a ser um colaborador da Vontade Suprema, e que pode fazer e sofrer tudo que for necessário para essa finalidade. Ele sabe que é divino, e que sua autorrealização é apenas uma questão de tempo. A divindade é sentida internamente, embora externamente ainda não se expresse, e aí permanece para se tornar, em manifestação, aquilo que é em essência. Ele é o rei de direito, mas ainda não de fato.

Como o príncipe que nasce para usar a coroa, ele pacientemente submete-se à disciplina que irá torná-lo digno de usá-la; assim a soberana Vontade em nós está evoluindo para a época quando os poderes reais passarão ao seu domínio, e pode pacientemente submeter-se à necessária disciplina de vida.

II. O DESEJO

1. A Natureza do Desejo

Quando a Mônada envia seus raios para a matéria do terceiro, quarto e quinto planos, e se apropria de um átomo de cada um desses planos⁷⁹, ela cria o que muitas vezes é chamado de seu “reflexo na matéria”, o “espírito” humano; e o aspecto “vontade” da Mônada é refletido no *Ātmā* humano, cujo lar é no terceiro plano, ou plano *átmico*. Esta primeira hipóstase verdadeiramente tem seus poderes diminuídos pelos véus de matéria assim investidos, mas de modo algum é distorcida; assim como um espelho de boa qualidade reproduz a imagem perfeita de um objeto, o espírito humano, *Ātmā-Buddhi-Manas*, é uma imagem perfeita da Mônada. É, na verdade, a própria Mônada velada em matéria mais densa. Mas tal como um espelho côncavo ou convexo que produz uma imagem distorcida do objeto colocado à sua frente, também os reflexos futuros do espírito em suas evoluções em matéria ainda mais densa produzem apenas imagens distorcidas.

Assim, quando a vontade, em seu progresso descendente, velandose ainda mais em cada plano, alcança o mundo imediatamente acima do físico, o mundo astral, ela aparece aí como desejo. O desejo manifesta a energia, a concentração, as características impulsoras da vontade, mas a matéria arrebatou do espírito o controle, a direção, e usurpou o domínio sobre ela. O desejo é a vontade destronada, a prisioneira, a escrava da matéria. Ela não é mais autodeterminada, mas determinada pelas atrações à sua volta.

Esta é a distinção entre vontade e desejo. A natureza mais recôndita de ambos é a mesma, pois verdadeiramente eles são apenas uma determinação, a autodeterminação do *Ātmā*, a única força motriz do homem, aquela que

impele à atividade, à ação no mundo exterior, sobre o não Ser. Quando o Ser determina a atividade, não influenciado por atrações ou repulsões pelos objetos circundantes, então a vontade se manifesta. Quando atrações e repulsões externas determinam a atividade, e o homem é atraído daqui para ali por elas, surdo à voz do Ser, inconsciente do governante interior, então é o desejo que prevalece.

Desejo é vontade vestida em matéria astral, matéria que foi formada por meio de combinações pela Segunda Onda de Vida e que, por interação com a consciência, causa as sensações nessa última. Vestida nessa matéria, cujas vibrações são acompanhadas de sensações na consciência, a vontade é transformada em desejo. Sua natureza essencial de imprimir impulsos motores, cercada pela matéria que desperta sensações, responde impelindo energia; e essa energia, desperta e agindo através da matéria astral, é desejo.

Assim como na natureza superior a vontade é a força impulsora, na natureza inferior essa força é o desejo. Quando é débil o desejo, toda a natureza do indivíduo também o é em sua reação sobre o mundo. A força efetiva de uma natureza é medida pela sua força de vontade ou pela força do seu desejo, segundo o estágio de evolução. Existe uma verdade subjacente ao ditado popular “Quanto maior o pecador, maior o santo”. A pessoa medíocre jamais poderá ser muito boa ou muito ruim; não existe nela mais do que pequenas virtudes ou pequenos vícios. A força da natureza-desejo num homem é a medida de sua capacidade para o progresso, a medida da energia motora por meio da qual o homem pode progredir ao longo do caminho. A força num homem que o impele a reagir sobre seu ambiente é a medida de seu poder de modificá-lo, de transformá-lo, de conquistá-lo. Na luta contra a natureza do desejo, que marca a evolução superior, a energia motora não deve ser destruída, mas transferida; os desejos inferiores devem ser transmutados em superiores, a energia deve ser utilizada sem nada perder de seu poder; e, finalmente, a natureza do

desejo deve desaparecer na vontade, com todas as energias sendo acumuladas e fundidas no aspecto “Vontade” do Espírito, o poder do Ser.

Portanto, nenhum aspirante deve sentir-se mais desencorajado, pela torrente de desejos que lhe aflige, do que o domador de cavalos com o corcovear do potro indomado. O estado selvagem da jovem criatura não adestrada e sua rebelião contra todos os esforços para controlá-lo e restringilo são a promessa de sua utilidade futura quando estiver disciplinado e treinado. E, mesmo assim, as tensões do desejo contra o freio imposto pela inteligência são a promessa da futura força de vontade, do aspecto “poder” do Ser.

Na verdade, a dificuldade surge onde os desejos são fracos, antes mesmo de a vontade ter se libertado dos estorvos da matéria astral; pois em tal caso, a vontade de viver se expressa apenas de maneira débil, e a força disponível para a evolução é pouco eficaz. Existe algum obstáculo, alguma barreira nos veículos, controlando a energia oriunda da Mônada e obstruindo sua livre passagem; e até que essa barreira seja removida, pode-se esperar pouco progresso. Na tempestade o navio segue em frente, embora haja o perigo de naufrágio, mas na calmaria o navio permanece impotente e imóvel, não respondendo nem às velas nem ao leme. E como nesta viagem não há naufrágio final possível, mas apenas dano temporário, e a tempestade trabalha para o progresso mais do que a calmaria, aqueles que se veem sacudidos pela tempestade podem esperar com convicção o dia em que o vendaval do desejo será transformado no consistente vento da vontade.

2. O Despertar do Desejo

Remetemos todas as nossas sensações ao mundo astral. Os centros por meio dos quais sentimos estão no corpo astral, e as reações desses centros

para estabelecer contatos dão origem a sentimentos de prazer e dor na consciência. O fisiologista comum segue o curso das sensações de prazer e dor desde o ponto de contato até o centro cerebral, reconhecendo apenas vibrações nervosas entre a periferia e o centro, e, no centro, a reação da consciência como sensações. Nós seguimos as vibrações até mais além, encontrando apenas vibrações no centro cerebral e no meio que o permeia, vendo no centro astral o local em que ocorre a reação da consciência. Quando há um deslocamento entre os corpos físico e astral, seja pela ação de clorofórmio, éter, gás hilariante ou outras drogas, o corpo físico, apesar de todo o seu aparato nervoso, se percebe como se não tivesse nervos. Os elos entre o corpo físico e o corpo de sensações são desligados, e a consciência não responde a nenhum estímulo aplicado.

O despertar do desejo ocorre nesse corpo de sensação, e segue os primeiros vagos sentimentos de prazer e dor. Como foi assinalado anteriormente⁸⁰, o prazer é um senso de acréscimo, de vida aumentada, expandida, enquanto a dor é um aprisionamento ou uma diminuição da vida; e tudo isso pertence à totalidade da consciência. “Esse estado primário de consciência não se manifesta nos três bem conhecidos aspectos de vontade, sabedoria e atividade, mesmo no estado mais germinal; o sentimento os precede e pertence à consciência como um todo, embora nos estados posteriores da evolução ele apareça tão conectado com o aspecto ‘vontade-desejo’ que quase se identifica com ele.” “À medida que os estados de prazer e dor tornam-se mais definitivamente estabelecidos na consciência, eles dão origem a outro; com a diminuição do prazer, existe uma continuação da atração na consciência, que se torna um vago tatear na busca por ele,” um movimento vacilante, note-se, não em busca do objeto que produz prazer, mas sim uma continuação do sentimento de prazer “um vago seguir do sentimento que se esvai, um movimento” indefinido demais para ser chamado de esforço “para segurá-lo, retê-lo; algo semelhante ocorre com a diminuição da dor, com uma continuação de repulsão na

consciência [...] e isso se torna um movimento igualmente vago de afastar a dor.” Esses estágios geram o desejo.

Esse despertar do desejo é uma débil expansão da vida em busca de prazer, um movimento da vida não direcionado, vago, vacilante. Além daí ela não consegue ir, até que o pensamento se tenha desenvolvido até certo ponto, tenha reconhecido um mundo externo, um não Ser, e tenha aprendido a relacionar vários objetos no não Ser ao prazer ou à dor que surge na consciência ao contatá-los.

Mas os resultados desses contatos, muito antes de os objetos serem reconhecidos, causaram como foi acima indicado uma divisão, uma bifurcação do desejo. Podemos tomar como uma ilustração das mais simples a ânsia por alimento num organismo inferior. À medida que o corpo se exaure, se debilita, um senso de dor surge no corpo astral, um querer, um anelo, vago e indeterminado; o corpo, devido à sua debilidade, tornou-se um veículo menos eficaz da vida que jorra através do astral, e essa restrição causa dor. A corrente que banha o organismo traz alimento ao corpo, onde é absorvido, sendo o desgaste reparado, e a vida flui desobstruída aí está o prazer. Num estágio um pouco mais elevado, quando surge a dor, existe o desejo de escapar, e surge o senso de repulsão, contrário ao senso de atração causado pelo prazer. Daí resulta a divisão do desejo em dois. Da vontade de viver surge a ânsia de experienciar; e no veículo inferior essa ânsia, aparecendo como desejo, torna-se, por um lado, o anseio por experiências que façam o sentimento de vida mais vívido, e por outro, um retraimento de tudo que enfraquece e deprime. Essa atração e essa repulsão são igualmente da natureza do desejo. Assim como um ímã atrai ou repele certos metais, também o faz o Ser corporificado. Tanto a atração quanto a repulsão são decorrentes do desejo; e são elas as duas grandes energias motrizes na vida, nas quais todos os desejos são afinal convertidos. O Ser torna-se escravo do desejo, da atração-repulsão, e é atraído daqui para ali, repellido disto ou

daquilo, precipitado entre os objetos que causam prazer e os que causam dor, como um navio desgobernado em meio às correntes de ar e mar.

3. A Relação Desejo/ Pensamento

Temos agora de considerar a relação que o desejo tem com o pensamento, e ver como ele a princípio governa e depois é governado pelo pensamento.

A Razão Pura é o reflexo do aspecto “sabedoria” da Mônada, e aparece no Espírito humano como *Buddhi*. Mas não é na relação do desejo com a razão pura que estamos interessados, pois, na verdade, não se pode dizer que ele esteja diretamente relacionado à sabedoria, mas ao amor, a manifestação da sabedoria no plano astral. Devemos antes buscar a relação com o aspecto “atividade” da Mônada, que aparece no plano astral como sensação e no mental como pensamento. Também não estamos interessados sequer na mente superior, que é atividade criativa, *Manas*, em sua pureza, mas em seu reflexo distorcido, a mente inferior. É essa mente inferior que está imediatamente relacionada ao desejo, e inextricavelmente entremesclada com ele na evolução humana. Na verdade, estão tão intimamente unidos que frequentemente são referidos por *kâma-manas* desejo-mente como uma coisa única, tão raro é, na consciência inferior, um simples pensamento que não seja influenciado por um desejo. “*Manas* é verdadeiramente duplo, puro e impuro; o impuro é determinado pelo desejo, o puro é livre do desejo.”⁸¹

Essa mente inferior é “pensamento” no plano mental; sua propriedade característica é que ela afirma e nega; conhece pela diferença, percebe e lembra. No plano astral, como vimos, o mesmo aspecto que no mental é pensamento aparece como sensação, e é despertado pelo contato com o mundo exterior.

Quando um prazer tiver sido experienciado e tiver se esvanecido, surge o desejo de experienciá-lo novamente, como vimos. E esse fato implica *memória*, que é uma função da mente. Aqui, como sempre, somos lembrados de que a consciência está sempre agindo em sua natureza tripla, embora um ou outro aspecto possa predominar, pois mesmo o desejo mais germinal não pode surgir sem a memória estar presente. A sensação causada por um impacto externo deve ter sido muitas vezes despertada antes de a mente estabelecer uma relação entre a sensação de que está consciente e o objeto externo que causou a sensação. Por fim, a mente “percebe” o objeto, ou seja, relaciona-o a uma de suas próprias mudanças, reconhece uma modificação em si mesma causada pelo objeto externo. As repetições dessa percepção estabelecerão um elo definitivo na memória entre o objeto e a sensação prazerosa ou dolorosa, e quando o desejo pressionar em busca da repetição do prazer, a mente lembrará o objeto que supriu aquele prazer. Assim, a combinação de pensamento com desejo faz nascer um desejo particular, encontrar e se apropriar do objeto que causa prazer.

Esse desejo impele a mente a exercer sua atividade inerente. O anelo não satisfeito causa desconforto, e esforços são envidados para escapar do desconforto pelo provimento do objeto desejado. A mente planeja, maquina, leva o corpo à ação para satisfazer as ânsias do desejo. E similarmente, também impelida pelo desejo, a mente planeja, maquina, leva o corpo à ação para evitar a recorrência da dor causada por um objeto reconhecidamente doloroso.

Tal é a relação do desejo com o pensamento. Ela incita, estimula, incentiva esforços mentais. Em seus estágios primitivos a mente é a escrava do desejo, e a rapidez de seu crescimento é proporcional às violentas incitações do desejo. Nós desejamos, por isso somos forçados a pensar.

4. Desejo, Pensamento, Ação

O terceiro estágio do contato do Ser com o não Ser é a ação. A mente, tendo percebido o objeto do desejo, leva à ação, orienta e molda a ação. Frequentemente se diz que a ação surge do desejo, mas o desejo sozinho poderia apenas estimular movimento ou ação caótica. A força do desejo é propulsora, não diretiva. É o pensamento que acrescenta o elemento de direção e molda a ação deliberadamente.

Desejo, pensamento e ação este é o ciclo sempre recorrente na consciência.

A força propulsora do desejo desperta o pensamento; o poder diretivo do pensamento guia a ação. Esta sequência é invariável, e sua clara compreensão é da mais profunda importância, pois o controle efetivo da conduta depende desta compreensão e de sua aplicação na prática. A moldagem do *karma* só pode ser realizada quando essa sequência é compreendida, pois somente assim é possível separar a ação evitável da inevitável.

É pelo pensamento que podemos mudar o desejo e, conseqüentemente, mudar a ação. Quando a mente vê que certos desejos levaram a pensamentos que direcionaram ações que foram produtoras de infelicidade, ela consegue resistir a futuros impulsos de desejo de semelhante direção, recusando-se guiar as ações para um resultado que já sabe ser desastroso. Ela pode imaginar os resultados dolorosos e assim despertar a energia repulsiva de desejo, e pode imaginar o feliz resultado dos desejos de um tipo oposto. A atividade criadora do pensamento pode ser exercida na moldagem do desejo, e sua energia propulsora pode ser guiada numa melhor direção. Desta maneira, o pensamento pode ser usado para dominar o desejo e tornar-se o soberano, em vez de escravo. Assegurando assim o controle sobre seu indisciplinado companheiro, dá início à transmutação do desejo em vontade, transferindo do exterior para o interior o controle da energia que flui dos objetos externos que atraem ou repelem para o Espírito, o governante interior.

5. A Natureza Aprisionadora do Desejo

Uma vez que a vontade de viver é a causa da propulsão, a vida buscando corporificação e apropriando-se daquilo que é necessário para sua manifestação e persistência na forma, o desejo, que é a vontade num plano inferior, mostrará características semelhantes, buscando apropriar-se, atrair para si, tornar parte de si aquilo por meio do qual sua vida na forma possa ser mantida e fortalecida. Quando desejamos um objeto, buscamos torná-lo parte de nós mesmos, parte do “eu”, para que possa fazer parte da corporificação do “eu”. O desejo é a colocação em prática do poder de atração; ele atrai o objeto desejado para si. O que quer que desejemos, nós o atamos a nós. Pelo desejo de possuí-lo, um laço é estabelecido entre o objeto e aquele que deseja. Atamos ao Ser essa porção do não Ser; e o elo existe até que o objeto seja possuído ou até que o Ser tenha rompido o laço e repudiado o objeto. Esses são “os laços do coração”⁸², que amarram o Ser à roda de nascimentos e mortes.

Esses laços entre aquele que deseja e os objetos do desejo são como cordas que arrastam o Ser para o local onde os objetos do desejo são encontrados, e assim determinam seu nascimento em um ou outro mundo. A esse respeito, diz o verso: “Também aquele que é apegado sempre obtém pela ação aquilo em que sua mente colocou sua marca. Tendo obtido o objeto da ação que aqui pratica, ele mais uma vez retorna daquele mundo para este por causa da ação. É o que acontece à mente desejosa”⁸³. Se um homem deseja os objetos de outro mundo mais do que os objetos deste, então ele nascerá naquele mundo. Existe uma tensão contínua no laço do desejo até que o Ser e o objeto sejam unidos.

A grande energia determinante, a vontade de viver, que mantém os planetas em suas órbitas em torno do sol, que evita que a matéria dos globos se disperse, que mantém unidos nossos corpos, é a energia do desejo. Aquilo que tudo governa aparece em nós como desejo, e deve atrair para

nós ou atrair-nos para tudo em que tenha fixado seus ganchos. O gancho do desejo fixa-se em um objeto, como o arpão lançado pelo arpoador se fixa na baleia. Quando o desejo tiver fixado seu arpão em um objeto, o Ser está preso a esse objeto, do qual se apropriou pela vontade, e logo deve apropriar-se dele em ação. Por isso disse um grande instrutor: “Se teu olho te ofende, arranca-o e lança-o fora [...] Se tua mão direita te ofende, decep-a e lança-a fora”⁸⁴. A coisa desejada torna-se parte do corpo do Ser; e se for nociva, deve ser extirpada a qualquer preço. De outro modo só será destruída pelo desgaste causado pelo lento atrito do tempo e da exaustão “Só o forte pode matá-la. O fraco tem de esperar que ela cresça, frutifique e morra”⁸⁵.

6. Quebrando os Laços

Para romper os laços dos desejos, devemos recorrer à mente, onde jaz o poder que irá primeiramente purificar e depois transmutar o desejo.

A mente registra os resultados que se seguem à apropriação de cada objeto do desejo, e assinala se foi dor ou felicidade que resultou da união daquele objeto com o Ser corporificado. E quando, após muitas apropriações de um objeto atraente, descobre que a resultante foi a dor, ela registra o objeto como aquilo que deve ser evitado no futuro. “Os prazeres que nascem do contato são, em verdade, ventres de dor, [pois eles têm início e fim...].”⁸⁶

Então surge a contenda. Quando aquele objeto atraente mais uma vez se apresenta, o desejo lança seu arpão e o apanha, e começa a arrastá-lo para si. A mente, lembrando os resultados dolorosos de prévias capturas semelhantes, esforça-se para deter o desejo, para cortar com a espada do conhecimento o laço atraente. Um conflito violento assola o interior do homem; ele é arrastado pelo desejo, refreado pelo pensamento. Muitas e

muitas vezes o desejo irá triunfar, e um objeto será apropriado; mas a dor resultante é sempre repetida, e cada sucesso do desejo suscitará contra ele outro inimigo nas forças da mente. De modo inevitável, embora lentamente, o pensamento mostra-se mais forte, até que finalmente a vitória lhe sorri, e chega o dia em que o desejo torna-se mais fraco do que a mente, e o objeto atraente é solto, o nó que o prendia é cortado. Para esse objeto, o laço está rompido.

Nesse conflito, o pensamento procura utilizar contra o desejo a própria força do desejo. Ele seleciona objetos do desejo que proporcionam uma felicidade relativamente duradoura, e busca utilizar esses objetos contra os desejos que rapidamente resultam em dor. Assim ele irá opor o prazer artístico ao prazer sensual; usará a notoriedade e o poder político ou social contra os gozos da carne; estimulará o desejo de satisfazer o bem, de fortalecer a abstenção de desejos viciosos; e finalmente fará o desejo de que a paz eterna conquiste os desejos por alegrias temporárias. Por meio da grande atração, as atrações inferiores são mortas e deixam de ser objetos do desejo: “Até esse gosto afasta-se dele após o Supremo ser visto”⁸⁷. A própria energia do desejo pode afastá-lo [o pensamento] daquilo que traz dor, e fixá-lo naquilo que traz bem-aventurança. A mesma força que prendia é posta para servir como instrumento de liberdade. Afastandose dos objetos, ele [o pensamento] irá voltar-se para dentro e para cima, prendendo o homem à Vida de onde veio, cuja união consiste em sua elevada bem-aventurança.

É esse o valor da devoção libertadora. O amor, voltando-se para o Supremo, vê-O como eminentemente desejável, como um objeto de intenso desejo; e isto calcina os apegos aos objetos que mantêm o coração em escravidão.

Somente por meio do eu como pensamento pode ser dominado o eu como desejo; o Ser, compreendendo que é a própria vida, domina o eu corporificado, pensando ser a forma. O homem deve aprender a se separar

dos veículos nos quais deseja, pensa e age, a concebê-los como parte do não Ser, como material externo à vida. Assim, a energia que fluiu para os objetos de desejos inferiores flui para o desejo superior guiado pela mente, tornando-o preparado para ser transmutado em vontade.

À medida que a mente inferior funde-se na superior, e a superior naquilo que é sabedoria, o aspecto de pura vontade emerge como o poder do Espírito, Autodeterminada, Autogovernada, em perfeita harmonia com a Vontade Suprema e, portanto, liberta. Somente então são rompidos todos os laços, e o Espírito não é reprimido por nada fora de si mesmo. Então, e somente então, pode-se dizer que a vontade é livre.

79 Ver Cap. VII.

80 Ver Parte I, Capítulo IX, I.

81 *Bindopanishad*, 1.

82 *Kathopanishad*, VI, 15.

83 *Brihadāranyakopanishad*, IV, iv, 6.

84 Mateus, 5:29, 30.

85 *Light on the Path*. [Na tradução brasileira, *Luz no Caminho*, de Mabel Collins, Ed. Teosófica, Brasília-DE N. E.].

86 *Bhagavad-Gitã*, V, 22. [Ver *Bhagavad-Gitã*, tradução de Annie Besant, Ed. Teosófica, Brasília-DF N. E.].

87 *Bhagavad-Gita*, II, 59. [Ver *Bhagavad-Gita*, tradução de Annie Besant, Ed. Teosófica, Brasília-DF N. E.].

III. O DESEJO 1continuação2

1. O Veículo do Desejo

Teremos de retornar à luta na natureza do desejo para acrescentar alguns detalhes úteis àquilo que já foi dito; mas, primeiramente, é necessário estudar o veículo do desejo, o corpo do desejo ou corpo astral, já que esse estudo nos permitirá compreender o método preciso que podemos empregar para subjugar e nos livrarmos dos desejos inferiores.

O veículo do desejo é composto do que é chamado “matéria astral”, a matéria do plano acima do físico. Essa matéria, como a física, existe em sete modificações, que em relação umas às outras são como os subestados sólido, líquido, gasoso, etc. da matéria no plano físico. Assim como o corpo físico contém dentro de si esses vários subestados de matéria física, o corpo astral também contém dentro de si os vários subestados de matéria astral. Cada um desses subestados tem em si agregações mais grosseiras e mais sutis, e o trabalho de purificação, tanto do astral quanto do físico, consiste em substituir a matéria mais grosseira pela mais sutil.

Ademais, os subestados inferiores de matéria astral servem principalmente para manifestar os desejos inferiores, enquanto os estados superiores vibram em resposta aos desejos que mudaram, pela mistura de mente e emoções. Os desejos inferiores, buscando objetos de prazer, descobrem que os subestados inferiores servem como meio para sua força atrativa, e quanto mais grosseiros e mais abjetos os desejos, mais abjetas são as agregações de matéria que melhor os expressam. Como o desejo faz vibrar a matéria correspondente no corpo astral, essa matéria torna-se fortemente vitalizada e atrai matéria nova semelhante de fora de si, e assim

aumenta a quantidade dessa matéria na constituição do corpo astral. Quando os desejos são gradualmente refinados e transformados em emoções, com a entrada de elementos intelectuais, e quando diminui o egoísmo, a quantidade de matéria mais sutil aumenta de modo semelhante no corpo astral, enquanto a matéria mais grosseira, não vitalizada, perde energia e diminui em quantidade.

A aplicação prática desses fatos ajuda-nos a enfraquecer o inimigo entronizado dentro de nós, pois podemos privá-lo de seus instrumentos. Um traidor dentro dos portões é mais perigoso do que o inimigo fora, e o corpo do desejo age como esse traidor, enquanto for composto de elementos que respondam às tentações do exterior.

O desejo, à medida que integra em si materiais mais grosseiros, deve ser controlado pela mente, recusando-se a retratar o prazer passageiro que a posse do objeto acarretaria, mostrando a si mesma a tristeza mais duradoura que causaria. À medida que nos livramos da matéria mais grosseira que vibra em resposta às atrações mais abjetas, essas atrações perdem todo o poder de nos perturbar.

Deve-se então tomar o veículo dos desejos pelas mãos; as atrações que chegam até nós do exterior estarão em conformidade com a sua construção. Podemos atuar sobre a forma, mudar os elementos que a compõem, e transformar o inimigo em defensor.

Quando o homem está evoluindo em caráter, ele é, não obstante, confrontado com uma dificuldade que muitas vezes o deixa alarmado e deprimido. Ele se vê abalado pelos desejos que evita, dos quais se envergonha; e apesar de seus tremendos esforços para deles se livrar, eles ainda se prendem a ele e o atormentam. Eles vão de encontro a seus esforços, suas esperanças, suas aspirações, e ainda assim de algum modo parecem lhe pertencer. Essa experiência dolorosa deve-se ao fato de que a consciência evolui mais rapidamente do que a forma, e as duas estão, até certo ponto, em conflito mútuo. Ainda existe no corpo astral uma

considerável quantidade de agregações grosseiras; mas à medida que os desejos se tornam mais refinados, eles não mais vivificam esses materiais. Todavia, algo da antiga vitalidade aí persiste, e embora essas agregações estejam em declínio, elas ainda não se foram totalmente.

Ora, embora a natureza do desejo não mais esteja utilizando esses materiais para autoexpressão, eles podem ainda ser temporariamente ativados do exterior, assumindo a aparência de vitalidade, como faria um cadáver galvanizado. Os desejos de outras pessoas elementais do desejo de um tipo malévolo podem prender-se a esses elementos não usados no corpo astral de uma pessoa, podendo assim ser estimulados e revivificados, fazendo com que ela sinta como seus os impulsos de desejos que abomina. Onde tais experiências são vivenciadas, o desnortado combatente deve arrebanhar coragem; mesmo sob o influxo desses desejos, ele deve repudiá-los como estranhos a si, sabendo que os elementos nele utilizados pelos desejos pertencem ao passado, estão morrendo, e que está próximo o dia da morte dos desejos e de sua libertação.

Podemos pegar o exemplo dos sonhos para mostrar essa atuação da matéria estéril no corpo astral. Um homem, numa vida anterior, foi um ébrio, e suas experiências pós-morte imprimiram nele profundamente a repulsa à bebida; ao renascer, o Ego imprimiu essa aversão nos novos corpos físico e astral. No entanto, havia no corpo astral alguma matéria atraída para aí pelas vibrações causadas no átomo permanente pela antiga embriaguez. Essa matéria não é vivificada na vida presente por nenhum anelo pela bebida, ou concessão ao hábito de beber; pelo contrário, quando desperto, o homem é sóbrio. Mas nos sonhos, essa matéria no corpo astral é estimulada à atividade a partir do exterior, e sendo fraco o controle do Ego sobre o corpo astral⁸⁸, essa matéria responde às vibrações pela ânsia de beber que chegou até ela, e o homem sonha que bebe. Ademais, se ainda houver no homem o desejo latente pela bebida, fraco demais para se afirmar durante a consciência de vigília, ele pode surgir durante o sono. Pelo fato de

a matéria física ser comparativamente pesada e difícil de mover, o desejo fraco não tem energia suficiente para causar vibrações nela; mas esse mesmo desejo pode mover a matéria astral muito mais leve, e assim o homem pode ser arrastado por um desejo que não tem qualquer poder sobre ele em sua consciência de vigília.

Esses sonhos causam muita angústia porque não são compreendidos. O homem deveria compreender que o sonho mostra que a tentação foi vencida até onde lhe diga respeito, e que ele é perturbado apenas pelo cadáver dos desejos passados, vivificado de fora no plano astral, ou, se vivificado de dentro, então o será por um desejo moribundo, fraco demais para abalá-lo no estado de vigília. O sonho é o sinal de uma vitória quase completa. Ao mesmo tempo é uma advertência; pois diz ao homem que ainda existe em seu corpo astral matéria capaz de ser vivificada pelas vibrações do anelo pela bebida, e que portanto ele não deve colocar-se durante o estado de vigília sob condições onde essas vibrações sejam abundantes. Até que tais sonhos tenham cessado inteiramente, o corpo astral não está livre da matéria que é uma fonte de perigo.

2. O Conflito entre Desejo e Pensamento

Devemos retornar agora à luta na natureza do desejo, à qual já fizemos referência, para acrescentar alguns detalhes necessários.

Esse conflito pertence ao que pode ser chamado de estágio médio de evolução aquele longo estágio que fica entre os estados do homem inteiramente governado pelo desejo, apossando-se de tudo que quer, sem ser refreado pela consciência ou perturbado pelo remorso, e o estado do homem espiritual altamente evoluído, em quem vontade, sabedoria e atividade agem em harmoniosa coordenação. Surge o conflito entre desejo e pensamento com o pensamento começando a compreender sua relação com

o não eu e os outros eus separados, e o desejo, influenciado pelos objetos à sua volta, movendo-se por atrações e repulsões, atraído daqui para ali por objetos sedutores.

Devemos estudar o estágio de evolução no qual as memórias acumuladas de experiências passadas, armazenadas na mente, colocam-se contra a gratificação de desejos que comprovaram ser causa de dor; ou, para falar de maneira mais precisa, no qual a conclusão tirada dessas experiências acumuladas pelo pensador confirma-se em virtude de uma demanda da natureza do desejo pelo objeto que ele tenha identificado como perigoso.

O hábito de se apossar e desfrutar foi estabelecido durante centenas de vidas, e é forte; enquanto o hábito de resistir a um prazer presente para evitar uma dor futura está apenas começando a se estabelecer, e conseqüentemente é muito fraco. Por isso, durante muito tempo os conflitos entre o pensador e a natureza do desejo terminam numa série de derrotas. A jovem mente lutando contra o corpo do desejo maduro é constantemente derrotada. Mas cada vitória da natureza do desejo, seguida que é por um breve prazer e por uma dor prolongada, dá origem a uma nova força hostil a si mesma, que revigora a força de seu oponente. Assim, cada derrota do pensador lança a semente de sua futura vitória, e sua força cresce diariamente, enquanto diminui a força da natureza do desejo.

Quando isto é claramente compreendido, não mais lamentamos nossas próprias quedas nem as quedas daqueles que amamos, pois sabemos que essas quedas estão assegurando a firme fundação do futuro, e que no ventre da dor está madurecendo o futuro conquistador.

Nosso conhecimento do que é certo e errado cresce a partir da experiência, e só é aprimorado pelas provações. O senso de certo e errado, agora inato no homem civilizado, foi desenvolvido por meio de inúmeras experiências. Nos primórdios do eu separado, todas as experiências foram úteis à sua evolução e lhe trouxeram as lições necessárias ao seu

crescimento. Ele gradualmente aprendeu que ceder aos desejos cuja gratificação prejudicava os outros trazia dor desproporcional ao prazer temporário derivado da gratificação. Ele começou a rotular com a palavra “errado” os desejos cuja satisfação trazia uma predominância de dor, e isto cada vez mais rapidamente, porque os instrutores que guiaram seu primitivo crescimento colocaram o selo de sua desaprovação sobre os objetos que atraíam esses desejos. Quando ele lhes desobedecia, e a isso se seguia o sofrimento, a impressão causada no pensador era mais poderosa a favor da prévia profecia, e a consciência a vontade de fazer o que é certo e abster-se do que é errado foi proporcionalmente fortalecida.

Com relação a isso podemos de imediato ver o valor da admoestação, da repreensão e do bom conselho. Todas essas coisas estão armazenadas na mente, e são forças acrescidas às memórias acumuladoras que se opõem à gratificação do desejo errado. Admitindo-se que a pessoa advertida possa mais uma vez ceder quando assaltada pela tentação, isto significa apenas que o equilíbrio da força ainda pende para o desejo errado; quando o sofrimento previsto chegar, a mente evocará todas as memórias de admoestações e advertências, e imprimirá mais profundamente em sua substância a decisão “Este desejo é errado”. A prática do ato errado significa simplesmente que a memória da dor passada ainda não é suficientemente forte para dominar a atração dos prazeres ansiosamente antecipados e imediatos. A lição ainda precisa ser repetida algumas vezes mais para fortalecer a memória do passado, e quando isso é feito, a vitória é certa. O sofrimento é um elemento necessário no crescimento da alma, e traz em seu interior a promessa desse crescimento. Em toda parte à nossa volta, se virmos corretamente, o bem está crescendo; em lugar algum existe mal irremediável.

Esta luta está expressa no lamento: “Faço o que não quero, não faço aquilo que quero; aquilo que não quero fazer, isso eu faço”. “Quando quero fazer o bem, o mal está presente em mim.” Aquilo que fazemos de errado,

quando o desejo é contrário à ação, é feito pelo hábito do passado. A vontade fraca é subjugada pelo desejo forte.

Ora, o pensador, no conflito com a natureza do desejo, chama em seu auxílio essa mesma natureza, e se esforça para despertar nela um desejo que será oposto ao desejo contra o qual está combatendo. Assim como a atração de um ímã fraco pode ser vencida por um mais forte, é também possível fortalecer um desejo para subjugar outro; o reto desejo pode ser despertado para combater o desejo errado. Eis o valor de um ideal.

3. O Valor de um Ideal

Um ideal é um conceito mental fixo e de caráter inspirador, estruturado para guiar a conduta. E a formação de um ideal é um dos meios mais eficazes de influenciar o desejo. O ideal pode, ou não, encontrar corporificação em um indivíduo segundo o temperamento do homem que o forja, e devemos sempre lembrar que o valor de um ideal depende em grande parte de sua atratividade, e que aquilo que atrai um temperamento pode não necessariamente atrair outro. Um ideal abstrato e um ideal pessoal são igualmente bons, considerados de um ponto de vista geral, e deve ser selecionado aquele que atrai mais fortemente o indivíduo que o escolhe. Uma pessoa intelectual geralmente achará um ideal abstrato mais satisfatório, enquanto alguém de temperamento emocional exigirá uma corporificação concreta de seu pensamento. A desvantagem do ideal abstrato é que lhe falta a inspiração persuasiva; a desvantagem do ideal concreto é que sua corporificação pode situar-se abaixo do ideal.

A mente, é claro, cria o ideal e o retém como uma abstração, ou corporifica-o numa pessoa. O momento escolhido para a criação de um ideal deverá ser quando a mente está calma, firme e luminosa, quando a natureza do desejo estiver adormecida. Então o pensador deve considerar o

propósito de sua vida, o objetivo que almeja alcançar, e com isto, para guiar sua escolha, deve selecionar as qualidades necessárias que lhe permitirão alcançar essa meta. Ele deve combinar essas qualidades em um conceito único, imaginando tão fortemente quanto possível essa integração das qualidades de que necessita. Diariamente ele deve repetir esse processo de integração, até que seu ideal sobressaia-se de modo claro na mente, dotado de toda a beleza do pensamento elevado e do caráter nobre, uma figura de irresistível atratividade.

O indivíduo intelectual manterá esse ideal como um conceito puro. O homem de natureza emocional irá corporificá-lo num personagem como o Buda, o Cristo, Sri Krishna ou algum outro Instrutor divino. Neste último caso ele irá, se possível, estudar Sua vida, Seus ensinamentos, Suas ações, e o ideal irá assim tornar-se cada vez mais fortemente vivificado, cada vez mais real para o pensador. O amor intenso por esse ideal corporificado brotará no coração, e o desejo estenderá braços ansiosos para abraçá-lo. Quando a tentação o toma de assalto e os desejos inferiores clamam por satisfação, então o poder atrativo do ideal impõe-se, o desejo mais sublime combate o mais grosseiro, e o pensador vê-se reforçado pelo reto desejo, a força negativa da memória que diz: “Abstém-te do que é abjeto”; fortificando a força positiva do ideal, que diz: “Realiza o heroico”.

O homem que habitualmente vive na presença de um grande ideal está armado contra desejos errôneos pelo amor de seu ideal, pela vergonha de ser vil em sua presença, pelo anelo de se assemelhar àquilo que adora, e também pela nova tendência geral de sua mente ao longo das linhas de um nobre pensar. Desejos errôneos tornam-se cada vez mais incongruentes. Eles perecem naturalmente, incapazes de respirar nesse ar puro e claro.

Devido aos resultados destrutivos da crítica histórica nas mentes de muitas pessoas, pode valer a pena assinalar aqui que o valor do ideal do Cristo, do ideal do Buda, do ideal de Krishna de forma alguma é prejudicado por falta de dados históricos, por quaisquer defeitos nas provas

de autenticidade de um manuscrito. Muitas das histórias relatadas podem não ser historicamente verdadeiras, mas o são ética e vitalmente. Quer um determinado incidente tenha acontecido ou não na vida física deste ou daquele Instrutor, é uma questão de menor importância; a reação de tal caráter ideal sobre seu ambiente é sempre profundamente verdadeira. As escrituras do mundo representam fatos espirituais, quer sejam os incidentes físicos historicamente verdadeiros ou não.

Assim, o pensamento pode moldar e direcionar o desejo, transmutando-o de inimigo em aliado. Ao mudar a direção do desejo, ele se torna uma força que eleva e acelera, em vez de retardar; e onde os desejos por objetos nos prendiam firmemente ao lodo da terra, o desejo pelo ideal eleva-nos sobre fortes asas até o céu.

4. A Purificação do Desejo

Já vimos o quanto pode ser feito na purificação do veículo do desejo, e a contemplação e adoração do ideal que acaba de ser descrita é um meio muito potente de se purificar o desejo. Os desejos malévolos morrem simplesmente por falta de alimento enquanto os bons desejos são encorajados e nutridos.

O esforço de rejeitar todos os desejos maus é acompanhado pela firme recusa do pensamento em deixá-los transformar-se em ações. A vontade começa a restringir a ação, mesmo quando o desejo clama por gratificação. Essa recusa de permitir a ação instigada pelo desejo errado gradualmente priva os objetos de todo poder atrativo que outrora possuíam. “Os objetos dos sentidos [...] afastam-se de um abstêmio morador do corpo.”⁸⁹ Os desejos estiolam-se, morrem por falta de satisfação. Abster-se de gratificação é um poderoso meio de purificação.

Existe outro meio de purificação no qual se utiliza a força repulsiva do desejo, tal como na contemplação do ideal evoca-se a força atrativa. Esse outro meio é útil em casos extremos, quando os desejos inferiores são tumultuosos e rebeldes desejos tais que levam aos vícios da gluttonia, da embriaguez e da devassidão.

Às vezes o homem acha impossível livrar-se dos maus desejos. E apesar de todos os esforços, sua mente cede ao forte impulso desses desejos, e sinistras imaginações tumultuam seu cérebro. Ele pode dominar por meio de uma aparente submissão, antecipando em sua imaginação os resultados malévolos que adviriam. Ele se imagina cedendo às tentações que o assaltam, enredando-se cada vez mais nas malhas do mal que o domina. Ele segue a si mesmo enquanto cai cada vez mais profundamente, tornando-se o escravo impotente de suas paixões. Ele acompanha com vívida imaginação os estágios de sua queda, vê seu corpo tornar-se cada vez mais grosseiro, depois entufado e doente. Contempla os nervos em frangalhos, as feridas repugnantes, a horrenda degradação e a ruína da estrutura outrora forte e saudável. Ele fixa seus olhos sobre a morte desonrosa, o triste legado de memória vergonhosa deixada a seus parentes e amigos. Encara em pensamento o outro lado da morte, e vê a decomposição e a distorção de seus vícios representados no corpo astral sofredor, e a agonia da ânsia dos desejos que não mais podem ser satisfeitos. Resolutamente ele força seus acanhados pensamentos a se demorarem sobre este panorama miserável do triunfo dos desejos errados, até que surge dentro dele uma forte repulsa a eles, um medo e uma aversão intoleráveis quanto ao resultado de se ter deixado levar por eles.

Esse método de purificação é como o bisturi do cirurgião, extirpando um câncer que ameaça a vida; e como todos os procedimentos cirúrgicos, deve ser evitado, a não ser que não reste nenhum outro meio de cura. É melhor conquistar o desejo errôneo pela força atrativa de um ideal do que

pela força repulsiva de um espetáculo de ruína. Mas onde a atração não consegue vencer, a repulsão talvez possa prevalecer.

Existe também um perigo neste último método, uma vez que a matéria mais grosseira no veículo do desejo é aumentada por essa permanência no pensamento sobre o mal, e a luta é assim mais prolongada do que quando inspiramos a conduta nos bons desejos e nas altas aspirações. Portanto, é o pior método dos dois, e só deve ser aceito quando o outro é inatingível.

O desejo deve ser purificado pela atração superior, por repulsão, ou pelo lento aprendizado do sofrimento. O sentido de “deve” não é tanto uma necessidade imposta por uma Deidade externa, mas do imperioso comando da Deidade interior, que não será refutado. Todas as forças divinas na Natureza atuam com esta verdadeira Vontade da Divindade, que é o nosso Ser; e esse Ser divino que deseja o mais elevado deve, inevitável e finalmente, submeter todas as coisas a si mesmo.

Com este triunfo ocorre a cessação do desejo, pois a partir de então os objetos externos não mais atraem nem repelem as energias que fluem do *Âtmã*, totalmente direcionadas pela sabedoria autodeterminada, ou seja, a Vontade toma o lugar do desejo. O bem e o mal são vistos como as forças divinas que trabalham para a evolução, sendo uma tão necessária quanto a outra; uma é o complemento da outra. O bem é uma força com a qual se deve trabalhar; o mal, aquela contra a qual se deve lutar. É pelo uso correto de ambas que os poderes do Ser evoluem e se manifestam.

Quando o Ser tiver desenvolvido o aspecto “sabedoria”, irá considerar o justo e o perverso, o santo e o pecador, com o mesmo olhar; e portanto estará pronto para ajudar ambos igualmente, para estender mãos fortes a ambos. O desejo, que os considerava com atração e repulsão, como causadores de dor e prazer, cessou; e a vontade, que é energia direcionada pela sabedoria, auxilia adequadamente a ambos. Assim, o homem eleva-se acima da tirania dos pares de opostos e habita na Paz Eterna.

88 O Ego volta sua atenção para o interior durante o sono até poder usar seu corpo astral de modo independente; por isso é fraco o controle que ele tem sobre esse corpo.

89 *Bhagavad-Gitã*, II, 59.

IV. A EMOÇÃO

1. O Nascimento da Emoção

A emoção não é um estado de consciência simples ou primário, mas um composto constituído da interação dos dois aspectos do Ser desejo e intelecto. A ação do intelecto sobre o desejo faz nascer a emoção; ela é filha de ambos, e manifesta algumas das características de seu pai, o intelecto, e de sua mãe, o desejo.

Uma vez desenvolvida, a emoção parece tão diferente do desejo que a identidade fundamental de ambos é um tanto velada; mas conseguimos ver essa identidade, seja acompanhando o desenvolvimento de um desejo até transformar-se em emoção, ou estudando-os lado a lado e descobrindo que ambos têm as mesmas características, as mesmas divisões que o desejo é na realidade uma forma elaborada de emoção, sendo essa elaboração devida à presença, na emoção, de inúmeros elementos intelectuais, ausentes ou menos marcadamente proeminentes no desejo.

Acompanhemos a transformação de um desejo em emoção numa das relações humanas mais comuns, a relação sexual. Aqui está o desejo em uma de suas formas mais simples. O desejo por alimento e o desejo por união sexual são os dois desejos fundamentais de todas as coisas vivas o desejo por alimento para manter a vida, o desejo de união sexual para ampliar a vida. Em ambos se experiencia um senso de “acréscimo”, ou, dizendo de outra maneira, sente-se prazer. O desejo por alimento permanece um desejo; o alimento é apropriado, assimilado, e perde sua identidade separada, torna-se parte do “eu”. Não há qualquer relação continuada entre aquele que come e o alimento que dê oportunidade à elaboração de uma

emoção. Por outro lado, na relação sexual, que tende a se tornar cada vez mais permanente com a evolução da individualidade, existe essa relação continuada.

Dois selvagens são sexualmente atraídos um pelo outro; a paixão para possuir o outro surge em cada um deles; um deseja o outro. O desejo é tão simples quanto o desejo por alimento. Mas não pode ser satisfeito na mesma extensão, pois nenhum dos dois consegue apropriar-se do outro e assimilá-lo completamente; cada um, até certo ponto, mantém sua identidade separada, e apenas parcialmente um torna-se o “eu” do outro. De fato, existe uma extensão do “eu”, mas se dá por via de inclusão e não de autoidentificação. A presença dessa barreira permanente é necessária para a transformação de um desejo em emoção. Isso torna possível a fixação da memória e a antecipação ao mesmo objeto, e não a outro de tipo semelhante como no caso do alimento. O desejo contínuo de união com o mesmo objeto torna-se uma emoção, sendo que os pensamentos se combinam com o desejo primário de possuir. A barreira que mantém os objetos mutuamente atraídos como dois, e não como um, que evita sua fusão, embora pareça frustrar, na verdade imortaliza; se fosse afastada, desejo e emoção também desapareceriam, e o “dois tornando-se um” deveria então buscar outro objeto externo para a ulterior autoexpansão do prazer.

Retornemos aos nossos selvagens, unidos pelo prazer. A mulher adoece e deixa durante certo tempo de ser um objeto de satisfação sexual. Mas o homem lembra o passado, antecipa o futuro deleite, e surge nele um sentimento de solidariedade com o sofrimento dela, de compaixão por sua fraqueza. A persistente atração por ela, pela memória e antecipação, transforma o desejo em emoção, a paixão em amor, sendo solidariedade e compaixão suas primeiras manifestações, as quais por sua vez levam-no ao autossacrifício por ela, mantendo vigília para cuidar dela quando deveria estar dormindo, empenhando-se pelo bem-estar dela quando deveria estar repousando. Essas disposições espontâneas da emoção de amor nele irão

posteriormente consolidar-se em virtudes, ou seja, irão tornar-se disposições permanentes em seu caráter, manifestando-se em resposta ao chamado da necessidade humana por todas as pessoas com quem entre em contato, quer elas o atraiam ou não. Veremos depois que as virtudes são simplesmente disposições permanentes de reta emoção.

Antes, porém, de lidarmos com a relação da ética com a emoção, devemos ainda compreender a identidade fundamental do desejo e da emoção observando suas características e divisões. Enquanto fazemos isto, descobriremos que as emoções não formam uma selva trivial, mas que todas surgem de uma só raiz que se divide em dois troncos, cada um dos quais se subdividindo em ramos, onde crescem as folhas das virtudes e dos vícios. Esta ideia fecunda, tornando possível uma ciência das emoções e consequentemente um sistema de ética inteligível e racional, deve-se a um autor indiano, Bhagavan Das, que pela primeira vez introduziu ordem nesta região da consciência, até então confusa. Os estudantes de Psicologia descobrirão em seu livro *Science of the Emotions*⁹⁰ um tratado lúcido demonstrando este esquema, que reduz o caos das emoções a um cosmos e molda aí uma moralidade ordenada. As linhas gerais de exposição aqui seguidas são extraídas dessa obra, à qual remetemos os leitores para mais amplos detalhes.

Vimos que o desejo tem duas expressões principais: desejo de atrair, para possuir ou para entrar em contato com qualquer objeto que tenha previamente proporcionado prazer; desejo de repelir, para afastar ou para evitar o contato com qualquer objeto que tenha previamente infligido dor. Vimos que atração e repulsão são as duas formas do desejo, entre as quais oscila o Ser.

A emoção, sendo desejo mesclado com intelecto, inevitavelmente manifesta a mesma divisão em dois. Chama-se “amor” a emoção que é da natureza da atração, atraindo os objetos entre si pelo prazer, a energia integradora no universo. A emoção que é da natureza da repulsão, afastando

os objetos uns dos outros pela dor, a energia desintegradora do universo, é chamada “ódio”. Estes são os dois troncos da raiz do desejo, e todos os ramos das emoções podem ser traçados a partir de um desses dois.

Daí a identidade das características de desejo e emoção; o amor busca atrair para si o objeto atraente ou ir atrás dele para a ele se unir, para possuir ou ser possuído por ele. Ele prende pelo prazer, pela felicidade, tal qual o desejo. Seus laços, de fato mais duradouros, mais complexos, são compostos de fios mais numerosos e mais delicados entrelaçados em maior complexidade, mas a essência do desejo-atração, a união de dois objetos, é a essência da emoção-atração, do amor. E similarmente o ódio busca afastar de si o objeto de repulsa ou fugir dele, para se afastar, repelir ou ser por ele repellido. Ele separa pela dor, pela infelicidade. E assim a essência do desejo-repulsão, a separação de dois objetos, é a essência da emoção-repulsão, do ódio. Amor e ódio são as formas elaboradas e infundidas pelo pensamento dos desejos simples de possuir e de evitar.

2. A Atuação da Emoção na Família

O homem tem sido descrito como “um animal social” a maneira biológica de dizer que ele se desenvolve melhor em contato com seus semelhantes, e não isolado deles. Suas características distintivamente intelectuais precisam, para sua evolução, de um meio social, e seus prazeres mais intensos e por isso necessariamente suas dores mais acerbadas surgem em suas relações com outros de sua própria espécie. Somente eles conseguem evocar dele as respostas das quais depende seu ulterior crescimento. Toda evolução, toda convocação dos poderes latentes, ocorre em resposta a estímulos do exterior; e alcançado o estágio humano, os estímulos mais pungentes e eficazes só podem vir dos contatos com seres humanos.

A atração sexual é o primeiro laço social, e os filhos nascidos de marido e mulher formam com eles a primeira unidade social, a família. O desamparo prolongado e a dependência do bebê humano propiciam tempo para a paixão física de paternidade e maternidade amadurecer, transformando-se na emoção de amor paterno e materno, dando assim estabilidade à família, enquanto a própria família forma um campo no qual inevitavelmente participam as várias emoções. Aqui são primeiramente estabelecidas as relações definidas e permanentes entre seres humanos; e da harmonia dessas relações, dos benefícios conferidos por essas relações a cada membro da família, depende a felicidade de cada indivíduo.

Podemos estudar com vantagem a atuação da emoção na família, uma vez que aqui temos uma unidade social comparativamente simples, que, contudo, proporciona um quadro em miniatura da sociedade em geral. Podemos encontrar aqui a origem e evolução das virtudes e dos vícios, e ver o significado e objetivo da moralidade.

Já vimos como a paixão sexual torna-se, sob a tensão das circunstâncias, a emoção do amor, e como esse amor manifesta-se como ternura e compaixão quando a esposa, em vez de estar em estatura de igualdade, torna-se desamparada e dependente, na inferioridade física temporária causada, digamos, pela gravidez. Similarmente, caso uma doença ou acidente reduza o marido a inferioridade física temporária, ternura e compaixão fluirão da esposa para ele. Mas essas manifestações de amor não podem ser mostradas pelo mais forte sem evocar do mais fraco emoções de amor equivalentes, que, na condição de fraqueza, terão como suas características naturais a confiança, a gratidão e emoções de amor igualmente coloridas por fraqueza e dependência.

Na relação de pais com filhos e de filhos com pais, onde a superioridade e a inferioridade físicas são muito mais fortemente acentuadas e persistem durante um período de tempo considerável, essas emoções de amor serão continuamente manifestadas de ambos os lados.

Ternura, compaixão, proteção serão constantemente manifestadas pelos pais para com os filhos; confiança e gratidão serão a resposta constante dos filhos. As variações na expressão da emoção de amor serão causadas pela variedade de circunstâncias, que evocarão generosidade, perdão, paciência, etc. por parte dos pais, e obediência, respeito, prontidão para servir, etc. por parte dos filhos.

Considerando-se essas duas classes de emoções de amor, vemos que a essência comum em uma classe é benevolência, e na outra reverência. A primeira é amor olhando para baixo, sobre os mais fracos, inferiores a si mesmo; a outra, o amor olhando para cima, para os mais fortes, superiores a si mesmo. E podemos então generalizar e dizer: o Amor que olha para baixo é benevolência; o Amor que olha para cima é reverência; e essas são universalmente as várias características comuns do amor dos superiores para com os inferiores, e do amor dos inferiores para com os superiores.

As relações normais entre marido e mulher e entre irmãos nos fornecem o campo para estudo das manifestações do amor entre iguais. Vemos o amor manifestando-se como ternura mútua e confiança mútua, como consideração, respeito e desejo de servir; a rápida compreensão dos desejos do outro e o esforço para realizá-los, como magnanimidade e paciência. Os elementos presentes nas emoções de amor do superior para com o inferior são encontrados aqui, mas a reciprocidade está impressa em todas elas. E assim podemos dizer que a característica comum do amor entre iguais é o desejo de ajuda mútua.

Desse modo, temos a benevolência, o desejo de ajuda mútua, e a reverência como as três principais divisões da emoção de amor, e sob elas podem ser classificadas todas as emoções de amor, pois todas as relações humanas estão resumidas sob as três classes: as relações de superiores para com inferiores, entre iguais, e de inferiores para com superiores.

Um estudo semelhante da emoção do ódio na família vai concedernos frutos semelhantes. Onde existe ódio entre marido e mulher, o superior

temporário manifesta aspereza, crueldade, opressão para com o inferior temporário, que terão, como respostas do inferior, manifestações de ódio características da fraqueza, tais como as disposições para vingança, medo e traição. Essas manifestações de ódio serão até mesmo mais aparentes nas relações entre pais e filhos quando ambos são dominados pela emoção do ódio, uma vez que a disparidade é maior aqui e a tirania produz toda uma colheita de emoções ruins falsidade, servilismo, covardia enquanto a criança for impotente, e desobediência, revolta e vingança à medida que vai crescendo. Aqui, mais uma vez, buscamos uma característica comum, e descobrimos que o ódio que olha para baixo é desprezo, e o ódio que olha para cima é medo.

De modo semelhante, o ódio entre iguais irá manifestar-se como ira, combatividade, desrespeito, violência, agressividade, ciúme, insolência, etc. todas as emoções que afastam um homem de outro quando se colocam como rivais, face a face, não de mãos dadas. A característica comum do ódio entre iguais será então a ofensa mútua. E as três principais características da emoção de ódio são desprezo, desejo de ofensa mútua e medo.

O amor é caracterizado em todas as suas manifestações pela compaixão, autossacrifício, o desejo de dar; esses são seus fatores essenciais, quer como benevolência, como desejo de ajuda mútua ou como reverência, pois todas essas coisas servem diretamente à atração, produzem união, são da própria natureza do amor. Por isso o amor é do Espírito; compaixão é sentir pelo outro como se sentiria por si mesmo; autossacrifício é o reconhecimento da reivindicação do outro como sua própria; dar é a condição da vida espiritual. Assim, o amor é visto como pertencente ao Espírito, ao lado “vida” do universo.

O ódio, por outro lado, é caracterizado em todas as suas manifestações pela antipatia, o autoengrandecimento, o desejo de tomar; esses são seus fatores essenciais, sejam como desprezo, desejo de ofensa mútua ou medo.

Todos esses fatores servem diretamente à repulsão, separando um do outro. Por isso, o ódio é da matéria, enfatiza a multiplicidade e as diferenças, é essencialmente separatividade, e pertence ao lado “forma” do universo.

Até aqui lidamos com a atuação da emoção na família, porque a família serve como uma miniatura da sociedade. A sociedade é apenas a integração de numerosas unidades familiares, mas a ausência de laços de sangue entre essas unidades, a ausência de interesses comuns reconhecidos e de objetivos comuns, torna necessário encontrar algum laço que vá suprir o lugar dos laços naturais na família. As unidades familiares em uma sociedade aparecem na superfície como rivais, em vez de irmãos. Por isso é mais provável surgirem emoções de ódio do que de amor, e é preciso encontrar algum modo de manter a harmonia; isto é feito pela transmutação das emoções de amor em virtudes.

3. O Nascimento das Virtudes

Vimos que, quando os membros de uma família vão além do pequeno círculo de familiares e encontram pessoas cujos interesses são ou indiferentes ou opostos aos seus, não existe entre eles e os outros a mútua interação do amor. É mais o ódio que se manifesta, variando desde a atitude vigilante da suspeição até a força destruidora da guerra. Como então estruturar uma sociedade composta de unidades familiares separadas?

Isto só é possível tornando permanente todas as disposições emocionais que brotam do amor e pela erradicação daquelas que brotam do ódio. A disposição permanente de uma emoção de amor dirigido a um ser vivo é virtude; a disposição permanente de uma emoção de ódio dirigida contra um ser vivo é vício. Esta mudança é feita pelo intelecto, que confere à emoção um caráter permanente, buscando harmonia em todas as relações para que daí resulte a felicidade. Aquilo que conduz à harmonia, e portanto

à felicidade na família, brotando espontaneamente do amor, é virtude quando praticada com relação a todos em todas as relações da vida. A virtude brota do amor, e seu resultado é felicidade. E assim, também aquilo que conduz à desarmonia, e portanto confere infelicidade à família, brotando espontaneamente do ódio, é vício quando praticado com relação a todos em todas as relações da vida .

Há uma objeção a esta teoria de que a disposição permanente de uma emoção de amor é virtude ao se assinalar que o adultério, o roubo e outros vícios podem brotar da emoção de amor. É necessária aqui uma análise dos elementos que entram na atitude mental. Ela é complexa, não é simples. O adultério é motivado por amor, mas não somente por amor. Aí entram também o desdém pela honra do outro, a indiferença pela felicidade do outro, a inclinação egoísta ao prazer pessoal à custa da estabilidade social, da honra social, da decência social. Todas essas coisas brotam das emoções de ódio. O amor é a única característica redentora em toda a transação, a única virtude no fardo de sórdidos vícios. Uma análise semelhante irá sempre mostrar que, quando o exercício de uma emoção de amor é errado, o erro jaz no vício aliado a seu exercício, e não na emoção de amor em si.

4. Certo e Errado

Voltemo-nos agora, por um momento, para a questão do certo e do errado, e vejamos como se relacionam com a bem-aventurança e com a infelicidade, pois existe uma ideia amplamente disseminada de que há algo baixo e materialista na visão de que a virtude é o meio para se chegar à bem-aventurança. Muitas pessoas pensam que esta ideia avilta a virtude, colocando-a em segundo plano, quando deveria estar em primeiro, tornando-a um meio em vez de um fim. Vejamos então por que a virtude

deve ser a senda para a bem-aventurança, e como isto é inerente à natureza das coisas.

Quando o intelecto estuda o mundo, vê as inúmeras relações aí estabelecidas, e observa que as relações harmoniosas produzem infelicidade e que relações discordantes produzem miséria; ele se põe a trabalhar para descobrir o modo de estabelecer a harmonia universal e conseqüentemente a bem-aventurança universal. Além disso, descobre que o mundo move-se ao longo de uma trilha na qual ele é compelido a seguir a senda da evolução -, e descobre a lei de evolução. Para uma parte, uma unidade, alinhar-se com a lei do todo ao qual pertence significa paz, harmonia, e portanto felicidade, enquanto alinhar-se contra a lei significa atrito, desarmonia, e portanto infelicidade. Dessa forma, certo é aquilo que, estando em harmonia com a grande lei, traz bem-aventurança; e errado é aquilo que, estando em conflito com a grande lei, traz infelicidade. Quando o intelecto, iluminado pelo Espírito, vê a Natureza como uma expressão do pensamento divino, a lei de evolução como uma expressão da vontade divina, a meta como uma expressão da bem-aventurança divina, então podemos substituir “harmonia com a lei de evolução” por “harmonia com a vontade divina”. O certo se torna aquilo que está em harmonia com a vontade de Deus; e a moralidade, permeada pela religião.

5. Virtude e Bem-aventurança

Não se pode separar a perfeição, a harmonia com a vontade divina, da bem-aventurança. A virtude é a estrada que leva à bem-aventurança; e se algo não leva a ela, não é virtude. A perfeição da natureza divina se expressa em harmonia; e quando os “divinos fragmentos” dispersos entram em harmonia, desfrutam da bem-aventurança.

Às vezes este fato é velado por outro, isto é, a prática de uma virtude, sob determinadas condições, produz infelicidade. Isso é verdadeiro, mas o sofrimento é temporário e superficial, e o equilíbrio entre a infelicidade exterior e a bem-aventurança interior que surge da conduta virtuosa colocase em favor dessa última. Ademais, o sofrimento não se deve à virtude, mas a circunstâncias que se opõem à prática dela, ao atrito entre o organismo bom e o ambiente ruim. Assim, quando se toca um acorde harmonioso em meio a uma massa de dissonâncias, durante algum tempo ele aumenta a dissonância. O homem virtuoso é lançado em conflito com o mal, mas isto não deve cegar-nos para o fato de que a bem-aventurança está sempre e indissoluvelmente unida ao que é certo, e a infelicidade ao que é errado. Muito embora o justo possa sofrer temporariamente, nada senão a retidão pode levar à bem-aventurança. E se examinarmos a consciência do justo, descobriremos que ele é mais feliz em fazer o que é certo, embora daí possa resultar dor superficial, do que fazer o que é errado, que perturbaria a paz interior. A perpetuação de um ato errado lhe causaria uma angústia interior que superaria o prazer exterior. Mesmo no caso onde a retidão leva ao sofrimento exterior, o sofrimento é menor do que se fosse causado por uma iniquidade. A senhorita Helen Taylor⁹¹ disse com razão que, para o homem que morre por amor à verdade, a morte é mais fácil do que uma vida de falsidade. É mais fácil e mais agradável para o homem justo morrer como mártir do que viver como hipócrita.

Já que a natureza do Ser é bem-aventurança e que a bem-aventurança só é impedida em sua manifestação por circunstâncias adversas, aquilo que remove o atrito entre ela mesma e essas circunstâncias, abrindo a senda progressiva, impreterivelmente leva à sua autorrealização, ou seja, à realização da bem-aventurança. Assim o faz a virtude, sendo portanto um meio para se chegar à bem-aventurança. Onde a natureza interior das coisas é paz e alegria, a harmonia que permite a essa natureza desvelar-se deve trazer paz e alegria; e produzir essa harmonia é o trabalho da virtude.

6. A Transmutação das Emoções em Virtudes e Vícios

Temos agora de ver de maneira mais plena a verdade do que foi dito acima, que a virtude brota da emoção, e até onde é verdade que uma virtude ou um vício é simplesmente a disposição permanente de uma emoção. Nossa definição é que virtude é uma disposição permanente da emoção de amor, e vício uma disposição permanente da emoção de ódio.

As emoções pertencentes ao amor são as energias construtivas que, unindo as pessoas, constroem a família, a tribo, a nação. O amor é uma manifestação de atração, e por isso mantém unidos os seres. Este processo de integração começa com a família; e as relações estabelecidas entre seus membros no dia a dia da família demandam que, se há a busca da felicidade, o mútuo relacionamento seja solícito e cordial. As obrigações necessárias para se estabelecer a felicidade nessas relações são chamadas “deveres”, aquilo que um deve ao outro. Se esses deveres não são cumpridos, as relações familiares tornam-se uma fonte de sofrimento, uma vez que os contatos íntimos da família tornam a felicidade de cada membro dependente do tratamento que lhe é dispensado pelo outros. Não pode haver relação entre seres humanos em que não seja estabelecida uma obrigação entre eles, um dever de um para com o outro. O marido ama a esposa, a esposa ama o marido, e nada mais é necessário para buscar a felicidade do outro do que o desejo intenso e espontâneo de tornar feliz o bem-amado. Isso leva a que um possa suprir o que o outro precisa. Num sentido mais amplo, “amor é o cumprimento da lei”⁹²; não há necessidade do sentimento de obrigação, pois o amor busca sempre ajudar e abençoar, não sendo necessário o “tu deves” ou o “tu não deves”.

Mas quando uma pessoa, imbuída pelo amor de cumprir todos os deveres de sua relação com o outro, entra em relação com aqueles a quem não ama, como pode se estabelecer uma relação harmoniosa entre essas pessoas? Pelo reconhecimento das obrigações da relação em que se entrou,

e cumprindo-as. Os atos que num caso derivam do amor apresentam-se como obrigações; no outro, onde o amor não está presente, como deveres. A reta razão converte as ações espontâneas de amor em obrigações permanentes ou deveres, e a emoção de amor, tornada elemento permanente da conduta, é chamada “virtude”. Essa é a justificativa da afirmativa de que a virtude é a disposição permanente de uma emoção de amor. Um estado de emoção permanente é estabelecido e se manifesta quando uma relação é firmada; o homem que cumpre os deveres dessa relação é um homem virtuoso. Ele é movido pelas emoções convertidas em permanentes pelo intelecto, que reconhece que a felicidade depende do estabelecimento de harmonia em todas as relações. O amor, racionalizado e fixado pelo intelecto, é virtude.

Desse modo pode-se construir uma ciência da ética, cujas leis sejam uma sequência tão inevitável quanto as de qualquer outra ciência.

Há também uma relação semelhante entre a emoção de ódio e os vícios. A disposição permanente de uma emoção de ódio é vício. Uma pessoa prejudica outra, que devolve o prejuízo; a relação entre elas é de desarmonia, geradora de sofrimento. E como uma espera ser prejudicada pela outra, cada qual tenta enfraquecer o poder da outra de prejudicar; e essa é a espontânea ação do ódio. Quando essa disposição torna-se permanente, e o homem a manifesta em qualquer relação da qual participe e onde possa surgir a oportunidade para sua manifestação, então é chamada de vício. Um homem de paixões descontroladas e natureza não desenvolvida dá um soco, uma expressão espontânea de ódio. Ele repete isto frequentemente, essa ação torna-se habitual quando ele está zangado. Ele inflige dor e sente prazer em fazê-lo. O vício da crueldade está estabelecido, e se ele encontrar uma criança ou uma pessoa mais fraca que ele mesmo, demonstrará crueldade simplesmente porque entra em relação com elas. Assim como a emoção do amor, guiada e fixada pela reta razão, é

virtude, a emoção de ódio, guiada e fixada pela razão distorcida e cega, é vício.

7. A Aplicação da Teoria à Conduta

Quando a natureza da virtude e do vício é vista sob este ângulo, é claro que o caminho mais curto para fortalecer as virtudes e eliminar os vícios é trabalhar diretamente sobre o lado emocional do caráter. Podemos esforçar-nos para desenvolver a emoção do amor, proporcionando assim o material que a razão irá transformar em suas virtudes características. O desenvolvimento da emoção do amor é o modo mais eficaz de desenvolver o caráter moral, sendo as virtudes tão só as flores e os frutos que brotam da raiz do amor.

O valor desta visão clara da transmutação das emoções em virtudes e vícios jaz no fato de que ela nos dá uma teoria definida sobre a qual podemos trabalhar. É como se estivéssemos buscando um local distante e um mapa fosse colocado diante de nós; no mapa traçamos a estrada que nos levará de nossa situação atual à nossa meta. Muitas pessoas verdadeiramente boas e sérias passam anos em vagas aspirações em busca da bondade, e contudo conseguem apenas um pequeno progresso; elas são boas em propósito mas fracas em realização. E isto principalmente porque não compreendem a natureza na qual estão trabalhando, nem os melhores métodos para sua cultura. São como uma criança em um jardim, ansiosa para ver o jardim cheio de flores, mas sem o conhecimento para plantá-las, cultivá-las e exterminar as ervas daninhas que se multiplicam em seus canteiros. Tal como essa criança, as pessoas anseiam pela doçura das flores da virtude, enquanto seus jardins estão tomados pelo crescimento desordenado das ervas daninhas do vício.

8. O Emprego da Emoção

O emprego da emoção do amor é tão evidente que parece pouco necessário demorar-nos muito sobre ele, e mesmo todo esforço nunca será o bastante para enfatizar que o amor é a força construtiva do universo. Tendo unido as unidades familiares, ele solda essas famílias formando unidades tribais e nacionais maiores, que no futuro constituirão a fraternidade do homem. E não devemos deixar de notar o fato de que as unidades menores ampliam o poder do amor e o preparam para expressão mais plena. Sua utilidade é trazer à manifestação o poder divino do amor oculto no interior do Espírito, oferecendo-lhe objetos próximos que o atraíam. O amor não deve ser confinado a esses limites estreitos; e à medida que ganhar força pela prática, deve expandir-se até abranger todos os seres sencientes.

Podemos formular a lei do amor. Considere cada pessoa mais velha como seu pai ou sua mãe; considere cada pessoa de idade semelhante como seu irmão ou irmã; considere cada pessoa mais jovem como seu filho ou filha. Isso resume as relações humanas. O cumprimento desta lei tornaria a Terra um paraíso; e a família existe para que a Terra possa tornar-se esse paraíso.

O homem que queira ampliar suas relações de amor deve começar a considerar o bem-estar de sua comunidade como considera o bem-estar de sua própria família. Ele deve tentar trabalhar pelo bem público de sua comunidade com a mesma energia e interesse com que trabalha por sua família. Posteriormente, ele estenderá seu interesse e trabalho amoroso para a nação. Então aparece a grande virtude do espírito público, o firme precursor da prosperidade nacional. Mais tarde ainda, ele amará e trabalhará pela humanidade; e finalmente envolverá em seu cuidado amoroso todos os seres sencientes e se tornará “o amigo de toda criatura”.

Poucos, no atual estágio de evolução, são realmente capazes de amar a humanidade, e muitos que falam em amar a humanidade não estão prontos

para fazer sacrifício algum para ajudar uma irmã ou um irmão sofredor próximo. O servidor da humanidade não deve negligenciar os seres humanos à sua porta, nem na imaginação regar com compaixão sentimental o jardim distante, enquanto as plantas em torno de sua porta estão morrendo de secura.

À primeira vista, a utilidade do ódio não é tão óbvia, no entanto é importante. De início, quando estudamos o ódio e vemos que sua essência é desintegração, destruição, ele pode parecer totalmente nocivo. “Aquele que odeia seu irmão é um assassino”, disse um grande Instrutor⁹⁶, porque o assassinato é apenas uma expressão de ódio. E mesmo quando o ódio não chega ao ponto de matar, ele é ainda uma força destruidora; ele desintegra a família, a nação; e aonde quer que vá, separa as pessoas. Qual é, então, a utilidade do ódio?

Inicialmente, ele separa elementos incongruentes, incapazes de se combinar, evitando assim a continuidade do atrito. No que diz respeito a pessoas não desenvolvidas e incompatíveis, é melhor para elas serem separadas para buscarem seus diferentes caminhos na evolução do que serem mantidas próximas umas das outras, estimulando o incremento mútuo de más emoções. Em segundo lugar, a repulsão sentida pela alma comum por uma pessoa má é benéfica, na medida em que essa pessoa tenha o poder de desencaminhá-la; pois essa repulsão, embora seja ódio, protege o indivíduo de uma influência sob a qual poderia sucumbir. O desprezo pelo mentiroso, pelo hipócrita, pelo perpetrador de crueldade contra o fraco, é uma emoção útil àquele que a sente e também àquele contra quem é dirigida, pois tende a preservar aquele que a sente de cair em vícios semelhantes e tende a despertar na pessoa desprezada o sentimento de vergonha, que pode içá-la do atoleiro no qual afundou. Enquanto a pessoa tiver qualquer tendência a cometer pecados, o ódio contra aqueles que praticam o pecado é protetor e útil.

Passado pouco tempo, à medida que evolui, ela distinguirá entre o malfeitor e o mal, e terá pena do malfeitor e restringirá seu ódio ao mal. Mais à frente, confiante na virtude, não odiará nem o malfeitor nem o mal, mas verá tranquilamente um estágio inferior de evolução, do qual se esforçará para retirar seu irmão mais jovem por meios apropriados. “Reta indignação”, “nobre desprezo”, “justa ira”, todas essas são expressões que reconhecem a utilidade dessas emoções, enquanto buscam velar o fato de que são essencialmente formas de ódio um velamento que se deve ao sentimento de que o ódio é uma coisa ruim. Todavia, elas são essencialmente formas de ódio, qualquer que seja o nome que se lhes dê, embora desempenhem papel útil na evolução e purifiquem a atmosfera social. A intolerância ao mal é muito melhor do que a indiferença a ele; e até que o homem esteja além do alcance da tentação de qualquer que seja o pecado, a intolerância àqueles que o praticam é para ele uma salvaguarda necessária.

Vejamos o caso de um homem pouco evoluído; ele deseja evitar pecados grosseiros, mas ainda assim se sente tentado por eles. O desejo de evitá-los transparecerá como ódio àqueles em quem ele os vê; reprimir esse ódio seria lançá-lo nas tentações às quais ainda não está suficientemente forte para resistir. À medida que evolui cada vez mais e se afasta do perigo de ceder à tentação, ele odiará os pecados, mas irá compadecer-se do pecador. Até que se tenha tornado um santo, não conseguirá deixar de odiar o pecado.

Quando sentimos repulsão por alguém, podemos ter certeza de que temos em nós alguns traços persistentes daquilo que não gostamos na outra pessoa. O Ego, vendo um perigo, puxa para longe os seus veículos. Um homem perfeitamente moderado sente menos repulsão para com um ébrio do que o homem equilibrado que ocasionalmente comete excessos. Uma mulher totalmente pura não sente repulsão por uma irmã decaída, de cujo contato as menos puras se afastariam. Quando chegarmos à perfeição,

amaremos o pecador e o santo. E possivelmente poderemos demonstrar mais amor pelo pecador já que o santo consegue manter-se sozinho, mas o pecador cairá se não for amado.

Quando o homem elevou-se até o ponto onde não odeia nem o pecador nem o pecado, então a força desintegradora que é o ódio entre os seres humanos torna-se simplesmente uma energia para ser usada na destruição dos obstáculos que dificultam a senda da evolução. Quando a sabedoria aperfeiçoada guia as energias construtivas e destrutivas, e o amor aperfeiçoado é a força motriz, somente então a força destrutiva pode ser usada sem se incorrer no pecado primordial do sentimento de separatividade.

Sentir-nos diferentes dos outros é a “grande heresia”, pois a separatividade, quando o todo está evoluindo rumo à unidade, é oposição à Lei. O sentimento de separatividade é definitivamente errado, não importando se leva a pessoa a pensar em si mesma como sendo mais justa ou mais pecadora. O santo perfeito identifica-se com o criminoso tanto quanto com outro santo, pois o criminoso e o santo são igualmente divinos, embora em diferentes estágios de evolução. Quando o homem consegue sentir isto, ele toca a vida do Cristo no homem. Ele não pensa em si mesmo como sendo separado, mas como sendo um com todos. Para ele, sua própria santidade é a santidade da humanidade, e o pecado de qualquer irmão é seu pecado. Ele não constrói barreiras entre si e o pecador, mas derruba qualquer obstáculo construído pelo pecador e compartilha do mal do pecador ao mesmo tempo em que compartilha com ele o seu bem.

Aqueles que podem sentir a verdade deste “conselho de perfeição” deveriam, em suas vidas diárias, buscar praticá-lo, mesmo que imperfeitamente. Ao lidar com os menos evoluídos, deveriam sempre buscar igualar a parede divisória, pois o senso de separatividade é sutil e perdura até que atinjamos o estado Crístico. Contudo, por meio deste esforço, podemos gradualmente diminuir a separatividade; e o esforço para

nos identificar com o inferior significa exercer a energia construtiva que une os mundos e nos tornarmos canais para o amor divino.

90 “A Ciência das Emoções”, Bhagavan Das (N. E.).

91 Provavelmente a feminista e escritora inglesa Helen Taylor, que viveu de 1831 a 1907 (N.E.).

92 Romanos, XIII, 10.

V. A EMOÇÃO 1continuação2

1. O Treinamento da Emoção

A emoção, como vimos, é a força motriz no homem ela estimula o pensamento, impele à ação; é como o vapor para a máquina. Sem ela o homem seria inerte, passivo. Mas há muitas pessoas que continuamente são vítimas de suas emoções, que são levadas daqui para ali pelas emoções, como um barco sem leme num mar tempestuoso; que são lançadas para cima e arrastadas para baixo por surtos de sentimentos de alegria e de dor; que alternam entre exaltação e desespero. Uma pessoa assim é sacudida e subjugada pelas emoções, continuamente atormentada por seus conflitos interiores. Ela é mais ou menos caótica interiormente; e exteriormente suas ações são desordenadas, movidas pelo impulso do momento, sem a devida consideração para com as circunstâncias circundantes consideração essa que tornaria suas ações bem direcionadas.

Muitas vezes ela é aquilo que se chama de “uma boa pessoa”, inspirada por motivos generosos, dada a amáveis atitudes, cheia de solidariedade com o sofrimento alheio e ansiosa para trazer alívio, entrando rapidamente em ação com o intuito de auxiliar o sofredor. Não estamos lidando aqui com a pessoa indiferente ou cruel, mas com aquela cujas emoções levam-na à ação antes de ela ter considerado as condições ou previsto os resultados de sua atividade, além do alívio imediato da dor que tem perante si. Uma pessoa assim embora movida pelo desejo de ajudar, embora a emoção estimulante seja a solidariedade e o desejo de aliviar o sofrimento geralmente causa mais mal do que bem, em consequência da falta de reflexão sobre suas ações.

A emoção que a impulsiona brota do lado amoroso de sua natureza, do lado que une as pessoas, e que é a raiz das virtudes construtivas e preservadoras; e neste mesmo fato jaz o perigo de uma pessoa assim. Se a emoção tivesse raízes no mal, ela seria a primeira a erradicá-la, mas é justamente porque tem raízes na emoção do amor, de onde brotam todas as virtudes sociais, ela não suspeita, não se esforça por controlar a emoção. “Eu sou tão solidária; sou tão tocada pelo sofrimento; não consigo ver uma situação de sofrimento.” Em todas essas frases está implícito certo autoengrandecimento, embora o tom possa ser de súplica. De fato, a solidariedade é admirável enquanto solidariedade, mas seu exercício mal dirigido muitas vezes causa dano. Às vezes prejudica aquele com quem se solidariza, e por fim o deixa numa condição pior do que a princípio. Com muita frequência são adotadas formas insensatas de alívio, mais para remover a dor de quem se solidariza do que para curar a moléstia do sofredor; e a angústia momentânea cede ao custo de uma perturbação duradoura, embora não declaradamente, para aliviar a dor do espectador.

A reação de solidariedade por parte da pessoa solidária é boa, aprofundando a emoção de amor; mas a ação sobre os outros é muitas vezes ruim devido à falta de um pensamento equilibrado. É fácil perante a visão da dor encher céus e terras com nossos gritos, até que o ar esteja saturado; e é difícil parar, medir a causa da dor e a cura, e então aplicar um remédio que cure, em vez de perpetuar. A reta razão deve governar e dirigir a emoção, se de seu exercício deva resultar o bem. A emoção deve ser o impulso para a ação, mas não sua diretora; a direção pertence à inteligência, cuja prerrogativa de guiar jamais lhe deve ser retirada. Onde a consciência trabalha assim, tendo uma forte emoção como impulso e a reta razão como diretora, aí está o homem solidário e sábio que é útil à sua geração.

Os desejos foram muito bem comparados a cavalos atrelados à carruagem do corpo, e os desejos têm raízes nas emoções. Onde as emoções são descontroladas, elas são como cavalos bravios, indomados, que põem

em perigo a segurança da carruagem e ameaçam a vida do cocheiro. As rédeas foram comparadas à mente, as rédeas que guiam os cavalos, restringindo ou folgando conforme a necessidade. Eis uma boa imagem do relacionamento entre emoção, inteligência e ação. A emoção dá o movimento, a inteligência controla e guia, e então o Ser fará uso da atividade para seu melhor proveito, à medida que se torna o senhor das emoções e não sua vítima.

Com o desenvolvimento daquele aspecto da consciência que se manifestará como *Buddhi* na Sexta Sub-raça e mais completamente na Sexta Raça-Raiz, a natureza emocional rapidamente evolui em alguns dos homens avançados da Quinta Raça, e frequentemente apresenta durante certo tempo muitos sintomas incômodos e até mesmo angustiantes. À medida que a evolução prosseguir, essas coisas serão superadas, e a natureza será equilibrada e forte, sábia e generosa. Enquanto isso, a natureza que se desenvolve rapidamente será intempestiva e muitas vezes aflitiva, e sofrerá agudamente e durante longo tempo. Contudo, nesses mesmos sofrimentos que são a sua purificação presente jaz a sua força futura, e na proporção da pungência dos sofrimentos será a grandeza do resultado. Nessas naturezas poderosas é que *Buddhi* está lutando para nascer, e é delas a angústia do trabalho de parto. Logo *Buddhi*, o Cristo, a “criancinha”, nascerá, sabedoria e amor em um que unidos à alta inteligência constituem o Ego espiritual, o verdadeiro Homem Interior, o Governante Imortal.

O aspirante, que está estudando sua própria natureza para tomar nas mãos sua própria evolução e dirigir sua trajetória futura, deve observar cuidadosamente sua própria força e sua própria fraqueza, a fim de regular uma e corrigir a outra. Em pessoas desenvolvidas de modo desigual, intelecto e emoção são propensos a variar na razão inversa entre si: emoções fortes podem combinar com inteligência fraca, inteligência forte com emoções fracas. Em um caso, a força diretora é fraca, no outro, o motivo.

Então, o estudante em sua autoanálise deve ver se sua inteligência é bem desenvolvida, caso ache que suas emoções são fortes; ele deve testarse para descobrir se não está com má vontade para olhar para as coisas “à clara luz árida do intelecto”. Se lhe repugna quando algo lhe é apresentado sob essa luz, ele pode ter certeza de que o lado emocional de sua natureza está sobredesenvolvido, em proporção ao lado intelectual. Pois o homem bem equilibrado não se ressentiria nem da luz clara da inteligência diretora nem da força forte da emoção motivadora. Se no passado um lado foi cultivado exageradamente, se as emoções foram nutridas em detrimento da inteligência, então os esforços devem se voltar para o fortalecimento do intelecto, e o ressentimento que surge contra uma apresentação friamente intelectual deve ser duramente restringido, ao se reconhecer a diferença entre inteligência e solidariedade.

2. A Força “Distorciva” da Emoção

Uma das coisas mais propensas a serem negligenciadas pela pessoa emotiva é o modo como as emoções preenchem sua atmosfera circundante com suas vibrações, influenciando assim a inteligência. Tudo é visto através dessa atmosfera, e é colorido e deturpado por ela, de modo que as coisas não chegam à inteligência em sua forma e cor verdadeiras, mas distorcidas e descoloridas. Nossa aura nos envolve, e deveria ser um meio transparente através do qual tudo no mundo externo chegasse até nós com sua própria forma e cor. Mas quando a aura está vibrando com emoção, ela não consegue agir como esse meio, e tudo que passa por ela é refratado e chega a nós bem diferente do que é. Se uma pessoa está debaixo d’água e uma vara é colocada perto dela, ela tenta tocá-la e sua mão seguirá na direção errada, pois ela colocará a mão no local onde vê a vara, mas os raios que vêm da vara são refratados ao entrar na água para ela a vara estará fora do

lugar. De modo semelhante, quando uma impressão do mundo externo chega até nós através de uma aura sobrecarregada de emoção, suas proporções são distorcidas e sua posição mal julgada; por isso os dados supridos à inteligência são incorretos, e o julgamento fundado sobre eles será necessariamente errado, por mais cuidadoso que seja o trabalho da inteligência.

Mesmo a autoanálise mais cuidadosa não nós protegerá totalmente dessa perturbação emocional. O intelecto sempre tende a julgar de modo favorável aquilo de que gostamos e de modo desfavorável aquilo de que não gostamos, devido à “refração” acima mencionada. Os argumentos a favor de certa direção são fortemente iluminados pelo nosso desejo de segui-la; aqueles contrários são lançados na sombra. Um dos argumentos parece tão claro e impetuoso; e o outro, tão dúbio e fraco. E para nossa mente, vendo através da emoção, é muito claro que estejamos certos e que alguém que não veja como vemos esteja influenciado pelo preconceito ou seja obstinadamente teimoso. Contra esse perigo, que está sempre presente, podemos precaver-nos apenas pelo esforço cuidadoso e persistente, mas definitivamente não conseguiremos escapar até que tenhamos transcendido as emoções e nos tornado totalmente seus governantes.

Resta um modo para nos ajudar a ter um reto julgamento: estudar a atuação da consciência nos outros e pesar suas decisões sob circunstâncias semelhantes às nossas. Os julgamentos que mais nos repugnam são aqueles que mais provavelmente seriam benéficos para nós, porque são feitos através de um meio emocional muito diferente do nosso. Podemos comparar suas decisões com as nossas; e ao notar os pontos que afetam mais a eles e menos a nós, e os que pesam mais para nós e o mínimo para eles, podemos desembaraçar os elementos emocionais dos intelectuais nos julgamentos. E mesmo quando nossas conclusões forem equivocadas, o esforço para chegar até elas é corretivo e instrutivo, auxiliando no domínio das emoções e fortalecendo o elemento intelectual. Certamente, esses

estudos devem ser feitos quando não há distúrbio emocional, e seus frutos devem ser armazenados para uso nos momentos em que as emoções são fortes.

3. Métodos para Controlar as Emoções

O primeiro e mais poderoso método para dominar as emoções é como em tudo que diz respeito à consciência a meditação. Antes que o contato com o mundo tenha perturbado as emoções, devemos recorrer à meditação. Ao retornar ao corpo após o período de sono físico, de um mundo mais sutil do que o físico, o Ego encontrará sua moradia tranquila, e calmamente poderá tomar posse do cérebro e dos nervos descansados. A meditação mais ao final do dia, quando as emoções tiverem sido perturbadas e quando estiverem em plena atividade, não é tão eficaz. O momento de tranquilidade disponível após o sono é o momento oportuno para a meditação eficaz, estando o corpo do desejo, a natureza emocional, mais tranquilo do que após ter mergulhado no alvoroço do mundo. Daquela pacífica hora matinal fluirá a influência que nos protegerá durante o dia, e as emoções, acalmadas e aquietadas, estarão mais submissas ao controle.

Sempre que possível, será bom prever as perguntas que possam surgir durante o dia, e chegar a conclusões quanto à perspectiva a ser considerada, a conduta a ser seguida. Se sabemos que seremos colocados sob certas condições que despertarão nossas emoções, podemos decidir de antemão sobre nossa atitude mental e mesmo chegar a uma decisão sobre nossas ações. Supondo que tenhamos chegado a uma dessas decisões, então, quando as circunstâncias surgem, essa decisão deve ser lembrada e deve-se agir segundo ela, embora o incremento da emoção possa impelirnos a um rumo diferente. Por exemplo, vamos encontrar uma pessoa por quem temos forte afeição, e decidimos em nossa meditação sobre o modo de ação

que é o mais sábio a ser seguido, decidindo sob a clara luz da calma inteligência o que é melhor para todos os envolvidos. Devemos manter essa decisão, muito embora haja a inclinação de sentir: “Eu não dei a importância devida àquela atitude”. De fato, sob essas condições há o excesso de importância, sendo que o peso apropriado foi dado durante o calmo pensar; e o plano mais sábio é seguir o caminho previamente esboçado, apesar das induções emocionais do momento. Pode haver um erro de julgamento, mas se o erro não foi visto durante a meditação, não é provável que seja visto durante o torvelinho das emoções.

Outro método de restringir as emoções é pensar sobre o que se vai dizer antes de falar, pôr um freio na língua. O homem que aprendeu a controlar a fala conquistou tudo, disse um antigo legislador oriental. A pessoa que jamais diz uma palavra mordaz ou irrefletida está adiantada no caminho que leva ao controle emocional. Controlar a fala é controlar toda a natureza. É um bom plano não falar controlar deliberadamente a fala até que se tenha clareza quanto ao que se vai dizer, que se tenha certeza que a fala é verdadeira, que está adaptada à pessoa a quem vai ser dirigida, e de tal natureza que deva ser dita. A verdade vem em primeiro lugar, e nada pode desculpar a falsidade da fala; muita coisa dita sob a pressão das emoções é falsa, seja devido a exagero ou a distorção. Então, a propriedade da fala à pessoa a quem é dirigida é muitas vezes esquecida, na pressa da emoção ou na ânsia do forte sentimento.

Pode-se apresentar uma ideia errada de uma grande verdade se o ponto de vista da pessoa a quem é dirigida não for levado em consideração; é preciso compaixão, ver como o outro vê, pois somente então pode a verdade ser útil e proveitosa. A pessoa não está tentando ajudar a si mesma, mas ajudar a outrem, ao colocar a verdade perante ela. Talvez a concepção da lei como sendo imutável, inviolável, absolutamente imparcial, possa ser inspiradora para o orador, fortalecendo-o, elevando-o; enquanto essa mesma concepção é cruel e esmagadora para uma pessoa não desenvolvida, e

prejudica, em vez de ajudar. A verdade não deve esmagar, mas elevar; e fazemos mal uso da verdade quando a transmitimos a alguém que não esteja pronto. Existe muita coisa para satisfazer as necessidades dos outros, mas é preciso discrição para escolher com sabedoria, e o entusiasmo não deve forçar um esclarecimento prematuro. Muitos jovens teosofistas causam mais mal do que bem por sua avidez de comunicar aos outros os tesouros que tanto prezam.

Por último, deve-se considerar o modo de se expressar, a necessidade ou utilidade do que se vai dizer. Uma verdade que poderia ajudar pode ser transformada numa verdade que dificulta, segundo o modo como é colocada. “Jamais diga o que não é verdadeiro, jamais diga o que é desagradável” é uma regra de ouro do ato de falar. Toda fala deve ser verdadeira, doce e agradável. Essa amabilidade na fala é muitas vezes esquecida por pessoas bem-intencionadas, que até mesmo se orgulham de sua doçura quando são simplesmente rudes e indiferentes aos sentimentos daqueles a quem se dirigem. Mas não é nem boa educação nem religiosidade, pois descortesia não é religiosidade. A religião combina perfeita verdade com perfeita cortesia. Ademais, o supérfluo, o inútil, é nocivo, e muito dano é causado pelo borbulhar das emoções frívolas no tagarelar e na conversa fiada. As pessoas que não conseguem guardar silêncio e que estão sempre tagarelando dissipam suas forças intelectual e moral, além de dizerem inúmeras tolices sobre as quais seria melhor calar.

Ter medo do silêncio é sinal de fraqueza mental, e o calmo silêncio é melhor do que a fala insensata. No silêncio, as emoções crescem e se fortalecem enquanto permanecem controladas, e assim a força motriz da natureza aumenta e é também posta sob controle. O poder de se estar silencioso é grandioso e muitas vezes exerce um efeito calmante; por outro lado, aquele que aprendeu a estar silencioso deve ser cuidadoso para que o seu silêncio não prejudique sua cortesia, para que ele, pela impropriedade

do seu silêncio, não faça com que os outros desanimem ou se sintam pouco à vontade.

Alguns podem temer que uma consideração assim antes de falar, conforme foi exposto acima, possa impedir a tal ponto a troca de pensamento que paralise a conversação; mas todos que praticaram esse controle darão testemunho de que após uma breve prática não se observa qualquer intervalo antes de se responder. O movimento da inteligência é mais rápido que um raio, e ilumina os pontos a serem considerados numa fração de segundo. É verdade que a princípio haverá uma leve hesitação, mas em poucas semanas não será necessário nenhuma pausa, e a revisão do que se vai dizer será feita com rapidez suficiente para não causar qualquer obstrução. Muitos oradores podem testemunhar que na rápida torrente de um período declamatório a mente irá colocar-se à vontade, revolvendo sentenças alternativas e contrabalançando seus méritos respectivos antes de escolher uma e pôr o restante de lado; e contudo ninguém na arrebatada assistência saberá coisa alguma deste ato, nem sonhará que por trás da rápida elocução ocorre essa ação seletiva.

Um terceiro método para dominar a emoção é deixar de agir por impulso. A pressa para agir é característica da mente moderna, cuja virtude é o excesso de prontidão. Quando consideramos a vida calmamente, podemos compreender que não há necessidade alguma para a pressa; sempre há tempo suficiente, e a ação, embora rápida, deve ser bem considerada e sem pressa. Quando um impulso vem de alguma emoção forte e nos apressamos em obedecer sem consideração, agimos de modo insensato. Se nos treinarmos para pensar antes de agir em todos os afazeres comuns, então, se um acidente ou alguma coisa mais ocorrer no qual seja exigido uma ação imediata, a mente rápida equilibrará as demandas do momento e dirigirá a ação rápida, mas não haverá pressa, não haverá erro irrefletido, insensato.

“Mas eu não deveria seguir minha intuição?”, alguém pode perguntar. Muitas vezes confunde-se impulso com intuição, embora sejam radicalmente diferentes em origem e características. O impulso brota da natureza do desejo, da consciência atuando através do corpo astral; e é uma energia lançada para fora em resposta a um estímulo exterior, uma energia não direcionada pela inteligência é apressada, irrefletida, precipitada. A intuição brota do Ego espiritual e é uma energia que flui para fora para fazer face à demanda do exterior, uma energia direcionada pelo Ego espiritual é forte, calma, intencional. Para distinguir entre os dois, até que a natureza esteja totalmente equilibrada, é preciso calma consideração, e demorar-se é essencial. Um impulso enfraquece sob tal consideração e demora; a intuição torna-se mais clara e mais forte sob tais condições a calma permite que a mente inferior a ouça e sinta sua serena majestade. Ademais, se o que parece ser uma intuição for na verdade uma sugestão de algum Ser superior, essa sugestão soará mais alto em nossa tranquila meditação, e nada perderá de sua força devido à calma demora.

É verdade que existe certo prazer na submissão ao impulso precipitado, e que a restrição imposta é dolorosa durante algum tempo. Mas o esforço para se levar a vida superior está cheio dessas renúncias ao prazer e a aceitações da dor, e gradualmente começamos a sentir que existe uma alegria maior na ação tranquila, atenciosa, do que em ceder ao impulso turbulento, e que eliminamos uma fonte de constante arrependimento. Pois esse sucumbir se confirma ser uma fonte de dor, e descobre-se que o impulso é um erro. Se a ação proposta for boa, o propósito para realizá-la se tornará mais forte, e não mais fraco, ao se pensar cuidadosamente. E se o propósito enfraquece com o pensamento, então é certo que se origina da fonte inferior, e não da superior.

A meditação diária, a consideração cuidadosa antes de falar, a recusa de ceder ao impulso, esses são os principais métodos de transformar as emoções em criados úteis, em vez de mestres perigosos.

4. Fazendo Uso da Emoção

Somente pode usar a emoção aquele que se tenha tornado seu senhor e saiba que as emoções não são ele mesmo, mas que estão agindo nos veículos nos quais ele reside e devem-se à interação entre o Ser e o não Ser. Sua natureza em eterna mutação mostra que pertencem aos veículos; que são postas em atividade pelas coisas externas, respondidas pela consciência interior. O atributo da consciência que dá origem às emoções é a bem-aventurança; e prazer e dor são os movimentos ocasionados no veículo dos desejos pelos contatos do mundo exterior e pela resposta do Ser através dele como bem-aventurança assim como os pensamentos são os movimentos devidos a contatos semelhantes e à resposta do Ser a eles, como conhecimento. Quando o Ser conhece-se e se distingue de seus veículos, ele se torna o governante das emoções, e prazer e dor tornam-se igualmente modos de bem-aventurança.

Com o progresso, descobriremos que um equilíbrio maior é alcançado sob a forte tensão do prazer e da dor, e que as emoções não mais perturbam o equilíbrio da mente. Enquanto o prazer alegrar e a dor paralisar, de modo que o cumprimento do dever seja dificultado e estorvado, o homem será o escravo e não o senhor de suas emoções. Quando tiver aprendido a governá-las, a maior onda de prazer e a mais pungente dor poderão ser sentidas e, contudo, a mente permanecerá firme e irá voltarse calmamente para o trabalho que tem em mãos. Então, o que quer que chegue se converte em serventia. Pela dor conquista-se o poder, tal como pelo prazer conquista-se a vitalidade e a coragem. Tudo se transforma em forças auxiliares, em vez de obstáculos que dificultam.

Dentre essas utilizações, a oratória pode servir como ilustração. Quando se ouve um homem incendiado pela paixão, suas palavras atropelam umas às outras, seus gestos são violentos; ele está possuído, arrastado, pela emoção, mas não excita sua plateia. O orador capaz de

inflamar é aquele que é o mestre de suas emoções e faz uso delas para motivar sua plateia; suas palavras são deliberadas e bem escolhidas mesmo na pressa do discurso, seus gestos são apropriados e solenes. Ele não está sentindo as emoções, mas *ele as sentiu*, e agora usa o passado para moldar o presente. Na proporção em que o orador sentiu e elevou-se acima de suas emoções estará seu poder de usá-las. Ninguém sem fortes emoções pode ser um grande orador; mas a grandeza cresce quando as emoções são postas sob controle. Uma explosão eficaz resulta mais de uma cuidadosa organização do explosivo e de uma deliberada aplicação do fósforo do que de se jogar os explosivos de qualquer jeito e a seguir o fósforo, na esperança de que algum explosivo pegue fogo.

Enquanto se é movido pelas emoções, a visão clara necessária para o serviço útil estará embaçada. O auxiliar valioso é o homem que é calmo e equilibrado, embora cheio de compaixão. Que espécie de médico seria aquele que em meio a uma cirurgia se debulhasse em lágrimas? Contudo, muitas pessoas ficam tão desesperadas ao verem o sofrimento que todo o seu ser é abalado, e assim elas aumentam o sofrimento em vez de aliviá-lo. Toda emoção causa fortes vibrações que passam de uma pessoa a outra. Aquele que quer ajudar eficazmente deve ser calmo e firme, permanecendo inabalado e irradiando paz. Alguém que se coloca sobre uma rocha acima das ondas pode ajudar outro a se salvar melhor do que se estivesse ele mesmo se debatendo com as ondas.

Outra utilidade das emoções, quando estão totalmente sob controle, é evocar e usar a emoção apropriada para despertar numa outra pessoa uma emoção benéfica a ela. Se a pessoa estiver com raiva, a resposta natural às suas vibrações é a raiva naqueles que encontra, pois todas as vibrações tendem a se reproduzir simpaticamente. Como todos nós temos corpos emocionais, qualquer corpo vibrando perto de nós de uma maneira particular tende a causar vibrações semelhantes em nós, se tivermos em

nossos corpos a matéria apropriada. A raiva desperta raiva, o amor desperta amor, a gentileza desperta gentileza.

Quando somos os senhores de nossas emoções e temos um surto de raiva em resposta a vibrações de raiva de outra pessoa, devemos de imediato inibir essa resposta, deixando que as ondas de raiva se arremetam contra nós enquanto permanecemos imperturbáveis. O homem que consegue manter quieto seu corpo emocional, enquanto aqueles à sua volta estão vibrando fortemente, aprendeu a lição do autocontrole. Quando isso é conquistado, ele está pronto para dar o próximo passo: confrontar a vibração de uma emoção ruim com a vibração da emoção boa correspondente; e assim não apenas se livrará da raiva como enviará vibrações que tendem a aquietar as vibrações de raiva da outra pessoa. Ele responde à raiva com amor, à ira com gentileza.

Primeiramente, essa resposta deve ser deliberada com propósito definido, e pessoas raivosas podem ser levadas a se exercitar. Quando uma dessas pessoas cruza nosso caminho, nós usufruímos da oportunidade. Sem dúvida, a tentativa será fria e árida a princípio, contendo em si apenas a vontade de amar e nenhuma emoção. Depois de certo tempo, a vontade de amar produzirá uma pequena emoção; e finalmente um hábito será estabelecido, e a amabilidade será a resposta espontânea à indelicadeza. A prática firme, deliberada, de responder dessa maneira às vibrações de emoções erradas que chegam até nós oriundas do exterior estabelecerão um hábito no corpo emocional, e ele responderá automaticamente da maneira correta.

O ensinamento de todos os grandes Mestres da ética é o mesmo: “Pague-se o mal com o bem”. E o ensinamento está baseado nesse intercâmbio de vibrações causado pelas emoções de amor e ódio. Retribuir o mal o intensifica, enquanto rebatê-lo com amor o neutraliza. Excitar as emoções de amor nos outros lhes enviando uma corrente dessas emoções, de modo a estimular tudo que é bom nelas e enfraquecer tudo que é ruim, é

o mais elevado uso que podemos fazer das emoções no serviço diário aos seres humanos. Um bom plano é ter em mente uma lista das emoções correspondentes e praticá-las segundo a necessidade, respondendo ao orgulho com humildade, à descortesia com compaixão, à arrogância com submissão, à aspereza com gentileza, à irritabilidade com calma. Assim se constrói uma natureza que responde a todas as emoções más com as emoções boas correspondentes, e que age como uma bênção sobre todos ao redor, diminuindo o mal que há neles e lhes fortalecendo o bem.

5. O Valor da Emoção na Evolução

Vimos que a emoção é a força motriz no homem; e para transformá-la num auxiliar na evolução, devemos utilizá-la para elevar e não para permitir que cause degradação. O Ego, em sua evolução, precisa de “pontos para atraí-lo” para cima, como diz *A Voz do Silêncio*⁹³, pois o caminho ascendente é íngreme; e um objeto atrativo acima de nós, em direção ao qual podemos nos empenhar, é um auxílio impossível de ser superestimado. Frequentemente nos retardamos no caminho e não sentimos desejo de prosseguir a aspiração fica inerte, o anseio de elevação nos escapa. Então podemos chamar a emoção para nos ajudar, entrelaçando-a em torno de algum objeto de devoção, e assim podemos ganhar o ímpeto de que precisamos, a força elevadora que ansiamos.

Esta forma de emoção é o que muitas vezes é chamado de “adoração ao herói”, o poder de admirar e amar intensamente alguém que seja mais nobre do que nós. Poder amar e reverenciar dessa maneira é ter à disposição uma das grandes forças elevadoras na evolução humana. A adoração ao herói é muitas vezes depreciada porque não é possível encontrar entre os homens vivos no mundo um ideal perfeito; no entanto, um ideal parcial que possa ser amado e imitado é um auxílio na aceleração da evolução. É verdade que

haverá fraquezas nesse ideal parcial, e é necessário distinguir entre as qualidades heroicas e as fraquezas encontradas em conjunção com elas. A atenção, porém, deve ser fixada nos atributos heroicos que estimulam, e não nos defeitos que debilitam todo aquele que ainda não tenha transcendido a humanidade. Reconhecer que as fraquezas são do não Ser e que são passageiras, enquanto que a nobreza é do Ser que perdura; amar o que é grande e ser capaz de transpor o que é pequeno esse é o espírito que leva ao discipulado dos Grandes Seres. O adorador do herói obtém somente o bem a partir de seu ideal desde que honre a grandeza e despreze a fraqueza, e sobre o próprio herói recairá o *karma* de suas próprias deficiências.

Mas é dito: se reconhecermos a nobreza do Ser em meio às fraquezas humanas, estaremos fazendo apenas o que deveríamos fazer com todos. E por que transformar em herói alguém em quem ainda existem algumas fraquezas humanas? Por causa do auxílio que nosso herói nos dá como inspiração e como medida de nossa própria realização. Nenhuma pessoa comum pode ser transformada em herói; somente quando o Ser brilha com esplendor maior do que o comum é que surge a inclinação para a adoração ao herói. O homem é um herói, embora ainda não supra-humano, e suas fraquezas são apenas como as manchas solares. Há um provérbio que diz: “Nenhum homem é herói para seu *mordomo*”, e para o cínico isto significa que o homem mais heroico deve sua grandeza à distância. No entanto uma melhor interpretação não seria que a “alma-mordomo”, preocupada com o brilho de uma bota e em arrumar uma gravata, não consegue apreciar aquilo que faz o herói, não tendo em si nada que possa soar em sintonia com as notas tocadas pelo herói? Pois poder admirar significa poder atingir; e amor e reverência pelos grandes é um sinal de que o homem está crescendo como eles.

Quando a emoção é despertada dessa maneira, devemos julgar a nós mesmos pelo nosso ideal, e nos envergonhar de fazer ou pensar alguma coisa que possa trazer uma sombra de tristeza sobre os olhos daquele a

quem reverenciamos. Sua presença deve estar conosco como algo que enaltece; até que, julgando-nos à luz da realização maior, descobriremos que também nós estamos começando a alcançar.

É verdade que a luz pura do Ser não brilha através de alguém que trilha as veredas lamacentas da terra, mas existem alguns através dos quais brilha suficiente luz para iluminar as trevas e para nos ajudar a ver onde firmar nossos pés. É melhor agradecer e honrar a esses, regozijar-nos e nos alegrar com eles, do que depreciá-los por que não são totalmente do céu, porque alguns vestígios de fraqueza humana ainda enredam seus pés. Bem-aventurados são de fato aqueles que têm em si mesmos a natureza do herói e por isso reconhecem seu irmão mais velho. Por eles espera o portal aberto às realizações superiores; e quanto mais eles amam, quanto mais honram, mais rapidamente se aproximam daquela passagem. Não há melhor *karma* para o homem do que encontrar o herói que lhe possa fazer companhia ao adentrar esse portal; não há mais triste *karma* do que tê-lo visto, num momento de iluminação, e então tê-lo descartado, cegado por uma imperfeição que ele esteja superando.

VI. A VONTADE

1. A Conquista da Liberdade pela Vontade

Retornamos agora à consideração sobre aquele poder no homem com o qual começamos a vontade. O estudante lembrará que dissemos que foi a vontade do Ser, do Ser individualizado individualizado embora ainda inconsciente de sua individualização que o atraiu à manifestação. Não por compulsão, nem por necessidade externa, nem por alguma coisa a ele oposta do exterior, mas pela grande Vontade da qual é parte sua própria vontade sua vontade individualizada como centro, mas ainda não separada da circunferência de matéria -, pulsando nele como o sangue vital da mãe pulsa no feto, ele se projeta rumo à manifestação, almejando vagamente a rica palpitação de vida velada na matéria para o exercício de poderes que anseiam por atividade, para a experiência de mundos cheios de tumultuoso movimento. Aquilo que o Logos conscientemente quer- encarnar-se num universo -, todos os centros de vida individualizada dentro dele também o querem, embora, por assim dizer, de maneira cega, tateando rumo a uma vida mais plena. É a vontade de viver, de conhecer, aquela impetuosa vontade posta em manifestação.

Vimos que essa Vontade, o poder do Ser, torna-se aquilo que chamamos “desejo” nos planos mais densos de matéria, e que, cegada pela matéria e incapaz de enxergar seu caminho, sua direção é determinada pelas atrações e repulsões atuando sobre ela a partir de objetos externos. Por isso, não podemos dizer a essa altura que o Ser esteja autodirecionado - ele é guiado por atrações e repulsões que o tocam na periferia. Vimos ainda que, como o desejo entrou em contato com a inteligência e esses dois aspectos do Ser

atuaram um sobre o outro, desenvolveram-se emoções, que exibem traços de seu parentesco, de sua mãe-desejo e de seu pai-inteligência. Estudamos os métodos por meio dos quais a emoção pode ser controlada, usada de modo proveitoso, tornando-se útil em vez de perigosa à evolução humana.

Temos de considerar agora como essa vontade, o poder oculto que sempre se converteu em atividade embora ainda não controle a atividade lentamente conquista sua liberdade, isto é, a autodeterminação. Em breve faremos considerações sobre o que se quer dizer com a palavra “liberdade”.

Essencial e fundamentalmente livre em sua origem como poder do Ser, a Vontade se aprisionou e se limitou na tentativa de dominar a matéria na qual o Ser penetrou. Não podemos deixar de dizer que a matéria domina o Ser e não o Ser à matéria -, e isso se dá devido ao Ser considerar a matéria como a si próprio, identificando-se com ela. Como ele deseja através dela, pensa através dela, age através dela, ela se torna para ele verdadeiramente ele mesmo, e iludido ele grita “Eu sou isto!”. E enquanto ela o limita e o prende, ele, sentindo que “isto” é ele próprio, grita: “Eu sou livre”.

Contudo, esse domínio do Ser pela matéria é apenas algo temporário, pois a matéria está sempre mudando, indo e vindo, impermanente, e está sempre sendo moldada e inconscientemente atraída e rejeitada pelas forças que se expandem do Ser, permanentes em meio ao transitório.

Chegamos ao estágio da evolução humana no qual a memória tornou-se mais forte do que a busca instintiva de prazer e o recuo diante daquilo que causa dor; no qual a inteligência domina os desejos e a razão triunfou sobre o impulso. O resultado da longa evolução deve ser colhido, e parte desse resultado é a liberdade.

Embora a Vontade esteja expressando-se como desejo, sua direção está determinada pelas atrações externas; obviamente ela não está livre, mas nitidamente limitada. Tal como qualquer criatura viva poderia ser arrastada por uma força maior do que a sua própria numa direção não escolhida por ela, assim a Vontade é arrastada pela atração exercida pelos objetos, puxada

ao longo do caminho que promete prazer, cuja busca é agradável; não é ativa como uma força autodeterminada, mas pelo contrário, o Ser está sendo arrastado por uma atração externa e coercitiva.

Não é possível se apresentar um quadro mais vívido do Ser sob essas condições do que o que já foi citado anteriormente de uma antiga escritura hindu, na qual o Ser é apontado como o passageiro numa carruagem; os sentidos, atraídos pelos objetos que causam prazer, são os cavalos desgovernados que arrastam a carruagem do corpo e o impotente passageiro dentro dela. Embora a Vontade seja o próprio poder do Ser, enquanto ele estiver sendo arrastado por esses cavalos indomáveis, ele estará totalmente confinado e não soberano.

É inútil falar de livre-arbítrio em um homem que é escravo dos objetos à sua volta. Ele é um eterno escravo, não consegue exercer escolhas; pois embora possamos pensar que tal pessoa elege seguir o caminho ao longo do qual as atrações o arrastam, na verdade não está havendo escolha nem pensamento de escolha. Enquanto as atrações e repulsões determinarem o caminho, qualquer discurso sobre liberdade é vazio e tolo. Muito embora um homem sinta que está escolhendo o objeto desejado, o sentimento de liberdade é ilusório, pois ele é atraído pela atividade do objeto e tem, dentro de si, o anseio pelo prazer. Ele tem tanta ou tão pouca liberdade de movimento quanto o ferro em presença de um ímã. O movimento é determinado pela força do ímã e pela resposta da natureza do ferro à sua atração.

Para entender o que queremos dizer por “livre-arbítrio”, devemos superar uma dificuldade preliminar que se nos apresenta na palavra “escolha”. Quando parecemos ser livres para escolher, a assim chamada liberdade de escolha significa vontade livre? Ou não é verdade dizer que liberdade de escolha significa apenas que nenhuma força externa nos obriga a escolher uma ou outra das alternativas? Mas a pergunta importante que jaz por trás disto é: “O que nos faz escolher?” Seremos livres para agir quando

tivermos escolhido é algo muito diferente de sermos “livres” para escolher, se essa escolha é determinada por algo que jaz por detrás.

Quantas vezes ouvimos as pessoas dizerem, como prova de livre-arbítrio: “Sou livre para escolher se vou sair do aposento ou não; sou livre para escolher se vou largar este peso ou não”. Mas esse argumento não vem ao caso. Ninguém nega o poder de uma pessoa, não tolhida fisicamente, de deixar um aposento ou de nele permanecer, de largar um peso ou de segurá-lo. A questão interessante é: “Por que eu escolho?” Quando analisamos a escolha, vemos que ela é determinada pelo motivo, e o determinista argumenta: “Seus músculos podem segurar ou largar o peso, mas se houver um objeto valioso e frágil embaixo, você não o largará. Aquilo que determina sua escolha de não largar é a presença do objeto frágil. Sua escolha é determinada por motivos, e o motivo mais forte a direciona”. A pergunta não é: “Sou livre para agir?”; mas: “Sou livre para querer?” E vemos claramente que a vontade é determinada pelo motivo mais forte, e que, com relação a isto, o determinista está certo.

Na verdade, o fato de que a vontade é determinada pelo motivo mais forte é a base de toda sociedade organizada, de toda lei, de toda penalidade, de toda responsabilidade, de toda educação. O homem cuja vontade não é assim determinada é irresponsável, insano. É uma criatura a quem não se deve recorrer, com quem não se pode argumentar, em quem não se pode confiar; uma pessoa sem razão, lógica ou memória, sem os atributos que consideramos humanos. Em Direito, considera-se sem responsabilidade o homem a que nenhuma razão conduz, quando os motivos comuns não o afetam; ele é insano, e não é passível de penalidades legais. Uma vontade que se traduza por uma energia apontando em qualquer direção, empurrando à ação sem motivo, sem razão, sem sentido, talvez possa ser considerada “livre”, mas não é isto que se pretende dizer por “livre-arbítrio”. Que a vontade é determinada pelo motivo mais forte deve ser ponto pacífico em qualquer discussão sensata sobre livre-arbítrio.

O que, então, se quer dizer por livre-arbítrio? Pode ser no máximo apenas uma liberdade condicionada, relativa, pois o Ser separado é uma parte de um todo; e o todo deve ser maior do que todas as suas partes e deve compeli-las. Isso também é verdade com relação ao Ser e aos corpos nos quais está aprisionado. Ninguém questiona que os corpos estão em um reino da lei e se movem dentro da lei, podendo mover-se apenas pela lei; e a liberdade com que se movem só existe na relação de um com outro e em virtude da interação das inúmeras forças que equilibram umas às outras, variada e incessantemente. Nessa variedade e continuidade, elas oferecem incontáveis possibilidades e, assim, a liberdade de movimento dentro da rigidez da escravidão.

O Ser também está num reino de lei, ou melhor, ele mesmo é a própria lei, porque é parte daquela natureza que é o Ser de Todos os Seres. Nenhum Ser separado consegue escapar do Ser que é Tudo; e embora ele possa mover-se livremente com relação a outro Ser separado, ele não pode, não deve, movimentar-se para fora da vida que lhe dá forma, que é sua natureza e sua lei, na qual vive e se move. As partes não aprisionam as partes, o Ser separado não encarcera outro Ser separado; mas o todo coage e controla as partes, o Ser [que é Tudo] aprisiona e controla os Seres. Contudo, até mesmo aqui, uma vez que os Seres são o Ser, a liberdade começa em meio à aparente escravidão, e “ninguém mais compele”.

Essa liberdade de uma parte com relação às outras, embora escravizada ao todo, pode ser vista claramente na natureza física. Somos partes de um mundo que gravita através do espaço e que gira também sobre seu próprio eixo, sempre no sentido leste. A respeito disto nada sabemos, uma vez que seu movimento transporta-nos com ele, e tudo se move conjuntamente e ao mesmo tempo em uma única direção. Giramos para leste com o nosso mundo, e nada podemos fazer para mudar nossa direção. Contudo, com relação uns aos outros e com relação aos locais à nossa volta, podemos mover-nos livremente e mudar nossas posições relativas. Posso ir para o

oeste de uma pessoa ou de um lugar, embora estejamos ambos incessantemente girando em direção ao leste. E estarei consciente do movimento de uma parte com relação à outra, pequeno e lento como possa ser, enquanto estarei totalmente inconsciente da rápida gravitação que transporta todas as partes para o leste e para frente sempre, e direi em minha ignorância: “Observe, mudei-me para oeste”. E os supremos deuses poderiam rir-se desdenhosamente da ignorância do fragmento que fala da direção de seu movimento, não fosse pelo fato de, sendo sábios, conhecerem os movimentos dentro do movimento e a verdade que é falsa e contudo verdadeira.

E podemos ver mais uma vez como a grande Vontade segue em frente sem se desviar da senda da evolução e obriga todos a viajar por essa mesma senda, permitindo, porém, que cada qual escolha seu método de caminhar e o modo de sua atuação inconsciente. Pois a execução dessa Vontade precisa de todo tipo de trabalho, de todos os métodos de deslocamento, aceitando e utilizando-se de todos. Um homem molda para si um nobre caráter, nutre sublimes aspirações e busca sempre servir leal e fielmente a seu próximo; ele então nascerá onde grandes oportunidades clamam por trabalhadores. A vontade será cumprida por ele numa nação que precise desse tipo de ajuda, e ele desempenhará o papel de herói. O papel é escrito pelo grande Autor; a habilidade para desempenhá-lo pertence ao próprio homem. Se o homem cede a todo tipo de tentação e fica propenso ao mal, faz mau uso do poder que possui, desconsidera a misericórdia, a justiça e a verdade das pequenas coisas da vida diária, então ele nascerá onde a opressão, a crueldade e os desmandos são necessários; e a vontade será cumprida por ele também numa nação que está colhendo os resultados de um mau passado. Ele será um dos títeres que tiranizam de modo cruel e torpe, e envergonham a nação onde nasceram. Mais uma vez o papel é escrito pelo grande Autor, e a habilidade de representá-lo pertence

ao próprio homem. Assim atuam as pequenas vontades dentro da grande Vontade.

Vendo então que a vontade é determinada pelo motivo condicionado a partir dos limites da matéria que envolve o Ser separado, e pelo Ser de quem é parte o Ser exercendo a vontade o que queremos dizer por “livre-arbítrio”? Certamente queremos dizer que a liberdade é determinada a partir do interior; a escravidão, a partir do exterior. A vontade é livre quando o Ser, querendo agir, extrai seu motivo de volição de fontes que estão dentro dele mesmo, sem ser posto a agir por motivos atuando sobre ele a partir de fontes externas.

E verdadeiramente isto é liberdade, pois o grande Ser no qual ele se move é um com ele: “Eu sou Aquilo”; e o Ser mais vasto no qual se move aquele Ser maior é um com esse Ser mais vasto, e também diz: “Eu sou Aquilo”, etc., etc. com cada vez maior amplidão, se pensarmos em sistemas de mundos e em sistemas de universos. Contudo o “eu” inferior que está ciente volta-se para dentro de si e não para fora, e se reconhece como um com o Ser Interior, o *Pratyagãtmã*, o Uno, e portanto é verdadeiramente livre. Olhando para fora, ele está sempre preso, embora os limites de sua escravidão recuem continuamente, ilimitadamente; olhando para dentro, ele é sempre livre, pois ele é *Brahman*, o Eterno.

Quando o homem é determinado pelo Ser, então podemos dizer que ele é livre em todo o sentido da palavra “liberdade”, e sua determinação pelo Ser não é escravidão, em qualquer sentido depreciativo dessa palavra. Aquilo que em meu Ser mais recôndito quero fazer, aquilo que ninguém me força a fazer, traz o selo que distingue entre a liberdade e a escravidão. Nesse sentido da palavra “liberdade”, até que ponto podemos dizer que temos livre-arbítrio? No geral, apenas alguns de nós podemos reivindicar essa liberdade em mais do que uma pequena medida. Afora a escravidão a atrações e repulsões previamente mencionada, estamos presos dentro dos canais construídos pelos nossos pensamentos do passado, por nossos

hábitos a maioria hábitos de pensamento -, pelas qualidades e pela ausência de qualidades trazidas de vidas passadas, pela força e a fraqueza que nasceram conosco, por nossa educação e nosso ambiente, pelas compulsões imperiosas de nosso estágio na evolução, por nossa hereditariedade física, e por nossas tradições nacionais e raciais. Por isso nos resta apenas uma estreita vereda que nossa vontade pode percorrer; ela se choca sempre contra o passado, que aparece como muralhas no presente.

Para todos os efeitos, não temos livre-arbítrio ele está apenas no processo de formação; e só estará formado quando o Ser tenha dominado completamente seus veículos e os use para seus próprios propósitos; quando cada veículo for apenas um veículo, completamente responsivo a cada impulso seu, e não um animal que se debate, indomado, com desejos próprios.⁹⁸ Quando o Ser tiver transcendido a ignorância, subjugando os hábitos que são as marcas da ignorância passada, então é livre. E assim será compreendido o significado do paradoxo, “em cujo serviço está a perfeita liberdade”, pois se compreenderá que não existe separação, que não existe vontade desagregada, que em virtude de nossa Divindade inerente nossa vontade é parte da Vontade Divina, que foi ela que nos deu, ao longo de nossa evolução, a força para seguir adiante, e que a compreensão da Vontade una é a realização da liberdade.

Foi ao longo dessas linhas de pensamento que alguns encontraram o fim da antiga controvérsia entre livre-arbítrio e determinismo. Mesmo reconhecendo a verdade pela qual lutou o determinismo, também preservaram e justificaram o sentimento inerente: “Eu sou livre, não escravo”. Essa ideia da energia espontânea, do poder espontâneo oriundo dos recessos internos de nosso ser, está baseada na própria essência da consciência, sobre o “eu” que é o Ser aquele Ser que, por ser divino, é livre.

2. Por Que Tanta Luta?

À medida que pesquisamos o longo transcurso da evolução, o lento processo do desenvolvimento da vontade, inevitavelmente surge o questionamento em nossa mente: “Por que tem de haver tanta luta e dificuldade? Por que tem de haver tantos erros e tantas quedas? Por que essa longa escravidão antes de se chegar à liberdade?” Antes de responder, deve ser formulada uma posição geral.

Ao se resposta a qualquer pergunta, os limites dessa pergunta devem ser mantidos na mente, e não se deve julgar a resposta como sendo inadequada por não responder a outro questionamento que esteja continuamente presente ao fundo. A resposta a uma pergunta pode ser adequada sem ser uma resposta final a todas as perguntas; e sua adequação não é corretamente estimada se for posta de lado por não responder a outra pergunta proposta. Metade da insatisfação de muitos estudantes surge da impaciência que não quer lidar de nenhuma maneira com os questionamentos que abarrotam a mente, que exige que todos devam ser respondidos imediatamente, e que a resposta a uma pergunta deve abarcar todas as outras. A adequação dos meios deve ser julgada em relação ao fim que esses meios devem produzir. Em todos os casos, a resposta deve ser julgada por sua relevância à pergunta feita, e não por não responder a alguma outra pergunta associada que jaz no fundo da mente. Assim, a relevância de qualquer meio existente num universo deve ser decidida pelo objetivo a que se propõe esse universo; e esses meios não devem ser julgados como se oferecidos como resposta à pergunta ulterior: “Por que tem de haver universos?” Essa pergunta pode, de fato, ser feita e respondida, mas a prova da adequação de um meio para um fim em um universo, visto como uma meta nesse universo, não será a resposta. E não é evidência de que a resposta à pergunta original seja inadequada se aquele que pergunta responder: “Sim, mas por que tem de haver um universo?”

Ao responder à pergunta “Por que tem de haver todos esses erros e quedas ao se trilhar a senda da evolução?”, devemos considerar o universo

como algo existente, como um fato através do qual dar início; e devemos estudá-lo para descobrir o fim, ou pelo menos um dos fins ao qual está tendendo. Por que ele deve tender para aquela meta é, como foi dito, uma nova questão, e do mais profundo interesse; mas é pelo fim descoberto que devemos julgar os meios empregados para chegar até ele.

Mesmo um estudo superficial da parte do universo na qual nos encontramos mostra-nos que pelo menos um de seus fins se não seu único fim é produzir seres vivos altamente inteligentes e de vontade forte, capazes de tomar parte ativa em continuar e orientar as atividades da Natureza e de cooperar no esquema geral de evolução.

O estudo ulterior, empreendido pelo desabrochar das qualidades internas e endossado pelas escrituras antigas, nos mostra que este mundo não está só, mas forma um de uma série, que tem sido ajudado na evolução de sua humanidade por homens mais velhos, e deve produzir homens de sua própria lavra para o auxílio de mundos mais jovens em eras ainda por vir. Ademais, mostra também uma vasta hierarquia de Seres suprahumanos, direcionando e guiando a evolução, e como centro do universo o tríplice Logos, Soberano e Senhor de Seu sistema. E esse estudo nos informa que os frutos de um sistema não são apenas uma grande hierarquia de inteligências poderosas com gradações de esplendor cada vez menor à medida que descendem, mas também esta suprema perfeição de um Logos como a coroação de tudo. Desvenda panorama após panorama de crescente esplendor, universos onde cada sistema é apenas um mundo, em extensão sempre crescente de gloriosa e ilimitável plenitude de vida infinita. Então surge a pergunta: “Por que meios serão desenvolvidos esses Seres poderosos, que se elevam da poeira às estrelas, e dessas estrelas que são a poeira de sistemas mais vastos até estrelas que são para elas como o lodo para o nosso Sol?”

Estudado sob esse ponto de vista, a imaginação não consegue encontrar um caminho por meio do qual esses Seres autopreparados,

autodeterminados, conseguem atingir aquele perfeito equilíbrio e firme infalibilidade de sabedoria que os capacita a ser a “Natureza” de um sistema, a não ser aquela senda de luta e de experiência na qual nos esforçamos hoje. Pois se houvesse um Deus extracósmico com natureza diferente da natureza daquele Ser que vemos desabrochar ao nosso redor em harmoniosa certeza de sequência encadeada um Deus com índole irregular e vacilante, mutável e arbitrário, volúvel -, então poderia ser que desse caos pudesse surgir um ser chamado “perfeito”, mas certamente muito imperfeito, uma vez que por demais limitado, e que, não tendo experiência atrás de si, e portanto carecendo de raciocínio e julgamento, pudesse, tal qual uma máquina, agir “corretamente”, ou seja, de acordo com um dado esquema de coisas e, tal qual uma máquina, produzir a sequência de movimentos preparada para ela. Mas um ser assim se encaixaria apenas no seu esquema, e fora dele seria inútil, incompetente. Também não haveria vida, que é a mutável autoadaptação a condições mutáveis, sem a perda, a desintegração, de seu centro. Pela agitada senda ao longo da qual seguimos, estamos sendo preparados para todas as emergências com que tivermos de nos defrontar no universo futuro, e esse é um resultado que bem vale as provações a que estamos expostos.

Também não devemos esquecer que estamos aqui porque quisemos desabrochar nossos poderes através das experiências da vida nos planos inferiores; que nosso fado é autoescolhido, não imposto; que estamos no mundo como resultado de nossa própria “vontade de viver”; que, se essa vontade mudasse embora ela verdadeiramente não seja tão mutável -, deixaríamos de viver aqui e retomariamos à Paz, sem colhermos os frutos para os quais viemos. “Ninguém mais nos obriga.”

3. O Poder da Vontade

Esse poder que sempre foi reconhecido em Ocultismo como a energia espiritual no homem, do mesmo tipo que aquela que emana, sustém, e chama de volta os mundos está agora sendo buscado de modo vacilante no mundo externo, está sendo quase que inconscientemente usado por muitas pessoas como meio de produzir resultados de outro modo inatingíveis. As escolas de Ciência Cristã, de Ciência Mental, de Cura Mental, etc. dependem todas para seus resultados do poder efluente da vontade. As doenças cedem a esse fluxo de energia, e não apenas desordens nervosas, como alguns imaginam. As desordens nervosas cedem mais rapidamente porque o sistema nervoso foi moldado para expressão dos poderes espirituais no plano físico. Os resultados são mais rápidos onde o sistema simpático é primeiramente influenciado, por ele estar mais diretamente relacionado ao aspecto “Vontade” sob a forma de desejo, assim como o cérebro-espinhal está mais diretamente relacionado aos aspectos de Cognição e de Vontade pura. A dispersão de tumores, cânceres, etc. e a destruição de suas causas, e a cura de lesões e fraturas ósseas implicam, na maioria dos casos, conhecimento considerável da parte de quem cura. Digo “na maioria dos casos”, porque é possível que a Vontade seja guiada do plano superior mesmo onde falte o conhecimento no plano físico, no caso de um operador em adiantado estado de evolução. O método de cura, no qual o conhecimento está presente, seria o seguinte: o operador formaria um quadro mental do órgão afetado gozando de perfeita saúde, criando-o em substância mental pela imaginação; ele então o idealiza em matéria astral, intensificando assim a imagem; e depois usaria a força do magnetismo para tornar ainda mais densa aquela parte por meio da matéria etérica, construindo no interior desse molde materiais mais densos a partir de gases, líquidos e sólidos, utilizando os materiais disponíveis no corpo e suprimindo a partir do exterior qualquer insuficiência. Em tudo isto a Vontade é a energia diretora, e a manipulação da matéria é simplesmente uma questão de conhecimento, seja neste plano ou nos planos superiores. Em curas

efetuadas por meio deste método, não há o perigo que acompanha aquelas efetuadas por sistemas mais simples e, portanto, mais comuns, isto é, pela ação sobre o sistema simpático acima aludida.

As pessoas são orientadas, em alguns dos métodos agora popularizados, a concentrar seus pensamentos sobre o plexo solar e “viver sob seu controle”. O sistema simpático governa os processos vitais o funcionamento de coração, pulmões, aparelho digestivo -, e o plexo solar constitui seu centro mais importante. Presentemente, o desempenho desses processos vitais passou como anteriormente explicado⁹⁹ ao controle do sistema simpático no decurso da evolução, à medida que o sistema cérebroespinal tornava-se cada vez mais dominante. E devolver o controle desse sistema à Vontade pelo processo da concentração do pensamento é um retrocesso e não um passo à frente, muito embora isto muitas vezes produza certo grau de clarividência. Este método, como já se assinalou, é muito utilizado na Índia no sistema chamado *Hatha Yoga*; o estudante aprende a controlar a ação de coração, pulmões e sistema digestivo ele pode assim inibir os batimentos cardíacos, parar os pulmões, reverter os movimentos peristálticos, etc. E quando se consegue isto, surge a pergunta: O que se ganhou com isto? Foi novamente trazido ao controle da Vontade um sistema que, no decorrer da evolução, se tinha tornado automático, para grande conveniência do possuidor dessas funções inferiores, e assim se deu um passo atrás na evolução. Fazer isto significa fracasso a longo prazo, muito embora possa haver, no momento, um resultado palpável a ser mostrado.

Ademais, a concentração do pensamento sobre um centro do sistema simpático e, principalmente, sobre o plexo solar implica um sério perigo físico, a não ser que o aprendiz esteja sob a observação física de seu instrutor ou seja capaz de receber, e passar para o cérebro físico, as instruções que possam lhe ser dadas num plano mais elevado. A concentração sobre o plexo solar está propensa a causar doença de um tipo

peculiarmente intratável. Resulta numa profunda melancolia, quase impossível de ser removida, em acessos de terrível depressão, e às vezes em uma forma de paralisia. Não deve seguir por esse caminho o estudante sério, que objetiva o conhecimento do Ser. Quando esse conhecimento é obtido, o corpo torna-se um instrumento no qual o Ser pode atuar, e tudo que entrementes é necessário é purificá-lo e refiná-lo, de modo que possa entrar em harmonia com os corpos superiores e estar preparado para vibrar ritmicamente com eles. Assim, o cérebro se tornará mais responsivo, e pelo diligente pensar e pela meditação não sobre o cérebro, mas sobre ideias sublimes ele será gradualmente aperfeiçoado. O cérebro torna-se um órgão melhor à medida que é exercitado, e esta é a estrada da evolução. Mas trabalhar diretamente sobre os plexos simpáticos é a estrada do retrocesso. Muitas pessoas chegam, pedindo para serem libertadas dos resultados de tais práticas, e apenas se pode dizer tristemente: “Para desfazer o mal, anos serão necessários”. Resultados podem ser obtidos rapidamente ao se regredir, mas é melhor enfrentar o caminho ascendente, utilizando então o instrumento físico a partir de cima, e não de baixo.

Há outra questão a ser considerada na cura de doenças por meio da vontade: o perigo de levar a doença para um veículo superior, ao retirá-la do corpo físico. A doença é muitas vezes a consumação final de um mal que existiu previamente nos planos superiores, e então é muito melhor deixá-la se exaurir do que restringi-la à força e lançá-la de volta ao veículo sutil. É a consumação última de um desejo mau ou de um pensamento mau, e nesse caso o uso de meios físicos de cura é mais seguro do que os meios mentais, pois os poderes físicos não conseguem lançar a doença de volta ao veículo superior, enquanto os poderes mentais podem fazê-lo. O mesmerismo curativo, pertencendo ao plano físico, não corre esse risco; ele pode ser usado por qualquer pessoa cuja vida, pensamentos e desejos sejam puros. Mas no momento em que as forças da vontade são despejadas sobre o

físico, existe o perigo de reação, de se transferir a doença de volta aos veículos mais sutis dos quais proveio.

Se a cura mental for praticada pela purificação de pensamento e desejo, e pela atuação natural e tranquila dos pensamentos e desejos purificados sobre o corpo físico, nenhum dano pode resultar. Restaurar a harmonia física pela harmonização dos veículos mental e astral é um verdadeiro método de cura mental, mas não é tão rápido quanto a cura pela vontade, e é muito mais difícil. Pureza da mente significa saúde do corpo, e esta ideia de que onde a mente é pura o corpo deve ser saudável levou muitos a adotar esses métodos mentais de cura.

Uma pessoa cuja mente é perfeitamente pura e equilibrada não irá gerar doença corpórea nova, embora possa ter algum *karma* não esgotado, ou possa atrair para si algumas das desarmonias causadas pelos outros. Pureza e saúde verdadeiramente andam juntas. Quando, como é e sempre foi o caso, se descobre que algum santo está sofrendo de doença física, então esse santo ou está exaurindo o efeito do mau pensar passado, ou está carregando em si algo da desarmonia do mundo, atraindo sobre si as forças da desarmonia, harmonizando-as dentro de seus próprios veículos e enviando-as de volta como correntes de paz e de boa vontade. Muitas pessoas ficaram intrigadas ao verem que os seres superiores e os mais puros sofrem, tanto mental quanto fisicamente. Eles sofrem pelos outros, não por eles, e são verdadeiramente magos brancos, que por meio da alquimia espiritual transmutam, no crisol de seus próprios corpos sofredores, os grosseiros metais das paixões humanas no puro ouro do amor e da paz.

Afora a questão dos modos de atuação da vontade sobre o corpo, outra pergunta surge na mente que reflexiona: Será certo fazer uso da vontade deste modo para benefício próprio? Não haverá certa degradação em se usar o poder superior do Divino em nós no serviço de nosso corpo, simplesmente para produzir uma boa condição de saúde física? Será certo que o Divino deva transformar pedras em pão, caindo assim sob a mesma

tentação a que resistiu o Cristo? Pode-se considerar o relato [bíblico] do ponto de vista histórico ou mítico, não importa; ele contém uma profunda verdade espiritual e um exemplo de obediência a uma lei oculta. Ainda permanece verdadeira a resposta daquele que foi tentado: “O homem não vive apenas do pão, mas por toda palavra que procede da boca de Deus”. Esta ética parece estar num plano mais elevado do que aquela que submete o Divino ao serviço do corpo físico

Um dos perigos dos dias atuais é a adoração do corpo, a colocação do corpo sobre um pináculo elevado demais uma reação ao ascetismo exagerado. Ao se fazer uso da vontade para servir ao corpo, tornamos a vontade sua escrava, e a prática de continuamente remover pequenos sofrimentos e dores desejando se livrar deles enfraquece a qualidade superior da resistência. A pessoa que assim age está propensa a se tornar irritável por pequenos desconfortos físicos que a vontade não possa remover, e o poder superior da vontade que pode controlar o corpo e apoiá-lo em seu trabalho, muito embora ele esteja sofrendo, é solapado. A hesitação em usar o poder da vontade para alívio do próprio corpo não surge necessariamente de alguma dúvida quanto à sanidade do pensamento, da realidade da lei, sobre as quais a ação está baseada, mas do medo de que os homens possam ceder à tentação de usar aquilo que deve elevá-los aos reinos espirituais como instrumento do físico, e que assim eles possam se tornar escravos do corpo e desamparados, quando o corpo falhar na hora de necessidade.

É uma lei oculta, válida a todo Iniciado, que ele não pode usar um poder oculto para seu próprio benefício; se o fizer, perde o poder de auxiliar os outros, e não vale a pena ser privado do grande por causa do pequeno. O já mencionado relato da tentação do Cristo possui um significado de mais amplo alcance do que muitos compreendem. Tivesse ele usado seu poder oculto para transformar pedras em pão para alívio da própria fome, em vez de esperar com paciente força pelo alimento trazido pelos Seres Brilhantes,

posteriormente não teria sido capaz de suportar o sacrifício místico da Cruz. O insulto que então lhe foi lançado contém uma verdade oculta: “Ele salvou os outros; não pode salvar a si próprio”. Ele não poderia usar, para se poupar de uma dor, os poderes que tinham aberto os olhos do cego e curado o leproso. Aqueles que quiserem salvar a si próprios devem desistir da missão divina de serem salvadores do mundo. Devem escolher entre uma coisa e outra à medida que evoluem. Se em sua evolução escolherem o inferior e usarem os grandes poderes que conquistaram para o serviço de si próprios e do corpo, então devem desistir da missão superior de usálos para a redenção da Raça. Atualmente existe uma atividade mental tão grande que é cada vez maior a necessidade de se empregar os seus poderes para os fins mais elevados.

4. Magia Branca e Magia Negra

Magia é o uso da vontade para guiar os poderes da natureza externa, e é verdadeiramente, como implica o nome, a grande ciência. A vontade humana, sendo o poder do divino no homem, pode subjugar e controlar as energias inferiores produzindo assim os resultados desejados. A diferença entre magia branca e magia negra jaz no motivo que determina a vontade; quando essa vontade é empregada para beneficiar os outros, para ajudar e abençoar todos que entram em seu escopo, então o homem é um mago branco, e os resultados que produz pelo exercício de sua vontade habilitada são benéficos e auxiliam o andamento da evolução humana. Ele está sempre se expandindo por meio de tal exercício, tornando-se cada vez menos separado dos outros, e é um centro de ajuda de longo alcance. Mas quando a vontade é exercida para a vantagem do eu inferior, quando é empregada para fins e objetivos pessoais, então o homem é um mago negro, um perigo para a Raça, e seus resultados obstruem e retardam a evolução humana. Ele

está continuamente se estreitando com o exercício da magia negra, tornando-se cada vez mais separado dos outros, fechando-se no interior de uma concha que o isola, e que se torna cada vez mais compacta e densa com o exercício de seus treinados poderes.

A vontade do mago é sempre forte, mas a vontade do mago branco tem a força da vida flexível ou rígida quando necessário, sempre se equiparando à grande Vontade, a lei do universo. A vontade do mago negro tem a força do ferro, apontando sempre para o fim pessoal; chocando-se contra a grande Vontade, mais cedo ou mais tarde deve despedaçar-se contra ela.

É contra o perigo da magia negra que o estudante de Ocultismo é precavido pela lei que o proíbe de usar seus poderes ocultos em benefício próprio; pois embora não seja mago negro o homem que deliberadamente não erige sua vontade pessoal contra a grande lei, é bom reconhecer a essência da magia negra e impedir o mal desde o início. Tal como foi dito acima que o santo que harmoniza as forças discordantes dentro de si é verdadeiramente o mago branco -, o mago negro é aquele que usa as forças que adquiriu pelo conhecimento para benefício próprio, utiliza-as para o serviço de sua própria separatividade, e aumenta a desarmonia do mundo por sua ganância egoísta, enquanto busca preservar a harmonia em seus próprios veículos.

5. Entrando na Paz

Quando o Ser tiver se tornado tão indiferente aos veículos no qual habita que as vibrações desses veículos não mais possam afetá-lo; quando conseguir usá-los para qualquer propósito; quando sua visão se tornar perfeitamente clara; quando os veículos não oferecerem nenhuma oposição, já que a vida elemental os deixou e somente a vida que flui dele mesmo os animam; então a Paz o envolve e o objetivo da longa luta é atingido. Uma

pessoa assim, centrada no Ser, não mais se confunde com seus veículos. Eles são instrumentos que servem para seu trabalho, ferramentas a serem manipuladas a seu dispor. Então ele terá realizado a paz do Mestre, aquele que é totalmente senhor de seus veículos e, portanto, senhor da vida e da morte. Capaz de receber nesses corpos o tumulto do mundo e transmutá-lo em harmonia; capaz de sentir através deles os sofrimentos dos outros, mas não os sofrimentos próprios; ele está afastado, além, de todas as tempestades. Contudo é sempre capaz de se curvar em meio à tempestade para elevar da turbulência outra pessoa, sem perder sua posição segura sobre a rocha do divino, conscientemente reconhecido como sendo ele mesmo. São assim verdadeiramente os Mestres, e sua paz pode ser sentida de quando em vez, durante certo tempo pelo menos, por aqueles que estão se esforçando para trilhar a mesma senda, que ainda não alcançaram aquela mesma rocha da Divina Autoconsciência.

Essa união da vontade separada com a Vontade Una para auxiliar o mundo parece ser a meta mais valiosa de ser atingida do que qualquer coisa que o mundo possa oferecer. Não estar separado dos homens, mas um com todos; não conquistar sozinho a paz e a bem-aventurança, mas declamar com o abençoado Senhor Buda: “Jamais entrarei sozinho na paz final; sempre e em toda parte sofrerei e me esforçarei até que todos entrem comigo” essa é a coroação da humanidade.

Na proporção em que possamos compreender que o sofrimento e o esforço são mais eficazes quando sofremos somente o sofrimento dos outros e não sentimos os nossos próprios sofrimentos, nos elevaremos até o divino, trilharemos a senda do “fio da navalha” que os grandes Seres trilharam, e descobriremos que a Vontade, que nos guiou ao longo da senda e que se realizou nesse trilhar, é ainda suficientemente forte para sofrer e se esforçar, até que o sofrimento e a luta de todos tenham terminado, e todos juntos entremos na Paz.

PAZ A TODOS OS SERES

APÊNDICE

PROVAS DA EXISTÊNCIA DA ALMA

Palestra ministrada em Chicago, em 1903, pela Dra. Annie Besant.

Em todas as épocas do mundo, entre todas as civilizações e todos os povos, existiu aquela inabalável certeza no homem que encontramos expressa nas palavras de um romano: “Nem tudo de mim morrerá”. Mas essa convicção não é em si mesma uma prova, no sentido comum do termo. Poder-se-ia argumentar, tal como encontrado em todo lugar e em todos os tempos, que se trata aparentemente de parte da natureza humana; mas quando eu emprego as palavras *prova* ou *provas da existência da alma*, não me refiro a apelar para essa intuição nem baseio meu argumento nessa convicção frequentemente expressa.

Tenho a intenção de tentar levá-los passo a passo ao longo de uma linha de pensamento por onde o materialista possa ingressar, embora ele perca seu materialismo antes mesmo de ir muito adiante; e quero mostrar-lhes que, ao lidar com a alma, podemos prosseguir paulatinamente por meio de argumentação clara e lógica, de modo que as pessoas mais sensatas e coerentes possam ser gradualmente persuadidas a admitir a existência da alma ou, pelo menos, possam ser levadas em princípio ao ponto em que a ponderação sobre a argumentação esteja a favor dessa existência e de que indubitavelmente exista algo por trás do cérebro. O que constitui esse algo deverá ser investigado por um método de estudo distinto. E já é muito demonstrarmos a um materialista que está aberta a ele uma linha de pensamento e investigação que o levará a uma posição que quase o impele a avançar, situando-o em uma temática que ele dificilmente poderá restringir

pela lógica, criando assim pelo menos um fundamento inesperado como plataforma para seguir adiante, fornecendo uma hipótese suficientemente razoável para encorajar uma investigação ainda mais profunda.

Consideremos por enquanto a base do argumento materialista com relação ao pensamento e ao cérebro. É um argumento que está agora perdendo totalmente aprovação científica, mas que há vinte e cinco anos esteve bastante em voga entre os cientistas. E àquela época era possível consultar um escritor após outro entre os respeitados cientistas do mundo e ser levado pela tendência geral do argumento deles a concluir, embora eles não o declarassem com tantas palavras, que o pensamento era verdadeiramente produto, resultado, da matéria. O professor Tyndall, no famoso discurso que fez em Belfast, quando estava tratando de matéria e mente, disse que a ciência provavelmente reformularia completamente suas concepções sobre a matéria. E certamente isso é uma verdadeira profecia. Desde que o discurso de Belfast foi proferido, a ciência *tem alterado* sua concepção de matéria, e não mais dá à matéria a definição estreita que costumava dar nos dias, digamos, de juventude de muitos de nós. Percebemos que atualmente a existência da matéria é reconhecida sob condições que há vinte e cinco anos teriam sido consideradas como excludentes da palavra *material* ou como inaplicáveis a ela.

Ora, o velho argumento dizia fazendo uma rápida consideração a respeito, pois me era muito familiar nos primeiros tempos de minhas próprias elucubrações que o pensamento era produzido diretamente pela ação da matéria cinzenta do cérebro; que, onde quer que houvesse essa matéria, o pensamento seria encontrado em conexão a ela; que onde ela não fosse encontrada, o pensamento estaria ausente; e que era até mesmo possível traçar uma relação quantitativa entre o volume de matéria cinzenta e o poder do pensamento. Isso não era apenas colocado de um modo geral, mas era manipulado com extremo cuidado.

Podemos recordar o antigo curso ao longo do qual a evolução do pensamento fora traçada na criança em crescimento; como se dizia que, considerando o cérebro de uma criança, o pensamento produzido por ele era de caráter infantil; que à medida que o cérebro se desenvolvia na juventude, o pensamento tornava-se mais forte; que quando o menino tornava-se homem, o pensamento tornava-se mais poderoso, mais sutil; que quando o homem alcançava a maturidade, o pensamento se aprimorava com a crescente maturidade do homem; que se em qualquer estágio da vida de um homem o cérebro sofresse algum dano, então o pensamento mudaria de caráter; que se o suprimento de sangue fosse afetado, digamos, por uma bebida inebriante, então o pensamento se tornaria confuso com o estado confuso do cérebro; que se o homem ficasse febril, de modo que o sangue ficasse numa condição ruim, o pensamento seria afetado pelo delírio; que se um pequeno estilhaço do crânio pressionasse o cérebro, imediatamente o pensamento seria totalmente alterado ou desaparecia, ao passo que, quando se retirasse aquele pedaço de osso fraturado, o pensamento retornaria. À medida que o homem envelhecesse, o pensamento se tornaria mais fraco; quando o cérebro começasse a se deteriorar, o pensamento se desvaneceria completamente. Se um pequeno pedaço do cérebro fosse destruído, a faculdade da mente que se expressava através daquela parte do cérebro desaparecia. E assim o argumento era triunfalmente resumido. Se o pensamento cresce, aumenta e amadurece com o crescimento e o amadurecimento do cérebro; se ele se altera com as condições cerebrais; se desaparece quando o cérebro é gravemente ferido; se enfraquece com o enfraquecimento do cérebro; se à medida que o cérebro se deteriora, o poder do pensamento desaparece, podemos nos aventurar a dizer que quando o cérebro se desagrega após a morte, o pensamento ergue-se triunfante de suas ruínas, vivente em força e majestade?

E o argumento era forte, decisivamente forte para qualquer um que não esteja acostumado a raciocinar de ponto a ponto e a seguir o processo do

raciocínio aonde quer que ele leve.

Mas a totalidade desse argumento estava baseada em indução. Pode-se chegar a uma conclusão pela lógica indutiva, mas sempre há uma dificuldade com relação a todo argumento desse tipo. Em qualquer indução, deve-se ter certeza de estar diante da totalidade dos fatos, pois um único fato omitido do embasamento invalida toda a conclusão. Se algo é deixado de fora, toda a superestrutura desmorona; e a fraqueza do argumento indutivo está sempre na possibilidade de algum fato não ter sido levado em consideração. A não ser que se tenha certeza de conhecer tudo no universo do raciocínio, a lógica indutiva não levará a uma conclusão segura e decisiva.

Bem, foi pela descoberta de fatos que não estavam incluídos nesse famoso argumento indutivo que toda a superestrutura ruiu em pedaços. Um único fato teria sido suficiente, mas em vez de um, centenas vieram à tona. Em qualquer argumento baseado na relação constante entre duas coisas, essa relação constante deverá ser demonstrada; e se pudermos ter essas mesmas duas coisas se movendo em direção oposta, alterando inversamente, em que se transformará aquele argumento? Ora, foi exatamente isso que aconteceu em relação ao argumento baseado no cérebro e no pensamento, e suas alterações simultâneas. Descobriu-se que eles não variam constantemente juntos, e mais ainda, que às vezes variam inversamente, isto é, que se pode ter uma condição onde o cérebro esteja parcialmente paralisado, porém o pensamento esteja muito mais ativo do que quando estava atuando no cérebro.

Com esses primeiros passos em minha argumentação, não estarei provando a existência da alma, mas que a consciência pode existir separada do organismo físico; pois é isto que inicialmente precisa ser provado antes que o materialista nos dê ouvidos. Nada haverá de proveitoso em se falar a respeito da alma enquanto houver a opinião de que o pensamento é apenas o produto do cérebro para usar a expressão de Carl Vogt -, tal como a bile é o

produto do fígado. Enquanto a pessoa mantiver essa posição, como muitos o fazem, ela deverá ser dissuadida com fatos que ela reconhecerá antes que se possa começar a falar a respeito da alma. E como todos concordam que a alma está ligada à consciência, se conseguirmos demonstrar que a consciência existe à parte dessa relação constante entre cérebro e pensamento, teremos dado nosso primeiro passo para fora do materialismo, e então nos sentiremos livres para seguir adiante investigando a natureza dessa consciência.

Falando de maneira geral, um grande número de experimentos mesméricos e hipnóticos colocam, além da possibilidade de contestação, o fato de que a inteligência pode atuar quando o cérebro está paralisado.

Ao lidar com essa questão, prefiro não me referir a experimentos que repousem sobre a evidência daquelas que poderiam ser tidas como pessoas contestáveis, por serem consideradas mais ou menos *excêntricas*, como os teosofistas. Eu prefiro ter um bom cientista, um materialista, para dar início, pois sua evidência é muito mais satisfatória para seus colegas materialistas. Sempre que possível, façamos com que nosso oponente comprove nossa hipótese. Compreendo que em termos legais considera-se um triunfo ter a comprovação de nossas premissas proferida diretamente dos lábios de nosso oponente. Portanto convocarei para o meu banco de testemunhas alguns médicos parisienses que são materialistas eles assim se declaram, não os estou rotulando -, mas totalmente incapazes de se responsabilizarem pelos resultados que eles mesmos obtiveram. Eles declaram, bem honestamente, que não propõem uma teoria; mas que simplesmente registraram os fatos observados uma posição perfeitamente saudável, apropriada e muito útil de se assumir.

Pois bem, entre suas observações pois não tenho muito tempo para discorrer sobre elas encontramos o seguinte: eles inventaram um aparelho que detecta a condição física do batimento cardíaco enquanto o paciente está em estado hipnótico. Eles possuem formidáveis instrumentos através

dos quais conseguem medir com precisão o batimento do coração, o movimento dos pulmões, a contração dos músculos, etc. De modo que, por meio desse aparelho, eles conseguem o registro perfeitamente fiel das condições físicas da pessoa sob observação, algo bastante útil quando se quer prosseguir lentamente e passo a passo. O instrumento que geralmente usam é algo em que um cilindro giratório, coberto com papel grafite, é posto a girar com um lápis preso a alguma parte do corpo do paciente, segundo a natureza da observação preso a uma alavanca, e a alavanca por sua vez é presa ao corpo, de modo que qualquer movimento naquela parte do corpo do paciente seja reproduzido pelo lápis que faz pressão contra o cilindro; à medida que o cilindro gira, o lápis traça uma linha reta se não houver movimento, mas qualquer movimento produzirá uma curva.

Ora, supondo ter uma máquina desse tipo presa a um coração, obteríamos então uma série de curvas traçadas sobre este papel grafite mostrando o batimento do coração, e a menor irregularidade no coração seria imediatamente marcada de forma bastante ampliada nas curvas traçadas pelo lápis sobre o cilindro. Assim, o mesmo se daria com qualquer movimento dos pulmões. Há um movimento característico dos pulmões, e a curva seria reconhecida por qualquer médico. De igual forma se considerarmos as contrações musculares. Se esticarmos nosso abraço completamente e tivermos um peso na mão, ocorrerão contrações no músculo vibrações -, que aumentarão tremendamente em atividade se o braço for mantido esticado por muito tempo, o esforço aumentando com o tempo de extensão do músculo.

Todas as precauções são tomadas no sentido de eliminar qualquer possibilidade de fraude ou tapeação, assim como para que se obtenha um registro físico absolutamente exato da condição física do corpo do paciente. E dessa maneira eles demonstraram que quando a pessoa está em transe hipnótico, o batimento cardíaco é totalmente alterado, chegando por fim a um ponto tão débil que, embora o movimento ainda seja mostrado no

cilindro giratório, nenhum instrumento menos delicado registraria qualquer batimento. O mesmo ocorre com os pulmões; o movimento dos pulmões torna-se tão leve que não se consegue detectar qualquer alento oriundo das narinas. Da mesma forma com relação aos músculos; há um traço característico que lhes permite dizer se o homem, com um braço esticado e com um peso na mão, está ou não em estado hipnótico.

Qual a condição do cérebro quando o corpo está em uma condição como essa? Primeiramente, o suprimento de sangue é refreado. O sangue circula muito lentamente através dos vasos do cérebro; e em vasos mais atresícos, como os vasos capilares, a circulação é interrompida. E não apenas o suprimento sanguíneo em seu curso é totalmente alterado, mas também a qualidade do sangue é muito ruim, pois como não está devidamente oxigenado pela passagem nos pulmões, está muitíssimo sobrecarregado com todos os produtos de decomposição, e tem-se grande quantidade de ácido carbônico. O resultado disto é bastante conhecido. Produz um estado de coma, um estado no qual não há possibilidade de pensamento, no que diz respeito ao cérebro. Desse modo, temos uma pessoa que não consegue pensar com o cérebro. O cérebro está suprimido. Está em um estado no qual qualquer pessoa, há vinte e cinco anos, diria ser impossível pensar. Foi produzida uma condição física na qual o pensamento deveria desaparecer; e assim ocorre, no que diz respeito ao corpo físico. O indivíduo jaz como se estivesse morto. Porém é possível chegar a ele sem alterar essas condições físicas; pode-se obter dele resultados mentais. E quando uma pessoa está nesse estado, pode-se demonstrar que suas faculdades mentais estão imensamente estimuladas; que sua memória mudou bastante de caráter; que ela pode falar sobre incidentes de sua infância, os quais em seu estado normal estariam além de sua memória; que falará às vezes uma língua que ouviu quando criancinha e desde então havia esquecido completamente, de modo que se fosse falada em sua presença ele seria incapaz de compreendê-la. Descobre-se que a memória está tão

intensificada em sua ação imediata, deixando o passado fora de vista, que se pegarmos um livro grego e a pessoa desconhecer a língua grega, e lermos toda uma página do livro, ela repetirá palavra por palavra sem cometer um único erro. Despertando, ela não consegue articular, não consegue pronunciar uma única sílaba. De volta ao estado hipnótico, ela repetirá tudo novamente. Assim, não apenas um tipo muito distinto de memória, mas pode-se também obter um nível muito mais elevado de inteligência. Uma pessoa que seja obtusa em consciência de vigília torna-se frequentemente mais sagaz sob controle hipnótico; não que ela reproduza o pensamento do hipnotizador, como verdadeiramente o fará se lhe ordenarem, mas se estenderá sobre tópicos em que o hipnotizador esteja pensando em outras linhas, e argumentará com ele. Há registro de casos onde um homem excepcionalmente néscio demonstrou agudeza em sua argumentação quando estava num estado em que o cérebro não consegue funcionar. E assim, muitas e muitas vezes obtém-se o registro dessas observações de erudição incomum, manifesta quando o cérebro esteja submetido a condição inapta de pensamento com sanidade e vigor.

O próximo ponto que observamos ao lidar com uma pessoa nessas condições é que podemos enganar totalmente os sentidos, e fazê-los emitir relatórios completamente errôneos; podendo fazê-la ver o que não esteja visível; e com a mesma facilidade fazê-la não ver o que é visível. Por exemplo, podemos nos tornar invisíveis ou, se quisermos, permanecer tangíveis mas não invisíveis, de tal modo que ela possa caminhar em nossa direção como se não estivéssemos lá e levar um susto quando encontrar um obstáculo que não consegue ver. E assim podemos alterar o sentido da audição, fazendo-a ouvir ou não ouvir, como quisermos. Podemos, se o desejarmos, destruir-lhe o sentido do tato de tal modo que ela não perca tal sensibilidade, ou o oposto, fazendo-a sentir um corpo sólido simplesmente por dizer que há um objeto entre suas mãos. Podemos fazê-la sentir um odor agradável ao lhe apresentar algum item repulsivo. Podemos brincar

com os sentidos ao estimular a mente. Pode-se comprovar ainda mais do que isso ao hipnotizar uma pessoa comum.

Passemos agora dos hospitais de Paris para as declarações feitas por médicos que cuidam de manicômios. Considerando um lunático comum em estado hipnótico, podemos obter dele, em alguns casos, inteligência e poder de raciocínio. No momento em que sair dessa condição ele será novamente um lunático, mas hipnotizado ele se torna um pensador inteligente.

Tudo isso é feito repetidamente. Suponhamos provar-se que em vez de o pensamento variar com o estado do cérebro ele varie contrariamente a ele; que quando o cérebro está em estado de coma⁹⁴, o pensamento é excepcionalmente ativo; que quando o cérebro está paralisado, a memória é excepcionalmente aguda e traz de volta eventos há muito esquecidos; qual é a inferência inevitável? Aquela que, embora o pensamento possa ser continuamente expresso através do cérebro, é também possível expressá-lo sem o cérebro; que embora seja verdade que muitos eventos permanecem na memória habitual e outros são esquecidos, os eventos esquecidos não são realmente esquecidos eles permanecem na consciência, apesar de longe da vista, podendo ser trazidos de volta à consciência, mesmo que usualmente tenham desaparecido. Portanto, através dessas observações, que podem ser repetidas indefinidamente, somos inevitavelmente levados a compreender que a consciência humana é algo mais do que é expresso através do cérebro físico.

Por enquanto, não vou pressionar mais a respeito dessa argumentação, mas pode-se comprovar por meio de demonstração que há mais consciência em um homem do que o que surge em seus momentos de vigília, quando o cérebro está em seu estado normal de atividade; que ele possui uma consciência mais ampla do que a de vigília; que sob condições peculiares essa consciência emerge; que ela contém o registro de eventos que a consciência de vigília olvidara⁹⁵; que é capaz de exercer poderes mais aguçados e mais sutis que aqueles da consciência de vigília. De modo que

finalmente podemos chegar à conclusão de que o que quer que possa ser a consciência humana e sobre isso no momento não iremos dogmatizar -, ela é algo mais do que aquilo que conhecemos em nossos são momentos de vigília; que existe mais de nós do que o que é expresso através do cérebro; e de que somos capazes de produzir mais em consciência do que nosso cérebro nos permite exprimir. E assim chegamos ao entendimento um tanto surpreendente de que o cérebro é uma limitação colocada em nossa consciência; um instrumento parcial, em vez de o produtor do pensamento.

Dessa forma, revertemos inteiramente a posição materialista. Em vez de o cérebro produzir o pensamento, é o pensamento que se expressa parcialmente através do cérebro. O quanto dele possa se expressar é revelado, permanecendo o restante provisoriamente não expressado, porém não inexistente. Isso é tão amplamente reconhecido que todas as escolas francesas dividem a consciência, distinguindo a consciência desperta e a consciência do sono, denominada consciência subliminar. Existe todo tipo de termos deslumbrantes, os quais, eu às vezes penso, servem mais para encobrir a ignorância do que para expressar conhecimento; e constantemente encontramos as expressões mais maravilhosamente complicadas que pretendem transmitir a ideia colocada por mim em uma frase um tanto tosca, de que existe mais de nós em consciência do que o manifestado através do cérebro.

Ora, todas essas descobertas muito intensificaram a investigação científica ao longo das linhas dessa consciência que não atua no cérebro físico; e homens como James Sully e como Sidgwick, que são os principais escritores ingleses sobre Psicologia, estão dedicando grande parte de seu tempo ao estado da consciência que está fora do estado de vigília. Há alguns anos, se as pessoas estudassem os sonhos, elas teriam sido consideradas tão tolas quanto o são agora os teosofistas; mas atualmente o estudo dos sonhos é altamente científico. Não há mais o mínimo receio de se perder os atributos de pessoas sensatas e racionais por estudar os sonhos.

Pelo contrário, são mesmo tidas como pessoas de vanguarda, seguindo o curso da mais avançada ciência, de preferência acima de seus pares em inteligência. E esse tem sido o resultado de se descobrir o quanto deve ser aprendido pelos estudos do estado de sonho, nosso próximo passo.

Foram feitas certas medições fisiológicas muito interessantes; e algo em que a ciência se destaca é na mensuração. É extraordinário o modo como a ciência moderna quantifica a exatidão, o esmero, o modo como pesa por meio de suas balanças, temo dizer, a mínima fração de um grão. E nada há em que a ciência tenha avançado mais notavelmente do que na apurada delicadeza de seus instrumentos, por meio dos quais ela mede o que pareceriam resultados diminutamente imensuráveis. Outro ponto admirável é a maravilhosa paciência dos investigadores científicos. Clifford falou certa vez da sublime paciência do investigador; e o termo não é mal-empregado a paciência desses homens é realmente sublime. Eles farão o mesmo minucioso experimento mais de cem, duzentas ou trezentas vezes para terem certeza de que estão certos. E eu afirmo que esta é uma qualidade bastante admirável, tanto mental quanto moralmente; moralmente porque implica naquele amor pela verdade que exigirá esforços intermináveis antes de fazer uma afirmação ou aceitar o registro de um fato; e digo isto com mais veemência ainda porque pensam às vezes que a Teosofia é contrária à ciência. Isto não é verdade. Dispensamos a mais plena admiração e reverência à paciência e ao cuidado, ao respeito pela verdade demonstrado pelos cientistas modernos. Tudo a que fazemos objeção é quando eles fazem inferências muito apressadamente e as afirmam como sendo tão irrefutáveis quanto seus fatos. Então às vezes temos atritos com eles, pois não podemos aceitar todas as inferências que fazem, sabendo que estão baseadas no conhecimento incompleto dos fatos.

Um dos aspectos em que a ciência tem realizado mensurações é a taxa da onda nervosa no organismo físico quanto tempo leva uma onda para passar ao longo da matéria nervosa, para ser transmitida de célula à célula

algo um tanto difícil de ser observado, quero dizer, com a exatidão com que tem sido feita. Mas alguns de nossos amigos alemães, especialmente, que nada são se não forem exatos, fizeram essas medições de maneira muito cuidadosa. Descobriram a fração de segundo que leva para ocorrer uma onda ou vibração no sistema nervoso, de modo que são capazes de nos dizer com exatidão quanto tempo leva para que tal onda de movimento nervoso se propague; e isso se traduz em quantas dessas ondas podem ocorrer em qualquer trilha nervosa em um segundo. Eles conseguem informar quantas dessas vibrações podem ser recebidas em um segundo.

Já que o número não importa para nossos propósitos, suponhamos por ora que eles tenham descoberto que a matéria nervosa possa receber uma centena de vibrações por segundo. Sabe-se que a matéria nervosa do olho, por exemplo, ao receber vibrações com menos de um décimo de segundo, produz uma impressão contínua. Se as impressões chegam a uma taxa maior do que esta, obtém-se então uma linha contínua. Ao obter uma impressão separada das outras por mais de um décimo de segundo, vê-se essa impressão por si mesma. Agora, aplicando esses dados aos estados de consciência das últimas investigações, descobrimos que certo número de impressões pode ser aplicado sobre um nervo, representando estados de consciência, ou sucessão de pensamentos. Suponhamos que uma centena dessas impressões possa ocorrer em um segundo. Ao dormir e sonhar, dentro de um segundo do tempo físico, pode-se ter pensamentos experimentados pela inteligência na taxa comparativa de quatro ou cinco mil vezes ou mais por segundo. Pode-se viver na consciência de sonho ao longo de todo um ano, e todos os eventos estarão lá; pode-se visitá-los um após outro; dia após dia e noite após noite, pode-se experienciar sucessivos eventos, atravessando aflições e alegrias. Todos esses resultados intelectuais podem ser experimentados, e ao despertar ter-se-á passado apenas um segundo do tempo físico, tendo, no entanto, atravessado estados de consciência que o sistema nervoso exigiria um ano para realizar. Todavia,

temos o pensamento; aqueles estados de consciência existiram; somos capazes de recordá-los, e eles fluíram nessa imensa proporção; nossa inteligência esteve atuando a cem vezes do índice normal. O que isso significa? Significa que nossa inteligência estava atuando em um tipo mais sutil de matéria. Quanto mais delicada a matéria, mais rápidas as vibrações, mais vibrações podem ser obtidas por segundo. Considerando-se tratar de matéria nervosa comum, ela se moverá de modo comparativamente mais lento. Considerandose o éter, ele se moverá a um índice tremendamente maior; e tratandose de matéria mais sutil que o éter, então inferencialmente a taxa seria aumentada proporcionalmente à sutileza da matéria na qual as vibrações forem estabelecidas.

Se conseguirmos, então, pensar a uma taxa além do poder de pensamento no cérebro, significa que nossa inteligência está funcionando em algo mais sutil do que o cérebro. Não desejo ir além, mas isso prova por meio de demonstração que nossa inteligência está atuando em um meio mais delicado que a matéria nervosa. Qualquer que seja esse meio, ele difere muitíssimo da matéria nervosa do cérebro. Ele pode ser superetéreo, como de fato o é, mas estamos satisfeitos em assumir a posição de que, o que quer que seja, ele vibra centenas de vezes mais rapidamente do que qualquer matéria nervosa consegue vibrar, e portanto a inteligência possui alguma forma de expressão que não é aquela oriunda do cérebro.

Este é o ponto a que somos levados através de um argumento no qual nenhuma falha pode ser encontrada. É a primeira vez que a ciência disponibiliza um argumento claro, definido e indiscutível, provando, além da possibilidade de questionamento, que a inteligência do homem funciona a um ritmo que o cérebro é incapaz de satisfazer; e portanto o que quer que seja ou faça a inteligência, o meio apropriado a seu funcionamento é algo diferente do cérebro.

Pois bem, até aqui seguimos por um terreno que nenhum materialista pode rejeitar. O nosso próximo passo é mostrar que essa inteligência que

não é dependente do cérebro, que é capaz de trabalhar sem ele, que trabalha melhor sem ele do que com ele, mais rapidamente sem ele do que com ele, de forma mais aguçada e aguda sem ele do que com ele sobrevive à morte. Observemos o quão cuidadosamente estamos indo um passo após outro. Não estamos, absolutamente, nos apressando; não estamos nos precipitando; estamos apenas dando o diminuto passo seguinte com muita tranquilidade. Temos a inteligência atuando sem o cérebro, enquanto o cérebro possivelmente ainda esteja, como podemos dizer, em contato com essa inteligência; e agora vamos eliminar nosso cérebro físico completamente, e ver se a inteligência que nele funcionou durante a vida física pode ser encontrada atuando sem ele após a morte física. E aqui, certamente, as pessoas que acreditam na imortalidade se colocaram em grande desvantagem com a lógica materialista, que faz com que a vida da alma comece ao nascimento; porque é óbvio que se a alma não consegue se manifestar ao nascimento sem um corpo, então parece provável que ela também não consiga continuar sua jornada sem um corpo, e assim a morte paralisaria muito sua ação. Isto se deve a uma falta de filosofia, o que tem permitido o grande enfraquecimento de nosso pensamento religioso. Abrir mão da coerente filosofia da reencarnação⁹⁶ ou preexistência da alma foi o golpe mortal em toda a crença na imortalidade da alma. Ao tornar sua manifestação dependente do corpo, inferimos sua dependência do corpo para ulterior persistência.

No entanto, deixando de lado esse ponto, porque ele necessariamente não pertence ao nosso argumento, obteremos a próxima prova definitiva a partir das experiências de nossos irmãos espíritas ou de homens como o professor Crookes, que embora sempre tenha recusado identificar-se com o conjunto dos espíritas já se convenceu, por meio de suas próprias cuidadosas experiências, da verdade de muitas das afirmações por eles feitas. Ele é um homem muito cauteloso e não usa a palavra *espírito*, mas mostra que entidades inteligentes, após terem vivido em um corpo físico,

voltam a atuar fora daquele corpo. Obviamente não é necessário que o corpo tenha perecido pela morte, mas, na maioria dos casos, isso de fato ocorreu. Se alguém se der ao trabalho de se voltar às investigações do professor Crookes, nas quais havia concomitantemente o médium e o que é denominado materialização *alma materializada*, como é chamada, mas essa é uma expressão simplória -, uma forma que se materializa diante de seus olhos, e lê-las cuidadosamente, será obrigado a admitir que nelas há uma evidência merecedora de posterior consideração. Se não se tiver lido nada do tipo nem investigado por si próprio, provavelmente negar-se-á a possibilidade de imediato, pois essa é uma característica humana o fato de que quanto menos se sabe a respeito de algo, mais enfaticamente isso é recusado. É mais apropriado nada saber quando se quer ser aquilo que um colegial inglês chama de *presunçoso* [*cocksure*, no original]. Não sei se essa expressão é usada por aqui, mas é uma gíria comum entre estudantes, que se traduz por seguir sempre de mãos dadas com a ignorância; mas eu jamais a encontro no meio científico. O cientista é sempre cauteloso. Ele diz: “Bem, eu não acredito; não creio que vossa evidência seja suficiente”. Ele não a rejeitará; enquanto que a pessoa ignorante a negará com vigor proporcional à sua ignorância.

Supondo que alguém esteja intencionado a ler, não pense que ele sabe tudo na natureza; não acredite que tudo no universo esteja confinado ao limite de seu conhecimento. Alguém que tenha alcançado uma posição não muito avançada poderá ser condescendente ao considerar as evidências fornecidas por um homem como Crookes. Para investigar as materializações, ele inventou uma pequena lamparina adaptada que acende logo que é aberta. A razão por que ele usou esse tipo particular de luz foi que é muito difícil produzir uma materialização sob as ondas luminosas oriundas tanto da luz a gás quanto elétrica. É muito mais fácil produzi-la no escuro. Ora, certamente muitas pessoas começam a rir no momento em se diz isso; elas dizem: “Oh, sim, porque é uma fraude”. Não é verdade; um

eletricista não conseguirá produzir uma centelha elétrica de sua máquina numa atmosfera muito úmida; e ele ria se lhe dissessem: “Oh, isso é só porque vocês querem cometer fraude”. Portanto, é verdade que existem certas combinações de matéria que não permanecem unidas sob as vibrações do éter estabelecidas por certos tipos de luz. É essa a razão. É simplesmente o fato de que certos movimentos ondulatórios rompem essas agregações de matéria etérea.

Sendo Crookes químico e eletricista, tinha instrução suficiente para não ter como certo que a única razão por que a escuridão era exigida seria fraude. Ele pensava que poderia haver alguma outra razão, e inventou um tipo particular de lamparina era um preparado de fósforo para que a materialização pudesse ocorrer no escuro, e que então simplesmente abrindo a porta da lamparina, o ar tocava o preparado de fósforo, que acenderia e produziria luz, de modo que tudo no aposento se tornaria claramente visível. Ele assim o fez, e sob essas condições ele foi capaz de ver o médium deitado no sofá e tocá-lo com uma mão, estando o médium vestido de preto, enquanto à sua frente e ao seu alcance, tendo ele lhe permitido também tocá-la, lá estava a forma materializada vestida de branco. Ele tinha ambos sob seu olhar e ao mesmo tempo; nada de cortinas ou armários escuros nem qualquer outra coisa, mas os dois lá estavam em plena visão concomitantemente, e foi-lhe permitido tocar ambos simultaneamente.

Essa é uma evidência suficientemente boa para qualquer pessoa sensata, podendo-se confiar na exatidão e na honestidade do investigador. E eu me arrisco a dizer que o nome de William Crookes está acima de qualquer suspeita quanto a honestidade e quanto à exatidão de observação entre os cientistas, que conhecem o tipo de experimento que ele realizou.

Bem, além de inúmeras experiências como esta, ele examinou algumas dessas formas e construiu outras máquinas que lhe permitiram testar a força que poderia ser exercida sem que qualquer esforço visível estivesse sendo

aplicado, etc.; de modo que pôde demonstrar definitivamente uma entidade inteligente capaz de lembrar os eventos da vida passada ao manter longas conversas com ela depois de lhe ter ocorrido a morte.

E essa experiência nem sempre com os cuidados que a tornam cientificamente segura tem sido repetida muitas e muitas vezes por milhares de espíritos. É tolice negar esses fatos. Eles estão registrados, e podem ser reverificados aos que duvidarem. Também houve experiências fraudulentas, mas negar todas as materializações por causa dessas é como querer negar que exista algo como dinheiro bom porque falsos moedeiros põem dinheiro falso em circulação. Tais eventos existem de fato, e qualquer um que os investigue sabe que ocorrem. Embora eu não aprove essa linha de investigação, embora eu a considere perigosa e nociva, se a pessoa for materialista e tiver sido levada ao ponto que chegamos pelo estudo do hipnotismo e pelo estudo dos sonhos, ela pode muito bem conciliar, por assim dizer, suas crescentes convicções buscando ou, muito melhor, tentando por si mesma alguns experimentos ao longo dessas linhas. Ela não precisa dirigir-se a um médium, já que três ou quatro pessoas da mesma família reunidas poderão muito facilmente se convencer de que a inteligência existe e funciona do outro lado da morte. Este fato elementar pode ser provado muitas e muitas vezes, e não é necessário buscar qualquer médium profissional; qualquer grupo de três ou quatro de vocês, conhecendo-se como homens e mulheres honrados, poderão se o quiserem provar por si próprios. Eu não os aconselho a fazer isso a não ser que sejam materialistas. Se o forem, vale a pena o risco para ter certeza. Se não, se já acreditam na existência da alma, então não ganharão muito quanto à natureza de sua existência dessa maneira; e é tolice correr riscos onde não haja o ganho equivalente. E, no entanto, passo a passo chegamos até aqui, à existência de entidades inteligentes a quem conhecemos em corpo físico e a quem podemos reconhecer fora dele.

Outra linha de investigação, que não apresenta perigo, está baseada no fato de que a alma de uma pessoa ligada a um corpo vivo pode sair do corpo⁹⁷ por meio de treinamento, e afirmar-se independentemente do corpo, tanto no que diz respeito a ela mesma e, se escolher, com relação aos outros.

Agora deixarei a linha que a ciência reconhece ou que pode ser facilmente verificada. Agora vou investigar os experimentos mais complexos com relação à existência da alma. Estes com os quais lidei até aqui podem ser repetidos por qualquer um. Eles são o ABC do estudo. Se vocês forem materialistas, comecem com estes; e quando os tiverem ultrapassado, terão convencido a si próprios de que uma inteligência viva pode funcionar sem a assistência do cérebro, dentro ou fora do corpo físico. Vocês terão avançado bastante; e quando tiverem alcançado esse ponto, poderão estar querendo se dar ao trabalho necessário aos experimentos mais difíceis que se seguem, aqueles que por si só provam a existência da alma, embora os outros provem a existência de inteligência fora do organismo físico.

Ainda vou mais além. Por *alma*, eu me refiro a uma inteligência viva, autoconsciente, manifestando atributos mentais à vontade, e capaz de manifestar atributos mais elevados do que estes à medida que cresce, desenvolve-se e afirma-se nos planos superiores ao físico e ao astral. Como eu digo, os experimentos agora são muito complexos e requerem treinamento. O início do treinamento ao longo desta linha de trabalho, que verdadeiramente nos leva para o que é denominado prática do *yoga*^{9L}, consiste primeiramente em usarmos a mente para controlar o corpo e os sentidos, convencendo-nos de que a mente é algo superior ao corpo, mais poderosa do que os sentidos.

Trabalhe para restringir alguma expressão dos sentidos às quais habitualmente cede; deixe de comer algum alimento que seja muito atrativo; abandone alguma forma de bebida que seja muito agradável e estimulante; interrompa alguma forma de prazer físico ao qual esteja

particularmente viciado. Não quero dizer extinguir completamente, mas desistir durante um certo tempo, para mostrar, provando a você mesmo além de qualquer possibilidade de contestação, que existe algo em você que pode controlar toda aquela parte de sua natureza a que você chama de sentidos ou expressões corporais. Obrigue-se a fazer algo contra o desejo dos sentidos, e escolha um momento em que o sentido esteja desenfreado, anelando por aquela gratificação particular, ansioso por obtê-la, quando o objeto do desejo esteja bem à sua frente, quase colocando a mão para agarrá-lo. Pare e diga: “Eu sou mais forte do que tu; tu não saciarás esse desejo”. A única utilidade do experimento é que ele o convencerá como nada mais consegue fazê-lo de que você não é seus sentidos, e nem é seu corpo; que você é algo mais elevado digamos, por enquanto, a mente e que você pode controlar esse corpo e esses sentidos, que muitas vezes o põem a perder. Não quero dizer que sempre você poderá controlá-los você não conseguirá até que pratique. Haverá oportunidades em que os sentidos, tal qual cavalos indomados, tomarão os freios nos dentes e fugirão com a mente e tudo mais, e você se precipitará logo atrás deles; eles o arrastam, e você sabe que eles o estão arrastando, sentindo que eles são mais fortes do que você mesmo e que estão agindo à sua maneira. De um modo tortuoso, mesmo então você distinguirá entre você próprio e os abruptos e impetuosos impulsos e influências que por enquanto o mantêm cativo.

Esse é um experimento bastante elementar, mas seria bom que o praticasse para ter certeza da existência de algo em você mais forte que os sentidos. Você dirá: “Oh, sim, é a mente. Claro que eu sei que meus pensamentos estão acima dos sentidos; claro que eu sei que minha mente pode controlar meu corpo”. Muito bem, continue praticando até que o corpo não mais seja um obstáculo, até que você possa passar um dia inteiro sem alimentação e manter o bom humor, mesmo até o último momento; até que você possa estar muito cansado pelo trabalho físico, mas brilhante e bem-humorado, e meigo com uma criança inquieta como se estivesse

inteiramente bem disposto. É isso o que se quer dizer por controlar o corpo. Continue praticando até que o consiga. Não é tão difícil. Continue praticando até compreender que seu corpo é apenas seu criado, ou seu escravo, atuando ou não segundo seu ditame; e sinta o senso de vergonha quando o corpo é capaz de obrigá-lo a fazer o que a mente condena; sinta que agir assim é ser menos que um homem, menos do que verdadeiramente humano. Os cães mordem quando estão famintos ou zangados; os seres humanos devem ser capazes de se autocontrolar. E não é pedir muito que o homem mantenha o controle, o que, no final das contas, significa apenas que sua mente seja a senhora de seu corpo.

Até aqui, então, estamos todos de acordo. Suponhamos que agora você esteja pronto para dar o próximo passo, de que a mente seja algo incômodo. Ela é capaz de controlar o corpo; é capaz de controlar os sentidos. Será ela capaz de controlar a si própria? Você constata que ela corre daqui para ali. Você pega um livro muito difícil do qual quer se tornar um profundo conhecedor. Muito depende do quanto você assimile. Talvez você tenha que passar em um exame. A não ser que assimile o conteúdo em uma única noite, você será reprovado, o que o fará retroceder em sua carreira. E assim você se senta e põe mãos à obra. Mas sua mente vagueia; quando você quer se concentrar em algum problema de matemática, descobre que está pensando em algo bastante diferente; sua mente dispara e você tem de trazê-la de volta. Isso acontece muitas e muitas vezes, e você põe o livro de lado e diz: “Oh, não estou com disposição; não consigo estudar”. Que tipo de mente é essa? Não trabalha quando se quer que trabalhe, e não consegue fazer o que é sua função específica porque não está com disposição. Então você começa a dizer: “Por que não consigo controlar a mente?” E nessa exata frase você está firmando algo que é superior à mente o Eu. “Quero dizer que esta mente fará o que eu quero que ela faça, e ficará fixa no livro.” Você concentra sua atenção, reúne algo que é forte em você, fixa a mente naquele assunto e põe mãos à obra. O que é que o conseguiu? Não

pode ser a mente que o conseguiu, ela que esteve correndo daqui para ali. É algo existente que é capaz de dominar a mente e treiná-la até o ponto que se quer que ela trabalhe. Então você sente: “É isso o que eu procuro agora. Descobri que a mente está acima dos sentidos isso eu sei; mas aqui está algo que está acima da mente, e tenho que ir em busca desse algo. Talvez seja a alma. Esse poder que eu sinto, que domina minha mente errante; essa força que encontro dentro de mim mesmo, que reúne meus pensamentos vagantes e exige-lhes obediência; o que é isso? Parece ser eu mesmo. Eu estou controlando a mente”. Quando se chega a esse ponto, quando o hábito tiver sido formado, de modo que a mente possa ser mantida fixa sobre o objeto desejado, ter-se-á desenvolvido a consciência definida de algo que está por trás da mente e que a domina, como a mente fazia com os sentidos; e então o estudante pode considerar que vale a pena tomar providências para descobrir em que consiste esse algo. Geralmente ele terá de perguntar a alguém que tenha avançado um pouco mais do que ele próprio com relação a isso: “Qual é o próximo passo que devo dar? Encontro aqui algo que seja maior do que a mente, mais do que a mente? Como posso descobrir em que consiste esse algo?” E em algum livro que leia ou por encontrar alguém que lhe dê explicações, ele aprende que existem certas práticas, práticas definidas denominadas *meditação* -, que ao serem seguidas podem desenvolver essa consciência que é superior à mente.

Quando uma pessoa chega a esse ponto, mesmo que ninguém mais surja em seu caminho, certamente ela encontrará um livro; pegará um livro na biblioteca pública e o lerá; ou algum amigo dirá: “Você já viu esse livro?”, e lhe apresentará o livro. De um modo ou de outro o livro cruzará seu caminho. Por quê? Porque sempre haverá almas mais avançadas observando para ver quando alguma outra em evolução chega ao ponto onde pode ser ajudada, onde esteja pronta para mais auxílio posterior. E se não houver alguém disponível em corpo físico que possa dar o auxílio que aquela alma necessita, então ela será direcionada a encontrar o livro em que

será ministrado o ensinamento prático. É a ação dos auxiliares dos homens, que vêm dar um auxílio à alma buscadora e colocam ao seu alcance o conhecimento que é o próximo passo em suas experiências, sendo encontradas, estudadas e praticadas as regras para a meditação.

E quando essas regras são estudadas e praticadas o que acontece é que, com a meditação diária, a consciência além da mente torna-se cada vez mais forte, cada vez mais capaz de se afirmar, revelando-se mais e mais, por assim dizer, até que logo todo o centro de consciência seja elevado, e o homem compreenda que ele não é absolutamente sua mente, mas muito mais do que a mente. E então começará a sentir coisas que a mente não consegue sentir, tornar-se-á consciente de pensamentos que a mente é incapaz de apreciar; e de quando em vez surgirá uma grande investida de pensamentos que dominam a mente e que a mente é incapaz de explicar, embora os compreenda como sendo verdadeiros logo que lhe são apresentados. Surge, assim, a questão: “Não tive conflito comigo mesmo para chegar a isso; não cheguei a isso por meio de lógica; não cheguei a isso por meio de argumentação; não cheguei a isso pelo pensamento. Isso surgiu repentinamente. De onde veio?” E a consciência ergue-se lentamente: “Veio de mim mesma; daquela parte superior de mim mesma que está além da mente, e que na quietude da mente é capaz de se afirmar”. Pois, como já foi dito muitas vezes, tal como um lago não agitado pelo vento refletirá o sol, ou a montanha, ou as flores, e um lago agitado fornece apenas imagens em pedaços, assim, quando a mente está aquietada, o pensamento superior é refletido no lago da mente; mas enquanto os ventos do pensamento soprarem sobre ela, ela estará agitada e serão vistas apenas imagens em pedaços. Na quietude da mente, então, o pensamento superior se afirma.

Agora surge outro estágio, um estágio superior. O estudante tenta cada vez mais se identificar com o pensamento superior; tateia à sua busca, por assim dizer; tenta senti-lo como a si mesmo; concentra seus esforços e mantém a mente absolutamente tranquila; e em algum momento daquela

experiência, sem aviso, sem esforço, sem qualquer coisa de que a mente inferior participe, subitamente a consciência estará fora do corpo, e o homem conhecerá a si mesmo como a consciência viva olhando para o corpo que acaba de abandonar. Esta afirmação é repetidamente encontrada nas diferentes Escrituras. Pode-se ler, por exemplo, numa das Escrituras hindus, que o homem deve ser capaz de separar a alma do corpo como se pode separar o grão da casca que o envolve. Ou, numa outra frase, que quando o homem domina a mente, ele se eleva para fora do corpo num brilhante corpo de luz uma afirmação literalmente verdadeira. O corpo no qual a alma se eleva é luminoso, radiante, extraordinariamente glorioso um corpo de luz. Não há palavras que melhor expliquem essa experiência, nenhuma frase descreve mais graficamente o homem deixando o corpo físico no corpo astral ou em algum corpo superior.

Cito a Escritura antiga para que não se imagine em momento algum tratar-se simplesmente de uma investigação moderna. Todos os que conhecem a alma passaram por esta experiência. É a prova final de que o homem é uma alma viva; não é argumentação, nem raciocínio, nem inferência, nem autoridade, nem fé, nem boato, mas conhecimento. “Eu sou essa consciência viva, e aquele corpo que deixei para trás é apenas uma vestimenta que usei. Ele não é eu; não é o que sou. Aquilo não sou eu, eu estou aqui; aquilo eu descartei; fugi dele; estou livre dele.” E essa experiência relatada nas Escrituras antigas é também mencionada em outras escrituras; é a invariável experiência do profeta, do instrutor, do vidente, pois ninguém pode verdadeiramente ensinar as coisas da alma senão por seu próprio conhecimento. Enquanto estiver apenas repetindo o que aprendeu intelectualmente, ele pode fazer um trabalho bastante útil, mas não possui aquela chancela do conhecimento de primeira mão que leva consigo a convicção àqueles a quem ensina. O conhecimento de segunda mão está sempre sujeito a alteração. Podem surgir perguntas impossíveis de serem respondidas quando se está apenas repetindo o que se aprendera

intelectualmente. Um estágio necessário; não estou me opondo a ele. Todos que atingem a outra margem passam por ele. Mas se o mundo ainda necessita de testemunhos da imortalidade da alma, se o mundo do século XIX precisa ter o que o mundo teve em todas as outras eras, o testemunho de primeira mão de almas vivas que sabem que existem, então os homens do século XIX devem passar pelo mesmo treinamento por que essas almas passaram em outras eras, pois somente assim é obtido conhecimento de primeira mão, e a questão da existência da alma fica cada vez mais além da possibilidade de dúvida ou de objeção.

Da primeira vez, pode haver uma sensação de espanto, ou confusão, ou o querer saber que coisa estranha é essa que aconteceu; mas à medida que é repetida, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, essa consciência fora do corpo torna-se real muito mais real do que a consciência no interior do corpo, pois ao retornar ao corpo reiteradamente a alma tem a experiência de entrar numa prisão. É como deixar o ar livre e entrar num porão ou numa cripta; tendo diminuída a visão, a audição quase ensurdecida, todos os poderes da alma limitados e enfraquecidos; que este corpo é verdadeiramente como o chamou São Paulo, o grande Iniciado o corpo de morte, e não o corpo de vida.

Damos a *isto* o nome de vida; não é vida absolutamente. Chamamos isto de vida; mas é simplesmente a existência limitada, aprisionada, obtusa, insignificante que a alma suporta durante algum tempo de sua existência para obter certo conhecimento físico, que de outro modo seria incapaz de adquirir por falta de instrumentos adequados. Mas à medida que se desenvolve em meditação, aquela vida superior torna-se a vida vívida, real, e *esta* vida torna-se uma espécie de sonho, reconhecida como uma ilusão, como deveres que tenham de ser cumpridos, obrigações que devam ser pagas, e onde muita coisa tenha de ser feita. Mas o mundo é um mundo de prisão, de morte e não um mundo de liberdade, de vida; e então nós compreendemos que nós, nosso próprio ser, somos aquela inteligência viva,

ativa, poderosa, assimiladora, para quem os mundos estão abertos, para quem o céu é a terra natal, a residência legítima e natural.

Estas são as linhas ao longo das quais passamos para a prova final da existência da alma. Vejam como foram graduais os estágios; como começamos no plano físico com experimentos físicos; como depois passamos um pouco para a região dos sonhos e a ação fora do corpo; posteriormente abordamos a questão que reconhecemos pelo uso da diferença entre o corpo, os sentidos e a mente; em seguida como encontramos a afirmação de algo além da mente, mais real e mais poderoso do que ela mesma; e assim, encorajados pelos experimentos inferiores, penetramos o superior e pagamos o preço que é devido por esse conhecimento da alma em primeira mão.

Verdadeiramente, vale a pena. Não tenho a pretensão de que isso possa ser obtido sem se pagar o preço. Não tenho a pretensão de que se pode veementemente desfrutar a vida do corpo, dos sentidos e da mente, e ao mesmo tempo levar adiante essa evolução da vida superior; mas digo que tudo que se perde é meramente o prazer deixado para trás, que por esta razão não é mais atraente. Isso é perdido da mesma forma que se perde os brinquedos quando ultrapassada a infância; eles não interessam mais. Não é que alguém os subtraia ou os quebre; você é que não os quer mais; encontrou divertimento superior, brinquedos de um tipo mais delicado. Mas a mente é também um brinquedo embora mais delicado do que o brinquedo dos sentidos -, também é tida como um brinquedo nas regiões superiores da vida. Então, gradualmente, abre-se mão desses prazeres; eles perderam o atrativo; mas os deveres são cumpridos melhor que antes. Não cometa o engano, como o fazem algumas pessoas ao começarem a meditar, de sair pelo mundo como em meio a um nevoeiro, como se estivesse sonhando, distraídas, de modo que todo mundo dirá: “Ora, aquela pessoa está ficando louca!” Não é essa a maneira de meditar. A meditação torna os homens mais eficazes, não menos perspicazes, não os torna mais cegos; torna-os

mais alertas, não menos, nem menos observadores. É no estágio inicial do treinamento da mente que as pessoas ficam como que sonhando, quando são ainda tão fracas que não conseguem controlar suas mentes de modo algum.

Tenho notado repetidamente, tomando por um instante uma ilustração pessoal, que eu, que pratiquei este tipo de meditação, que me treinei muito cuidadosamente ao longo da estrada que tenho lhes apontado, muitas vezes notei, quando estou com pessoas que jamais sonharam com esse tipo de coisa e que se intitulam pessoas perspicazes, observadoras do mundo, que eu vejo coisas que elas não conseguem ver, observo coisas pelas quais elas passam despercebidas, percebo todo tipo de diminutas coisas nas ruas, nos vagões dos trens, nas pessoas, que passam por elas sem lhes causar a menor impressão. E menciono isso apenas para mostrar que não é necessário perder os poderes da mente inferior, enquanto estivermos ocupados em desenvolver a superior. O fato é que nós os teremos muito mais sob nosso comando. E exatamente porque não os desgastamos pela preocupação, excitação e ansiedade, eles estão muito mais à nossa disposição quando deles quisermos dispor. Na verdade, o senso comum é muito marcante; e a razão, a lógica, a inteligência, a cautela, a prudência, todas essas qualidades surgem forte e brilhantemente no verdadeiro ocultista. O homem tornase maior, e não menor, no plano mental, porque atua numa região acima e além do intelecto. Ele obteve ganhos na vida. Ele não teve roubada a sua vida inferior; ele se soltou dela. E ao se livrar dela, ele a encontra. Renunciando ao inferior, ele encontra o superior fluindo plenamente nele; e o inferior é mais brilhante do que jamais fora. Ele nada pede; tudo vem a ele. Ele nada busca; todas as coisas fluem até ele espontaneamente. Ele não faz exigências; a natureza despeja sobre ele seus tesouros. Ele está sempre difundindo tudo que possui. Ele está sempre pleno, embora sempre esvaziando a si próprio.

Esses são os paradoxos da vida da alma; essas as realidades que se evidenciam como verdadeiras, quando a existência da alma é conhecida. E se nesta noite eu não tentei convencê-los pela mera dialética, ou o que poderia ser chamado de apelo à emoção e aos sentidos, é porque eu queria conquistá-los pela razão, passo a passo ao longo desta senda; porque queria lhes mostrar sem emoção, sem apelos à intuição, sem invocar, como poderia, àquele conhecimento dentro de cada um de vocês que somos vidas imortais e que a morte não é nossa senhora. Em vez de apelar para isto, mesmo com o direito de fazê-lo, levei-os ponto a ponto ao longo da senda da razão; mostrei-lhes por que devemos dar cada novo passo quando os passos antecedentes tiverem sido dados.

Para concluir, permitam-me dizer uma palavra àqueles que não precisam dar os passos inferiores nesta penosa senda; que não precisam provar que a alma existe; que estão cheios da consciência de que são almas vivas; que embora compreendam isto não em primeira mão, mas pelo conhecimento, têm uma convicção profunda, imperecível, que nenhuma lógica consegue abalar, nenhum argumento consegue alterar, nenhum escárnio consegue modificar, nenhuma zombaria e nenhuma prova conseguem mudar. Vencidos pela argumentação, confundidos pela lógica, desorientados pelas provas, eles falariam: “Eu sinto, eu sei, eu sou uma alma viva”. Para esses eu direi: não se preocupem com os passos inferiores; não se preocupem com as argumentações que eu estive usando como prova muitas e muitas vezes reiteradas, com a finalidade de convencer os materialistas. Confiem em sua intuição, e ajam conforme a verdade contida nela. A voz interior jamais desencaminha. É o Ser sussurrando a respeito de sua própria existência e imperiosamente controlando sua crença. Submetam sua crença à voz interior. Considerem-na como sendo verdadeira, embora não a tenham provado, e ajam com relação a essa convicção interna como se fosse verdadeira. Então, iniciem o processo de meditação ao qual apressadamente fiz alusão. Busquem, como deveis fazer, os livros onde

esses processos estejam delineados um a um. Comecem a praticá-los. Não percam mais tempo tentando chegar a conclusões sobre outros processos que não estejam prontos para compreender. Confiem em sua voz interior. Sigam a orientação que tem sido cuidadosamente demarcada por aqueles que trilharam essa estrada e constataram que é verdadeira. Então, rápida e facilmente vocês obterão o conhecimento; sem mais demora, saberão por si próprios que essas coisas são verdadeiras. Se a alma lhes fala, não esperem pela confirmação do intelecto. Confiem na voz divina; obedçam ao impulso divino; sigam a senda traçada pelos sábios, pelos profetas, pelos instrutores, verificada por discípulos que, nos dias de hoje, trilharam-na e sabem que ela leva à meta legítima. Então, também vocês saberão; também compartilharão; terão a intuição confirmada pelo conhecimento, e sentirão a si próprios como a alma viva, imortal. Esta é a minha mensagem para vocês, que não precisam de comprovação e apelam para a intuição. E ao lhes transmitir a mensagem, não falo de mim mesma, não lhes trago nada de novo; eu lhes confirmo em sua própria época o que todo profeta afirmou, o que todo discípulo ensinou, o que todo homem divino proclamou. Como mensageira dessa Fraternidade, repito Sua mensagem.

Existe o peso da evidência, e não de minha pobre reafirmação da mesma. O que há demais em uma alma descobrir como sendo verdadeiro o que todas as grandes almas declararam? Se quiserem autoridade, aceitem isto sob a palavra Deles. Lembrem-se de que o que eu digo é realmente dito por meus lábios, mas com a voz Deles; trago-lhes o testemunho das idades, a mensagem de inumerável companhia. Eu, embora a fraca e insignificante em meu próprio conhecimento, limitada e circunscrita à minha própria experiência, serva dessa grande Fraternidade, considerando o mais colossal privilégio e deleite ser capaz de servir e mostrar obediência, transmito Sua palavra. Não ousa endossá-la, por assim dizer, embora saiba ser verdadeira. Deixo-a como depoimento Deles, inamovível, inabalável desde a mais longínqua antiguidade até os dias de hoje, um exército ininterrupto de

testemunhas poderosas, uma inumerável companhia de profetas, de instrutores, de santos. Sendo Sua mensageira, eu transmito Sua mensagem. Vocês podem provar sua veracidade por si próprios, se o quiserem.

94 A Parapsicologia moderna tem investigado a Experiência de Quase Morte (EQM) que retorna frequentemente de um estado de coma. A EQM foi inicialmente pesquisada em 1975 pelo Dr. Raymond Moody Jr. em 150 casos de pacientes relatados em sua obra *Vida Depois da Vida* (Rio de Janeiro, Nórdica, 1983.), também citada e comentada em por Lindemann & Oliveira em *A Tradição-Sabedoria* (Ed. Teosófica). Moody concluiu que existiam nove experiências comuns à maioria das pessoas que passaram pela EQM, tais como: Ouvir um zumbido nos ouvidos; um sentimento de paz e ausência de dor; ter uma experiência fora do corpo; sentir-se a viajar dentro de um túnel; sentir-se a subir “pelos céus”; ver pessoas, principalmente familiares já falecidos; encontrar seres espirituais, por vezes identificados como sendo Deus; ver uma revisão do decurso da própria vida, desde o nascimento até à morte; sentir uma enorme relutância em regresso à vida. (N.E.)

95 A Parapsicologia moderna aprofundou tais possibilidades de memórias além do estado de vigília investigando a chamada consciência extra-cerebral que sugere inclusive casos de lembrança de reencarnações anteriores. Este é um tema que tem sido pesquisado cientificamente pela Parapsicologia. Por exemplo, há mais de 2.700 casos pesquisados pelo Dr. Ian P. Stevenson (Montreal, 31 de Outubro de 1918 — Charlottesville, 8 de Fevereiro de 2007) na Universidade de Virginia, Charlottesville, USA, a partir dos quais selecionou os de seu livro *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação* (São Paulo, Difusora Cultural, 1970.) Recomenda-se o vídeo *Lembranças da Vida Anterior* Discovery Channel disponível na Internet (<http://www.youtube.com/watch?v=qWNo7t7v3T8>). (N.E.)

96 Um interessante caso atual tem sido relatado pelo menino James Leininger que lembra ter sido, em sua vida anterior, o tenente aviador James Huston Jr., falecido em 03/03/1945 aos 21 anos de idade na II Guerra Mundial, na batalha aérea de Iwo Jima. O garoto a partir de 2 anos de idade tinha pesadelos muito frequentes de cair de um avião em chamas. Aos poucos os pais foram anotando sua recordações que puderam ser verificadas e se transformaram num livro que merece recomendação (LEININGER, Bruce & Andrea. *A Volta: a incrível e real história da reencarnação de James Huston Jr.* Rio de Janeiro, Best Seller, 2009.), cujo vídeo também está disponível na Internet (<http://www.youtube.com/watch?v=8UUjtFAEINg>). Lembrava de detalhes como o nome do Porta-aviões de onde decolou (Natoma) e até o nome de colegas, como Jack Larsen, que puderam ser contatados, porque ainda estavam vivos. (N.E.)

97 A Parapsicologia moderna tem investigado casos de viagens ou projeções astrais. Chama, por exemplo, a atenção o caso de EQM de Al Sullivan, que afirma ter estado fora do corpo durante uma cirurgia, enquanto o seu corpo estava vendado e inconsciente pela anestesia, e ainda assim descreve com perfeição os bizarros movimentos dos braços de seu cirurgião Dr. Hiro Takata, conforme está documentado com testemunhas no vídeo *O Momento da Morte* da National Geographic Television disponível na Internet (<http://www.youtube.com/watch?v=KGvAdGfiGUY>). (N.E.)

98 Recomenda-se sobre este tema livros do Dr. I.K. Taimni tais como *Preparação para o Yoga e A Ciência do Yoga* (ambos da Editora Teosófica). (N.E.)

Maiores informações sobre Teosofia e o Caminho Espiritual podem ser obtidas escrevendo para a **Sociedade Teosófica no Brasil** no seguinte endereço: SGAS Quadra 603, Conj. E, s/ nº, CEP 70.200-630 Brasília, DF. O telefone é (61) 3226-0662. Também podem ser feitos contatos pelo fax (61) 3226-3703 ou e-mail: secretaria@sociedadeteosofica.org.br site: www.sociedadeteosofica.org.br.